

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Arquitetura
Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio
Sustentável

CIDADE UNIVERSITÁRIA DA UFMG:
Um território urbano em um Campus?

Eduardo Fajardo Soares

Belo Horizonte
2016

Eduardo Fajardo Soares

**CIDADE UNIVERSITÁRIA DA UFMG:
Um território urbano num Campus?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura.

Área de concentração: Bens Culturais, Tecnologia e Território.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Barci Castriota

Belo Horizonte
Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Arquitetura da UFMG
2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Dissertação intitulada *CIDADE UNIVERSITÁRIA DA UFMG: UM TERRITÓRIO URBANO EM UM CAMPUS UNIVERSITÁRIO?* de autoria de Eduardo Fajardo Soares, analisada e aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Professor Doutor Leonardo Barci Castriota-EA/UFMG

Professora Doutor Flavio de Lemos carsalade-EA/UFMG

Professor Doutor José de Anchieta Correa-FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 02 de Dezembro de 2016.

Dedico este trabalho a Luciano Damázio de Gusmão, uma das pessoas mais ímpares que conheci, um intelectual mesmo sem graduação superior, que transitou pelas Artes, Arquitetura, Medicina, Filosofia e Física. Com um vasto conhecimento, foi da equipe do projeto do prédio do BDMG – um dos ícones incontestes da arquitetura mineira contemporânea –, da equipe dos planejadores do campus Pampulha UFMG na sua fase de instalação, início dos anos 1970 e consolidação, início anos 1980, quando sempre brilhou as discussões junto à equipe de planejadores físicos do Campus UFMG, com sua arguta inteligência, vasta cultura e sensibilidade para perceber como poucos arquitetos, mesmo ele não o sendo, o espaço público e sua apropriação, suas dimensões física, ambiental, social e cultural. Foi também figura de proa nas artes de vanguarda em Minas Gerais, citado no livro Neovanguardas - Belo Horizonte Anos 60, de Marília Andrés Ribeiro (1997).

Pessoa absolutamente sincera e aberta na sua condição homossexual, anárquica no particular e nos modelos de trabalho, com muita erudição nos diagnósticos e prognóstico, ao mesmo tempo experimental. Vem deste convívio o que mais sei de urbanismo/urbanidade. Lamentavelmente, foi mais um que por homofobia perdeu a vida que ainda tinha muito a dar.

AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada, agradeço à Deus pela saúde física e mental que me permitiu esta empreitada e aos meus pais pela educação e caráter.

À minha mulher Renata, ao meu filho Pedro, meus incentivadores principais.

Ao colega José Domício Sobrinho, arquivista do setor de Planejamento Físico da UFMG, testemunha da consolidação do Campus Pampulha e que disponibilizou para esta dissertação documentos e fotografias do acervo deste setor.

"A memória é sempre uma construção feita no presente, a partir de vivências e experiências ocorridas num passado sobre o qual se deseja refletir e entender. Como construção a memória está também sujeita às questões da subjetividade, seletividade e, sobretudo, às instâncias de poderes."

Paula Maria Abrantes Cotta de Mello, 2007

RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo estudar o nascimento da Cidade Universitária da Universidade Federal de Minas Gerais, sua consolidação no Campus Pampulha, seu desenvolvimento, sua história, sua memória, seus conflitos, sua racionalidade. Os principais instrumentos de pesquisa foram as fontes primárias, secundárias, entrevistas indeterminadas, pesquisas e imagens. O que se procura analisar, principalmente, é se há um conflito entre o Campus Pampulha se tornar de fato numa Cidade universitária, com inserções e características urbanas, ou numa redoma virtual do saber, com as performances características das suas produções científicas e culturais estanques e contraditórias, a isolá-lo do contexto urbano.

Palavras-chave: Apropriação Espacial; Sociabilidade; Memória e Cultura

ABSTRACT

This dissertation aims to study the birth of Universidade Federal de Minas Gerais' University City, its consolidation in Campus Pampulha, its development, history, memory, conflicts, and rationality. The main research instruments were primary and secondary sources, interviews, surveys and images. The core of this research is to seek if there is a conflict between Campus Pampulha really becoming an University City, with urban insertions and characteristics, or a virtual bubble of knowledge, with particular performances pointing to contradictory and tight scientific and cultural productions, isolated from urban context.

Keywords: Space Appropriation; Sociability; Memory and Culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Foto do Reitor Francisco Mendes Pimentel.	34
Figura 2	Placa em homenagem ao Presidente Antonio Carlos, localizada no saguão da Escola de Arquitetura/UFMG.	34
Figura 3	Escola de Direito, em 1927, 1ª sede da UMG.	37
Figura 4	Mapa de Belo Horizonte, nas primeiras décadas do século XX.	38
Figura 5	Vista aérea do terreno remanescente da Cidade Universitária da UMG, alto à direita, próximo à Praça Raul Soares e ao Edifício JK, 1965.	39
Figura 6	Planta da Cidade Universitária localizada nos bairros de Lourdes e Santo Agostinho. Eduardo Pederneiras, 1929.	39
Figura 7	Anteprojeto vencedor, de Angelo Bruhns, para a sede da UMG.	41
Figura 8	Notícia da exposição dos anteprojetos, 1928.	41
Figura 9	Palace Hotel, em de Poços de Caldas/MG, Pederneiras, 1925.	43
Figura 10	Thermas Antonio Carlos, Poços de Caldas-MG, projeto de Pederneiras, em 1927.	43
Figura 11	Vista aérea da Praça. Estação. À direita, Escola de Engenharia, 1960	51
Figura 12	Vista aérea da Praça da Estação. Na esquina, a Escola Engenharia.	51
Figura 13	Inserções dos cursos fundadores da UMG sobre imagem de Belo Horizointe no google heart.	52
Figura 14	Vile Savoy, de Corbusier, em1925.	52
Figura 15	Vista Praça Estação, cerca de 1915. Ao fundo, à direita, Escola de Engenharia.	53
Figura 16	Notícia sobre comício de Luis Carlos Prestes na Praça da Estação/BH, 1945.	53
Figura 17	Praça da Estação no Carnaval de 2013.	54
Figura 18	Pederneiras, penúltimo à esquerda, apresenta a maquete da Cidade Universitária às autoridades.	55
Figura 19	Maquete da Cidade Universitária Pampulha, projeto de Pederneiras, em 1947.	56

Figura 20	Planta Cidade Universitária Pampulha, projeto de Pederneiras, em 1947.	56
Figura 21	Fachadas dos edifícios Campus Pampulha-Pederneiras, 1947.	57
Figura 22	Escola de Arquitetura da UFMG, inaugurada em 1954.	58
Figura 23	Planta do Plano Eduardo Guimarães para a Cidade Universitária e sistema viário.	60
Figura 24	Eduardo Mendes Guimarães Júnior apresenta o Plano Diretor da Cidade Universitária Pampulha, 1957.	60
Figura 25	Prédio da Unidade Residencial I, hoje FUNDEP, 1959.	61
Figura 26	Estrutura do prédio da Reitoria, em 1956.	63
Figura 27	Cobogó padrão UFMG, criado em 1956.	63
Figura 28	Vista da Reitoria, na década de 1970.	64
Figura 29	Vista aérea prédio da Reitoria/UFMG, cerca 2000.	64
Figura 30	Lago do prédio da Reitoria.	65
Figura 31	Placa da Praça "Tiãozinho", na escadaria da Reitoria.	65
Figura 32	Assembleia na escadaria da Reitoria, 2015.	66
Figura 33	Pátio da Reitoria, com o cobogó padrão UFMG.	67
Figura 34	Planta do térreo e pilotis Reitoria da UFMG, 1956.	67
Figura 35	Escultura "Ao Aleijadinho", de Sylvio de Vasconcellos, criada em 1967.	68
Figura 36	Saguão da Reitoria, destaque para o painel de Yara Tupynambá, de 1967.	69
Figura 37	Pilotis da Reitoria.	69
Figura 38	Escada de incêndio da Reitoria.	69
Figura 39	Cartaz criado para Evento em homenagem a Eduardo Mendes Guimarães Júnior, que não aconteceu, em 1995.	70
Figura 40	Fachada prédio Rádio Isótopos-IPR, 1968.	72
Figura 41	Pátio do prédio Rádio Isótopos, atual Centro Nacional de Energia Nuclear-CNEN.	72
Figura 42	Fachada do prédio Rádio Isótopos/CNEM.	73
Figura 43	Escola de Belas Artes, 1971.	73
Figura 44	Pátio interno do prédio IPR/CDTN, inaugurado em 1972.	74
Figura 45	Prédio das Oficinas de Manutenções inaugurado, em 1973.	74

Figura 46	Em primeiro plano prédio de tratamento Material Radioativo, projeto de Barros, em 1970.	75
Figura 47	Maquete Plano Waldemar Cordeiro, 1968.	78
Figura 48	Plano Waldemar Cordeiro. Arruamento, 1968.	78
Figura 49	Plano Waldemar Cordeiro, traçados peatonais, 1968.	78
Figura 50	Capas dos livros "Preto" e livro "Ocre", de 1970.	80
Figura 51	Implantação da Escola Veterinária, em 1968.	81
Figura 52	Sistema em estrado. 1968.	81
Figura 53	Vista do Centro Pedagógico tendo em segundo plano a Reitoria e ao fundo o Mineirão, em 1970.	81
Figura 54	Vista pelo terraço Reitoria da estrutura ICB, em 1971.	82
Figura 55	Esqueleto estrutural do Sistema Básico, 1980.	84
Figura 56	Sistema Básico, saguão dos auditórios da FALE.	85
Figura 57	Esquema do Sistema Modular, de 1970.	86
Figura 58	Sistema Básico, interior FALE, vista do 2º pavimento.	87
Figura 59	Sistema Básico, interior FALE, detalhe da iluminação pelos cobogós.	87
Figura 60	Vista aérea do Sistema Básico-FALE, FAFICH e ECI, em 2000.	87
Figura 61	Estrutura Modular Linear da Universidade de Brasília, de 1963.	89
Figura 62	Planta e maquete da Universidade Livre de Berlim, 1968.	89
Figura 63	Vista aérea Universidade Livre de Berlim, 1968.	90
Figura 64	Vista aérea Universidade Livre de Berlim, 1968.	90
Figura 65	Vista aérea do Campus UFMG.	91
Figura 66	Estrutura em grelha do Departamento de Física, 1974.	92
Figura 67	Vista da estrutura modular, 90 por 90 cm do Sistema Básico, em 1980.	93
Figura 68	Esquema de lajes nervuradas Atex, 2015.	94
Figura 69	Vista de lajes nervuradas ATEX, 2015.	94
Figura 70	Antiga Prefeitura e hoje FUNDEP-UFMG.	99
Figura 71	Variação de pilares na malha. Biblioteca Universitária, inaugurada em 1976.	99
Figura 72	Sistema Básico, interior e Faculdade de Letras.	100

Figura 73	Sistema Básico, interior Faculdade de Letras. Profundidade, luz e sombra.	101
Figura 74	Sistema Básico, interior com jardins escadas e transparências da FALE.	101
Figura 75	Esqueleto do Sistema Básico da FALE, de 1980.	102
Figura 76	Ville Radieuse, Corbusier, 1924.	103
Figura 77	Conjunto "Pruitt Igoe", St. Louis/EUA, 1972.	104
Figura 78	A calçada, a rua, a diversidade, segundo Jacobs, 1960.	107
Figura 79	Caminhos peatonais no Campus.	107
Figura 80	Linguagem Padrão, conversadeiras e pergolados.	108
Figura 81	Vista aérea da Praça de Serviços, Campus Pampulha, 1992.	109
Figura 82	Evento na Praça de Serviço 2000.	109
Figura 83	Proposta para Praça de Serviços da UFMG, coberta, 1992.	110
Figura 84	Pátios com vida. EBA e EFFT0.	110
Figura 85	Volume de escada e detalhes arquitetônicos paisagísticos enriquecedores.	111
Figura 86	Lugares "secretos". Sistema Básico, ECI.	111
Figura 87	Detalhes enriquecedores. Projeto RASG. Interior Serviços Gerais.	112
Figura 88	Alinhamento do Sistema Básico e FACE em relação à avenida em 2015.	116
Figura 89	Longa distância da entrada FALE à avenida principal	116
Figura 90	Documento da Imprensa UFMG referente a pedido de providências, de 1983, e capa do Projeto RASG, 1984.	118
Figura 91	Lama e poeira na área de serviços gerais, 1985.	119
Figura 92	Entorno inóspito da área serviços gerais, em 1985.	120
Figura 93	Antes e depois das ações saneadoras do projeto RASG	121
Figura 94	Levantamento e proposta para o Projeto RASG, 1985	122
Figura 95	Área existente e proposta calçadão/prça cultural ASSUFEMG.1985.	123
Figura 96	Evento Rosas de Abril. Calçadão da cantina Pelegos, em 1986.	123
Figura 97	Evento social no calçadão da cantina Pelego, em 1989.	124
Figura 98	Evento cultural e social no calçadão/prça.1990.	124

Figura 99	Baile no Espaço Cultural "Chicão" e a cantina Pelego's.	124
Figura 100	ASSUFEMG, Espaço Cultural Chicão, e cantina Pelego's.	125
Figura 101	Vista aérea do Centro Esportivo Universitário-CEU, em 1971.	125
Figura 102	Campo futebol da ASSUFEMG. Dois momentos: 1985 e 2016.	126
Figura 103	Eventos culturais promovidos pela ASSUFEMG, no Campus Pampulha.	130
Figura 104	Quando religião e razão se confundem. Boletim UFMG.	132
Figura 105	Mural de aviso, ICEX.	132
Figura 106	Ritual religioso indígena no gramado da Escola de Música.	133
Figura 107	Vista virtual da Praça Ecumênica e da capela, 1999.	133
Figura 108	Cores e esculturas nos prédios do Campus.	134
Figura 109	Arborização na área de serviços gerais, Projeto RASG. Antes (1985) e depois (2016).	135
Figura 110	Matéria sobre a Cantina Pelego's.	136
Figura 111	Detalhes do Dossiê RASG, 1994.	138
Figura 112	Planta com cela prisional no Campus. Guimarães Júnior, 1964.	138
Figura 113	Remanescente da cela no prédio do antigo Serviços Gerais.	139
Figura 114	Evento "Rosas de Abril", com montagem de feira e barracas no entorno do gramado da Reitoria, 1986.	139
Figura 115	Grupo Galpão apresentando-se no "Rosas de Abril", no gramado da Reitoria, 1993.	140
Figura 116	Entrada porticada IGC.	141
Figura 117	Pátio Interno IGC.	142
Figura 118	Pórtico de entrada da FAFICH.	143
Figura 119	Arena sob pórtico da FAFICH, vista da ECI.	143
Figura 120	Corredor rua e saguão/cantina na FAFICH.	144
Figura 121	Grafite e livraria nos corredores ruas na FAFICH.	144
Figura 122	Pórtico de entrada da ECI.	145
Figura 123	Escola de Ciência da Informação, em 1989. Pórtico de entrada, próximo à rua e tratamento de piso na ECI.	145
Figura 124	Detalhes do pátio e elementos diferenciadores na ECI.	145
Figura 125	Elementos de segunda ordem na ECI, em 2016.	146
Figura 126	Elementos diferenciadores na ECI, em 1990.	146

Figura 127	Vista aérea Praça de Serviços, ICB, ICEX, Escola de Física e antigo Pavilhão central de Aulas e seu gramado em frente onde se jogava bola, em 2000.	147
Figura128	Escola de Belas Artes original, projeto de Barros, em 1972. Acesso difuso.	148
Figura129	Escola de Belas Artes, em 1992. Pórtico do acesso principal, torre de serviço e cores.	149
Figura130	Escola de Belas Artes, 1971. Pátio aberto.	149
Figura131	Escola de Belas Artes ampliada em 1994 e o patio coberto, "O Piscinão".	150
Figura132	Escola de Belas Artes ampliada em 1992.	151
Figura133	Pórtico de entrada do ICEX.	153
Figura134	Pátio articulador no Departamento de Física/ICEX.	153
Figura135	Vista da Moradia Universitária UFMG, bairro Ouro Preto/BH.	154
Figura136	Fac-símili publicação poema vencedor do Coração de Estudante III/FAFICH.	155
Figura137	Fac-símile do "banner" do projeto Horto do Campus, 2000.	156
Figura138	Capa Boletim/UFMG 22 e registro original do prédio, cerca 1946.	157
Figura139	Acessos da Escola de Música e da Faculdade de Odontologia.	158
Figura140	Pátios cobertos Escola de Música e Faculdade Odontologia.	158
Figura141	Entrada Imprensa Universitária, inaugurada em1993.	159
Figura142	Pátio da Imprensa Universitária.	159
Figura143	Complexo de Pesquisa Animal da EMV.	159
Figura144	Centro de Musicalização Infantil/Escola de Música.	160
Figura145	Projeto original do Complexo Pesquisa Animal/EMV.	160
Figura146	Vista prédio Departamento de Planejamento e Projetos-DPP.	161
Figura147	Prédio Depto. Manutenção e Infraestrutura e Departamento de Planejamento e Projetos.	161
Figura148	Partidos pavilhões das Faculdades de Farmácia e Ciências Econômicas, 2004 e 2007.	171
Figura149	Vista aérea do prédio da Faculdade de Farmácia-FAFAR, no campus Pampulha, construído em 2004.	172
Figura150	Vista da Reitoria do prédio da FACE, UFMG, construído em 2007.	172

Figura151	Partido pavilhionar da Escola de Engenharia, 2014.	173
Figura152	Vista aérea Escola de Engenharia da UFMG, construída em 2014.	173
Figura153	Entrada ampliação FAE, 2000 e vista aérea IGC, em primeiro plano, ampliação em 2005.	174
Figura154	Praça do Reitorado, UCV. Relógio e mural Armando Barrios.	179
Figura155	Praça UNAM. Mural Juan O'Gorman, 1954.	182
Figura156	Interiores da FALE e FAFICH.	182
Figura157	Circulação EFFTTO e cantina ICEX.	182
Figura158	Circulações da ECI e FAFICH.	183
Figura159	Recanto na FALE e Acesso 2 na FAFICH.	184
Figura160	Pátios e circulações principais da ECI e EBA.	184
Figura161	Pátios e circulações principais da ECI e EBA.	186
Figura162	Piscina olímpica do CEU em pleno funcionamento.	186
Figura163	Piscina olímpica do CEU interditada.	187
Figura164	Campo de futebol asfaltado e placa da I Olimpíada Universitária 1973 no CEU.	188
Figura165	Estudantes no gramado do ICB e da Música.	189
Figura166	Baile na Cantina Pelego's.	191
Figura167	Entorno do Diretório Acadêmico do ICB.	191
Figura168	Anexo atual EBA com estrutura em grelha.	193
Figura169	Flexibilidade de remanejamentos espaciais. FAFICH.	193
Figura170	Estrutura pavilhionar Instituto de Tecnologia UFRJ, 2000.	194
Figura171	Estrutura pavilhionar Instituto Federal Campus Colatina/ES construído em 1989.	195
Figura172	Corredores centrais escuros da EE e EFFTTO.	196
Figura173	Janela peitoril alto, padrão Campus 2000 e peitoril baixo, anterior.	196
Figura174	Pátios negativos: sem uso ou conflitante com entorno.EE.	197
Figura175	Espaços residuais, sem atrativos na E.E	198
Figura176	Diretório Acadêmico/EE. Espaço sem caráter, frio sem conexão visual com o entorno.	199

Figura177	Espaço coberto na entrada da E.E. sem o devido aproveitamento como convívio, estar.	199
Figura178	Anexo, em vermelho, construído em 2005, do IGC, em branco, construído em 1983.	200
Figura179	Cartaz convocatório Universidade Federal de Uberlândia.	201
Figura180	Inserção dos campos de futebol no Mapa setorização das áreas do Campus. Plano Diretor, 2009.	203
Figura181	Prática de esportes improvisadas nos gramados do Campus Pampulha.	204
Figura182	Prática de rúgbi no gramado da FALE e futebol no campo da ASSUFEMG.	204
Figura183	Entradas da EE e FACE longe da rua e sem maiores significados.	205
Figura184	Proposta Centro de Memória Geológica/IGC 1994.	206
Figura185	Publicação referente ao Centro de Memória Geológica/IGC.	206
Figura186	Macadame para compactação ruas no primórdio do Campus Pampulha.	207
Figura187	Reportagens sobre intervenções artísticas urbanas.	208
Figura188	Empena cega da fachada daFACE e rotor em frente da EBA.	209
Figura189	Grafites nas paredes internas da FAFICH.	209
Figura190	Grafites da artista e arquiteta Liana Vale- elevador e tunel EBA.	210
Figura191	Grafites de anônimos na EBA.	210
Figura192	Matéria sobre obra de arte no Campus Pampulha.	211
Figura193	Mural de Jarbas Juarez, de 2013, na ASSUFEMG.	211
Figura194	Escultura de Ferdinando Fabrício, 2014, na Escola de Engenharia.	212
Figura195	Vitrais de David A. Petterson no Pelego's, 1986 e restaurante Praça Serviço, 1994.	213
Figura196	Pisos dos saguões da EE, 2014 e da Reitoria, 1962.	213
Figura197	Guarda-corpos do mezanino e rampa da EE em blindex e aço inox.	214
Figura198	Saguões da Escola de Arquitetura e da Reitoria, vistos de seus mezaninos.	214
Figura 199	Matéria jornalística sobre o SPATE.	216

Quadro 01	Gráfico de índice de utilização-I.U. das salas de aula do segundo pavimento da E.E.	217
Quadro 02	Gráfico de índice de ocupação-I.O. das salas de aula do segundo pavimento da E.E.	219

LISTA DE ABREVIATURAS

ALMG	Assembleia Legislativa de Minas Gerais
ASSUFEMG	Associação dos Servidores da Universidade Federal de Minas Gerais
AUM	Associação Universitária Mineira
AUMP	Associação Universitária Mendes Pimentel
BC	Biblioteca Central
CAD	Centro Acadêmico de Desenvolvimento
CEU	Centro Esportivo Universitária
CEMIG	Companhia energética de Minas Gerais
CNEN	Centro Nacional de Energia Nuclear
COLTEC	Colégio Técnico
CONSUNI	Conselho Universitário
CP	Centro Pedagógico
CTE	Centro de Treinamento Esportivo
DA	Diretório Acadêmico
DMAI	Departamento de Manutenção e Infraestrutura
DIPLAN	Divisão de Planejamento
DPF	Departamento de Planejamento Físico
DPFO	Departamento de Planejamento Físico e Obras
DSG	Departamento de Serviços Gerais
EAD	Escola de Arquitetura e Design
EBA	Escola de Belas Artes
ECI	Escola das Ciências da Informação
EE	Escola de Engenharia
EEFFTO	Escola de Educação Física e Fisioterapia Educacional
ESAV	Escola Superior de Agricultura e Veterinária
FACE	Faculdade de Ciências Econômicas
FAFAR	Faculdade de Farmácia
FAD	Faculdade de Direito
FAE	Faculdade de Educação
FAFICH	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
FALE	Faculdade de Letras

FM	Faculdade de Medicina
FMV	Faculdade de Medicina Veterinária
FUMP	Fundação Universitária Mendes Pimentel
FUNDEP	Fundação Universitária de Desenvolvimento da Pesquisa
IAB	Instituto dos Arquitetos do Brasil
ICB	Instituto de Ciências Biológicas
ICEX	Instituto de Ciências Exatas
IGC	Instituto de Geociências
IPR	Instituto de Pesquisas Radioativas
LTC	Laboratório de Testes de Componentes
MHAB	Museu Histórico Abílio Barreto
PCA	Pavilhão Central de Aulas
PROESP	Projeto de Esporte Universitário
RASG	Recuperação da Área dos Serviços Gerais
SINDIFES	Sindicato dos Servidores das Instituições de Ensino Superior
SPATE	Sistema de Planejamento de Tempo e Espaço
UB	Universidade do Brasil
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UMG	Universidade de Minas Gerais
UNB	Universidade Nacional de Brasília
URJ	Universidade do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	22
CAPITULO 1 – Antecedentes históricos. História da Ilustração Mineira à Pampulha	30
1.1 A Ilustração Mineira	30
1.2 Cidade Universitária Lourdes/Santo Agostinho: Plano Eduardo Pederneiras I	37
1.3 Cidade Universitária Pampulha	50
1.3.1 Plano Eduardo Pederneiras II	50
1.3.2 Plano Eduardo Guimarães, 1957	59
CAPÍTULO 2 – Consolidação Cidade Universitária Pampulha: Modernismo	62
2.1 Reitoria e os primeiros prédios modulares	62
2.2 Transição: Arquiteto Marcio Pinto de Barros e criação do Departamento de Planejamento Físico-DPF, 1968	71
2.3 Plano Waldemar Cordeiro, 1969	76
2.4 Um Modelo de Sistema Ambiental. Sistema Básico, Estruturalismo	79
2.5 Pós Estruturalismo, Pós Modernidade: padrões e processo indeterminado	100
CAPÍTULO 3 – Campus 2000: Revisionismo- Corte Epistemológico	164
3.1 Equipe mista e processo coletivo	164
3.2 Crítica ao Modelo de um Sistema Ambiental-Modelo Carl Popper	166
3.3 Modelo estrutural e partido arquitetônico pavilhionar	171
CAPÍTULO 4 – Uma tentativa de síntese e situação atual	175
4.1 Análise de uma trajetória	175
4.2 Sobre o Plano Diretor 2009	201
4.3 Sistema de Planejamento de Tempo e Espaço-SPATE	214
CONCLUSÃO FINAL	221
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	225
ANEXOS	229

INTRODUÇÃO

Embora tenham sido criados historicamente no início século XX, nossos *campi* universitários foram consolidados pela Revolução de 1930 e Estado Novo, 1937, era Getúlio Vargas e pela Ditadura Militar de 1964.

Na realidade, acompanhando um fenômeno contemporâneo do início do século XX, da então modernidade, embora já atrasados com relação ao contexto mundial, mesmo ao hispano-americano, pois a coroa portuguesa nunca permitiu sequer escolas superiores na colônia, já se exigia do país ter seus *campi* universitários onde se agregariam as diversas áreas do saber científico. Foi com este sentido pragmático e científico que o Presidente Arthur Bernardes, pioneiramente, em 30 de março de 1922 criou, e em 28 de agosto de 1926 inaugurou, em sua cidade natal de Viçosa, no interior de Minas Gerais, um *campus* universitário na área científica da agropecuária, para abrigar a Escola Superior de Agricultura e Veterinária-ESAV,¹ atualmente Universidade Federal de Viçosa-UFV, a fim otimizar a produção agropecuarista.

Segundo Maria Lúcia Vilarinhos (2007) já na Idade Média, após início em claustros das catedrais, conventos e abadias, passaram a existir áreas específicas reservadas para as universidades dentro de um sítio urbano e por ser uma cidade dentro de uma cidade esta área passou a se chamar "cidade universitária". Isto foi o caminho natural de suas origens sem materialidade. Com o desenvolvimento das universidades conferiu-se prestígio ao poder que a abrigava: reinos, principados, comuna, papado, para isso recebendo extensas áreas e suntuosas construções. Cidades de menor porte em que a universidades nelas instaladas eram mais importantes, elas é que passaram a ser denominadas como "Cidade Universitária": Coimbra, Salamanca, Oxford, Bolonha, etc. No Brasil isto veio acontecer só a partir do século XIX com Ouro Preto, e, recentemente, com Viçosa, Lavras, Alfenas em Minas Gerais, Laranjeiras em Sergipe, etc. Esta situação de uma cidade dentro de

¹ Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa-ESAV, instituição inaugurada em 1926, na Zona da Mata Mineira, que deu origem, em 1969, à Universidade Federal de Viçosa-UFV.

uma cidade chegou a gerar conflitos entre as comunidades universitárias e os habitantes.

Os Estados Unidos não seguiram exatamente este padrão, pois coerentes com seu ponto de vista majoritariamente protestante consolidado na sua Independência, preocuparam-se com a distribuição mais equitativa entre a população trabalhadora da terra, do acesso ao conhecimento científico para os diversos segmentos da sociedade americana. Neste sentido desde cedo criou fundos, através do Morrill Act,² de 1862, que viabilizassem suas instalações, atendidas por transportes de massa para seus usuários, em todas unidades da federação, prioritariamente em pequenas cidades, onde o custo do solo era mais barato e, conseqüentemente podia-se adquirir extensas áreas (VILARINHOS, 2007). Outro aspecto que influenciou o modelo americano de *campi* universitários, foi o modelo da cidade industrial de Tony Garnier³, o qual preconiza a separação das funções urbanas, padronização dos edifícios conforme sua função e uso de materiais.

Quando, em 1927, foi fundada a Universidade de Minas Gerais-UMG, já existia, além da ESAV de 1926, a Universidade do Rio de Janeiro-URJ desde 1920, curiosamente no mesmo dia e mês, sete de setembro, evidentemente para dar à efeméride a mesma densidade da data de aniversário da Independência do País. Embora houvesse uma lenda que a sua criação se deveu para titular o Rei da Bélgica, Alberto I, em visita ao país, como Doutor Honores Causa, Maria de Lúvia Fávero (2007), analisando atas e documentos da época, afirma que não procede tal suposição, mas sim "pressões para que o Governo Federal assumisse seu projeto universitário, ante o aparecimento de propostas de instituições universitárias livres, em nível estadual".⁴

São, como vimos, o caso da ESAV, assim como para a URJ, cuja escolha de seu local tenha recaído para uma área mais central do tecido urbano em terreno mais livre, a ideia inicial da localização da UMG foi também no interior da área urbana, precisamente dentro da planta inicial da cidade, local com mais área disponível.

²Morrill Act, de 1862, previa a criação de fundos com verbas federais para construções de *colleges* e universidades.

³Tony Garnier (1869-1948). Arquiteto e urbanista francês que em 1919 publicou um projeto para cidade de Lyon com o título "A Cidade Industrial".

⁴FÁVERO, 2007, p. 13.

Inicialmente nas imediações onde já se achava instalada a Faculdade de Medicina, o Hospital das Clínicas, junto ao Parque Municipal de onde haviam subtraído área para criar um complexo hospitalar.⁵ Entretanto, segundo Moraes (1971, p. 51), os seus fundadores, Presidente Antônio Carlos e Professor Mendes Pimentel, numa perspectiva de proporções mais amplas preferiram que a Cidade Universitária fosse localizada "no ponto mais aprazível de Belo Horizonte, numa esplanada de 50.000m² que domina a formosa capital mineira..." Neste sentido, em 26 de julho de 1929, era feita pelo Governo do Estado, em *ad referendum* a alienação de terreno onde hoje se localizam os bairros de Lourdes e Santo Agostinho.

De fato, a nova proposta da localização em Lourdes e Santo Agostinho da Cidade Universitária, como já era conhecida no sonho de criar uma grande Universidade pública na jovem capital do Estado, era privilegiada, pois situava-se dentro da avenida do Contorno, tangenciando-a, portanto circunscrita à nascente urbes.

As mudanças na conjuntura política e as dificuldades de recursos impediram instalação do Campus nessa área urbana. Só bem mais tarde, já com a realidade do *Campus* da Pampulha, em plena modernidade, é que foi construído neste território, o prédio da já Faculdade de Farmácia, em 1960, na esquina com a avenida do Contorno. Antes quando era Escola de Odontologia e Farmácia da Odontologia, se achava instalada nas imediações, do outro lado desta avenida, na Cidade Jardim. Em 1963, com a separação dos dois cursos, transformados em Faculdade de Farmácia e Faculdade de Odontologia esta última permaneceu no prédio enquanto a outra foi para seu prédio próprio, onde ficaram até início dos anos 2000. Com a transferência da Cidade Universitária para Pampulha, este território foi parcelado e vendido para iniciativas pública e privada e é onde se encontram a Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais-ALMG, o Colégio Marconi, onde funcionou o início da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas-FAFICH e, mais recentemente, o prédio da Companhia Energética de Minas Gerais-CEMIG, junto às moradias de uma população de alto poder aquisitivo.

A Escola de Medicina, um dos pilares da nascente Universidade, foi fundada em 1911 e instalada junto ao então Instituto do Radium, mais tarde em 1955 chamado Hospital do Câncer Borges da Costa, em parte subtraída do Parque Municipal por

⁵ MORAES, Eduardo R. Afonso de. História da UFMG, Imprensa Universitária, 1971, p.51

doação do município, formando a partir de 1928 um embrião de um complexo e zona hospitalar da cidade, onde hoje se encontra o Hospital das Clínicas.

A nascente cidade universitária clamava por sua consolidação e as unidades acadêmicas querendo seus prédios definitivos nela instalados deixando as instalações alugadas, passageiras. Em 1930, um grupo de arquitetos idealistas fundou a primeira Escola de Arquitetura do Estado, a primeira do Brasil que nasceu em berço próprio e não, comumente, nas Escolas de Belas Artes. Após um início breve também no Parque Municipal, se instalou em definitivo em prédio próprio, no atual endereço, inicialmente num antigo mercadinho popular de secos e molhados e em 1954 no prédio atual, na esquina das ruas Gonçalves Dias com Pernambuco, bairro dos Funcionários. Portanto, outra unidade acadêmica para ser inevitavelmente atraída para a ainda incipiente Universidade. Bem antes, desde 1901, já existia, em prédio próprio, a Escola de Direito na privilegiada localização da Praça Afonso Arinos, então Praça da República coração da cidade, bem como da Escola de Engenharia, 1911, em um dos primeiros prédios do início da cidade, ao lado da Praça da Estação Ferroviária, início da Av. Santos Dumont, onde funcionou um hotel e posteriormente um quartel da polícia militar de Minas Gerais.

Essas estruturas consolidadas dos cursos pioneiros da nascente Universidade de Minas Gerais, aliadas às dificuldades política e financeira, tornaram a ocupação do Campus Lourdes uma ideia natimorta. Enquanto isto, com o advento da Revolução de 1930 e posteriormente o Estado Novo, era Vargas, era criada, em 1935, no Estado do Rio de Janeiro, a partir a URJ, a Universidade do Brasil-UB e seu Estatuto. Se a primeira ideia de sua localização foi, na Praia Vermelha, Urca, na centralidade do Rio de Janeiro, num segundo momento e nomeado o Escritório Técnico da Universidade do Brasil, escolheu-se a ilha do Fundão para o nova localização do campus da Universidade do Brasil, com a intenção de que a viesse a constituir um padrão para todas as universidades brasileiras, cuja exigência maior de Getúlio seria da monumentalidade com campus em grandes proporções de área e edifícios e afastados do centro urbano onde encontraria terreno disponível com esta área a custos baixos, topografia e acessibilidade favoráveis. (Vilarinhos, 2007)

Sob estes aparatos de discussões, a sonhada Cidade Universitária da UMG foi concebida e o então progressista prefeito Juscelino Kubitschek, no governo do

interventor Benedito Valadares, em 1937, escolheu para instalá-la a localização da Pampulha, Zona Norte da cidade, que já fazia parte de seus planos qualificá-la com área de lazer, na fazenda D'Alva. A partir desta definição da sua localização, assim como a Cidade Universitária da UB, a Cidade Universitária da UMG atravessou várias etapas distintas da inauguração à consolidação, desde as inerentes dificuldades de recursos para construir as instalações à resistência das unidades acadêmica sem trocarem o centro urbano por um lugar na periferia urbana.

As etapas da instalação são muito nítidas, e foram acompanhadas pela intensa expansão urbana nesta direção ao norte. O que era para ser isolado acabou envolvido pela malha urbana, e o que se pretende analisar são os aspectos positivos e negativos de sua localização, de suas apropriações, se a cidade universitária, ou campus universitário da UFMG, se interage, se fricciona com a cidade comum, com os seus cidadãos, ou se, como nas origens das cidades universitárias, são vistos por estes de maneira indiferente ou um lugar inacessível.

Afinal, Cidade Universitária é a mesma coisa que *Campus* Universitário? Cremos que *Campus*, ou Cidade Universitária, para ser exitoso, tem que guardar características urbanas de uma cidade comum com suas pulsações e inúmeros serviços em contrapartida de um campus do saber acadêmico, científico, inerentes ao território. Quais os conflitos que, se não impedem, mas dificultam muito, atrasam a apropriação ampla, diversificada do *Campus* como a diversidade de um território urbano, sob uma ótica e política de segurança?

Minha hipótese é que o *Campus* da Pampulha, no decorrer de todas suas mudanças; de sua consolidação, do aumento significativo de sua ocupação pela maioria das unidades da UFMG estarem nele instaladas; da grande população de usuários, a ponto de ser maior que a maioria dos municípios do país; de estar hoje completamente inserido no contexto urbano concorrido, ainda é um território sem a devida inserção e qualidade urbana, ou seja, não se tornou uma “Cidade Universitária”.

Se houve uma intenção inicial da ditadura do Estado Novo, consolidada pela Ditadura de 1964, em instalar as cidades universitárias longe dos centros urbanos de suas efervescências e mobilizações políticas e sociais, para isolá-las da

população em geral, não se pode dizer que teve sucesso no decorrer da história, pois a Universidade nunca deixou de ser um foco dessas mobilizações, particularmente para o fim da última ditadura no país e a sua redemocratização. No entanto, a interação da universidade com o público, que era participativo desde a fundação da UMG, quando se achava distribuída no tecido urbano central — na Escola de Direito, de Engenharia, da Arquitetura, da Faculdade de Medicina, entre outras —, diminui muito com a consolidação do campus universitário na Pampulha, um território visivelmente subutilizado para além de seus usuários diretos, professores, alunos e funcionários, se caracterizando como uma redoma do saber acadêmico.

Esta dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro se concentra no aspecto histórico da criação e instalação da Cidade Universitária, que será dividido em três sessões. A primeira trata do início da ideia de uma Universidade, contida numa "Ilustração Mineira"⁶ entre os inconfidentes, que pavimentou a criação da UMG em 1927 e de uma Cidade Universitária, inicialmente proposta para os bairros de Lourdes e Santo Agostinho, no primeiro quartel do século XX, dentro do perímetro urbano da capital traçado pela Av. do Contorno. As segundas e terceiras sessões são marcadas pela instalação da Cidade Universitária na Pampulha, entre 1937 e 1950, com o protagonismo e confronto entre dois renomados profissionais da Arquitetura, em suas distintas épocas, no planejamento da Cidade Universitária, inicialmente com Eduardo Pederneiras e posteriormente com Eduardo Guimarães Júnior, tanto que dão o nome aos respectivos planos. Essas etapas demarcam a transição do anacrônico para o modernismo, onde o prédio da Reitoria tem toda sua relevância emblemática.

O segundo capítulo aborda a ocupação e consolidação do campus da Pampulha, como passou a ser então conhecida a Cidade Universitária. Neste capítulo se trata da liderança e desaparecimento de Eduardo Guimarães Júnior, chefe do Escritório Técnico da Reitoria da UMG, entre 1951 e 1968; o período entre 1969 e 1980, com a passagem do planejamento físico para uma equipe interdisciplinar de arquitetos, engenheiros e outros especialistas, criando especificamente para isto, o

⁶ Alguns estudiosos mineiros defendem que a exemplo de uma Ilustração Europeia, um movimento de intelectuais, iluministas, existiu no bojo na Inconfidência Mineira entre seus intelectuais, uma Ilustração Mineira com influências deste Iluminismo.

Departamento do Planejamento Físico-DPF, órgão da Divisão de Planejamento-DIPLAN, da Reitoria da UFMG. E, para tratar da revisão do Plano de Eduardo Guimarães Júnior, desenvolvido em dois momentos: o Plano Cordeiro, a construção de Um Modelo Espacial, Sistema (Estrutural) Básico – Estruturalismo; finalmente, entre 1980 e 1998, trata-se do Pós Estruturalismo e do Pós Modernismo, seus padrões e conflitos.

No terceiro capítulo, abordaremos aquilo que chamamos de “Corte Epistemológico”⁷- Campus 2000, onde será abordada a revisão de toda a metodologia até então empregada no planejamento do campus e de suas construções, já que se trata de ruptura, de mudanças súbitas que ocorreram no processo da evolução do conhecimento científico no planejamento físico do Campus Pampulha e UFMG em geral. Nesse capítulo será apresentado em três tópicos o Campus 2000 e a nova metodologia de projeto, estruturada em uma equipe mista e processo de criação coletiva: docentes da Escola de Arquitetura e técnicos do Planejamento da UFMG; na sequência, a crítica ao Modelo para um Sistema Ambiental e adoção do Método Carl Popper: tentativas de soluções e descartes dos erros, edificações racionais, econômicas e aparência agradável; e, finalmente, o novo Plano Diretor de 2009, como foi concebido, suas abordagem e decisões

O quarto e último capítulo, apresenta as conclusões, onde analisaremos os êxitos e fracassos dos modelos estruturais e ambientais, a apropriação, ocupação e utilização, destacando a diversidade de usos e de público, os pontos nevrálgicos, de sociabilidade, do território do Campus, o que se propõe no novo Plano Diretor e como este foi concebido. Nos parece inevitável uma abordagem fenomenológica e ideológica. O que faz um lugar ser apropriado ou "apropriável"? O que faz um lugar residual? O que faz e como é a interação Campus versus Urbes; Cidade Universitária versus Cidade Formal. O território universitário e suas instalações são ocupados, utilizados exitosamente? Neste item lançaremos mãos de uma metodologia, o Sistema de Planejamento e Administração de Tempo e Espaço-SPATE, criado pelo arquiteto e urbanista Sebastião de Oliveira Lopes, um antigo membro da equipe de planejadores físico da UFMG, que afere medições científicas

⁷ Designa ou explica as rupturas ou mudanças súbitas que acontecem ao longo do processo de evolução do conhecimento científico.

nestes quesitos, de modo que tenhamos como medir o aproveitamento e otimização das instalações, particularmente as acadêmicas, do Campus.

CAPÍTULO 1. ANTECEDENTES HISTÓRICOS: DA IUSTRAÇÃO MINEIRA À PAMPULHA

1.1 A Ilustração Mineira

Fernando Correia Dias (1997, p. 17), no intento de cobrir uma lacuna pois, “os estudos historiográficos abrangentes da educação brasileira fazem alusões muito sumárias e parciais sobre o aparecimento da UMG na década de [19]20”, na oportunidade das comemorações dos 70 anos da UFMG e do centenário de Belo Horizonte, publica o mais novo e, provavelmente, mais completo estudo historiográfico desta instituição, o livro *Universidade Federal de Minas Gerais: projeto intelectual e político*, pela editora UFMG, em 1997⁸. Sua pesquisa remonta ao século XVIII para identificar desde esta época a gênese da universidade em Minas Gerais.

As raízes da herança cultural mineira encontram-se, como é amplamente sabido, no século XVIII. Foi o tempo em que floresceram e se entrelaçaram ali as atividades literárias e artísticas em geral. A escolha básica feita nos colégios. A escolaridade básica feita nos colégios jesuíticos e a formação acadêmica feita em Coimbra, ao lado do processo concentrador de populações com base nas comarcas, estabelecendo um estilo de vida urbana, foram os fatores principais do desabrochar do espírito, inclusive no plano do pensamento social. Este, nos dias da Inconfidência, manifestou-se notadamente na afirmação do anseio autonomista. Os intelectuais inconfidentes, os poetas e cônego Luís Vieira da Silva, representam a maturação intelectual dos setecentos, processada por forças dos fatores acima aludidos. (DIAS, 1997, p.18).

⁸ Este livro é fruto do *Projeto UFMG: Memória & História*, desenvolvido nos departamentos de Sociologia e História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Dias nasceu exatamente um ano após a criação da UMG em 1925, tendo feito toda sua formação nela e mais tarde sendo um de seus principais doutores. Faleceu em oito de setembro de 2012, um dia após o aniversário de 85 anos da UFMG.

Dias (1997), ainda se apoia em Roque Spencer Maciel de Barros (1986)⁹, para abordar o que denomina “A Ilustração Brasileira”. Não se trata aqui de uma mera reprodução da Ilustração Europeia, diz ele, mas dos princípios e dos ideais do Iluminismo que os intelectuais brasileiros, particularmente os bacharéis da Academia de São Paulo, haviam introduzido via os autores populares. Seu intuito é trabalhar a ideia de que houve antes uma Ilustração Mineira, que relacionava o movimento rebelde dos inconfidentes com a visão Iluminista do mundo.

(...) mesmo porque houve uma ‘ilustração mineira’: basta pensar o simples exame da biblioteca do cônego Luís Viera, empreendido por Eduardo Frieiro, mostra (cf. O diabo na livraria do Cônego, 1.ed., 1957, reedição de 1981, coleção Reconquista do Brasil, Itatiaia-Edusp) que os inconfidentes estavam com frequência embebidos dos ideais ilustrados, especialmente emprestados da França. (BARROS, 1987, p. 5. *Apud* DIAS, 1997, p.19).

Na ocasião do bicentenário da Inconfidência, Dias (1997, p. 19-20), reforçando esta tese, cita três textos que “relacionam aquele movimento rebelde com a visão iluminista do mundo.” Sérgio Paulo Rouanet (1992) que se refere ao conteúdo das bibliotecas e textos dos inconfidentes apreendidos na devassa que demonstra “a articulação entre o discurso ilustrado e o revolucionário, (...) anticolonialismo, antidespotismo, anticlericismo, antiescravidão, antimilitarismo e certas atitudes sociais.¹⁰ Affonso Ávila (1989), que “aponta o ideário da elite pensante como reflexo das doutrinas e práticas políticas (respectivamente produzidas na França e nos Estados Unidos) no final do século XVIII”.¹¹ E Maria Odila da Silva Dias (1968), que propusera há tempos que os brasileiros que estudaram em centros europeus (Coimbra, Edimburgo, Paris e Estrasburgo), no final do século XVIII e início do século XIX, voltaram com uma visão pragmática do pensamento ilustrado,

⁹Ver: BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A Ilustração Brasileira*. São Paulo: EDUSP, 1986.

¹⁰ Ver: ROUANET, Sérgio Paulo. As Minas iluminadas, a Ilustração e a Inconfidência. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 34-35. *Apud* DIAS, 1997, p. 20.

¹¹ Ver: ÁVILA, Affonso. Da linguagem barroca ao discurso reto. *Barroco*. Belo Horizonte, 1989, p.61-79. *Apud* DIAS, 1997, p. 20.

assimilando a tendência do saber científico à vida diária, numa visão secularizada. Assimilaram a tendência da aplicação do saber científico à vida diária, como o conhecimento da mineralogia aplicada à mineração e dos da botânica, à agricultura". Isto coincide com a crise econômica na Metrópole, com a exaustão do ouro que a obriga às outras alternativas produtivas. (Dias, 1997, p. 20-21)

Aurélio Pires¹², — muitas vezes citado pelo autor por ser um entusiasta do ensino universitário, um dos fundadores da Faculdade de Medicina da UFMG, em 1911, um dos responsáveis com seus "apontamentos pelo surgimento da moderna pesquisa científica de Belo Horizonte", especialmente na faculdade de Medicina, homenageado por Pedro Nava em *Beira Mar* (1978), que foi seu aluno —, escreve em 1921 um texto: *História científica de Minas Gerais: contribuição para o Dicionário da Independência*), em que cita:

(...) em 1823, na Assembleia Constituinte Brasileira, se discutiu o projeto que criava Universidades em nossa pátria: o Visconde de Jequitinhonha, Francisco Gê Acayaba de Montezuma, deputado pela Bahia, assim exprimiu, a respeito de tal projeto: "A haver uma só Universidade, deve ser em Minas Gerais: primeiro, por ser província mais populosa do Império; segundo, por ser a mais polida do interior; terceiro, por se achar colocada no meio de todas outras." Como se vê, pois, ao alvorecer do Primeiro Império, o Estado de Minas já era, a justo título, considerado a província mais polida do Brasil. (PIRES, 1921, p. 27-29. *Apud* DIAS, 1997, p. 286).

Dias (1997, p. 25) nos alerta que:

Pode-se pensar em duas vertentes em que se divide a tradição intelectual, ilustrada ou não, em Minas Gerais: a humanística e a da razão pragmática. A primeira com o pensamento da herança clássica e o segundo de ordem prática de utilidade. Nesta época, década de 1920, ocorre em Belo Horizonte uma renovação e efervescência intelectual, com inevitável reflexo na definição de uma cultura regional e no mundo político, coerente com a juventude da cidade, com os jovens escritores modernistas influenciados pela Semana de Arte Moderna, de São Paulo, 1922. Então, dois projetos

¹² Aurélio Egídio do Santos Pires, nasceu no Serro (MG), em 1862, e faleceu em 1937. Farmacêutico, escritor, professor e fundador da Escola de Medicina de Minas Gerais. Ver: PIRES, Aurélio. *História Científica de Minas Gerais (Contribuição para o Dicionário do centenário da Independência)*. *Radium*. Belo Horizonte, n.2, p. 27-29, maio, 1921.

intelectuais coletivos e de grande vulto nascem em Minas nestes anos vinte: o da Universidade e o da preservação do patrimônio artístico, arquitetônico, cultural suscitado pela redescoberta da arte barroca. "O primeiro é implantado pela geração mais velha, com o apoio dos modernistas; o segundo, sob a liderança dos intelectuais renovadores, especialmente Mário e Oswald de Andrade". (DIAS, 1997, p. 27).

Jovens intelectuais e jovens políticos interagem e se relacionam com o poder instituído, se impondo como força renovadora à arcaica oligarquia da Velha República que escolhia seus representantes em todos os níveis de poder. Neste momento é fundamental a presença do Presidente Antônio Carlos¹³, que não era um representante muito fiel da oligarquia. De espírito liberal, mas refinado, com um projeto político mais amplo, toma a iniciativa da criação da UMG, com a indispensável ajuda de Mendes Pimentel¹⁴ para sua construção legal e implantação.

Desde os primórdios da República, o desenvolvimento do ensino superior, em Minas, despertou grande entusiasmo na elite, desaguando na campanha pela criação da Faculdade Livre de Direito de Minas Gerais, em Ouro Preto, em 1892, talvez numa alusão à Inconfidência Mineira. Em 1898, foi transferida para a nova capital do Estado, e, em 1901, instalou-se no atual endereço. Em seguida foram instalados em Belo Horizonte a Escola de Odontologia e Farmácia, 1907; a Faculdade de Medicina e a Escola de Engenharia, ambas em 1911, além do Ginásio Mineiro, 1898, que veio a ser o Colégio Estadual de Central, em 1943, e hoje Colégio Estadual Governador Milton Campos, bem como o Instituto da Educação, em 1906. Juntos estes estabelecimentos de ensino formavam uma respeitável rede de escolas superiores na jovem capital mineira.

¹³ Antônio Carlos Ribeiro de Andrada-Barbacena. Nasceu em 1870; no Rio de Janeiro (RJ), faleceu em 1946. Advogado, promotor público, prefeito de Belo Horizonte, 1905, senador da república em 1907, Presidente do Estado de Minas, 1926-1930 e fundador da Universidade de Minas Gerais em 1927

¹⁴ Francisco Mendes Pimentel. Nasceu em 1869, no rio de Janeiro, e faleceu em 1957. Advogado, professor, jornalista, magistrado, político e primeiro Reitor da UMG, 1927-1930.

Figura 1 – Foto do Reitor Francisco Mendes Pimentel.



Fonte: Acervo Escola de Direto da UFMG.
Foto de E.F. Soares, 2016.

Figura 2 – Placa em homenagem ao Presidente Antonio Carlos, localizada no saguão da Escola de Arquitetura/UFMG



Fonte: Foto de E.F. Soares, 2016.

O progresso foi a principal motivação para se criar os estabelecimentos de ensinos superiores em Minas, no início da República, para impulsionar o desenvolvimento do conhecimento, dos saberes, das condições das técnicas, sanitárias, da vida econômica e do nível de vida da população. (DIAS, 1997, p.35)

Segundo Dias (1997), o início esse impulso para a criação da universidade vinha especialmente da iniciativa privada, embora governantes como Silviano Brandão e Afonso Pena tivessem interesse nesta aspiração. O primeiro claramente a favor, veio a falecer no exercício de seu mandato, em 1902, justamente quando a campanha se iniciou em Belo Horizonte e ganhara as ruas, quando ocorreu uma célebre passeata-comício, que se iniciou no antigo teatro Socasseuax, esquina da rua Bahia com avenida Afonso Pena e finalizou na casa do então vice-presidente em exercício, Costa Sena, quando e onde muitos respeitabilíssimos oradores discursaram em meio ao foguetório. Foi o momento que se sobressaiu a figura de Aurélio Pires, com argumentos consistentes e tendo relatado uma experiência sofrida, quando viveu no Rio de Janeiro e suas péssimas condições sanitárias.

O ar que parou...
 Que parou para escutar os passos
 de Mestre Aurélio que vem do Arquivo
 e vai descendo para casa propícia
 na rua onde as placas azuis
 trazem o nome do poeta estrangulado.
 (NAVA, 1979, p. 246)

Aurélio Pires, ainda segundo Dias (1997), divide a história da universidade em Minas em três etapas: primeira, "Iniciativa (1789-1925)"; segunda, "Realização (1925)"; terceira "Criação (1927)". O ponto de partida é a Inconfidência, como já abordado, perpassando pela emergente República e a capital de Minas, quando o assunto aparecia de maneira intermitente, nas tribunas e imprensa mas nunca consolidado, e até o amadurecimento da ideia, já em meados da segunda década, com a fundação do Conservatório Mineiro de Música, em 1925, pelo governante Melo Viana, com intenção de concretizar a Universidade, mas que não teve tempo de implantar.

A terceira etapa, "Criação", já fazia parte de um importante projeto político de Antônio Carlos, aproveitando a oportunidade legal percebida por Melo Viana. Ali já se estruturava a direção da universidade, confiada ao Reitor e ao Conselho Universitário, o qual presidia com voto de qualidade. Concedeu-se, no decreto, a autonomia didática e administrativa.

"A instituição da Universidade do Rio de Janeiro não foi acompanhada de amplos debates e discussões; foi recebida sem muito entusiasmo, como costuma acontecer com criação de instituições realmente não solicitadas pelo meio, ou quando tais instituições não têm reflexos na ordem social vigente. Pode-se dizer que foi um acontecimento quase desapercibido, cujas influências se limitaram ao reduzido grupo de pessoas e instituições abrangidas pela nova organização¹⁵." (DIAS, 1997, p. 129)

Apesar desta inconsistência, o Governo Federal, em 1925, resolveu não apenas mantê-la mas também ampliá-la e o mesmo decreto autorizava a criação de universidades nos Estados de Pernambuco, Bahia, São Paulo Rio Grande do Sul e

¹⁵Ver: NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo: E.P.U., 1976. Apud DIAS, 1997, p. 129.

Minas Gerais. Absolutamente oposto ao processo de criação da URJ, foi amplamente debatida com entusiasmo, desejada pela comunidade, recebida com fogos, e retomou com afinco seu processo, liderado pelo seu Presidente Antônio Carlos que, para implementá-la, delegou seu planejamento a Mendes Pimentel. Nas comemorações, em Belo Horizonte, do centenário da instituição dos cursos jurídicos em São Paulo e Olinda, em 11 de agosto de 1927, Pimentel, presidindo as solenidades saudou o Presidente Antônio Carlos e informou a todos que enviara ao Congresso Mineiro mensagem de criação da Universidade de Minas Gerais, "núcleo de alta cultura, que será um dos focos de irradiação de intelectualidade e de aperfeiçoamento moral do país".¹⁶

A tramitação do projeto nas duas casas do Legislativo, bicameral na época, Senado e Câmara dos Deputados foi aprovada por unanimidade com parecer entusiasta assinado pelos seus membros, entre eles um jovem intelectual modernista e que se destacaria como educador, mestre universitário, escritor, secretário e ministro da Educação, Abgard Renault.

O projeto, transformado na Lei nº 956, foi sancionada em grande cerimônia no Palácio da Liberdade, por ocasião das comemorações do primeiro aniversário do governo Antônio Carlos, em 7 de setembro de 1927, conferindo à esta efeméride um peso triplamente qualificado: data magna da nação; data da criação da primeira Universidade do país, URJ; e, data em que o governo mineiro criou a UMG, com grande repercussão na imprensa da capital¹⁷.

No dia 10 de setembro de 1927 o presidente nomeou o primeiro Reitor da UMG, sendo escolhido o prof. Francisco Mendes Pimentel, então diretor e decano da Faculdade de Direito, que no dia 15 do mesmo mês tomou posse numa cerimônia de grande entusiasmo, conforme os noticiários da época¹⁸, no Salão Nobre da Faculdade, que serviria de sede provisória da nova Universidade.

¹⁶ Ver: PIMENTEL, F. Mendes. *Jornalista e político, professor, jurista*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil, 1949. Coletânea de discursos, pareceres e outros escritos. *Apud* DIAS, 1997, p. 116.

¹⁷ Diário de Minas. Redator: Carlos Drummond Andrade "A solene promulgação da lei que cria a Universidade" (09/09/1927). Minas Geraes - Órgão Oficial do poder do Estado (07/09/1927). Diário da Manhã (08/09/1927). Correio Mineiro (08/09/1927).

¹⁸ Diário de Minas (15/09/1927).

Figura 3 – Escola de Direito, em 1927, 1ª sede da UMG.



Fonte: MORAES, 1971, p.47.

Em 25 de setembro de 1928, a Lei nº 1.046 criava o fundo especial para aparelhamento da UMG: construção da sede e do Hospital das Clínicas. O Decreto nº 8.612, de 18 de julho desapropriava, por utilidade pública, para ser destinado a estabelecimento de ensino, o quarteirão 45, da 6ª seção urbana de Belo Horizonte, nas proximidades da Faculdade de Medicina, entre os bairros dos Funcionários e São Lucas.

1.2 Cidade Universitária Lourdes-Santo Agostinho – Plano Eduardo Pederneiras I

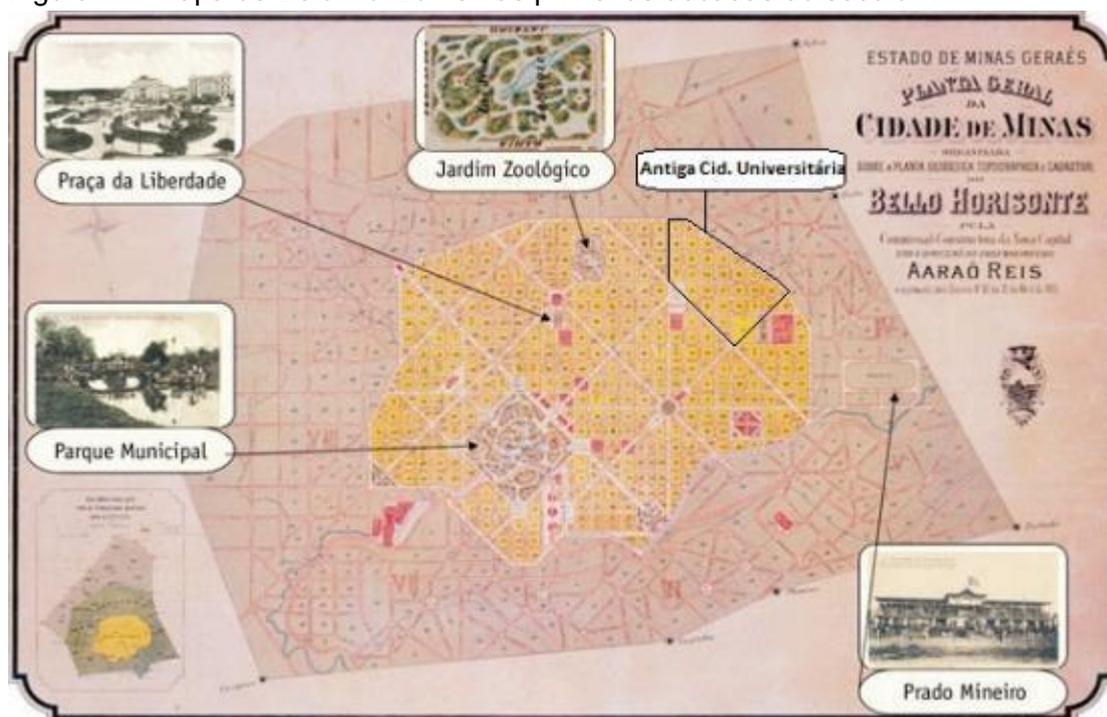
Desde os primeiros dias do funcionamento da UMG, a "integração era o objetivo central dos dirigentes universitários, particularmente do primeiro reitor: integração

entre docentes e discentes, entre alunos e ex-alunos, entre as quatro escolas" (DIAS, 1997, p. 143). Mais ainda, pensava-se na integração espacial, que todos se reunissem num mesmo território.

A universidade de Minas Gerais inicia seu primeiro ano letivo mal aparelhada materialmente, para que possa trabalhar com êxito. Ainda não temos sede própria. Somos ainda quase uma abstração. Falta-nos o lar universitário. Precisamos de edifício, onde diariamente nos encontremos, professores e alunos de todos nossos cursos para ata e cultivar as relações que nos vinculam como membros de uma família indissolúvel. (MORAES, 1971, p. 46)

Tratava-se da Cidade Universitária prometida pelo governo estadual, que para isso proveu um fundo especial para a criação da Cidade e do Hospital e aquisição de laboratórios e material para o ensino. Em concorrida solenidade foi lançada a pedra fundamental do Hospital das Clínicas, junto à existente Faculdade de Medicina, bem como se promoveu concursos de projetos arquitetônicos para a Cidade Universitária, cujo local destinado ao seu campus seria um amplo terreno de 500 mil metros quadrados situado nos atuais bairros de Lourdes e Santo Agostinho.

Figura 4 – Mapa de Belo Horizonte nas primeiras décadas do século XX.



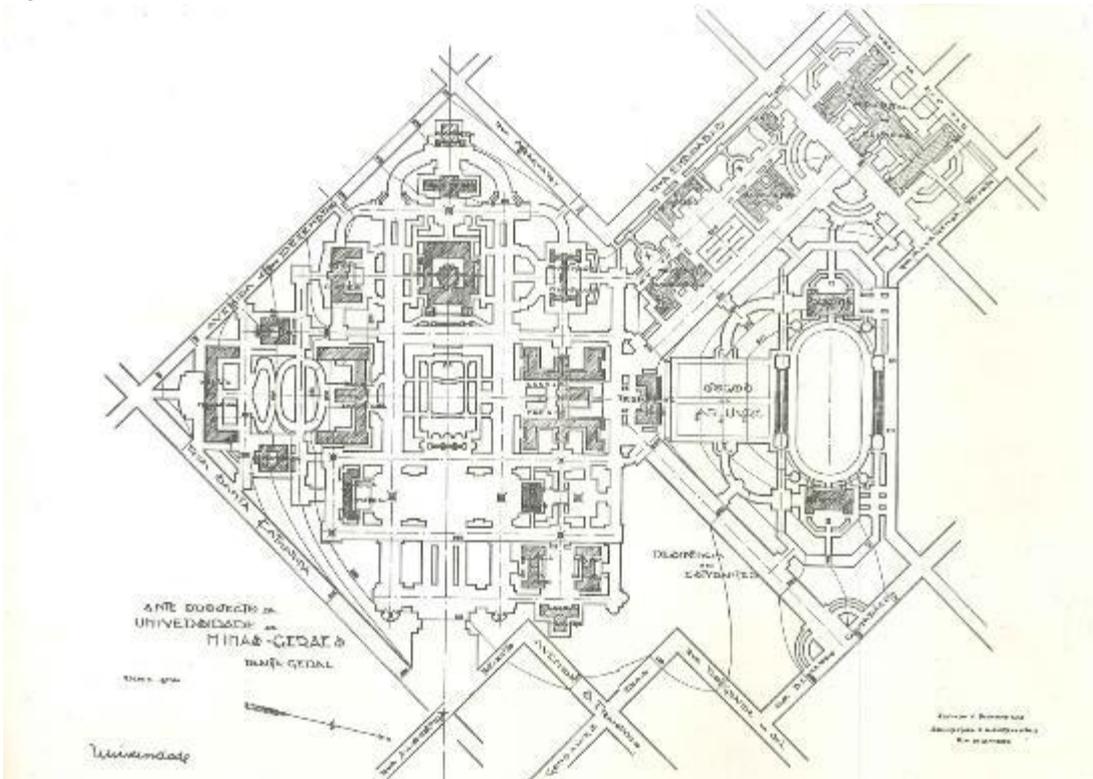
Fonte: Museu Histórico Abílio Barreto-MHAB/Fundação Municipal de Cultura.

Figura 5 – Vista aérea do terreno remanescente da Cidade Universitária da UMG, alto à direita, próximo à Praça Raul Soares e ao Edifício JK, 1965.



Fonte: Museu Histórico Abílio Barreto/Fundação Municipal de Cultura.

Figura 6 – Planta da Cidade Universitária, localizada nos bairros de Lourdes e Santo Agostinho. Eduardo Pederneiras, 1929.



Fonte : DPP/ UFMG.

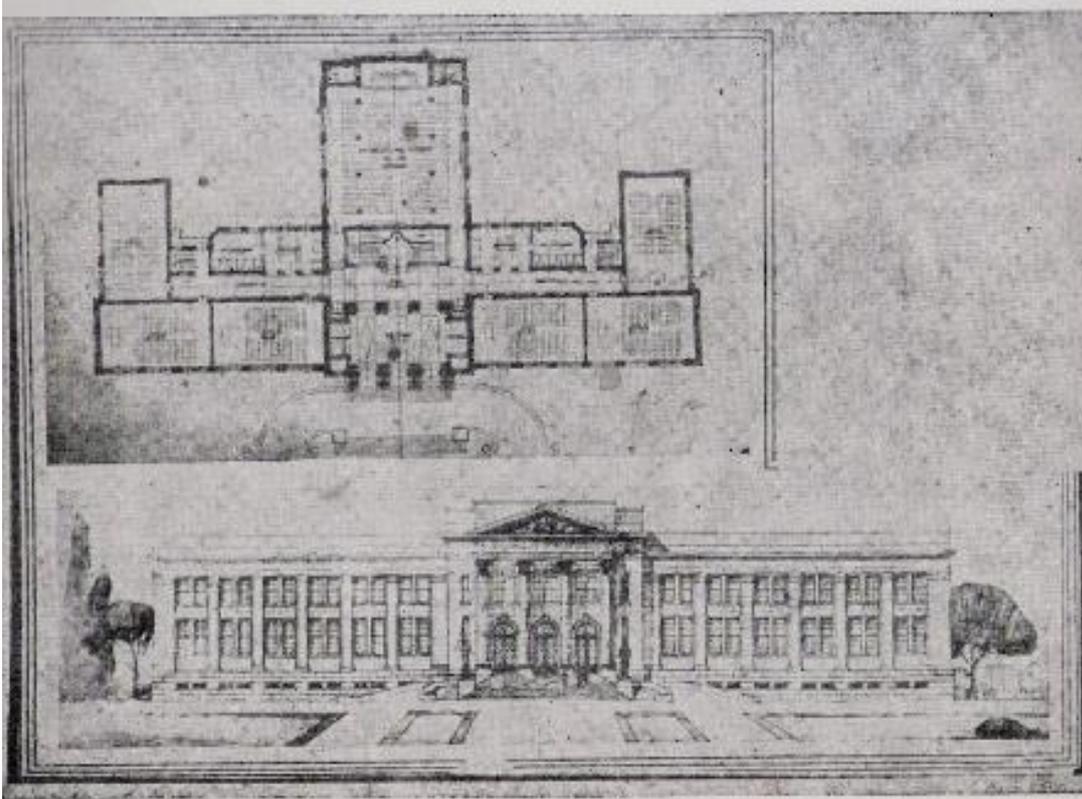
Anteriormente, como vimos, o local da cidade universitária poderia ser junto à Escola de Medicina, mas em edital de 25 de julho de 1928, numa clara demonstração de urgência governamental, foi realizado o concurso de anteprojetos arquitetônicos para a referida Cidade nos bairros de Lourdes e Santo Agostinho. A comissão julgadora foi presidida pelo Reitor da Universidade, Francisco Mendes Pimentel, e eram seus membros os diretores da Escola de Engenharia da UMG, da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro e do presidente do Instituto Central dos Arquitetos do Brasil. Foram apresentados um significativo número de trabalhos, vinte e três, dos quais doze foram escolhidos, quatro premiados e o primeiro lugar o 11º inscrito, de autoria do arquiteto carioca Angelo Bruhns, a quem foi designada a feitura do projeto definitivo. Digno de nota que o segundo colocado foi o arquiteto Luís Signorelli, de Belo Horizonte, que viria a ser considerado um dos arquitetos icônicos de Belo Horizonte e, em 1930, o primeiro diretor da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, que pouco depois se integraria também à UMG. Foi promovida a exposição dos anteprojetos no Teatro Municipal,¹⁹ evento que, despertou muita curiosidade e foi muito visitada.

Sobre esta exposição, um certo Antônio Crispim — que veio a ser o pseudônimo de Carlos Drummond de Andrade — escreveu artigo²⁰ relatando que determinado anteprojeto entre os inscritos e expostos, sob o nome Eficácia, estava despertando grande polêmica, deboche e gargalhadas na cidade. Segundo o articulista, não em defesa de tal anteprojeto, mas por necessidade de desabafo, chamou-lhe atenção que entre os estilos "assyrios, bysantinos, greco-romanos, epicenos e assexuados (sic)". Eficácia era uma coisa positivamente séria, honesta, rigorosamente lógico, calculado, não de acordo com princípios de estilos, mas de um raciocínio futurista que o remetia à máxima corbusiana: a casa é uma máquina de habitar. Naquele ano havia sido construída a revolucionária Villa Savoye, do mestre modernista Corbusier.

¹⁹Diário de Minas. Redactor Carlos Drummond de Andrade. *A futura sede da Universidade: impressões de uma visita à exposição de anteprojetos*, no Teatro Municipal de Belo Horizonte, 01/11/1928, p.1.

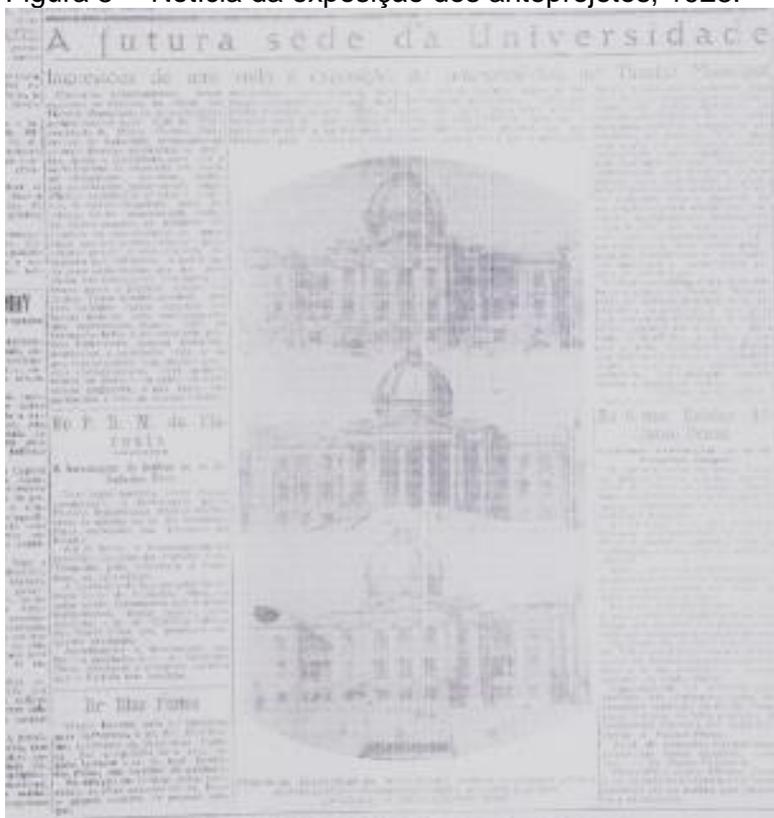
²⁰ Diário de Minas. *Um anteprojeto da Universidade*, 04/11/1928, p.02

Figura 7 – Anteprojeto vencedor, de Angelo Bruhns, para a sede da UMG.



Fonte: MORAES, 1971, p.47.

Figura 8 – Notícia da exposição dos anteprojetos, 1928.



Fonte: Jornal Diário de Minas, 01/11/1928, p.1.

No entanto, pouco depois, baseando-se numa cláusula do edital, "se julgar conveniente", o Reitor comunicou ao vencedor a nova orientação de incumbir a tarefa "de projetar a Cidade Universitária ao engenheiro Eduardo Pederneiras, do Rio de Janeiro, escolhido pelo governo do Estado, tendo em vista sua atuação em outras obras em Minas Gerais".²¹ Tal ação gerou protestos por parte do autor, que acabou recebendo uma indenização, e do Instituto dos Arquitetos, em correspondência ao Reitor. A respeito dessa passagem destacamos duas informações.

Sobre este crucial fato, do preterimento da proposta vencedora pela escolha pelo governo do Estado por outro profissional, há duas observações importantes a serem feitas. Primeiro, embora a maior parte da literatura sobre sua obra, se referira a Eduardo Pederneiras apenas como engenheiro, na realidade ele é um arquiteto e como tal adquiriu respeitável renome no início do século XX por assinar icônicas obras como o Hotel Glória e outros edifícios *art déco*, no Rio de Janeiro e, principalmente o complexo dos edifícios do Palace Cassino e das Thermas, em Poços de Caldas/MG. Evidente porque na época, como Niemeyer e vários outros arquitetos renomados, por terem feito também matérias nas escolas de engenharia, além da arquitetura na Escola de Belas Artes, assim como Eduardo Mendes Guimarães Júnior e os graduados na Escola de Arquitetura de Minas Gerais até 1996, tinham também o título de Engenheiro Arquiteto e no seu caso privilegiou o primeiros título. No entanto o principal título que identificou a principal formação destes renomados profissionais era o de Arquiteto. Também é verdade que Pederneiras, em 1918, assinou a planta da casa de Santos Dumont, que a e construiu e projetou, em Petrópolis, fato fartamente documentado na mídia.²²

A segunda observação é que ele foi escolhido diretamente pelo Governador Antônio Carlos para planejar a Cidade Universitária da UMG, já que, na época, estava projetando um importante complexo turístico em Poços de Caldas, Minas Gerais, obras por ele programada.

²¹ DIAS, 1997, p. 145.

²² A casa de veraneio de Santos Dumont, foi projetada e construída pelo próprio em 1918, mas sua planta é assinada por Eduardo Pederneiras, pois Santos Dumont não era arquiteto. Trata-se de um chalé no estilo alpino francês e com telhado em folha de flandres. Ver: < <http://www.historiaem perspectiva.com/2012/11/uma-verdadeira-imersao-na-historia-Brasil-Imperial-visita-à-Petrópolis-dos-alunos-de-História-e-Pedagogia-da-UNIBAN/ANHANGUERA-2012> >.

De 1925 a 1929 Poços de Caldas seria administrada pelo Prefeito Carlos Pinheiro Chagas que executaria na cidade as obras programadas pelo Presidente Antônio Carlos. Seriam então contratados especialistas em serviços urbanos de renome nacional : ...entregando as obras de água e esgotos aos engenheiros Saturnino de Brito e Saturnino de Brito Filho ;a edificação das Termas, do Palace Hotel (já iniciado) e do Pálace Cassino ao arquiteto Eduardo Pederneiras e os parques e jardins foram executados pelo paisagista Dierberger. (MEGALE, 1990, p. 35).

Figura 9. Palace Hotel, em Poços de Caldas/MG, projeto de Pederneiras, 1925.



Fonte: Foto de E. F. Soares, 2010.

Figura 10. Thermas Antonio Carlos, em Poços de Caldas/MG, projeto de Pederneiras 1927.



Fonte: Foto de E. F. Soares, 2010.

A partir do Edital de 1928, até início da década de 1930, foi celebrado com Eduardo Pederneiras o contrato do projeto e maquete da futura Cidade Universitária, que chegou a ser realizado, mas que, devido à crise financeira do Estado e interna na Universidade, foi adiada qualquer construção. Enquanto isso Pimentel tratou de estruturar definitiva e legalmente a concepção da UMG, onde, além de providências importantes como consolidar Associação Universitária Mineira-AUM, um grêmio que agregava toda universidade, instituir a taxa de assistência médica, pecuniária, insenção de matrícula, para os estudantes carentes,²³ atualmente atendida pela Fundação Universitária Mendes Pimentel, com intenção de construir e aprovar o Regulamento da Universidade que finalmente, após intensas discussões, foi

²³ Este órgão era a Caixa dos Estudante Pobre Edelweiss Barcellos, que contava com o apoio da Universidade. Aos poucos, a UMG absorve as atividades de assistência estudantil, e em 1931, cria a Assistência aos Universitários. Em 1936, ela tem seu estatuto aprovado pelo Conselho Universitário e sua denominação alterada para Assistência Universitária Mendes Pimentel-AUMP. Em 1972, o Conselho Universitário aprova a alteração dos estatutos da AUMP, mudando sua denominação para Fundação Universitária Mendes Pimentel-FUMP. Ver: RESENDE, 2002, p. 8.

promulgado pelo Executivo estadual sob o Decreto nº 9.589, de 27 de junho de 1930. Na realidade era o segundo diploma legal, pois o primeiro foi o da criação, de 07 de setembro de 2007.

O próprio Presidente Antonio Carlos justificara, por ocasião da promulgação, em 30 de agosto de 1930 da Lei nº 1.136, aprovando o novo regulamento, que este seria para corrigir falhas do anterior. De fato o novo Regulamento representou grandes avanços do que deveria ser a Universidade. As decisões não mais dependiam do Legislativo Estadual, mas tão somente do Conselho Universitário. "Mas o mais importante é que o regulamento atribuía à Universidade plena autonomia econômica, administrativa e didática, nos termos da legislação então vigente",²⁴ ou seja, os atos que antes eram da alçada do Ministro da Justiça ou do Departamento de Ensino Superior, passaram para a administração superior da Universidade. Tal regulamento vai ao encontro da concepção de universidade dos fundadores da UMG, cujas duas pedras basilares seriam autonomia e patrimônio próprio, conforme mensagem do Presidente Antônio Carlos, enviadas ao Congresso Estadual, em 1927. "*Incipit vita nova* (Começa a vida nova)" foi o lema escolhido nos primeiros dias de fundação da UMG.

Em 1924, no Rio de Janeiro, foi fundada a Associação Brasileira de Educação, a qual podiam filiar-se todas as pessoas interessadas nesta temática, que congregou os mais eminentes especialistas da área e teve um papel histórico na discussão e mobilização da educação em torno dos problemas e das políticas públicas relativas a ela, tirando tal debate do interior do Estado para a sociedade civil. A Associação desde o início se manteve dinâmica com atividades comparáveis às melhores extensões universitárias que vieram surgir nas universidades, promovendo uma série de palestras e cursos e realizando anualmente Conferências Nacionais de Educação, sempre sediadas nas capitais dos Estados. A primeira ocorreu em Curitiba, em 1927, e discutiu-se o Ensino Primário. Em novembro de 1928, em Belo Horizonte, ocorreu a II Conferência Nacional da Educação, onde o tema Universidade foi o destaque e debateu-se o que seria uma Universidade na comunidade docente. Dentre as conclusões aprovadas no plenário constava que "as universidades devem gozar de autonomia integral...", trecho incorporado ao Decreto

²⁴ DIAS, 1997, p. 147.

de 30 de agosto de 1930. Na realidade, antes disto, num decreto de 22 de janeiro de 1930, o Presidente do Brasil, Washington Luís, concedeu o direito à autonomia da UMG, atendendo a um requerimento do Reitor Mendes Pimentel, que se baseava num outro decreto anterior, nº 5.516, de 28 de dezembro de 1928, que dispunha sobre a administração econômica e didática das universidades.

Portanto, a UMG nasceu como uma instituição livre, amplamente autônoma, democrática no acesso de professores e alunos ao Conselho Universitário. Autonomia que durou pouco, pois depois de 30 de dezembro de 1930, já em pleno Estado Novo, foi suprimida pelo Governo Provisório, instalado pela Revolução de 30, através do Decreto Federal nº 19.547, sob alegação da reorganização do ensino superior, tendo como modelo a Universidade do Brasil-UB, na qual se transformou a URJ, dando uma nova estrutura às universidades, padronizando-as, cassando a autonomia didática da UMG, tão longamente discutida.

Um pouco antes, em 14 de novembro de 1930, com o governo revolucionário de Getúlio Vargas já instalado desde o primeiro dia do mês, foi publicado um Decreto, nº 19.404, que ficou conhecido como "Habilitação por Decreto", o que causou enorme controvérsia na UMG, culminando em uma tragédia, que será relatada a seguir. Esse Decreto dispunha sobre a promoção pela frequência de mais da metade das aulas, para alunos dos cursos superiores oficializados e equiparados, o que, na prática, livrava dos exames finais os estudantes. A argumentação central era que, devido aos eventos revolucionários, e sendo que grande parte dos alunos participaram da luta, e alegavam que, por esse motivo, não havia como, e nem se tinham condições desejáveis, para fazerem os exames finais, propunha-se que pela situação de anormalidade da conjuntura, todos fossem aprovados, então, pela média proposta pelo Decreto Federal.

A campanha pelo decreto, iniciada com intensidade no Rio de Janeiro, repercutiu imediatamente em Belo Horizonte, onde os universitários representados pela Associação Universitária Mineira-AUM, encaminharam ao Reitor reivindicação que pela situação de anormalidade da conjuntura, todos fossem aprovados então pela média proposta pelo Decreto Federal. Porém, o Reitor estava entre aqueles que considerava tratar-se de pura e simples promoção automática, mecânica, sem mérito. Além do mais ele considerava uma interferência na autonomia universitária,

tão duramente conseguida. De qualquer maneira, como um civilista e democrata, mesmo sendo clara sua oposição ao Decreto, o Reitor encaminhou o tema para decisão do Conselho Universitário, que veio a acontecer ainda no dia 18 do mesmo mês.

Após dias de discussões, divulgação ampla na imprensa de opiniões e entrevistas, entre elas a do Reitor, naquele dia 18, às 13 horas, com presença ruidosa nas galerias de 300 estudantes a pressionar por sua tese, o Conselho Universitário se reuniu para apreciar e votar o Decreto. A tensão e pressão eram tantas, que alguns representantes tiveram que renunciar aos cargos, pois estavam contra seus pares e foram substituídos pelos que comungavam com eles, e o Retor precisou usar várias vezes de sua energia respeitável para aplacar os ânimos da platéia de estudantes.

Esse debate colocou em trincheira opostas dois grandes vultos da UMG: o Reitor, contra a medida, como já falamos, e o professor da Faculdade de Medicina, Aurélio Pires, a favor, pois não considerava que seria uma capitulação, mas uma atitude sensata e pedagógica, pois ele, por sua experiência no ensino, primário, normal e superior, nunca ficou convencido da eficiência desses exames, chegando a achá-los perniciosos como forma de avaliação de rendimento.

Após longos e calorosos debates entre os oradores, o Conselho votou, por 13 a 9, pela rejeição do Decreto, quando a assistência irrompeu em um incontrolável tumulto, atirando tomates, ovos e até pedras, nos membros vitoriosos, inclusive ferindo o Reitor e atingindo-o com ovos. Segundo consta no depoimento que o inocentou, vendo seu pai, o Reitor, esta sangrando na cabeça, Roberto Mendes Pimentel, temeroso pela sua vida diante da horda que pressionava a todos, sacou da arma e disparou-a ferindo mortamente o universitário de Medicina, José Ferreira Viana, que veio a falecer no dia seguinte, no Hospital das Clínicas. Despertou-se uma comoção popular que, desde o dia anterior havia promovido grande quebra-quebra, incendiando carros institucionais, depredando ruas, o prédio e tentando incendiá-lo.

Para Dias (1997, p. 236), o relato mais dramático e talvez o mais completo desses trágicos episódios, deve-se a Pedro Nava, que trabalhava como médico, ao lado, no Centro de Saúde, mas diante da proporção do evento foi ao local para testemunhar não só um estranho comportamento de um sr. Mário Morato Osório, comandante de

um batalhão de voluntários para a Revolução que já deveria, naquelas alturas, estar desmobilizado, mas "a deplorar as três grandes vítimas deste triste episódio: a própria Universidade, o infeliz estudante e o Reitor". Imediatamente ao episódio, Mendes Pimentel renunciou aos cargos de Reitor e Diretor Faculdade de Direito, mudou-se com a família, para nunca mais voltar, para o Rio de Janeiro, onde foi muito reconhecido e sua sapiência solicitada em diversos cargos superiores, até lá falecer em 1957, com mais de 80 anos. Com o final da autonomia, a proposta de federalização da Universidade, seguindo um modelo, no caso a UB, a proposta da Cidade Universitária no campus de Lourdes/Santo Agostinho foi definitivamente esquecida.

Em 1935 iniciou-se, na reforma da URJ, a discussão para transformá-la na Universidade do Brasil, padrão para todas outras criadas e a serem criadas, com exceção da de Ouro Preto/MG. Entre 1935 e 1938, foram discutidos qual seria o local ideal para o campus desta nova Universidade e renomados arquitetos foram chamados. Ainda em 1935, o arquiteto italiano, Marcello Piacentini, com uma arquitetura de evocação fascista, convidado por Gustavo Capanema, faz uma proposta baseada no seu projeto para a Universidade de Roma, um grande campus universitário na Quinta da Boa Vista, que envolveria até o Palácio Imperial, já Museu de Nacional. Lúcio Costa, em 1936, propõe a construção sobre a Lagoa Rodrigo de Freitas. No mesmo ano, o mestre francês Le Corbusier, já consultor para o icônico e revolucionário prédio modernista do então Ministério da Saúde e Educação, inaugurado em 1935, propôs um edifício viaduto inserido no centro urbano da cidade. No entanto nenhuma dessas ideias vingou. A partir de 1937, a área preferencial passa a ser a ilha em torno da ilha de Governador, que com o aterramento entre ela e suas fusões, passa a ser conhecida com ilha do Fundão. Fato é que, só em 1945, se definiu como sendo alí o local e em 1949 se iniciaram as construções da Cidade Universitária, projetada por grandes arquitetos modernistas brasileiros, entre eles Jorge Machado Moreira, que projetou o prédio da Reitoria e Escola de Arquitetura, projeto premiado na IV Bienal de São Paulo, em 1947, que só veio ser efetivamente inaugurado em 1970:

(...) com o interesse do Governo Militar em transferir para a área de conhecimento de ciência e tecnologia e área da saúde, criação do Hospital Universitário, num projeto desenvolvimentista da indústria nacional e produção de energia e esvaziar as pressões de alunos exedentes nos vestibulares de medicina." (VILARINHOS, 2007, p. 137)

Enquanto isso, após os graves incidentes em novembro de 1930 e a renúncia de Pimentel, a UMG tentava se reorganizar e num interregno de alguns meses sob a direção interina de Mário Casassanta, foi eleito o segundo reitor efetivo, Lúcio José do Santos (1875-1944), um ilustre engenheiro, humanista com largo círculo de influência, particularmente entre os católicos, tanto em Belo Horizonte como noutros centros. Era ainda autor de um clássico de nossa historiografia: *A inconfidência Mineira*", foi nomeado pelo presidente Olegário Maciel em 18 de maio de 1931 e ficou até 1933. (DIAS, 1997, p. 252)

Antes, em 14 de novembro de 1930, portanto no auge da crise, por Decreto de nº 19.402, foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública sendo o primeiro titular Francisco Campos. Em 11 de abril de 1931, o Decreto nº 19.851 criou o Estatuto das Universidades Brasileiras, que entre outras questões preconizava no artigo 7º que "a organização administrativa e didática de qualquer universidade será instituída em estatutos, aprovados pelo Ministro da Educação e Saúde Pública e só podem ser modificados por propostas do Conselho Universitário ao mesmo Ministro devendo ser ouvido o Conselho Nacional de Educação." Também da mesma data, o Decreto 19.852, reorganizou a URJ na perspectiva de sua transformação na Universidade do Brasil-UB". Para Minas Gerais, a reforma de Francisco Campos foi muito frustrante, provocando, inclusive, passeatas dos estudantes pelas ruas de Belo Horizonte, pois acabava com a autonomia da Universidade, centralizando rigidamente o ensino sob o comando do governo federal.

Em síntese, a Reforma Francisco Campos, surgida no contexto de um regime forte que se instalava, desincentivou e paralisou o movimento de constituição de um sistema universitário baseado em um comunidade científica organizada de forma autônoma, que estava em processo de

gestação a partir dos grupos mais ativos da Academia de Ciências, particularmente, da Associação Brasileira de Educação²⁵.

Lúcio dos Santos sempre manifestou sua preferência pelo sistema universitário estadunidense, desde quando, em fevereiro de 1930, indicado pelo Reitor Mendes Pimentel, representou a UMG no Congresso Inter-Americano de Reitores, Decanos e Educadores, em Havana, Cuba, que comemorava o bicentenário da Universidade de Havana e, aproveitando a viagem, estabeleceu intercâmbios com os outros estabelecimentos de ensino superior das Américas. De Havana viajou para os Estados Unidos, viagem da qual resultou um longo e rico relatório, onde escreve um ensaio bem documentado, inclusive com fotos, sobre as universidades, desde sua origem medieval, à tradição do ensino superior nas Américas e no Brasil e à instituição da UMG. Visitou nos Estados Unidos doze universidades, entre elas o *Massachusetts Institut of Tecnology*-MIT.

Em primeiro lugar, aconselho a adoção do tipo norte-americano, por ser o que melhor satisfas as condições e necessidades do país.... Pelo motivos já expedidos, não nos convém o tipo clássico, do qual, aliás estamos mais afastados do que do tipo americano, e nem nos devemos limitar ao ensino meramente técnico e profissional. (SANTOS, 1930, p. 145)

Nas realidade, num traço típico de "mineiridade", ele tenta uma conciliação dos dois tipos de ensinamentos. Desde o início, Lúcio Santos procurou resolver os problemas da Universidade: financeiros, rescindiu o contrato com o engenheiro Eduardo Pederneiras, para a construção da Cidade Universitária e providenciou nova sede para a Reitoria e Biblioteca Central. Propõe ainda melhoria e ampliação dos equipamentos como os que observara nos EUA, "exelente paradigma"; a criação de cursos de extensão ou "cursos populares"; a centralização de orçamento e planejamento das universidades e, como não poderia deixar de ser, a construção da cidade universitária. As sugestões de Santos não puderam ser implantadas,

²⁵ SCHWARTZMAN, Simon. *Formação da comunidade científica no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. *Apud* DIAS, 1997, p. 176.

principalmente pela legislação limitante, centralizadora de Francisco Campos que inibira a universidade mineira.

1. 3 Cidade Universitária Pampulha

1.3.1 Plano Eduardo Pederneiras II

A Revolução de 30, com seu modelo centralizador, sepultou não só a autonomia da UMG mas, principalmente, sua Cidade Universitária em Lourdes/Santo Agostinho, já suspensa com a crise econômica mundial de 1929. Indenizado o autor do projeto, o assunto caiu em absoluto esquecimento, aguardando as definições da transformação da URJ, em Universidade do Brasil, cujo Estatuto seria o padrão deste modelo com inevitáveis repercussões sobre o território universitário. Só em 1935, ensejado pela presença do arquiteto franco-suíço, Le Corbusier, é que se começou a discutir a localização e o modelo do campus da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, que também se arrastou por longos anos para sua construção e ocupação.

No caso da UMG, de certa maneira, os principais cursos, Medicina, Direito e Engenharia, o seu tripé, se achavam bem instalados nos seus belos prédios neoclássicos, em posições bastante estratégicas na malha urbana original, no entorno do principal eixo da capital, Av. Afonso Pena. O primeiro, ao leste, infelizmente em parte subtraída do Parque Municipal; o segundo mais ao centro, no início da Av. João Pinheiro, vetor direto para a praça da Liberdade, em torno da qual foi instalado o poder estadual em seus imponentes palácios, e o terceiro no entorno dessa principal praça da cidade, ao norte, no ponto mais nevralgico da cidade, ao lado da Praça Ruy Barbosa, contígua à praça da Estação Central, lugar de

chegadas e partidas, o epicentro dos maiores acontecimentos sociais/políticos/culturais, como os comícios políticos, onde se destacam o de Luís Carlos Prestes na campanha presidencial de 1945,²⁶ pós Ditadura do Estado Novo, que, segundo jornal da época, reuniu setenta mil pessoas, e o de Lula na campanha presidencial de 1989, também presenciado por dezenas de milhares de pessoas ou os festivais de teatro de rua e os recentes e concorridíssimos blocos de carnavais que ali desaguam.

Todos esses eventos, encimados por um dos mais populares monumentos da cidade, “Monumento à Civilização Mineira”, representado por uma figura atlética, de bronze, de Giulio Starecer, bem ao gosto clássico da época, 1930, em que foi instalada, ocorriam junto ao prédio da Estação Central, construído em 1922, conforme data em seu frontispício. Sem demérito para essa obra, mas para contextualizá-la com o mundo, nesta exata época Le Corbusier construiu na França sua obra que seria o paradigma da arquitetura moderna, Ville Savoy, ao contrário desse prédio, limpa de adornos, janelas ao longo, pilotis, estrutura independente e terraço jardim.

Figura 11 – Vista aérea da Praça da Estação. À direita, Escola de Engenharia, 1960.



Fonte: MHAB/Fundação Municipal da Cultura.

²⁶ Jornal Estado de Minas, 16/10 e 28/11 de 1945, p. 5 e 8.

Figura 12 – Vista aérea da Praça da Estação. Na esquina, a Escola Engenharia.



Fonte: Google heart. Acessado em abril de 2016.

Figura 13 – Inserções dos cursos fundadores da UMG sobre imagem de Belo Horizonte, no Google heart.



Fonte: Google heart. Acessado em abril de 2016.

Figura 14 — Ville Savoy, de Corbusier, em 1925.



Fonte: <http://carnets.parisdescartes.fr/blog/view/89544/architecte-le-corbusier>. Acesso em abril de 2016.

Figura 15 — Vista da Praça Estação, cerca de 1915. Ao fundo, à direita, Escola de Engenharia.



Fonte: MHAB/Fundação Municipal de Cultura.

Figura 16 — Notícia sobre comício de Luis Carlos Prestes na Praça da Estação/BH, 1945.

ESTADO DE MINAS — Terça-feira, 16 de Outubro de 1945

COMICIO MINAS GERAIS A LUIZ CARLOS PRESTES

Como transcorreu o "meetin g" de domingo na Capital — Os discursos pronunciados pelo lider comunista e pelos oradores que o saudaram

Aspecto do comício comunista do domingo na Capital

Por ocasião da tarde de domingo, na capital, o comício "Minas Gerais a Luiz Carlos Prestes", tendo por tema a **União das Forças Democráticas**, realizado na Praça da Estação, contou com a presença de milhares de ouvintes, dos bairros e vilas da capital, na qual concluiu-se entusiasmado.

O Sr. C. de, após breve, dirigida e imbuída de ardor, falou sobre a situação política atual, realçando a importância da unidade brasileira que de que precisamos e temos.

Enfim, a palavra foi entregue ao Sr. Luiz Carlos Prestes, que fez um discurso de grande importância e de grande repercussão.

Em seu discurso, o Sr. Prestes, ressaltando a importância da unidade brasileira, falou sobre a situação política atual, realçando a importância da unidade brasileira que de que precisamos e temos.

A tarde, foi acompanhado por um grupo de milhares de ouvintes.

Logo, após breve, dirigida e imbuída de ardor, falou sobre a situação política atual, realçando a importância da unidade brasileira que de que precisamos e temos.

Combata o Reumatismo Enquanto Dorme

De V. sobre de dormir apóia-se suas articulações estão fortalecidas, isso ocorre com Cystex no tratamento do reumatismo, artrite, gota e osteoartrite.

Cystex no tratamento do CISTITE, PROSTITIS e URETRITE.

Reúne-se hoje o Centro do Comercio e Produção

Realizar-se-á hoje, terça-feira, mais uma reunião semanal do Centro de Comercio e Produção da Minas Gerais, com o Sr. Luiz Carlos Prestes, presidente do Conselho de Administração de Minas Gerais.

Esta reunião tem por finalidade a discussão de assuntos de interesse da entidade.

FARMACIA AMERICANA LTDA.

DROGARIA MATRIZ
R. DA BAÍA, 924
TEL. 2-3319

FILIAL
AV. AF. PEÑA, 572
TEL. 2-2525

OS MELHORES PREÇOS

Como ser FORTE, SAUDAVEL, FELIZ!

Desde a infância desejamos de ser fortes e felizes; isso acontece naturalmente a medida de nos manter a que V. pode e consegue com o YINOL. Este produto é a solução para quem deseja ser forte e feliz. Ele contém vitaminas e sais minerais essenciais para a saúde e a disposição física e mental.

MOTORES ELETRICOS

NACIONAIS OU ESTRANGEIROS
TRIFASICOS-MONOFASICOS

ELETRIMAC

RUA SUPRABANDA, 222 - 4º ANDAR

Yinol

Fonte: Jornal Estado de Minas, 16/10/1945.

Figura 17 – Praça da Estação no Carnaval de 2013.



Fonte: www.otempo.com.br/carnaval 2013.

A reitoria seguia instalada provisoriamente, de favor, contraditório ao discurso de autonomia e independência da Universidade, na Escola de Direito, e mais tarde no prédio da Sociedade Mineira de Agricultura, na rua Guajajaras, centro. Enquanto isso novos estabelecimentos de ensino superior iam sendo criados na cidade, com destaque, em 1930, da Escola de Arquitetura, a primeira do país criada com este fim precípua, pois as outros mesmos cursos fizeram parte ou das escolas de Belas Artes, como no Rio de Janeiro, ou das escolas politécnicas, como em São Paulo. Ao contrário das anteriores unidades acadêmicas da UMG, a Escola de Arquitetura teve suas primeiras instalações precárias, inicialmente numa pequena construção no Parque Municipal e depois em prédio próprio, num mercadinho, no mesmo local onde hoje se encontra seu icônico prédio modernista. Em 1932 foi criada a Escola de Veterinária; 1933 a Escola de Enfermagem; 1939 a Faculdade de Filosofia e, 1941 a faculdade de Ciências Econômicas.

Nesse período, o projeto da Cidade Universitária teve idas e vindas, chegando a se pensar sua localização em torno da Faculdade de Medicina, em mais área desmembrada do parque Municipal. A partir de 1940, nomeado pelo Interventor do Estado, Benedito Valadares como prefeito da capital, Juscelino Kubitschek que havia participado em 1927, recém formado, da criação da Associação Mineira de Universitários, e já vislumbrando o potencial turístico e de crescimento da região da

Pampulha, pensou para ali o local ideal para a cidade universitária: amplo e barato terreno. Em 18 de junho de 1942, sob o Decreto nº 2.058, Valadares desapropria parte da Fazenda Dalva, naquela região, para esse propósito. Naquela mesma época eram inaugurados o Cassino e a Casa do Baile, parte do complexo arquitetônico turístico da Pampulha, que definitivamente revolucionou a arquitetura moderna nacional e internacional. Em 1944, a Escola de Arquitetura é incorporada à UMG e inicia seu projeto, de autoria do arquiteto, integralmente dentro da lavra modernista, Sheakspeare Gomes, formado na Escola em 1937, com a colaboração do recém formado e jovem, arquiteto, Eduardo Mendes Guimarães Júnior.

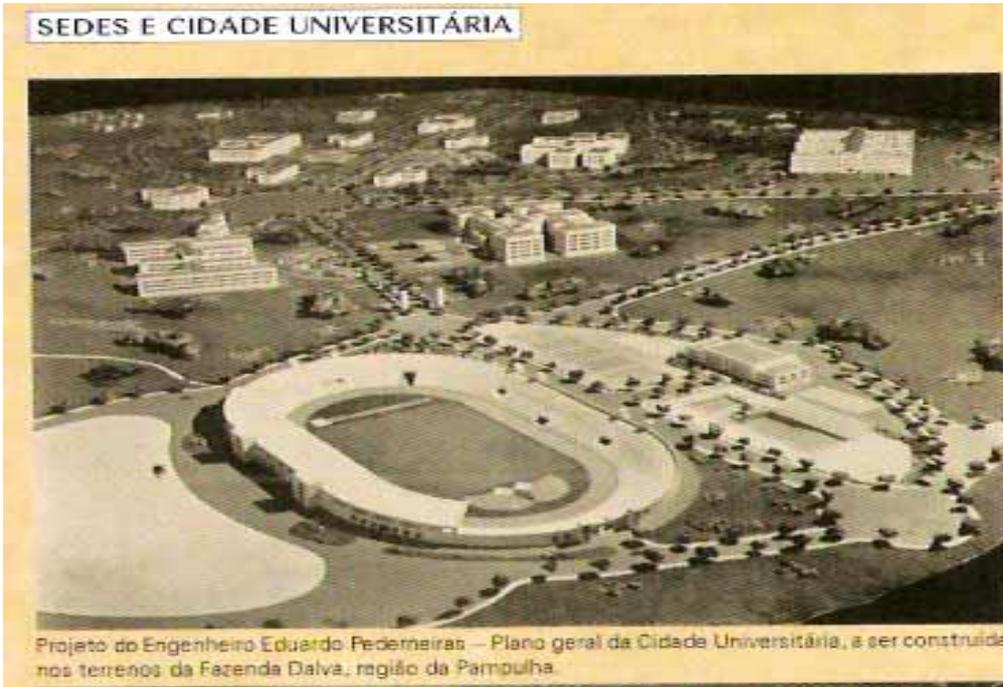
No entanto, com as idas e vindas da discussão sobre o local da Cidade Universitária, em 1945, o Estado propõe instalá-la na Gameleira, idéia que não vai muito para frente, pois em 1946, no dia 11 de junho, início de reitorado de Manoel Pires Carvalho de Albuquerque, o Decreto nº 1.759 autoriza serviços de terraplanagem e infraestrutura da Cidade Universitária. Imediatamente, em 1947 o Decreto nº 2.086, de 13 de março, do Governo Estadual, doa à UMG o terreno da Fazenda Dalva e, em 9 de dezembro, com pompa e circunstância a maquete da Cidade Universitária em estilo neoclássico projetado pelo arquiteto Eduardo Pederneiras, que novamente fora chamado, é apresentada para o Conselho Universitário, imprensa e a população na Cia. de Força e Luz da capital, no centro da cidade.

Figura 18 — Pederneiras, penúltimo à esquerda, apresenta a maquete da Cidade Universitária às autoridades. Reitor Albuquerque, o primeiro à direita, em 1947.



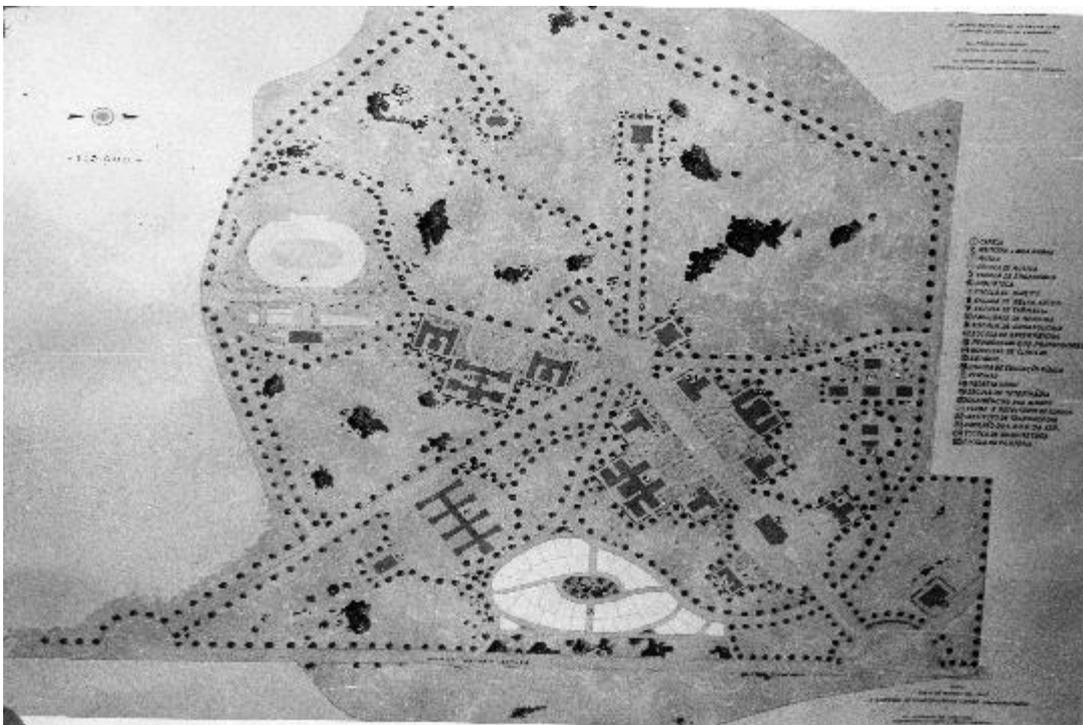
Fonte: DPP/UFMG.

Figura 19 – Maquete da Cidade Universitária Pampulha, projeto de Eduardo Pederneiras, em 1947.



Fonte: DPP/UFMG.

Figura 20 – Planta da Cidade Universitária Pampulha, projeto de Eduardo Pederneiras, em 1947.



Fonte: DPP/UFMG.

Figura 21 – Fachadas dos edifícios no Campus Pampulha, projeto de Eduardo Pederneiras, em 1947.



Fonte: DPP/ UFMG.

Precisamente em 1947, é apresentado o projeto modernista da Escola de Arquitetura, de Sheakspeare Gomes, sendo este fato o motivo do Instituto dos Arquitetos do Brasil-IAB, sob a reconhecida liderança do jovem arquiteto Eduardo Mendes Guimarães Júnior, contando com qualificados nomes como Sylvio de Vasconcellos, Cuno Lucy, Rafael Hardy Filho, o próprio Sheakspeare Gomes, iniciou-se uma ferrenha campanha contra o anacrônico Plano Pederneiras, notoriamente extemporâneo, de feições neoclassicas, no seu urbanismo e na sua arquitetura, como consta no “Manifesto” que longe de ser um documento panfletário, é um volumoso e detalhado estudo produzido pelos excepcionais arquitetos.

Figura 22 – Escola de Arquitetura da UFMG, inaugurada em 1954.



Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia-A&E. 1954, p. 01.

Em 1949, sob a reitoria de Otávio Coelho Magalhães, a Lei nº 971, de 12 de dezembro, federaliza as universidades estaduais e, no mesmo ano, é criada a Faculdade de Filosofia-FAFICH, que passou a funcionar no Colégio Marconi. Em 1950, inicia-se a construção do atual complexo de prédio da Faculdade de Medicina e do Hospital das Clínicas.

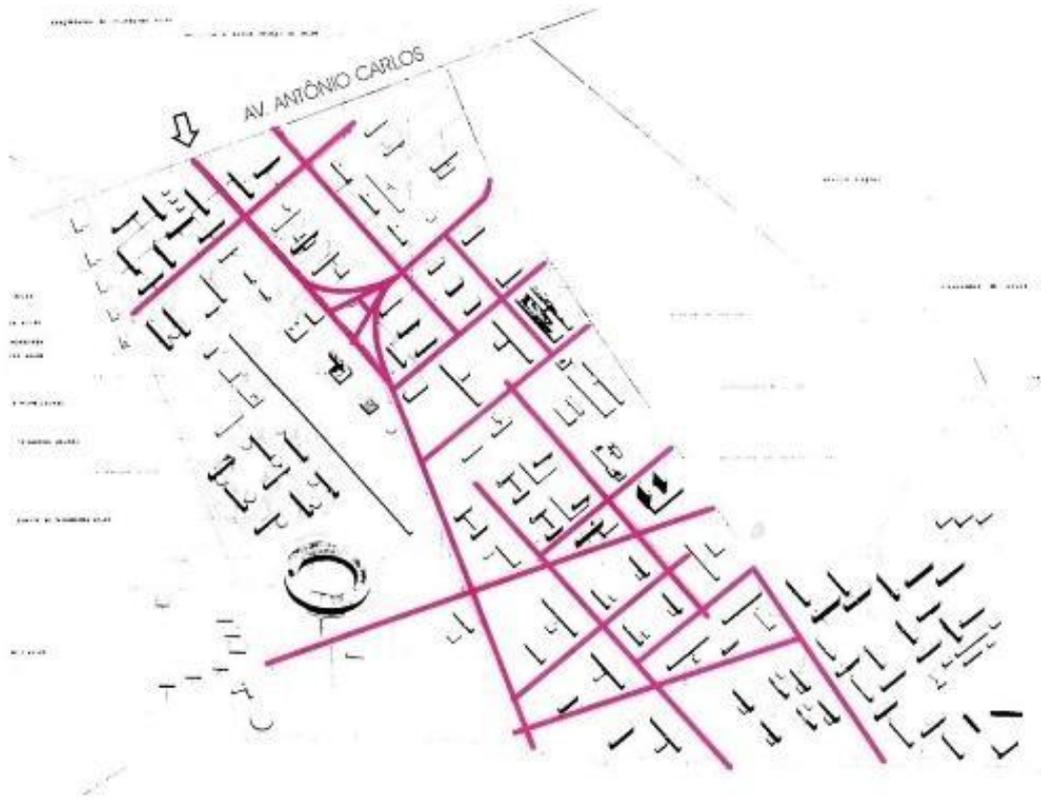
Em 1951, o volumoso e detalhado documento, o Manifesto do IAB, resultado da campanha contra o Plano Pederneiras é lançado, o que motivou o parecer de uma banca externa, onde contava o renomado arquiteto Vital Brasil, precursor do modernismo brasileiro, que concordou com tal documento. Em 1952, é incorporado à UMG o galpão do Instituto de Pesquisas Radiotivas-IPR, adquirido o Ginásio Municipal Carangolense, uma construção do início da cidade, que veio a ser conhecida como Coleginho, no bairro Santo Antônio, zona sul, e terreno adjacentes, para a futura sede da FAFICH.

1.3.2 Plano Eduardo Guimarães Júnior, 1956

Mais uma vez cancelado o projeto de Pederneiras, em 1956, tendo como reitor Lincoln Prates, é criado o Escritório Técnico-ET da Cidade Universitária, coordenado por Eduardo Guimarães Júnior, que no mesmo ano projetou o prédio da Reitoria, com a colaboração do arquitetos Gaspar Garreto e Ítalo Piezuti, e os galpões dos almoxarifados e escritórios das obras da Cidade. Mais tarde descobriu-se que uma construção nas mediações e abaixo da Faculdade de Educação, o antigo Colégio Universitário e que funciona desde muito como um anexo da Faculdade, hoje restaurado para um grupo de pesquisa é o primeiro prédio da Cidade Universitária, construído para ser a sede deste ET. Em 1957, é concluído o plano da Cidade Universitária, que chamaremos de “Plano Eduardo Guimarães Júnior”, e do projeto da FAFICH no bairro Santo Antônio, numa evidente contradição do esforço de se construir um campus universitário.

Esse plano urbanístico da Cidade é nitidamente de orientação modernista, com avenidas largas e lineares cruzando-se no território e ruas perpendiculares formando as quadras das instalações de ensino, pesquisa, moradia, serviços, esportivas e lazer. Em 1958, o arquiteto Eduardo Guimarães Júnior inicia o projeto do Estádio Mineirão. Em 1959, inicia-se a construção da Unidade Residencial I, da Cidade Universitária, também projeto de Guimarães Júnior. Este prédio acabou sendo a instalação, mais tarde, da Prefeitura da UFMG, da Biblioteconomia, da Fisioterapia e Terapia Ocupacional e da Geologia. Atualmente esse edifício é inteiramente ocupado pela Fundação do Desenvolvimento da Pesquisa, FUNDEP/UFMG.

Figura 23 — Planta do “Plano Eduardo Guimarães Júnior” para a Cidade Universitária e sistema viário.



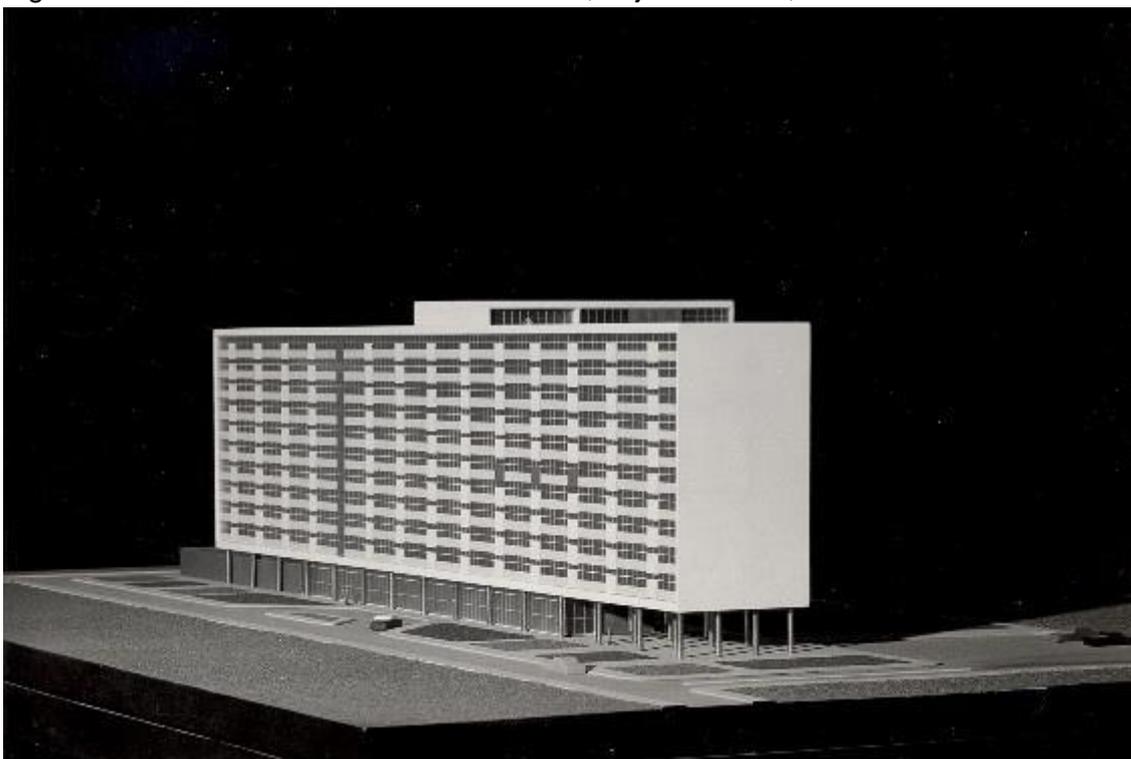
Fonte: DPP/UFMG.

Figura 24 — Eduardo Mendes Guimarães Júnior apresenta o Plano Diretor da Cidade Universitária Pampulha, 1957. De óculos e perfil o Reitor Bonzon.



Fonte:DPP/UFMG.

Figura 25 – Prédio da Unidade Residencial I, hoje FUNDEP, construído em 1959.



Fonte: DPP/FUFMG

O Plano Eduardo Guimarães Júnior, concomitante ao plano vencedor de Brasília trazem muita similaridade, por serem da lavra moderna corbusiana, com sua valorização da circulação de autos nas suas vias retilíneas velozes que cortam o território universitário, até mesmo um viaduto que passaria sob o pórtico do pilotis do prédio da Reitoria que domina o território num promontório, como o prédio do Cassino, hoje Museu de Arte, na lagoa da Pampulha, além das divisões claras de usos e funções em núcleos assemelhados às super quadras entre amplos gramados, conectados por artérias locais à estas vias.

O ano de 1960 se inicia com a inauguração na cidade da FAFICH e da Faculdade de Farmáciano, no bairro Cidade Jardim e, no Campus, com o Instituto de Eletromecânica, da Escola de Engenharia. Em 1961, ocorre um fato muito importante para a ocupação da Cidade Universitária, a incorporação à UMG da Escola de Veterinária.

CAPÍTULO 2. CONSOLIDAÇÃO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA: PAMPULHA — MODERNISMO

2.1 A Reitoria e os primeiros prédios modulares

Na análise da implantação do Campus Pampulha, destacamos o prédio da Reitoria, pois é a primeira construção de vulto e o principal marco da ocupação deste. Marco da arquitetura moderna, projetado ainda na primeira metade dos anos de 1950, foi inaugurado em 1962, sob administração do Reitor Orlando Magalhães de Carvalho e a presença do presidente João Goulart, com apenas três pavimentos já construídos. O saguão foi aberto com uma exposição de obras de celebrados artistas²⁷ que retratavam 350 anos de pintura no Brasil. De autoria dos arquitetos Eduardo Mendes Guimarães Júnior e Gaspar Garreto, trata-se de inegável ícone da arquitetura moderna mineira e brasileira, com vários de seus postulados: altos pilotis; estrutura clara em formas geométricas puras; aspecto plástico sem adornos; fachadas envidraçadas; integração de jardins, paisagismo e obras de artes ao prédio; e, uso de cobogós,²⁸ especialmente desenhados por Guimarães Júnior, que será um elemento alinhavador de todas obras do Campus até o ano 2000.

O edifício encontra-se estrategicamente implantado em um grande largo ao final da principal avenida do *campus*, hoje nomeada Prof. Mendes Pimentel, sobre platô elevado em relação a esta avenida e domina todo o panorama, com sua imponente altura de sete pavimentos. O edifício modernista, ao se destacar por ser uma edificação vertical, implantada estrategicamente, resgata a dimensão simbólica

²⁷ Ver: <https://www.ufmg.br/noticiasnº17122003>. Acesso em março de 2016.

²⁸ Elementos de vedação vazados que permitem a entrada de luz e ventilação, de inúmeros modelos, tamanhos e formas, muito usado na arquitetura modernista brasileira. Segundo o arquiteto Vitor Delaqua (<http://www.archdaily.com.br/br/author/victor-delaqua>) entre outros estudiosos, é um elemento construtivo tipicamente brasileiro, inventado em Recife nos anos 1920 e difundido no Brasil pelo arquiteto Lucio Costa.

demonstrando, na sua imponência perante as demais construções, que é a sede da instituição. É cercado por jardins, um grande espelho d'água e extensos gramados, onde desde sempre ocorrem atividades públicas. Seus robustos pilotis externos, em “V”, com pé-direito triplo, produzem um majestoso pórtico enquadrando e integrando o prédio à paisagem circundante refletida nas paredes de vidros do prédio.

Figura 26 – Estrutura do prédio da Reitoria, em 1956.



Fonte: Acervo DPP/UFMG.

Figura 27 – Cobogó padrão UFMG, criado em 1956.



Fonte: Foto de E. F. Soares, 2016.

Figura 28 — Vista da Reitoria, na década de 1970. Ao fundo o estádio "Mineirão" projetado também por Eduardo Mendes Guimarães Júnior e Gaspar Garreto, em 1958.



Fig. Acervo Fonte: DPP/UFMG

Figura 29 — Vista aérea do prédio da Reitoria/UFMG, cerca 2000.



Fonte: Acervo CEDECOM/UFMG.
Figura 30 — . Lago do prédio da Reitoria.



Fonte: Foto de E. F. Soares, 2016.

No seu lado direito, na larga escadaria que une os dois arborizados estacionamentos, ocorrem as principais assembleias do corpo técnico e

administrativo da Universidade, o que levou tal categoria a batizar o local com o nome de Praça Tiãozinho, homenagem a Sebastião Feliciano Ferreira, um funcionário morto durante uma manifestação na grande greve das universidades federais, em 1984.

Figura 31 — Placa da Praça "Tiãozinho", na escadaria da Reitoria.



Fonte: Foto de E.F. Soares, 2016.

Figura 32 — Assembleia na escadaria da Reitoria, 2015.



Fonte: Acervo SINDIFES.

Esteticamente, a proposta do edifício pretendia equacionar a representação de uma edificação que fosse um forte marco monumental e, ao mesmo tempo, uma escala que não inibisse as pessoas que por ali transitavam e exerciam suas funções. Guimarães descreve sua criação como:

Dois grandes blocos – o primeiro horizontal e compreendendo o grande hall de entrada, salões de exposições, pequeno auditório e serviços diversos, e o segundo desenvolvido verticalmente, destinado a conter serviços administrativos propriamente. (GUIMARÃES JÚNIOR, 1957, p.9.)

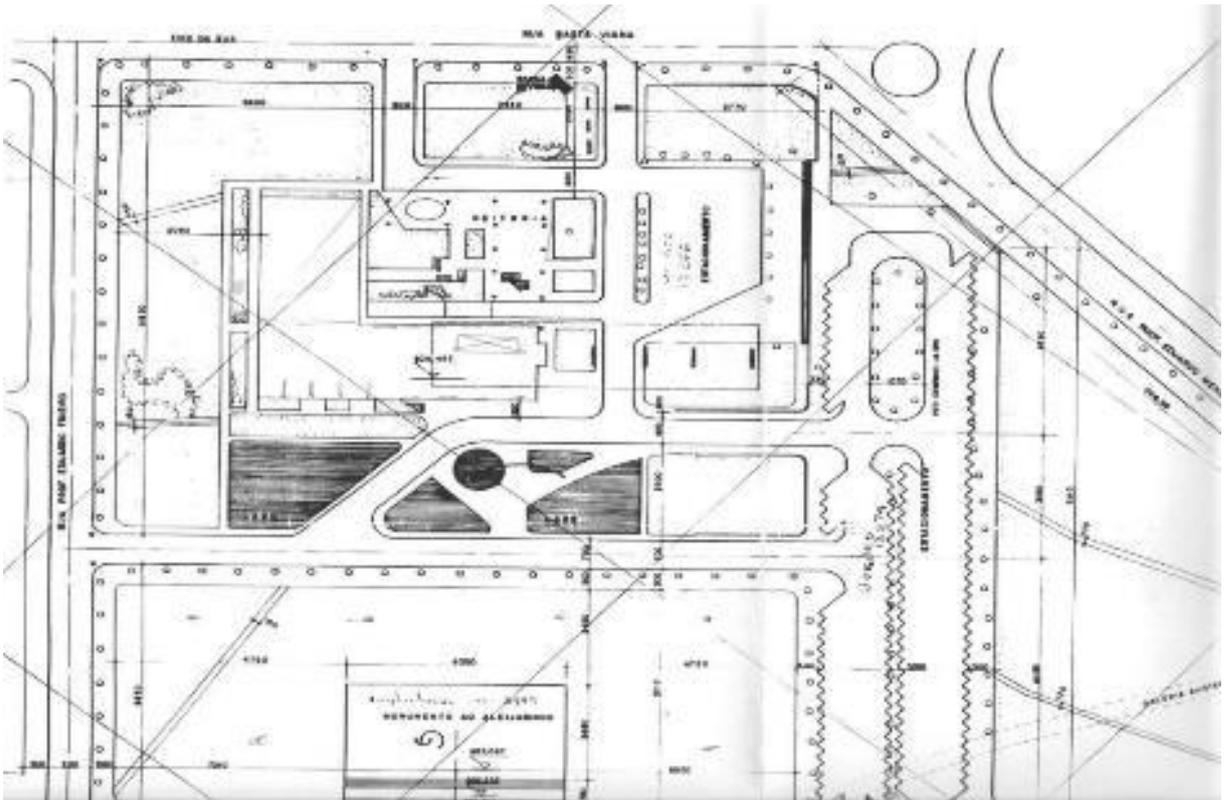
Desta forma, a escala humana seria percebida através do bloco horizontal que teria o papel de definir a entrada e o contato do grande público. Seu funcionamento é notoriamente marcado pelas hierarquias de acessos, espaços coletivos e privados, e fachadas que induzem seu uso pela comunidade, nas mais diversas situações e eventos dos mais diversos portes. Todos esses espaços do térreo são conectados entre si pôr um pátio interno, quadrado, bem dentro da sintaxe de nossa arquitetura colonial, recuperada pela arquitetura modernista.

Figura 33 – Pátio da Reitoria, com o cobogó padrão UFMG.



Fonte: Foto de E. F. Soares, 2016.

Figura 34 – Planta térreo e pilotis da Reitoria da UFMG, de 1956.



Fonte: Acervo DPP/UFMG.

Figura 35 – Escultura “Ao Aleijadinho”, de Sylvio de Vasconcelos, criada em 1967.



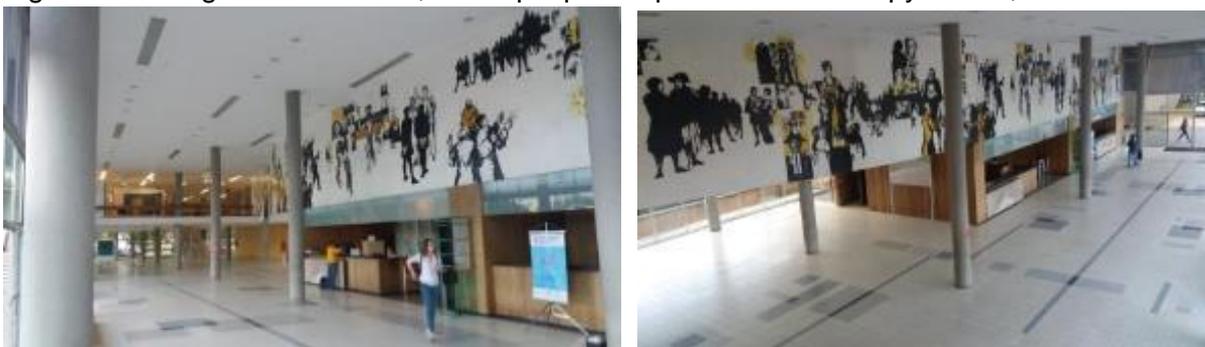
Fonte: Acervo DPP/UFMG.

Sua entrada nobre é conectada à avenida por um lago artificial e um imenso gramado ligeiramente inclinado para acomodações do público por ocasião dos eventos que ocorrem no platô calçado, mais abaixo, onde se encontra a uma

marcante escultura, "Monumento ao Aleijadinho", criada pelo renomado arquiteto Sylvio de Vasconcellos.²⁹

No grande saguão de entrada, de pé-direito duplo, encontram-se a portaria principal, o salão de exposições, o mezanino, a entrada para o Auditório – com capacidade para 350 pessoas –, e um grande painel da pintora modernista mineira Yara Tupynambá, "A Inconfidência Mineira". São nesses nobres espaços que ocorrem as mais importantes atividades públicas/acadêmicas/políticas/culturais/sociabilidade institucionais.

Figura 36 – Saguão da Reitoria, destaque para o painel de Yara Tupynambá, de 1967.



Fonte: Foto de E. F. Soares, 2016.

Ao longo dos anos, a edificação passou por diversas interferências que alteraram significativamente o seu uso e perfil originais. Na década de 1970 houve instalação em seus pilotis de agências bancárias e atualmente setores administrativos da UFMG. Na década de 1980 foi instalada escada de incêndio por exigência do Corpo de Bombeiros e brises diferentes dos originalmente projetados. Na década de 1990 eliminaram-se restaurante e cantina para a instalação de setores administrativos e houve alteração da volumetria do bloco horizontal pela instalação de laje impermeabilizada. Estas modificações se mostraram um equívoco, não apenas por mutilar uma imagem, mas

²⁹ Sylvio de Vasconcellos (1916-1979), foi arquiteto e historiador mineiro, considerado um dos mestres e precursores da arquitetura modernista brasileira. Renomado e premiado estudioso da arquitetura colonial mineira, foi chefe da Coordenadoria Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em Minas Gerais, entre 1939 e 1969, e Diretor da Escola de Arquitetura da UFMG, entre 1963 e 1964, quando foi afastado pelo Governo Militar. A partir de 1970, se exilou em Washington, EUA, onde veio a falecer.

também o pleno e desejado funcionamento do prédio, no caso com a exclusão do restaurante/cantina.

Figura 37 — Pilotis da Reitoria.



Fonte: Foto de E. F. Soares, 2006.

Figura 38 — Escada de incêndio da Reitoria.

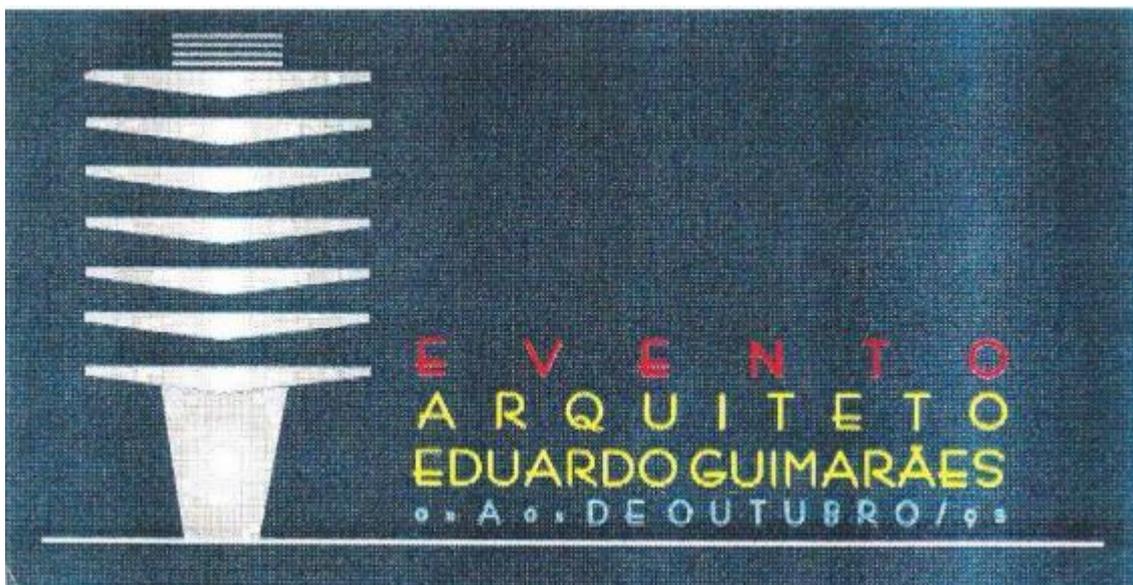


Fonte: Foto de E. F. Soares, 2006.

Conforme já exposto, a edificação se insere no coração do Campus com maior densidade predial e populacional, numa posição de destaque e de total integração com o meio ambiente construído e natural. Com relação à malha urbana da cidade, na Zona Norte onde se situa, se nos primórdios da implantação do Campus era isolado da cidade, hoje se encontra inteiramente envolvido por ela.

O valor e a importância de tal obra são comprovados pelo tombamento municipal em 2003 com inscrição nos três livros do Tombo: livro do Tombo Histórico; livro do Tombo das Belas Artes e livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico. Com esse tombamento, o prédio da Reitoria passa a ter o mesmo *status* de outras edificações da Pampulha, como o Mineirão e a Igrejinha São Francisco, por exemplo. Em meados dos anos 1990, por ocasião dos 75 anos de seu nascimento, tentamos, como técnico do planejamento da universidade, fazer uma homenagem ao arquiteto Eduardo Mendes Guimarães Júnior e aos antigos desenhistas do Escritório Técnico, Teixeira e Sétimo, exímios profissionais que o acompanharam, num grande evento, no entanto a Reitoria não se entusiasmou.

Figura 39 — Cartaz criado para Evento em homenagem a Eduardo Mendes Guimarães Júnior, que não aconteceu, em 1995.



Fonte: Acervo do autor.

Em 1965, com a federalização das universidades federais do país, a Universidade de Minas Gerais passa a ser denominada Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG. Nesse mesmo ano são inaugurados o Mineirão e o Colégio Universitário, atual Faculdade de Educação-FaE. Em 1966 inaugura-se o Pavilhão Central de Aulas-PCA do ICEXe o prédio do Departamento de Química. Nestes últimos prédios, Guimarães Júnior inicia a experiência de construção mais racional, modulada, semi pré-moldada, que se repete no ano seguinte, em 1967, no Restaurante Setorial I, no prédio do grupo de Tório do Instituto de Pesquisas Radioativa. Agora, já no reitorado de Gerson de Brito Mello Bonzon, que substitui Aloísio Pimenta, exonerado pelo Governo Militar durante o período de intervenção militar na Universidade. Em 1968, é publicado o Plano Paisagístico do Campus Pampulha, de Waldemar Cordeiro e falece Eduardo Mendes Guimarães Júnior. É o fim de uma era de autoria quase única dos projetos para a Cidade Universitária, que já começa a ser tratada como *campus* Pampulha, cujo planejamento passa a ser feito por uma equipe de arquitetos e pensadores. No entanto, nessa transição é contratado o arquiteto Márcio Pinto de Barros, na época formado a pouco tempo, que já inicia sua participação projetando os prédios para o Instituto de Pesquisa radioativa-IPR, dando continuidade à uma concepção mais racionalista, modulada, sendo o primeiro a utilizar o sistema construtivo em grelhas moduladas, reticuladas, quadradas.

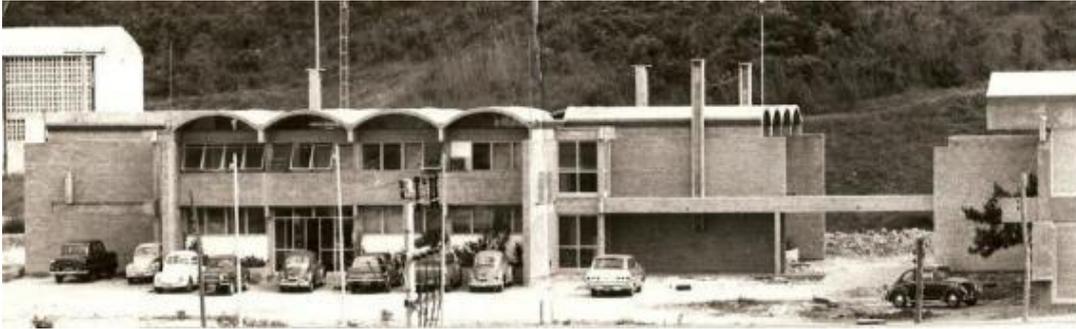
2.2. Transição: Arquiteto Marcio Pinto de Barros e criação do Departamento de Planejamento Físico-DPF, 1968

Com o falecimento de Guimarães Júnior, se encerra a fase dos projetos autorais e o processo de projetos passa a ser coletivo, pelo menos ao nível de conceituação. Essa fase se inicia logo no alvorecer dos anos de 1970, com a vigência declarada da Ditadura Militar através do AI-5.

Como foi dito, o arquiteto Márcio Pinto de Barros, é contratado pelo próprio Eduardo Guimarães para auxiliá-lo na fase aguda de sua enfermidade, que o levou à morte em 1968. É a partir daí que começa a surgir uma rica experiência com vários sistemas estruturais construtivos, que vigorou até recentemente nos prédios do campus Pampulha. O primeiro prédio projetado por Márcio Pinto foi o do Rádio Isótopos, no antigo Instituto de Pesquisas Radioativas-IPR, hoje Centro Nacional de Energia Nuclear-CNEN, antes da Ditadura de 1964 subtraí-lo da UFMG e entregá-lo ao Ministério das Ciências e Tecnologias, visto que, o domínio da energia nuclear envolvia questões de segurança nacional. Esse projeto, que segundo o arquiteto Barros, chegou a ser examinado e aprovado por Guimarães, deveu seu sucesso à sua simplicidade e clareza de solução, ainda sob a ótica modernista, com um vernáculo pátio interno rodeado por uma estrutura de concreto, paredes de tijolos aparentes e uma ondulada cobertura em forma de abóbadas pré-moldadas. Essas características produziram um prédio com agradável ambiente e qualidade plástica.

A partir daí, Márcio Barros é incorporado à equipe de do Departamento de Planejamento Físico-DPF, que estava se constituindo em substituição ao Escritório Técnico, e projeta o prédio da Escola de Belas Artes-EBA, inaugurado em 1972, cujo modelo estrutural tipo estrado de concreto foi usado posteriormente nos prédios do Centro Pedagógico; Instituto de Ciências Biológicas-ICB e Escola de Veterinária.

Figura 40 – Fachada prédio Rádio Isótopos-IPR, 1968.



Fonte: Acervo DPP/UFMG.

Figura 41 — Pátio do prédio Rádio Isótopos, atual Centro Nacional de Energia Nuclear-CNEN.



Fonte: Foto de E.F. Soares, 2016.

Figura 42 — Fachada do prédio Rádio Isótopos/CNEM.



Fonte: Foto de E.F. Soares, 2016.

Figura 43 — Escola de Belas Artes, inaugurado em 1972.



Fonte: Acervo DPP/UFMG.

Logo após o projeto da EBA, influenciado pelo prédio do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais-BDMG, um dos ícones da moderna arquitetura mineira e de cuja equipe que o projetou fez parte, o arquiteto Márcio Pinto, já na ótica “estruturalista”, elaborou o projeto para o prédio do Laboratório de Testes de Componentes-LTC, ainda no antigo instituto de Pesquisas Radioativas-IPR, que é uma estrutura de concreto aparente modulada em grelha de 124cm por 124cm, com vedação em tijolos aparentes, divisórias em painéis duplo de amianto com enchimento de fibra de vidro, montantes em chapa dobrada, que perduram até hoje com ótimo desempenho, e com um pátio interno, onde se encontra uma escada de concreto aparente que conecta os quatro pavimentos do prédio, coberto por uma pérgula com a mesma malha estrutural de concreto aparente que forma toda a cobertura, resultando em um espaço elogiado tanto por sua estética quanto sua ambiência. Barros ainda projetou os prédios das oficinas e o de Serviços de Aparelhamento Radioativo.

Figura 44 — Pátio interno do prédio IPR/CDTN, inaugurado em 1972.



Fonte: Foto E. F. Soares 2016.

Figura 45 – Prédio das Oficinas de Manutenções, inaugurado em 1973.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Figura 46 – Em primeiro plano prédio de tratamento Material Radioativo, projeto de Barros, de 1970. À direita prédio do Grupo Tório, adiante o Departamento de Química, e ao fundo o Pavilhão Central de Aulas. À direita o Colégio Técnico-COLTEC. Mais ao fundo, no alto, o restaurante Setorial I e o Colégio Universitário, todos de Guimarães Júnior e Garreto, construídos entre 1965 e 1967.



Fonte: Acervo M.P. de Barros, 1971.

Mesmo se desligando da equipe, em 1975, para juntar-se à iniciativa privada, Márcio Barros deixou concluído o sistema estrutural que constituiu e influenciou os prédios do Departamento de Física; Escola de Educação Física; Instituto de Geociências, Faculdade de Letras; Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; Escola de Ciência da Informação e o novo Instituto de Ciências Exatas.

Após a morte de Guimarães Júnior se inicia o procedimento do planejamento da Cidade Universitária, agora Campus Universitário Pampulha, por uma equipe de profissionais da área, estruturada na Departamento de Planejamento Físico-DPF, coordenado pelo arquiteto Alípio Castelo Branco, vinculado diretamente à Reitoria através do Divisão de Planejamento da UFMG, dirigido por Hélio Pontes que veio substituir o sistema de projeção vigente, no qual o arquiteto coordenador do Escritório Técnico-ET, Guimarães Júnior, era praticamente o único responsável e autor de todo o planejamento. Desta equipe passam a fazer parte os arquitetos Alípio Castelo Branco, José Abílio Pereira, Marcio Pinto de Barros, Willian Ramos Abdala, Silas Raposo, mais tarde acrescida pelos arquitetos Maria Lucia MALARD, José Soares da Silva Marques, Sebastião de Oliveira Lopes, Suzana Maria Fonseca, Dilton Luiz de Araújo, Maurício Andrés, com assessoria de Luciano Damazio de

Gusmão, pedagogos e psicólogos e os engenheiros Roberto Pontes, Júlio de Las Casas, Iris Chaufun, Pedro Paulo Pinto, José Pessoa Magalhães, Mário Marcio machado da Silva, Nadim Houssan Lauar, que, embora fossem do quadro da Prefeitura/UFMG, colaboraram dentro da multidisciplinaridade que caracterizou a equipe.

2.3 Plano Waldemar Cordeiro, 1969

Essa nova etapa do planejamento do Campus Pampulha é oficialmente inaugurada com a aprovação pelo Conselho Universitário, em 1969, do “Plano Paisagístico do Campus da UFMG”, conhecido como “Plano Cordeiro”, nome do seu coordenador, o paisagista paulista Waldemar Cordeiro, que em parceria com a equipe de arquitetos da Reitoria – UFMG o produziu. Digno de nota é que Cordeiro era um renomado intelectual, artista plástico, designer, ilustrador paisagista, urbanista, jornalista e crítico de arte que convivia com os artistas concretistas da época como Lygia Clark, Amílcar de Castro, Frans Weissmann, o jovem Hélio Oiticica, como atesta Ferreira Gullar em artigo no caderno Ilustrada da Folha de São Paulo, em 13 de maio de 2016.

Em 1968, durante o reitorado de Gerson de Britto Mello Boson, o Decreto Lei nº 62.317, de 28 de fevereiro, aprovou o Plano de Restruturação da Universidade, departamentalizando-a. Sob esta nova legislação, foram criados os Institutos para o ensino básico, o da Ciências Exatas-ICEX, da Ciências Biológicas-ICB, do GeoCiências-IGC e da Ciências Agrárias, este último em Montes Claros. Ainda naquele ano foi criada a Escola de Enfermagem, na área hospitalar, concluídas as obras do Restaurante Setorial I, do primeiro prédio do Instituto de Pesquisas Radiotavas-IPR e, particularmente é lançado publicação *Campus da Universidade Federal de Minas Gerais: Plano Paisagístico Geral do Campus Pampulha*, do arquiteto paisagista paulista Waldemar Cordeiro.

Na realidade, mais do que um simples plano de paisagens, ele funcionou até recentemente como um plano diretor urbanístico e influenciou até hoje o Plano Diretor do Campus, pois orienta tanto o paisagismo como o zoneamento e até o sistema estrutural dos prédios. Como é explicitado em sua introdução, o Plano defende sob uma ótica humanista:

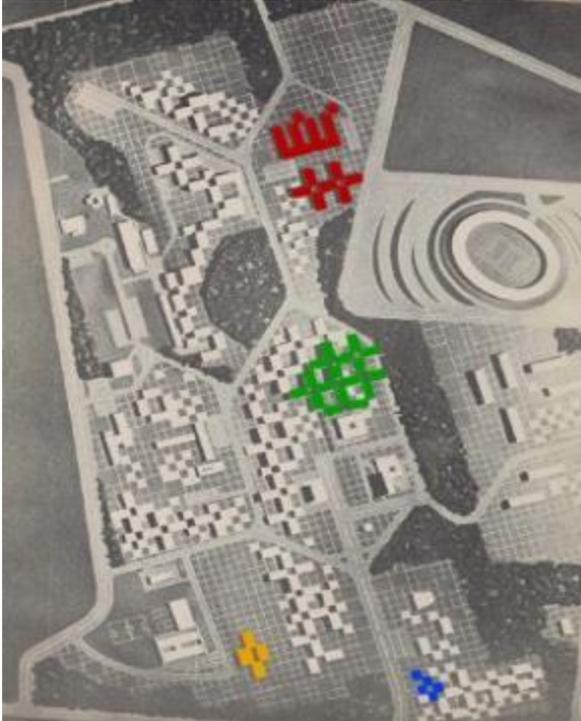
[...] um papel cada vez mais importante da paisagem, quando compreendida não mais como panorama cenográfico naturalístico, mas em termos de uso intensivo de massa e canal de comunicação de valores. (CORDEIRO, 1968, p. 05)

Neste ponto, cabe anotar nossa discordância ao que diz Maria Lúcia Malard em seu Memorial, repetido no livro em que organiza juntamente com Carlos Alberto Maciel, *Território da Universidades*,³⁰ e na proposta oficial do Plano Diretor Campus 2000 em suas justificativas: "Embora articulasse um discurso vanguardistas, o plano, em sua expressão física, era formalista, não levando em conta sequer a topografia do terreno". Ao contrário, acreditamos que o Plano Cordeiro é um plano rigorosamente pensado, numa proposta que privilegia os trânsitos dos pedestres dando-lhe uma dimensão e condição territorial que os favorece, em detrimento dos veículos, o que é expresso no desenho e traçado das ruas.

Propõe-se então um desenho urbano com um arruamento obedecendo a um traçado de 45 graus, adaptando-se assim à topografia e quebrando o fluxo linear e veloz dos carros, de modo que se restabeleça a unidade do Campus e o predomínio do pedestre, sem, contudo, descuidar da circulação e estabelecimento de veículos. (CORDEIRO, 1968, p.09).

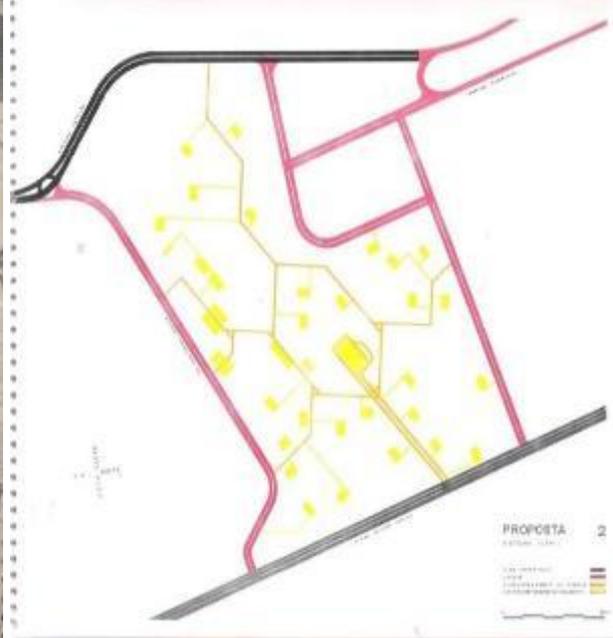
³⁰ MACIEL, MALARD, 2012, p. 131.

Figura 47 — Maquete Plano Waldemar Cordeiro, 1968.



Fonte: DPP/UFMG.

Figura 48 — Plano Waldemar Cordeiro. Arruamento, 1968.



Fonte: DPP/ UFMG.

Figura 49 — Plano Waldemar Cordeiro, traçados peatonais, 1968.



Fonte: DPP/ UFMG.

2.4- Um Modelo de Sistema Ambiental. Sistema Básico, Estruturalismo

Mesmo em pleno regime de ditadura militar, esse novo modelo de projeção se inclinou para além de soluções técnicas construtivas, propondo um conceito de Campus Universitário em consonância com o plano recém aprovado, mais aberto à cidade, favorecendo os traçados peatonais, convidando, propiciando assim maiores contatos, interagindo mais com a comunidade urbana, que cada vez mais o envolvia em sua malha, em coerência com um dos pilares da Universidade Pública, que é a atividade de Extensão.

Por isso chamaremos essa etapa de “Estruturalista-Humanista”, pois segue orientações da arquitetura moderna e ao mesmo tempo tem uma certa analogia com a ótica do estruturalismo, não só com as questões funcionais, mas também com as questões ambientais. Ou seja, ao mesmo tempo em que se ocupa com a racionalidade das construções e urbanização, concebe espaços que favoreçam os contatos humanos e o rompimento do isolamento imposto pela ditadura. É nessa fase que é criado um grande sistema estrutural construtivo, o “Sistema Básico”, muito influenciado pelas teorias estruturalistas do arquiteto americano Christopher Alexander e pelo sistema estrutural modulado da Universidade Livre de Berlim, Alemanha. Este sistema estrutural é fruto, então, de um rigoroso estudo espacial, estrutural e territorial para o ideal uso do Campus, que está contido em duas publicações internas, complementares, da UFMG: *O Território Universitário*, o “Livro Ocre” e *Um Sistema Básico*, o “Livro Preto”, de autoria da equipe coordenada por Luciano Gusmão.

Na realidade este sistema vai ao encontro do Plano Waldemar Cordeiro, sendo aprovado pelo Conselho Universitário, em 20 de fevereiro de 1969, já na gestão do Reitor Marcello de Vasconcellos Coelho. Tem em sua premissa básica uma solução numa grande estrutura edificada, contínua, uma arquitetura sistematizada, projetada sobre uma malha modular contínua, através da qual possam ser satisfatoriamente resolvidos os problemas de articulação, flexibilidade e crescimento. Paralelamente, a equipe do Setor Físico do Conselho de Planejamento e Desenvolvimento da Reitoria, logo depois transformada em Departamento de Planejamento Físico-DPF,

prosseguiu as primeiras tentativas de Eduardo Guimarães com a utilização de sistemas construtivos, modulados, pré-moldados e industrializados.

Figura 50 – Capas dos livros "Preto" e livro "Ocre", de 1970.



Fonte: acervo DPP/UFMG.

Neste ano, 1969, tem-se o início das obras do Hospital Veterinário, desenvolvido pelo arquiteto Silas Raposo; do Instituto de Ciências Biológicas-ICB, desenvolvido respectivamente pelos arquitetos Alípio Castelo Branco e Maria Lúcia Malard, já resultados do trabalho da equipe sob a ótica de um sistema estrutural modular, cujo módulo 1, 24m por 1, 24m era o padrão das chapas de aço, madeira, das divisórias no mercado, pré-moldado, em estrado³¹ com vigas paralelas. Este sistema ainda serviu de base para as construções da Escola de Belas Artes-EBA, do arquiteto Márcio Pinto de Barros e da Escola Fundamental, atual Centro Pedagógico, do arquiteto Willian Ramos Abdala.

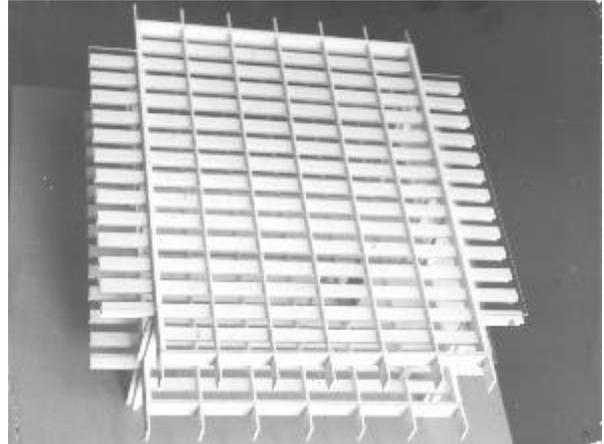
³¹ Analogia à estrutura de madeira de uma cama.

Figura 51 — Implantação da Escola Veterinária, em 1968.



Fonte: DPP/UFMG.

Figura 52 — Sistema em estrado. 1968.



Fonte: DPP/UFMG.

Figura 53 — Vista do Centro Pedagógico, tendo em segundo plano a Reitoria e ao fundo o Mineirão, 1970.

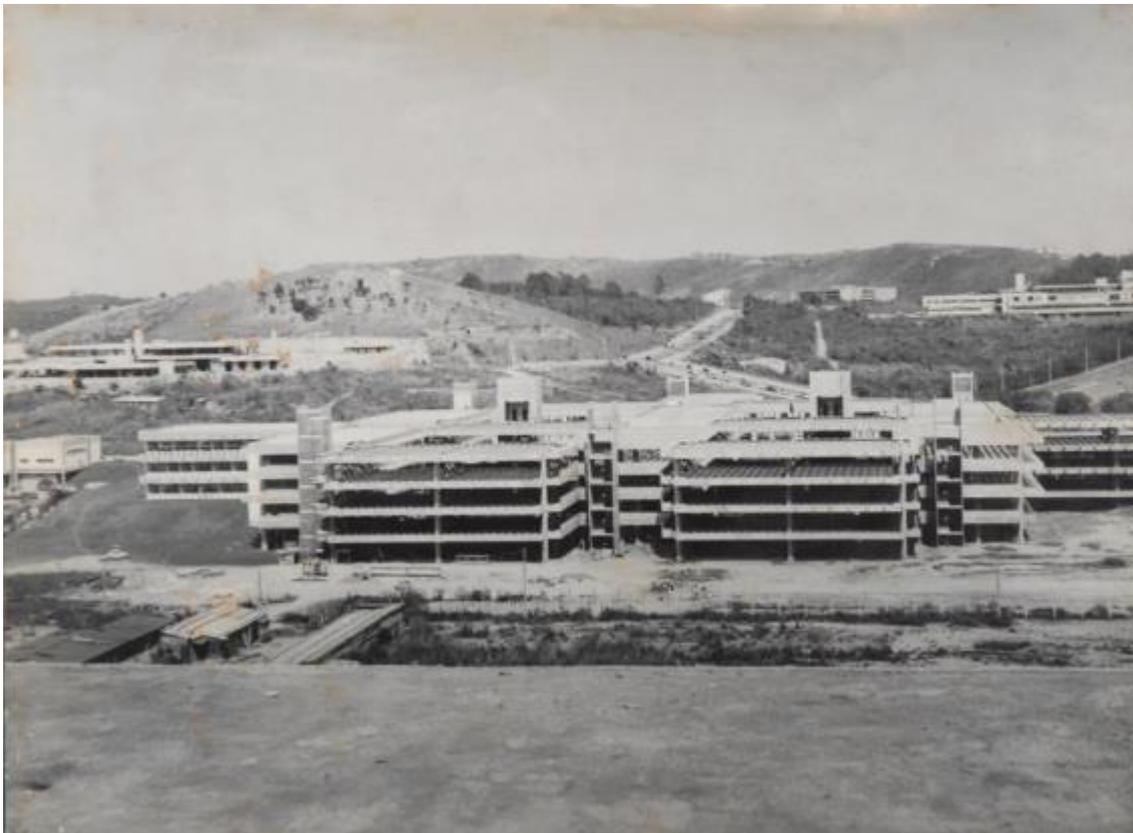


Fonte: Cartão postal Edicard, acervo do autor.

No planejamento do ICB, a grande massa de informações e dados levantados nos moldes tradicionais de entrevistas, planilhas, leiautes das diversas atividades e as interações entre elas para suas configurações espaciais, se mostraram ineficientes para esta estrutura complexa. Além disso, esta família de módulo estrutural se mostrou muito limitada do ponto de vista construtivo, pois era pouco racional e contraditório com uma construção racionalista, modular, repetitiva pois os pilares em

cruz, as vigas mestras e o estrado de vigas em "T" eram moldadas *in loco* o que provocava um excessivo gasto de madeira com as formas.

Figura 54 – Vista pelo terraço Reitoria da estrutura ICB, em 1971.



Fonte: DPP/UFMG.

Neste sentido, a experiência de Barros, com a grelha estrutural no IPR iniciou uma profunda reflexão sobre o sistema estrutural ideal para as instalações da Universidade, que irá resultar na fundamental publicação: *O Território Universitário – proposta de modelo para um sistema ambiental*, o livro "Preto", como ficou conhecido na equipe. Este trabalho foi apresentado ao XIII Congresso Pan-americano de Arquitetura, em San Juan-Puerto Rico, em setembro de 1970. Este Modelo Espacial é contextualizado no item 2- Ideologia da Reforma:

Enquanto predominavam as estruturas tradicionais da sociedade brasileira, o sistema universitário, baseado nas clássicas faculdades profissionais, atendia facilmente às suas necessidades elementares em matéria de cultura, e formação profissional. Com o processo de industrialização e de desenvolvimento econômico que se intensificou na década dos 50, e as transformações sociais dele decorrentes, logo se tornou patente o anacronismo de nossa universidade. (O TERRITÓRIO..., 1970, s.p.)

A questão era transformar uma federação de faculdades profissionais numa universidade, funcionando integrada e estruturalmente orgânica, destinada, ao mesmo tempo, à investigação científica, à formação e à difusão da cultura...

A resposta teórica a estes problemas, do ponto de vista da organização universitária, tem sido a mesma em toda parte: diferenciação de funções, escalonamento de níveis de estudos, mecanismos e órgãos de integração, flexibilidade e diversificação dos cursos. Neste caso a primeira resposta concreta dada, em profundidade, ao problema foi a criação da Universidade de Brasília, por Darcy Ribeiro. (O TERRITÓRIO..., 1970, s.p.)

De imediato este modelo vê o território universitário como um "processo de comunicação" com outras necessidades de cultura, já que a crise do ensino pode ser a crise da cultura. Neste sentido vê a "Cultura Ação", como um processo de "dessacralização da atividade universitária", aproximando-a da cultura do quotidiano, não só cultura arte, mas "cultura-trabalho, cultura-lazer, cultura política" de modo a, prover, diria eu, o território universitário de qualidades urbanas — urbanidade —, "se tecendo de relações entre as coisas e de não coisas." Enfim, vida urbana que reúna a diversidade de indivíduos, de grupos, de modos de vidas diversos, um "lugar da simultaneidade", que reinvente o lúdico, uma vida urbana múltipla. Neste sentido qual a identidade universitária desejável? Um estilo de vida ou um lugar? (O TERRITÓRIO..., 1970)

Afirma o estudo que a UFMG, na época, teria condições para acionar esse processo, pela sua situação urbana, culturalmente estratégica num centro de polarização da cidade com atrativos especiais como áreas livres e equipamentos de lazer, cultura e esportes. E mais, para atender fisicamente este processo, o território universitário como um território urbano (Cidade Universitária) tinha que ser um sistema aberto, aberto a novas formas de ocupação, de organização, de apropriação, de comunicação, embora preservando a sua identidade, comunicando à cidade um estilo de vida. E qual seria este sistema este modelo espacial? Segundo os estudos da publicação em questão, esta seria uma estrutura ambiental modelo do Sistema Básico em que se substituiria o mero organograma e seu inflexível programa de necessidades, num diagrama, num "meta - programa, a transposição, para uma linguagem simbólica das exigências da vida universitária sob

um enfoque multifacetado da sociologia, psicologia, economia, administração, pedagogia e da própria arquitetura". (O TERRITÓRIO...,1970, s.p.). A representação deste "Meta Programa" é um Meta Projeto, um diagrama espacial sistêmico, que pretendia tornar claro os problemas de articulação, flexibilidade e crescimento da estrutura universitária oferecendo um leque de alternativas projetuais, após análise funcional e das atividades universitárias, sob o enfoque arquitetônico e da psicologia social. Tal Meta Projeto é um modelo de sínteses arquitetônicas, a representação de estruturas simbólicas de um Meta Programa da vida universitária, como um Sistema Ambiental, um diagrama espacial com seus eixos de articulações, flexibilidades para o crescimento da estrutura universitária num leque de alternativas. A seu ver, apenas a práxis poderia efetuar a síntese, isto é, promover a reunião daquilo que se achava disperso, dissociado: e no caso da práxis universitária, um conjunto de suas atividades produtoras e criadoras, sob a forma da simultaneidade e dos encontros.

Figura 55 — Esqueleto estrutural do Sistema Básico, 1980.



Fonte: DPP/UFMG.

Este Sistema Ambiental é baseado em "Unidade de Operação", atividades mínimas de programa cuja decomposição é impossível e "Unidades Funcionais", combinações da unidade anterior, quando estas constituem uma unidade estrutural e funcionalmente mais complexa. A estrutura espacial da unidade é construída através de relações de proximidade física entre seus componentes, que, ao conectar as atividades de ensino, pesquisa, administração e serviços, passa a ser "Unidade Funcional Integrada". Essas unidades funcionais integradas de ensino e pesquisa se

articulam para constituir unidades de nível superior, os “Complexos Funcionais”, que dentro do espírito da Reforma Universitária de 1968 correspondem aos Departamentos que seriam as principais estruturas das universidades federais.

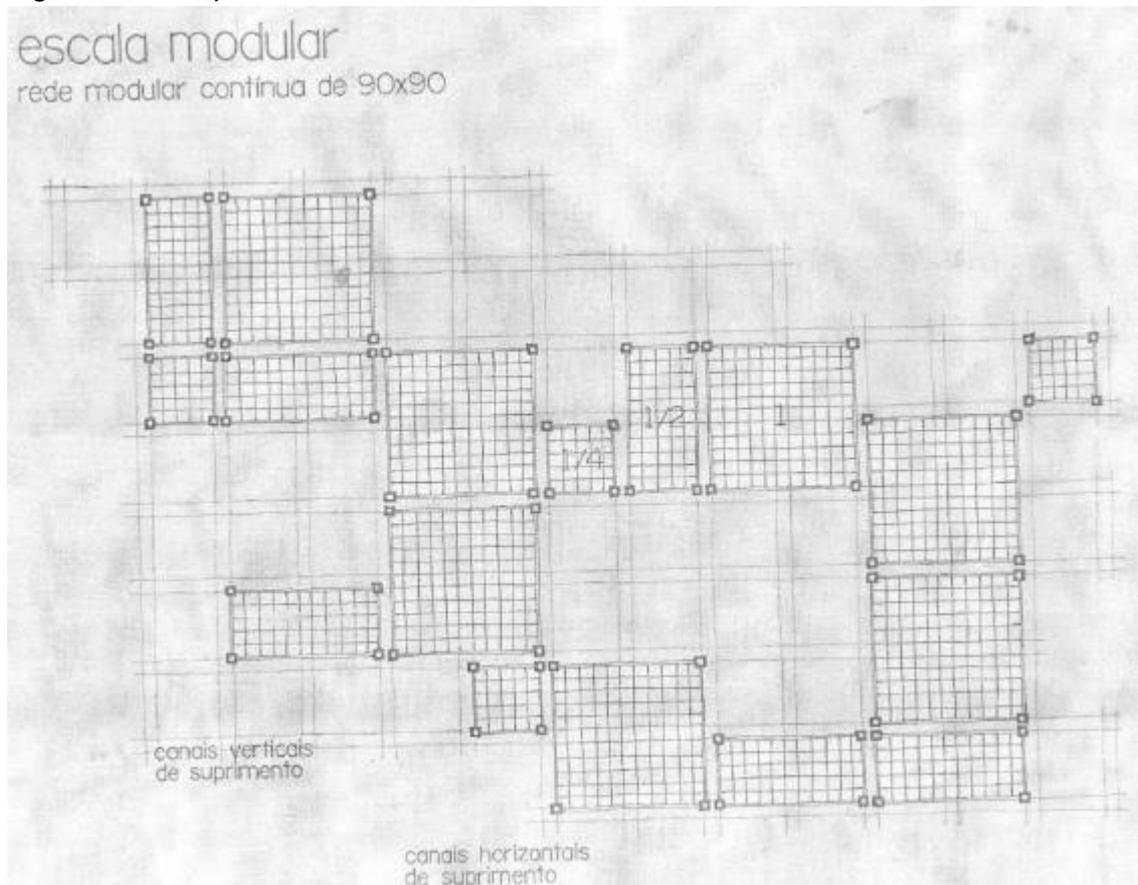
Estruturalmente este Meta-projeto se traduz numa malha modular, contínua, que permite os crescimentos horizontal e vertical, na perspectiva de uma megaestrutura que proporcione e permita inter e transdisciplinaridade, através da interação entre os departamentos e cursos, encurtando distâncias e diferenças entre eles. As palavras chaves desta estrutura seriam: planta livre e estrutura mínima. Em sua visão, quanto maior for o vão livre, mais flexibilidades de usos, de etapas num crescimento contínuo, em aberto.

Figura 56 — Sistema Básico, saguão dos auditórios da FALE. Foto E. F. Soares, 2016.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Figura 57 — Esquema do Sistema Modular, de 1970.



Fonte: DPP/UFMG.

A espinha dorsal do projeto são as áreas de sociabilidade, que articulam, por eixos principais e secundários, todos os demais espaços de trabalho, ensino, pesquisa e administração e serviço, valorizando, como numa rua, os locais de encontro aberto às atividades espontâneas. Como uma rua, teríamos um lugar contínuo que atravessa espaços diferenciados, intercalados, cobertos, ao ar livre, jardins, conectando diversos lugares, grupos e acontecimentos: cantinas, lojas, livrarias, cooperativas, área de jogos, para exposições, assembleias, salas de seminários e diretórios acadêmicos.

Na realidade, embora surgida de necessidades, conjuntura e conceitos próprios, essa solução de estrutura independente e vão livre não é novidadeira. Não se recorre aqui às primeiras soluções de estrutura independente e vão livre da arquitetura moderna no início do século XX, como as clássicas estruturas de Maison Domino, de 1914; de Corbusier e Jeanne restou o Pavilhão da Expo Barcelona

1929; de Mies Van der Rohe pois, a rigor, a primeira solução já era utilizada na arquitetura colonial mineira, a "gaiola", como chamou atenção para ela Sylvio de Vasconcellos, e a segunda era uma estrutura fechada, mas desde meados do século XX, o arquiteto do Azerbaijão, Georges Candilis, e os arquitetos estadunidense Alexis Josic e Shadrach Woods já faziam uma abordagem de um sistema estrutural, rigorosamente modular, contínuo.

Figura 58 — Sistema Básico, interior FALE, vista do segundo pavimento.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Figura 59 — Sistema Básico, interior FALE. Detalhe iluminação pelos cobogós.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Figura 60 — Vista aérea do Sistema Básico-FALE, FAFICH e ECI, em 2000.



Fonte: CEDECOM/UFMG.

Em 1960, como resposta das autoridades pedagógicas, administrativas e de arquitetos aos tradicionais e seculares conceitos construtivos e pedagógicos baseados nas universidades inglesas, Oxford e Cambridge, com seus pátios quadrados e a presença de alojamentos de alunos e professores, cujas tipologias influenciaram todos *campi* do mundo que ficaram conhecidas como "Oxbrige", foram apresentadas nas soluções de várias universidades inglesas e canadenses as primeiras versões de megaestruturas, que eram edifícios lineares contraponto às unidades isoladas que, além de continuar a conter os tradicionais alojamentos para estudantes e professores, absorviam os diversos setores da universidade, com diversos equipamentos para facilitar a vida dos moradores e usuário, preocupação com a flexibilidade de usos e expansão, separação do tráfego entre automóveis e pedestres, lugares para encontros e atividades informais.

Em 1963, absolutamente inserido na ordem do dia, na contemporaneidade, idealizado pelos educadores brasileiros, Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro e projetado por Oscar Niemeyer, na Universidade de Brasília-UNB, foi criado o Instituto Central de Ciência, obedecia à tipologia de megaestrutura linear

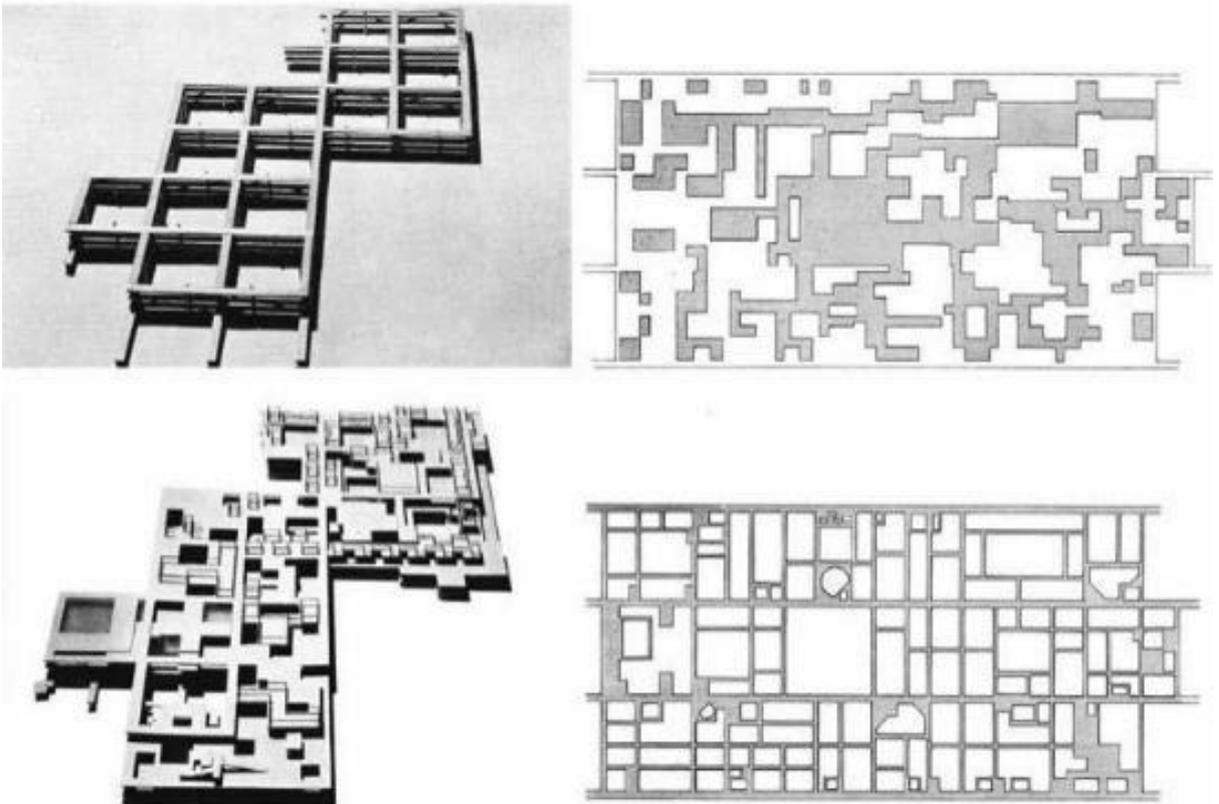
Em 1968, portanto contemporâneo ao Plano Cordeiro na UFMG e suas discussões e solução em um grid, que estruturava o território universitário Georges Candilis, Alexis Josic e Shadrach Woods davam prosseguimento às suas soluções em malha modular, uma megaestrutura, no projeto da Universidade Livre de Berlim. Observado também na Universidade de Marbourg, em síntese, o mesmo tipo de estrutura mínima, que permitisse a maior adaptabilidade e flexibilidade, articulação dos domínios públicos e privados, estruturas abertas e indeterminadas, construídas em etapas, incorporando princípios urbanos no projeto com uns eixos estruturadores (ruas) interligando vários lugares, pátios internos de diferentes proporções e hierarquias, vários eventos, usos e grupos, verdadeiros vetores em aberto. Nesta época essas megaestruturas, moduladas, contínuas, resultado da multiplicação dos módulos, eram as respostas arquitetônicas para as questões urbanas: uma grande estrutura envolvendo todas as funções de uma cidade, ou parte dela, capaz de receber novos arranjos ou mesmo novos elementos arquitetônicos.

Figura 61 – Estrutura Modular Linear da Universidade de Brasília, de 1963.



Fonte: Prefeitura/UnB.

Figura 62 – Planta e maquete da Universidade Livre de Berlim, 1968.



Fonte: <www.wikipedia.de>. Acesso em 10/07/2016.

Figura 63 — Vista aérea Universidade Livre de Berlim, 1968.



Fonte: <<http://www.fosterandpartners.com/Projects/0980/Default.aspx>>. Acesso em 10/07/2016.

Figura 64 — Vista aérea Universidade Livre de Berlim, 1968.



Fonte: <http://www.fosterandpartners.com/Projects/0980/Default.aspx>. Acesso em: 10/07/2016.

Definidos o Sistema Ambiental e o Sistema Básico e das Exatas iniciaram-se as experiências com a tipologia modular, que se desenvolveria no "grid" proposto pelo

Plano Pederneiras, ao longo de toda avenida Mendes Pimentel. Do outro lado da Reitoria, avançaria como um vetor até ao Departamento de Física e ao Instituto de Ciências Biológicas, este como que fazendo um gancho nesta grande estrutura, contornado o que hoje é a Praça de Serviços e a Biblioteca Central.

Figura 65 — Vista aérea do Campus UFMG. À direita a EBA e à esquerda em primeiro plano, Creche Alaíde Lisboa. O Sistema Básico à esquerda em segundo plano e ao fundo: Reitoria, BU, ICB e Praça de Serviços, em 1995.



Fonte: CEDECOM/UFMG.

Como já foi visto, o primeiro tipo de estrutura modular, desenvolvido concomitante com "a proposta de modelo para um sistema ambiental", o Sistema Básico e aplicado até mesmo antes da sua publicação, foi de 124 cm por 124 cm, em "estrados", com vigas mestras em pilares em cruze vigas "T"s ao longo do vão livre e foi aplicado, na ordem, no Hospital Veterinário, na Escola de Belas Artes, no Centro Pedagógico e no Instituto de Ciências Biológicas. Como também foi visto, esta tipologia se mostrou muito pesada, muito artesanal. Além disso, esta medida da modulação, no momento de diferenciar circulações principal e secundárias, verdadeiros corredores-ruas, os eixos do sistema, deixavam estas ou muito largas, com dois módulos, ou muito estreitas, com um só. Assim, concluiu-se que os

módulos então deveriam ser mínimos de modo que um satisfizesse esta mínima medida e sua multiplicação não excedesse o mínimo necessário.

Para os futuros prédios do Departamento de Física e da Educação Física, já no reitorado de Eduardo Osório Cisalpino, iniciado em 1974, junto com a publicação: *Proposta para um Sistema Ambiental e Proposta de Coordenação Modular e Sistema Construtivo para um Modelo Universitário*, foi pensado o caderno Ocre, baseado na experiência de Barros no IPR, uma grelha modular quadrada. Por isso, o limite mínimo do módulo passou a ser o de uma porta de sala de aula comum ou de um mínimo corredor para gabinetes, ou seja, 90cm x 90cm, reproduzido numa milha, no caso do Departamento de Física, por uma estrutura modular alternada, 90cm x 180cm, formando alvéolos de 180cm x 180cm. Entretanto continuavam nessa tipologia as mesmas dificuldades anteriores do processo artesanal, difícil e dispendioso para concretagem das estruturas e dos arremates com paredes e tubulações. No caso da Educação Física eliminaram-se a modulação alternada, o alvéolo e fixou-se na grelha modular de 90cm x 90cm mas, embora com menores complicações, continuou o problema de execução artesanal e dispendiosa das formas para a concretagem.

Figura 66 — Estrutura em grelha do Departamento de Física, 1974.



Fonte: DPP/UFMG.

Retomando à prancheta, ao debate, assessorado por dois engenheiros do Estado, Júlio de Las Casas e Roberto Fontes, foi estudada qual a estrutura que melhor atenderia ao Sistema Básico. Após várias alternativas apresentadas, foi consolidada a grelha homogênea em laje nervurada com o módulo 90cm x 90 cm, com as formas de fibra de vidro reutilizáveis. Esta estrutura é construída então para atender a área das humanas.

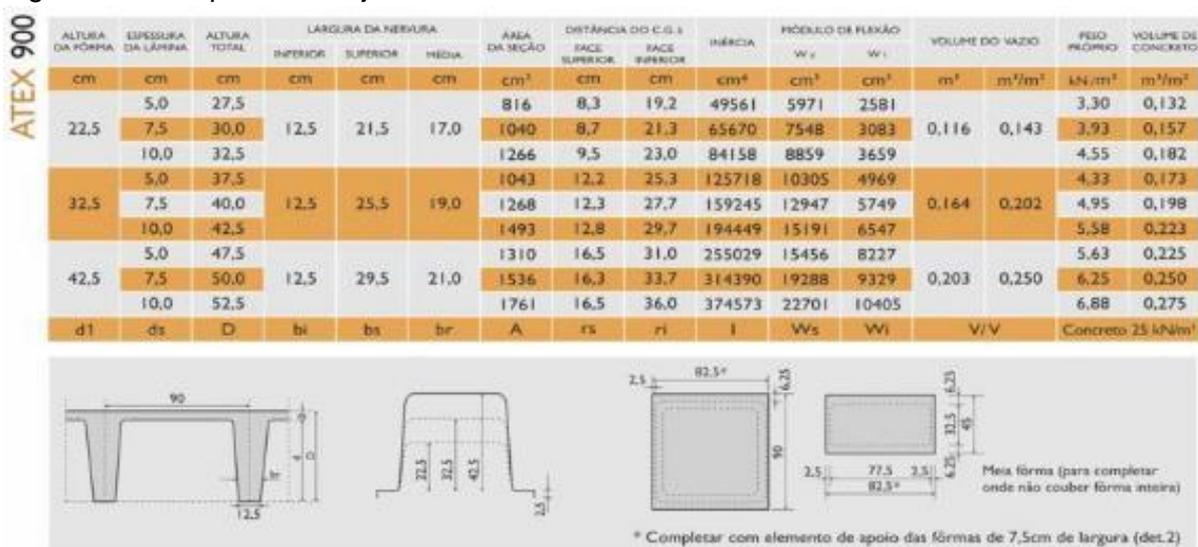
Figura 67 — Vista da estrutura modular, 90 cm por 90 cm do Sistema Básico, em 1980.



Fonte: DPP/ UFMG.

Cabe aqui uma fundamental observação deste autor, que participou da equipe de planejamento físico do Campus Pampulha, desde 1980 até 2005, a princípio como estagiário, depois como desenhista projetista e logo após com arquiteto, que não conheceu registros, além de orais, destas definições das medidas dos módulos embora sobre os primeiros fossem evidentes devido às medidas industriais dos painéis de esquadrias, divisórias, madeiras, vidros e outras medidas padrão da construção e que o último, baseado numa porta de sala de aula, obedecesse a uma lógica aparente. A única publicação a respeito de que tomou-se conhecimento foi *Territórios da Universidade: permanências e transformações* (2012), de Maciel e Malard. A questão é que, em 1991, foi lançado no Brasil uma empresa de lajes nervuradas, ATEX, com formas em gamelas reutilizáveis com exatamente as mesma modulação do Sistema Básico, 90cm x 90 cm e seus submúltiplos, 90cm x 45cm, 45cm x 45 cm. Ou seja, vinte anos após é lançado no país e hoje fartamente usada na construção civil em todo tipo de prédio e função, um mesmo sistema estrutural com as mesmas dimensões até então empregado na UFMG, hoje com variações, para vencer grandes vãos e produzir grandes áreas livres, flexíveis.

Figura 68 – Esquema de lajes nervuradas Atex.



Fonte: <www.lajesatex.com.br>. Acesso em 10/07/2015.

Figura 69 – Vista de lajes nervuradas ATEX.



Fonte: <www.lajesatex.com.br>. Acesso em 10/07/2015.

Este sistema estrutural de laje nervurada modulada é oferecido pela empresa Lajes Atex, segundo a qual, nos seus folhetos de divulgação em nenhum momento informa de onde vem as medidas 90cm x 90cm. Tampouco em estudos sobre sistemas estruturais para universidades, como os artigos do arquiteto e professor da UFMG, Carlos Alberto Batista Maciel, "*O Sistema Básico da UFMG e seus precedentes*" (DOCOMOMO, 2011, s.p.) ou do arquitetos e professor da UFJF, Klaus Chaves Alberto (2013), *Interfaces Britalistas: as megaestruturas universitárias*, que aborda os sistemas construtivos que inspiraram o Sistema Básico da UFMG, citando, particularmente a Universidade Livre de Berlim, uma megaestrutura modular, em grelha e em aberto, ou mesmo do livro *Territórios da Universidade* (2012). No entanto, o arquiteto José Abílio Belo Pereira, que participou de todo processo, afirma que o motivo foi o mesmo que motivou a modulação anterior: padrões modulares de elementos industriais de acabamentos como divisórias, portas, calhas, etc.

Outra questão crucial que nos chamou a atenção quando tomamos contato com este sistema estrutural foi sua proximidade conceitual, embora não filiado, com a escola do Estruturalismo, uma perspectiva filosófica que se utilizou para análise científica da linguística, das etnias, da psicologia. Como é sabido, este método, utilizado por Lévi-Strauss, Wilhelm Wundt, Saussure, Norberg-Schulss, desde meados do século XX, analisa sistemas em grande escala, como o Sistema Básico e, como tal, analisando as relações, as interrelações e as funções dos elementos que constituem tais sistemas que são inúmeros, decompondo-os. Lévi-Strauss demonstrou que

grupos familiares tribais eram geralmente encontrados em pares que se opunham e se necessitavam ao mesmo tempo e que "estruturas são propriedades definidas cujas combinações e transformações permitem passar de um sistema ao outro e compreender suas relações" (TERRITÓRIOS..., 2012, p. 139). Willen Wundt, no campo da psicologia, tenta compreender os fenômenos mentais pela decomposição dos estados de consciência produzidos pelos estímulos ambientais, do espaço; Suassure, considerado o pioneiros da abordagem estruturalista no campo da linguística, estudando a linguagem com atenção na infraestrutura da língua naquilo que é comum a todos falantes: o que é a palavra? Conceito e som? Significado e significante? (novamente os pares), desenvolveu a teoria de semiologia, campo de estudo que analisa sistemas, códigos, convenções de todos tipos.

Podemos dizer, então, que Estruturalismo é um método de análise para construir modelos explicativos da realidade chamadas de Estruturas, ou seja, sistemas abstratos em que seus elementos são interdependentes. Não existem fatos isolados, mas partes de um todo maior que não podem ser entendidos isoladamente, mas apenas em relação aos seus pares antagônicos, como afirma Strauss, que os antônimos estão na base da estrutura socio-cultural, emparelhados. Não é outro motivo que levou o livro "*Systems generating systems*", de Christopher Alexandre, ser a principal influência na análise do projeto, com seu conceito de sistema gerador, "uma combinatória de unidades que possibilitava diversa estruturas", tentando construir no desenho a "metáfora de um meta projeto".

Assim como no Estado Novo, que nos anos de 1940 impulsionou a criação de uma Universidade Brasileira e suas Cidades Universitárias, em Recife, Salvador, Porto Alegre, Belo Horizonte e, principalmente, Rio de Janeiro, na vigência da Ditadura Militar de 1964, no que se veio a chamar "milagre brasileiro", a partir de 1970 foi colocada em prática a política de implantação de *campi* por todo país, num convênio do Ministério da Educação e Cultura-MEC, com o Banco Interamericano do Desenvolvimento-BID, para isto sendo criado o Departamento de Assuntos Universitário-DAU, encarregado de prestar assistência às universidades para elaboração de seus planos e projetos. Havia muitos recursos, muitos dólares a serem gastos na política da boa vizinhança, no apoio aos governos militares da América Latina para o isolamento de governos populares, à esquerda e, evidentemente, no processo de endividamento e dependência desses governos.

Nesse período, no Campus da Pampulha, ocorreram várias inaugurações de unidades acadêmicas: em 1972, transferência da Faculdade de Educação para o antigo Colégio Universitário; inauguração da Escola de Belas Artes; do Laboratório de Alta Tensão, carinhosamente apelidado de "Caixa Forte do Tio Patinhas", em tipologia própria, e do Hospital de Veterinária, além do Observatório Astronômico, na Serra da Piedade. Em 1974 foi inaugurada a Escola de Veterinária; e, em 1975, o Departamento de Física.

Em março de 1975 aconteceu, em Brasília o I Seminário Nacional sobre Planejamento de *Campi* Universitário, organizado pelo Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura-DAU/MEC, através do conhecido Programa de Expansão e Melhoramento do Ensino Superior-PREMESU/MEC. A importância deste Seminário pode ser medida com sua abertura pelo então Ministro da Educação e Cultura no Governo Geisel, Ney Braga. Participaram as universidades federais de todos Estados e teve a participação da Univesidad do Chile pelo seu Diretor de Construciones Universitárias, arquiteto Ricardo Alegría Carranza; da Universidad de Peru; da Universidade de Stuttgart, com participação especial do Centro Regional de Construciones Escolares para América Latina e Região y la região do Caribe-CONESCAL. Todas essas últimas estrangeiras e a Universidade de São Paulo apresentam trabalhos sobre o tema, desde dados sobre metragens, distâncias, áreas, pé direto, a níveis de relações, interrelações, sistemas estruturais.

A UFMG foi representada pelos arquitetos da equipe de planejamento, José Abílio Belo Pereira, Sebastião de Oliveira Lopes e Silas Raposo. No entanto, a instituição, reconhecidamente avançada nesta questão, não apresentou sequer as primeiras análises da construção e funcionamento dos trechos do Sistema Básico já executados e habitados. O mais estranho é que quem apresentou as experiências do planejamento físico dos *campi* universitários brasileiros, foi o Fundo de Construção da Universidade de São Paulo-FUNDUSP, com seu projeto do Campus da Universidade de São Carlos/USP e, até da Universidade Federal de Sergipe, visivelmente influenciados pelo Sistema Básico da UFMG, com sua proposta de grelha cuja modulação em 90 cm x 90 cm e múltiplos – "7,20 m x 7,20 m; 10,80 m x 10,80 m"; preocupações com interações espaciais, flexibilidade, meta-projeto

"fornecido por computador, respeitados os valores de interações da matriz" sem preocupação *a priori* com o partido que seria o resultado físico, espacial destas interações, deste meta-projeto, entre outros. Segundo o arquiteto Sebastião Lopes, que mais tarde, entre 1977 e 1979, foi o chefe da Divisão de Planejamento e entre 1979 e 1983, da equipe do PREMESU/MEC, solicitado então pelo Ministro Eduardo Portela, na época a UFMG não se interessou em participar sem maiores explicações.]

Em 1976, foi inaugurado o novo prédio da Prefeitura do Campus, atualmente Administração II/FUNDEP, que até então funcionava num dos galpões de obras remanescentes do início do campus, no inacabado e primeiro prédio previsto para a Moradia Universitária no Campus desde o Plano Eduardo Guimarães, infelizmente abortada. Neste prédio de Guimarães Júnior – terminado e adaptado pelo arquiteto Sebastião Lopes, que nesta época trabalhava no Setor de Obras da Prefeitura/UFMG, a convite do Prefeito Iris Shaufun –, foi adotado um interessante sistema de "brises-soleis" ou quebra sóis, numa trama contínua que se tornou as longas fachadas laterais. Na fachada frontal para a avenida Abraão Caran, ao lado, em empena cega do característico prédio longilíneo sobre pilotis, na fachada foi instalado um grande mural tridimensional da renomada artista plástica Yara Tupynambá, a primeira professora da Escola de Belas Artes, que já havia feito o admirado painel em pintura, Minas Gerais, no saguão nobre da Reitoria, que funcionava também no mesmo galpão de obras. É, talvez, a primeira tentativa de incluir no orçamento dos grandes prédios do Campus, uma destacada obra de arte, preferencialmente de professor da universidade. Uma curiosidade é que a artista, aproveitando o subsolo desativado do prédio e da escassez de espaço, na Escola de Belas Artes, instalou ali seu atelier de ensino deixando um rico acervo de murais dela e seus alunos, que foram preservados.

Logo após, em 1977, a Divisão de Planejamento Físico-DPF, ainda ligada à Reitoria, foi instalada também no mesmo prédio, para um trabalho em conjunto com a Prefeitura, passando a ser designado como Departamento de Planejamento Físico e Obras-DPFO, chefiado pelo arquiteto Sebastião Lopes, que coordenou os estudos de uma nova variação da grelha modulada, soltando os pilares desta laje nervurada, sendo os que eram de quina à estrutura ficavam em diagonal à ela. Esta nova

variação estrutural foi aplicada na nova versão prédio da Biblioteca Universitária Central, localizada entre o Sistema Básico, ICB e Reitoria.

Figura 70 – Antiga Prefeitura e hoje FUNDEP/UFMG.



Fonte: Foto de E. F. Soares, 2016.

Figura 71 – Variação de pilares na malha. Biblioteca Universitária, inaugurada em 1976.



Fonte:

CEDECOM/UFMG.

2.5 Pós Estruturalismo, Pós Modernidade: padrões e processo indeterminado

Em 1978, toma posse o Reitor Celso de Vasconcellos Pinheiro, primeiro arquiteto a se tornar reitor da UFMG. Este ano é inaugurado no Campus Pampulha o Restaurante Setorial II, em tipologia estrutural particular, embora da linha que se aproxima do brutalismo dos concretos aparentes de todo Sistema Básico. Em 1979, conforme nos informa *Territórios da Universidade* (2012, p. 151) o reitor estabelece como prioridade consolidar a implantação do Campus Pampulha e do Sistema Básico a partir da construção das instalações mais imediatas da Faculdade de Letras-FALE e da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas-FAFICH.

É então construído um grande esqueleto estrutural do Sistema Básico, nos seus quatro pisos e lançada as fundações das áreas da arquitetura e engenharias. Nessa época, a equipe de arquitetos havia sido bastante renovada, com a saída de Castello Branco, Barros, Abdalha, Araújo, Balparda, Andrés e a incorporação dos arquitetos Ricardo Orlandi França, Gaston Prudêncio Oporto, Cristina Brandt Forlan e Edmundo Werna Magalhães. Este três últimos ficaram a cargo de detalharem os prédios da FALE e FAFICH, que devido às "limitações financeiras e alterações nos programas de necessidades fizeram que um novo arranjo modular fosse estudado", na realidade um novo anteprojeto mas preservando a estrutura ambiental e as tipologias funcionais do conjunto.

Figura 72 – Sistema Básico, interior da Faculdade de Letras.



Fonte: DPP/UFMG.

Figura 73 – Sistema Básico, interior Faculdade de Letras: profundidade, luz e sombras.



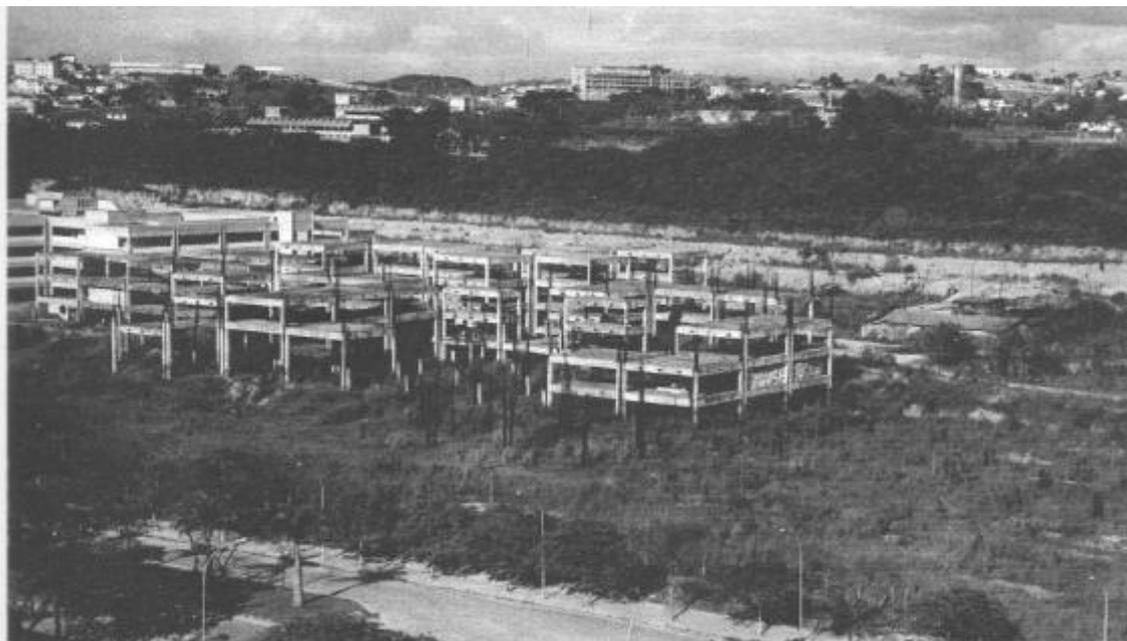
Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Figura 74 – Sistema Básico, interior com jardins escadas e transparências da FALE.



Fonte: Foto de E. F. Soares, 2016.

Figura 75 – Esqueleto do Sistema Básico da FALE, de 1980.



Fonte: DPP/UFMG.

Praticamente já faziam dez anos desde *O Plano Cordeiro* e a publicação do Modelo Ambiental e as primeiras aplicações das estruturas modulares; portanto já existiam acumuladas um bom volume de críticas, positivas e negativas. O Pós-estruturalismo já se fazia presente, uma tendência à radicalização e superação do estruturalismo, que teve como referências mais conhecidas no campo filosófico, Jacques Derrida e Gilles Deleuze.

Na realidade, o prefixo pós não é considerado como uma oposição ao estruturalismo, mas o resultado de um processo dialético deste; as síntese das oposições da parêntese de Strauss, por exemplo, levadas às últimas consequências até dissolvê-las em outras linhas, com o próprio pós-modernismo e desconstrutivismo. Basicamente o pós-estruturalismo contribui com componentes que são as questões do contexto social e subjetivo, numa abordagem mais aberta e através de variados métodos. Ao contrário dos estruturalistas, eles não vêem o significante e o significado inseparáveis, duas faces da mesma moeda, sem prioridades de valores; os pós-estruturalistas os vêem como coisas separáveis. Os pensadores pós-estruturalistas, que nunca gostaram deste rótulo, inclusive nunca fizeram um manifesto sobre isto, consideravam tratar-se de reações diferentes ao estruturalismo, inclusive ao modernismo, o que aqui nos interessa, pela recusa ao

cartesianismo, aos axiomas, á validade l3gica, objetiva, mas atenç3o às análises de formas b3licas que constituem a subjetividade. Portanto s3o anti dogmáticos e anti positivistas que rejeitam verdades absolutas sobre o mundo pois dependem do contexto hist3rico de cada um. Na verdade rejeitam conceitos que se pretendem ser verdades absolutas e n3o conceitos que incluem verdades absolutas.

O momento do p3s-estruturalismo pode ser ligado ao do p3s-modernismo, entendido este como movimento cultural, na medida em que este 3ltimo trata de uma ruptura com as grandes metanarrativas, j3 que o p3s estruturalismo n3o se utiliza de metateoria que retrata o social como coisa; pr3 conceituaç3es de esquemas que tentam explicar tudo e n3o explicam nada. Portanto, se trata aqui da diferença entre estruturalismo x p3s-estruturalismo e modernismo x p3s-modernismo.

Figura 76 – Ville Radieuse, Corbusier, 1924.



Fonte: <http://architectureclub.blogspot.com.br/2010/11/ville-radieuse.html>

Nesta mesma 3poca, em 1977, no panorama internacional da arquitetura, Charles Jenks arquiteto, paisagista, designer americano, decreta o fim do Modernismo no seu cl3ssico livro *The Language of Post-Modern Architecture*,³² em 5 de julho de 1972, às 15:32, quando foi dinamitado, o edif3cio Pritt-Igoe em St. Louis/EUA, um grande pr3dio de habitaç3o popular bem nos moldes modernistas corbusianos, da Carta de Atenas, da "La Ville Radieuse", da Cidade Funcional, formada por

³² Ver: *A Linguagem da Arquitetura P3s-moderna*. Ed. GG, Barcelona, 1984.

arranhas-céus dentro de um parque, solo livre e com a circulação de carros e pedestres, separada.

Figura 77 – Conjunto "Pruitt Igoe", St. Louis/EUA, 1972.



Fonte : portalarquitetonico.com.br/pruitt-igoe. Acesso em 10/07/2016.

Um pouco antes, em 1966, Roberto Venturi, o renomado arquiteto ítalo americano que, em 1991, ganhou o prêmio Pritzker de Arquitetura, lança seu livro, que também se tornou um clássico, *Complexity and Contradiction in Architecture*,³³ considerado por muitos analistas como o primeiro tratado de arquitetura que enfrenta a ortodoxia da arquitetura moderna. Basta dizer, que sua frase “less is a bore” (menos é aborrecido), é um achado para se contrapor ao paradigma modernista “less is more”, (menos é mais), se tornou também tão forte quanto esta. Tom Wolf, um jornalista americano, também faz coro contra o “modernismo”, já em 1990, no final da feira pós modernista, com seu jocoso livro, *From Bauhaus to our House*, com linguagem irônica, coloquial, debochada, ataca desde a Bauhaus até Le Corbusier, no que ele chama de falta de criatividade, repetição de plásticas em edifícios diferentes (escolas, armazéns, hospitais) e, principalmente o lema onde a casa é uma máquina de morar e aí nem a Maison Savoy escapa, vista como objeto símbolo do autoritarismo dos arquitetos modernistas com suas ideias e projetos intocáveis.

³³Ver: *Complexidade e Contradição na Arquitetura*-The Museum of Modern Art Press. N.Y/USA, 1966.

Irônico, debochado, brincalhão é o contraponto do "pós-modernismo" contra a seriedade mal humorada, entediante, aborrecida do "modernismo" na Arquitetura e no Urbanismo. Contra isto Venturi se insurge, para ele, a Arquitetura é complexa, contraditória, por incluir os elementos tradicionais vitruvianos – comodidade, solidez e beleza. Na arquitetura a solução dessa tensão se opõe à mera visão tecnológica e homogeneizadora que separa elementos das funções da tradição. "Menos é aborrecido", não é apenas uma frase de efeito, mas um disparo contra um paradigma arquitetônico de Mies Van Der Rohe, arquiteto alemão considerado um dos grandes nomes da arquitetura modernista. Do "International Style", cuja obra prima pelo rigoroso racionalismo, austeridade, modulação, ângulos retos, materiais industriais como o aço e vidro, tudo se ajustando em rigorosos detalhes e acabamentos. "God is the details" (Deus está nos detalhes), é uma outra frase sua lapidar. Pode-se dizer que der Rohe é um herdeiro do arquiteto austríaco Otho Wagner, que no final do século XIX participou do *Movimento Secessão Vienense*, defendendo o realismo da arquitetura e contra a dependência das formas históricas, o "historicismo", incorporando a utilização de novos materiais, o aço, o alumínio, o concreto armado, mais despojamento de ornamentos nas fachadas, ao projetar as estações de metrô, os edifícios habitacionais junto com comerciais, na Ringstrasse, na capital da Austria, numa época de crescente renovação, desenvolvendo na sua ideia de um novo estilo, "Nutz Stil", com o lema "Artes solo domina necessita", em livre tradução, "belo tem que ser útil.

Portanto, enquanto Rohe procurava sempre uma abordagem racionalista, utilitária, no processo do projeto arquitetônico, uma profunda depuração da forma conforme o preceito "minimalista", Venturi apostava, influenciado pela *Pop Art*, no aspecto lúdico, no deleite ao invés da pretensa realidade, no vernáculo arquitetural, nas tradições ecléticas e clássicas. Defende a riqueza de significados e reduz a arquitetura a um "fenômeno do perceptivo", a um jogo de formas que transmitem mensagens e ideias. Como *Archigram* e o *Independent group*³⁴ valoriza a paisagem do cotidiano vulgar, o menosprezado conjunto urbanístico com sua história, o caos urbano com cores vivas da estética dos letreiros, das lanchonetes, dos postos de combustíveis, o humor pós-moderno.

³⁴ Grupo de artistas ingleses que, entre 1950 e 1960, utilizava nova linguagem de arte gráfica que atingisse as massas.

No seu livro *A Linguagem da Arquitetura Pós-Moderna*, Jenks prega a "cidade colagem" e a "revitalização urbana" substitui a "renovação urbana", assim como o planejamento do crescimento das cidades em pequenas doses e não com um plano diretor, total, científico, racional. Neste sentido, é um crítico ao legado do "Iluminismo" cientificista no qual os planejadores "modernistas" de cidades tendem a enxergar a metrópole como totalidade e projetar uma forma fechada, enquanto os "pós modernistas" costumam ver o processo urbano como caótico, anárquico, incontrolável, inteiramente em aberto que aceita o efêmero, o fragmentado, o descontínuo e o caótico.

Na prática, ele se associa a Jane Jacobs, uma jornalista que escreveu em 1961 um clássico livro, *Morte e Vida das Grandes Cidades*,³⁵ crítico exatamente a esse funcionlismo urbano ortodoxo. Se bem que critica também a Cidade jardim, de 1898, do urbanista Ebenezer Howard, pelo motivo central que irá nortear todo o livro: a ausência de diversidade e a "grande praga da monotonia que assola os espaços monumetais, monofuncionais, padronizados", sem vida, residuais, a "anti cidade". Para combater esta monotonia, sugere as diversidades: de uso (moradia, lazer e trabalho); econômica; de população; de raça; de tipologia de edificações. Esta diversidade de usos, pessoas, turnos e trânsito de usuários é o fator de segurança do bairro, da rua, do distrito mais eficaz que o policiamento puro e simples. A vida pública informal impulsiona a formal e a sociabilidade. É esta rede de relações que garante uma autogestão democrática da cidade, o sucesso da comunidade, um capital social insubstituível. Nesta relação é sempre fundamental a presença de "figuras públicas automeadas" ou os "proprietário naturaris da rua", geralmente donos de padarias, mercearia, barbearia ou salões de beleza, pequenos comércios, já conhecidos, "que a comunidade recorre para recados, guardar chaves, receber encomendas, etc." Neste sentido, Jacobs elege como espaço fundamental para esta diversidade a rua e a calçada, pois é a partir destes contatos que podem florescer a vida pública exuberante e segura.

³⁵ Ver: JACOBS, Jane. *A Morte e Vida das Grandes Cidades*, 1960.

Figura 78 – A calçada, a rua, a diversidade, segundo Jacobs, 1960.



Fonte: www.lavienville.blogspot.com. Acesso em 10/07/2016.

Figura 79 – Caminhos peatonais no Campus.



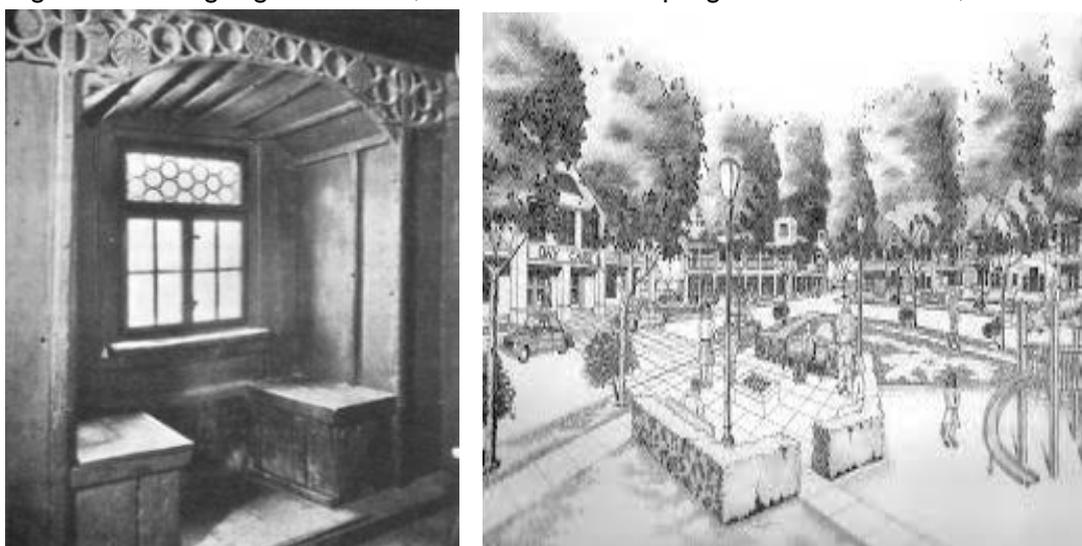
Fonte: Foto E.F.Soures, 2016.

Como os anteriores autores da pós modernidade, ela é absolutamente contra as cirurgias drásticas no tecido urbano, nas comunidades com remoções da população e demolição de lugares, evidente desde que não sejam de risco, já estabelecidos na trama pelo tempo. A palavra de ordem passa a ser “revitalização”, no lugar de

“demolição”, paulatina, criteriosa em processos que envolvam os moradores dessa rede social. Finalmente podemos, baseados em Jacobs, elencar alguns pontos básicos para um lugar, um espaço, um território vivo, diverso e apropriado: 1- usos principais combinados com diversos usos; 2- percursos peatonais confortáveis e não muito longos; 3- diversidade de arquitetura, tipo, idade etc.; 4- concentração e densidade mínima de usuários para a diversidade.

No tema específico campus universitário, na segunda metade dos anos de 1970, o arquiteto Christopher Alexander, uma das principais fontes intelectuais do Sistema básico da UFMG, dava uma guinada na sua ortodoxa, racional e modernista metodologia de projetos e "fazia experimentos de planejamento com a participação da comunidade universitária, a Universidade de Oregon", EUA, e desta experiência publicou, em 1977, o livro *A pattern language* (Uma linguagem padrão).

Figura 80 – Linguagem Padrão, conversadeiras e pergolados. Alexander, 1979.



Fonte: www.printest.com/crchristopher_alexander. Acesso em 20/07/16.

Segundo o autor, "estes padrões nunca podem desenhar-se ou construir-se de um só golpe, mas mediante um, paciente crescimento, peça por peça, programado de tal modo que cada ato individual contribua sempre a criar e gerar estes padrões globais maiores que, lenta e firmemente, criaram ao longo dos anos uma comunidade dotada desses padrões globais".³⁶ Ainda segundo ele, o caráter homogêneo e indiferenciado das cidades modernas poderia matar toda variedade de

³⁶ Ver: ALEXANDER, Christopher. *A pattern language*. Ed. GG, Barcelona, 1980, pág. 31.

estilos de vida e deter o desenvolvimento do caráter individual. Na realidade, sob esta ótica, precisamos antes de mais nada viver num lugar distinto, uma unidade espacial identificada, não necessariamente melhor ou pior que outras unidades. Aqui, na essência, o processo de planejamento, a região é constituída por uma hierarquia de grupos sociais e políticos, desde pequenos grupos locais aos maiores. Nesse sentido, podemos elencar alguns principais padrões, que vão ao encontro do desenvolvimento de um território urbano, incluído o universitário.

A Universidade como Praça e Mercado, pois as Cidades Universitárias, monofuncionais, enclausuradas, como uma bolha do saber, com acesso restritivo ou dificultado matam a interação e sociabilidade interna e com a cidade que a contém. Livrarias, todo ou quase todo tipo de serviços: correios, barbearia, lavanderia, rede bancária, cinemas, bares, restaurantes, áreas esportivas, feiras, mercado de alimentos, mercado da cultura, mercado do saber, lojas, etc., que funcionem também à noite em locais bem iluminados, pois exatamente a escuridão e lugares isolados e em desusos é que são inseguros, perigosos.

Figura 81 – Vista aérea da Praça de Serviços, Campus Pampulha, 1992.



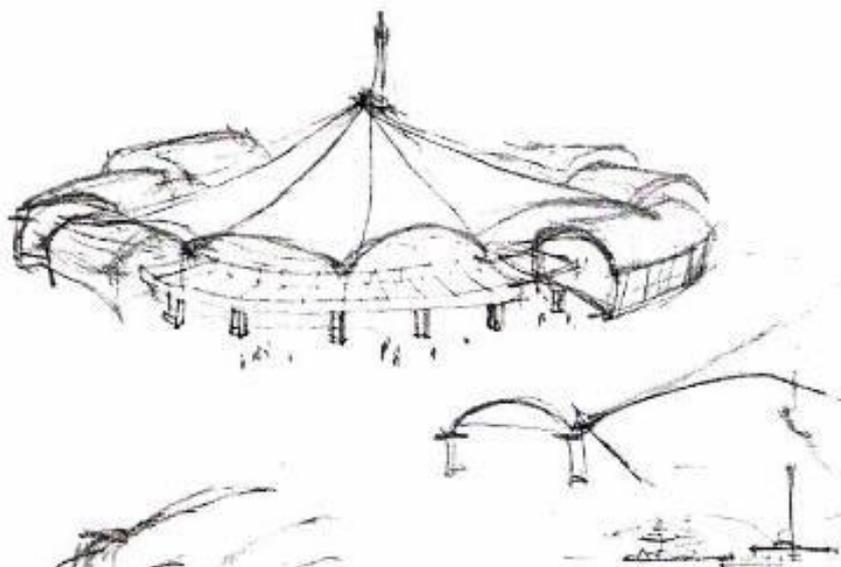
Fonte: Foto E.F.Souares.

Figura 82 – Evento na Praça de Serviços 2000. Foto E.F.Souares.



Fonte: CEDECOM/UFMG.

Figura 83 – Proposta para Praça de Serviço da UFMG coberta, 1992.



Fonte: acervo do autor.

Moradia Universitária para ajudar a densidade populacional no território e sua permanente ocupação. Passeios, ruas peatonais, pista de bicicletas, complexo de edifícios ao largo das ruas e avenida, pequenas praças públicas, lugares elevados para contemplação e janelas que descortinam a vista para serem os olhos invisíveis e vigilantes (preconizados por Jacobs), bancos nas calçadas, assentos espalhados, horto, bosques, pomares, cores, ornamentos, volume de telhados, pérgolas no caminho, volumes de escadas, lugar secreto, espaço externo positivo, pátios com vida.

Figuras 84 – Pátios com vida. EBA e EFFTTO.



Fonte: Fotos E.F. Soares, 2016.

Figura 85 – Volume de escada e detalhes arquitetônicos e paisagísticos enriquecedores. Sistema Básico, ECI.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Figura 86 – Lugares "secretos". Sistema Básico, ECI.



Fonte: Fotos E. F. Soares, 2016.

Figura 87 – Detalhes enriquecedores. Projeto RASG. Interior Serviços Gerais.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

A partir dos anos de 1980, o país passa por uma intensa transição, da ditadura para a democracia, que evidentemente refletiu sobre a UFMG e sua comunidade, assim como em toda sociedade. A equipe de planejamento, DPF, agrega aos seu quadro os arquitetos Ana Maria Marques da Silva, Alenka Cencic, Eduardo Fajardo Soares, Demitrius Leonel da Mata e Valéria Soares de Melo Franco, chefiada por Maria Lúcia Malard e novamente orientada por Luciano Damazio de Gusmão. Com consultorias do professor da FAFICH, José Anchieta, inicia sua experiência no planejamento participativo, que passou a ser denominado de PARTPLAN, que consistia numa releitura do Plano Diretor e do Sistema Básico/Tecnologia, com a efetiva participação dos usuários durante a concepção dos respectivos projetos de planejamento físico. Mas como capturar de maneira consistente, majoritária, os anseios, os desejos dos usuários, coletiva e individualmente? Como transformar estes anseios, desejos em ambientes que correspondam de maneira mais ampla às necessidades espaciais dos seus usuário? Para tentar responder estas e outras indagações e uma série de análise do território universitário, Edmundo de Werna Magalhães numa publicação interna, *Notas Sobre o Planejamento do Território*

Universitário (DPF/1986),³⁷ sintetiza, em parte, todo o processo de abordagem da equipe. Estava claro que os processos "frios" de consulta aos usuários, tradicionais questionários, formulários e entrevistas formais, deixavam a desejar pois a "personalidade" dos indivíduos, grupos e coletividade não ficava clara. Portanto era preciso encontrar uma maneira de conhecer melhor os usuários e que lhes permitisse ter uma ideia clara na fase do projeto de como seriam os futuros espaços ali concebidos. Enfim uma aproximação entre planejadores e esta comunidade, "projetar com" e não simplesmente "projetar para". O planejamento participativo deve ser transparente e a comunidade constantemente informada de tudo que se passa e autorizada a se manifestar. Além de várias publicações internas, esta experiência redundou numa publicação na Revista Módulo,³⁸ por ocasião do Congresso Brasileiro de Arquitetura Vilanova Artigas, em Belo Horizonte. Para isto, a equipe se debruçou numa série de estudos e debates sobre universidade, tendo a experiência de Oregon como norteadora, e também um levantamento físico do campus: área verde natural e plantada, equipamentos urbanos, caminhos projetados e naturais com a intenção de verificar como a comunidade se apropriava do território universitário. Logo em seguida, foi realizada uma "leitura" ou análise de diversos prédios da Universidade para um cruzamento de dados e uma pretendida síntese dos problemas relativos ao seu espaço físico. Os pilotos destes trabalhos foram o remanejamento do prédio da FAFICH ainda no centro urbano e a revitalização da área dos serviços gerais do campus, que refletiu no projeto das instalações do Instituto de Geociências, Sistema Tecnológico, FALE, FAFICH e, até bem mais mais tarde, no da ECI, na época Escola de Biblioteconomia, todas no Sistema Básico e da EBA, ainda da primeira família sistema estrutural, em estrado. Na prática, o PARTPLAN "nasce de uma tentativa de descentralizar o planejamento físico, e se apoia numa prática participativa que tentaria minimizar os erros futuros e consolidar não apenas uma ideia mas uma prática de Universidade democrática".³⁹ Só quem vivencia o cotidiano da realidade ambiental pode falar das distorções do modelo ambiental, "até o nível que se constrói a espacialidade das diferentes comunidades do Campus", ao nível das tensões, dos conflitos, dos hábitos e mecanismos através

³⁷ MAGALHÃES, Edmundo Werna. *Notas Sobre o Planejamento do Território Universitário*. Belo Horizonte: DPF/UFMG, 1986.

³⁸ *Revista Módulo*, Edição Especial. Belo Horizonte, out./nov. 1985, p. 6-10.

³⁹ *Revista Módulo*, 1985, p. 6.

dos quais se tece a trama das relações entre os atores-espectadores da situação universitária" (Gusmão, 1983). A hipótese é de que ninguém participa sem decidir e nem decide sem conhecer os elementos da experiência vivida, a "utopia experimental" de Lefebvre ; *Du Rural a L'Urbain* (UFMG, 1970). Nos debates feitos à época referia-se às análises dos espaços, nos prédios já construídos.

O Processo: Criado por Gusmão, o método, ou não método como preferia o autor, para a investigação, as "leituras" dos espaços universitários foi batizado de "indeterminação objetiva", uma melhor maneira de conhecer os usuários para o planejamento físico desses diferentes espaços, dos menores, como departamentos, aos maiores como o campus. Esta metodologia de investigação era de "inspiração fenomenológica onde o objeto arquitetônico era constituído de diferentes visadas, de diferentes intencionalidades... onde o sujeito era dissolvido em múltiplos, na convergência e na pluralidade de olhares em direção a um único objeto: o espaço vivido".⁴⁰ Na prática o método começa com as leituras das apropriações dos espaços existentes pelos seus usuários, na intenção de analisar todos os aspectos da relação destes usuários com estes espaços, confrontar com a intencionalidade do planejamento e verificar seus acertos e desacertos. Tal método consistia numa abordagem à comunidade desses espaços ou do campus não previamente e ortodoxamente estruturada mas espontaneamente, aleatoriamente a cada usuário ou grupo de usuários, através de seus depoimentos sobre as questões relativas ao espaço e, assim, nesse "não método", sucessivamente, de entrevista em entrevista vai se traçando um panorama cada vez mais consistente dos "conflitos espaciais" nas suas sínteses. O método oscila, portanto entre o praticismo e a teorização na identificação dos conflitos arquitetônicos nestas espacializações. Os "depoimentos de campo" obtidos nas leituras eram conjuntamente analisados com observações feitas pelos arquitetos e cruzados com os dos formais, institucionais. As sínteses dos conflitos, problemas foram denominados "Ps", numa analogia aos "Ps" de "patterns", padrões que seriam utilizados na linguagem de projeção e devolvidos aos usuários de maneira coletiva, em debates, assembleias, reuniões ampliadas, após amplamente divulgadas, o que lhes conferiria pertinência e legitimidade. Na sua radicalidade, este processo preconizava que o arquiteto praticamente se transferisse, num escritório visível para a comunidade, para o prédio analisado de

⁴⁰ Revista Módulo, 1985, p. 7.

modo que este fosse também seu usuário e enxergasse *in loco* os "Ps". A revisão do Plano Diretor do Campus Pampulha, na época na ordem do dia, seria usada como o detonador deste planejamento participativo-PARTPLAN. Esperava-se que o engajamento da comunidade nesse trabalho desse visibilidade ao processo.

Como registra Magalhães (1986, p. 23), no processo de discussão e síntese do Plano Diretor, vieram à tona "diversas questões, conflitantes e/ou emergentes, ligadas ao desenvolvimento físico do território e as possíveis alternativas para o mesmo". Essas questões não se esgotam, mas podemos elencar algumas: a primeira delas era a Densidade. Em 1984, a professora da Universidade de Berkeley, Califórnia, Artemis Animou, em visita ao Campus Pampulha, comentou sobre sua baixa densidade comparado-a a dos *campi* americanos, mais densos e com os seus edifícios mais próximos. Na época, comparou a população de Berkeley 30.000 alunos, distribuída numa área em torno de 500.000 m² com à então população do Campus, praticamente um terço daquela distribuída numa área mais de seis vezes maior. Naquela universidade americana, a concentração e densidade da disposição dos prédios facilitavam o percurso peatonal entre os prédios num percurso máximo de quinze minutos, favorecendo o intercâmbio e comunicação entre os usuários. Em que pese a proposta do Sistema Básico e Tecnologia, integrando todos os departamentos, na área central do Campus, atender esta lógica, contida na premissa levantada por Jacobs ou Padrão de Alexander, ou, mais ainda, em *Gathering*, de Norberg-Schuz, Cristian, em *Genius Loci* (Londres, 1980), esta concentração/centralidade que confere densidade é minimizada com o alinhamento desse complexo de prédio, muito longe da avenida principal, dos transeuntes, o que é agravado com a barreira do estacionamento entre a avenida e ao longo do prédio.

Figura 88 – Alinhamento do Sistema Básico e FACE em relação à avenida em 2015.



Fonte: CEDECOM/UFMG.

Figura 89 – Longa distância da entrada FALE à avenida principal. Foto E.F.Soiars, 2016.



Fonte: Foto E.F.Soiars, 2016.

Outra questão importante será a Territorialidade, "a forma de uma comunidade no espaço", que confirma o contido na "Identidade universitária: estilo de vida ou lugar?" (O TERRITÓRIO..., 1970, s.p.) no qual toda comunidade tem sua forma no espaço,

possui seus limites mais ou menos nítido, identificável, onde o espaço individual e/ou do grupo se integração espaço da comunidade, "uma ordem de partes cada uma delas heterogênea e complexa". Se reconhece aí o fenômeno da diversidade da vida entre as grandes concentrações que correspondem à diversidade de lugares e situações. A constituição de um território bem definido fortalece a identidade e estruturação do grupo num sistema que não se pretende homogêneo, mas ao contrário, plural, diversificado na sua expressão física, territorial contribuindo com os bons desempenhos das atividades. Integração interdepartamental, não significa negar organização própria territorial de um departamento. Também em Jacobs e Alexander este fator é fundamental para uma comunidade viva, integrada.

A questão "Edifício Monolítico x Complexo de Edifícios" reflete muito bem este conflito pois segundo Alexander (1981, p. 423), "um edifício é a manifestação visível, física de um grupo social...um edifício humano se revelará sempre como não um monolito, mas sim como complexo destas instituições menores, fisicamente manifestas". A proposta do Sistema Básico/Tecnológico, sem fortes elementos diferenciadores ao longo do edifício corria o risco de se tornar esse "edifício monolítico". Neste sentido, propõem-se a criação de departamentos cuja estrutura física permita a expressão territorial do grupo sem contudo isolá-los dos demais grupos. "A imagem final não deve ser de um edifício enorme mas de um conjunto de pequenos edifícios", reforçada pelo tratamento diferenciado das partes do edifício, "constituindo partes humanas identificáveis" interligados por uma rede de polos de encontro ou espaços polarizadores de vários níveis-cantinas, lojas, livraria, auditórios, estares, exposições, corredores, ruas, cafés, passarelas, jardins, recantos, salas de reuniões para toda comunidade, etc. Um dos primeiros experimentos, nessa nova metodologia foi sua utilização na Recuperação da Área dos Serviços Gerais-RASG, área onde ficavam os galpões de obras dos primórdios do Campus Pampulha e, mais tarde, transformadas em prédio dos serviços gerais, Administração, Almoxarifado, Equipamentos Especiais, Grupo Teatro Giramundo – que começou e funcionava num dos prédios –, Horto, Imprensa Universitária, Marcenaria, Oficina Mecânica, Manutenção, Posto de Combustível e Transportes, e a sede da Associação dos Servidores da UFMG-ASSUFEMG, que, em 1974, no bojo de uma política assistencial do Governo Militar, em substituição ao sindicato, na

época proibido a servidores públicos, se instalou com sua administração e consultórios odontológicos e médicos num destes galpões do início do Campus. Esta área, por lógica estratégica, situava-se à direita da principal entrada do Campus, numa ampla baixada. O ponto de partida foi a solicitação da Imprensa Universitária para reformas do seu prédio nesta área, e do seu entorno, que convergiu com o projeto mais amplo, que foi o plano diretor do território universitário. Como todos os demais prédios, a imprensa situava-se num remanescente do canteiro de obras do início da instalação da Cidade Universitária, degradada, sem infraestrutura, calçamento, muito empoeirada nas épocas de seca e enlameada nas épocas chuvosas, trazendo não só desconforto para uma população fixa, trabalhadores, ou eventuais usuários, como problemas de manutenção das máquinas, no caso as prensas pela constante poeira em suspensão.

Figura 90 – Documento da Imprensa UFMG referente a pedido de providências, de 1983, e capa do Projeto RASG, 1984.



Fonte: Acervo do autor.

De imediato, o arquiteto Eduardo Fajardo Soares e o consultor Luciano Damázio de Gusmão, aplicaram o método da "indeterminação objetiva", abordando

aleatoriamente os usuários ou "habitantes" da área, onde foi identificada uma improvisada cantina no centro desta área, de frente à associação onde toda comunidade se encontrava para lanches, bater um papo ou tomar uma cerveja no final do expediente. Após colher os depoimentos aleatórios e observações no cotidiano do lugar, foram feitas assembleias por locais de trabalho nas quais foram apresentadas as síntese das palavras expressas e os fatos físicos referidos e recolhidos "identificados e listados mais problemas psico-sociais e possíveis correlatos físicos que resultaram em relatórios, projetos e na publicação interna,⁴¹ cujos "Ps" de "problemas" e "padrões" foram elencados:

P1- Condições micro ambientais x condições de trabalho. O calor da deficiente ventilação dos prédios, suas instalações precárias e improvisadas apesar de tantos anos em uso, a poeira a lama provocada nas ruas não pavimentadas, de terra, esburacada e inundações pela falta de captação das águas pluviais, a vegetação mal cuidada provocava tensão, desânimo, desgaste e comprometimentos na produtividade e qualidade no trabalho. Contaminação atmosférica, ruído, insalubridade, problemas de estacionamento fazem parte da linguagem de poder contidos em Alexander.

Figura 91 – Lama e poeira na área de serviços gerais, 1985.



Fonte: Fotos E. F. Soares, 1985.

P2- Introversão na comunidade ("queremos sair, mas para onde?"): O entorno inóspito induziu as atividades formais e informais a serem realizadas nos limites do espaço das unidades, a dispersão e neutralidade social, reduzindo o relacionamento

⁴¹:"Projeto Rasg- 1984-1994", BALABRAN, Vital; GUSMÃO, Luciano Damazio e SOARES, Eduardo Fajardo, DPF/UFMG, 1994

inter-grupal.

Figura 92 – Entorno inóspito da área serviços gerais, em 1985.



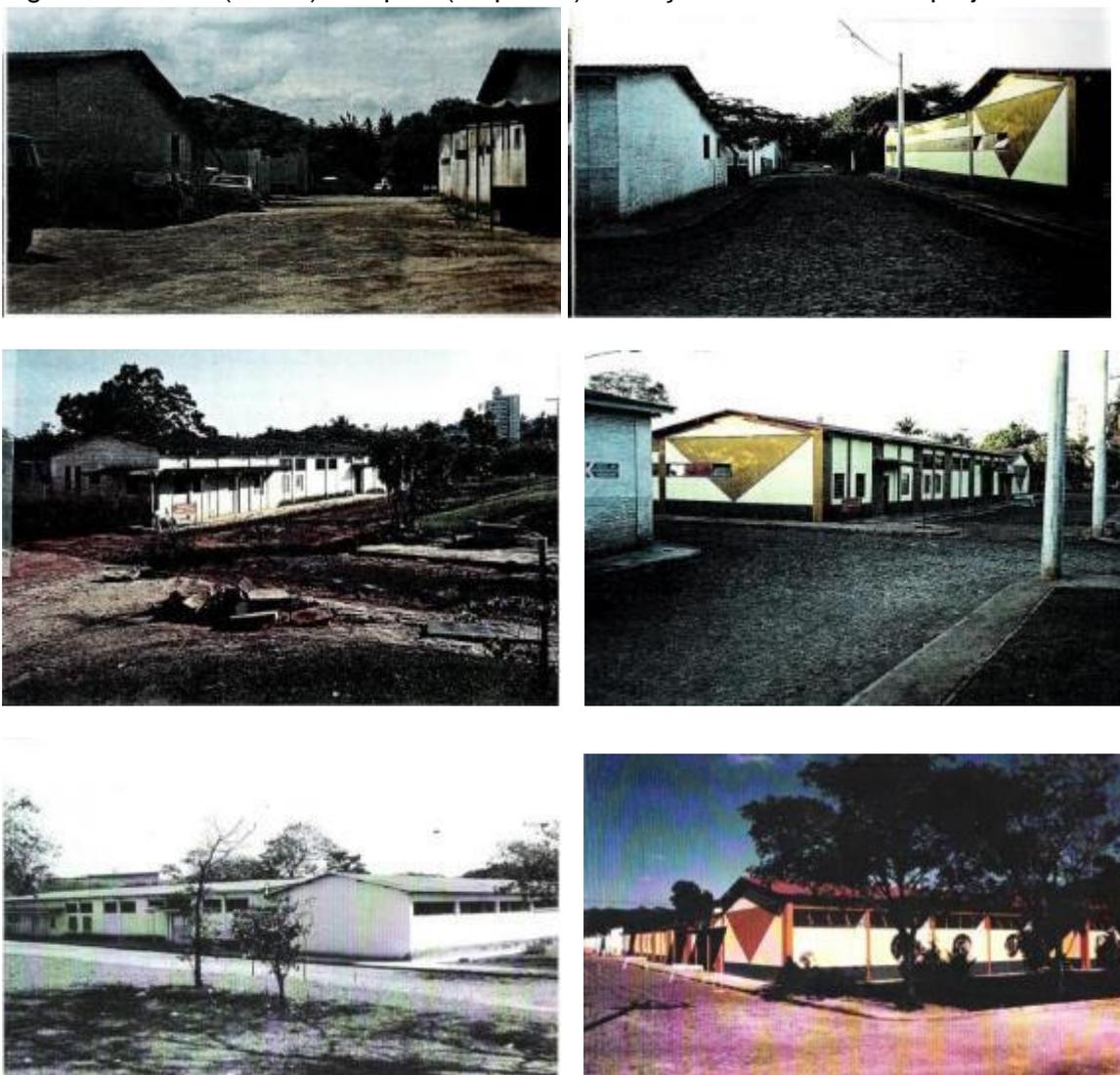
Fonte: Fotos E. F. Soares, 1985.

P3- Vizinhança identificável: O Padrão 14 de Alexander em *Linguagem de padrões*, coloca a necessidade das pessoas em pertencer a uma unidade espacial identificável, como algo distinto de todas outras, um lugar com caráter. No caso em questão, vários em um lugar abandonado, monótono, ou seja, um lugar sem caráter. Isso pedia, antes de mais nada, uma centralidade comunitária que unificasse o corpo do local, um umbigo. O lugar, ou "logar" pra usar um termo de Norberg Schulz, ou de Alexander, com toda esta conotação, que de imediato se apresentou e foi confirmado nas entrevistas como tal era a ASSUFEMG e a cantina em frente, inclusive geograficamente situados no centro da área, e por estas questões habitado pelo "genius loci", de Norberg Schulz.

Diferentes lugares têm diferentes identidades. Tal diferença é suficientemente forte para identificar-se propriedades básicas das imagens exteriores da maioria das pessoas presentes, fazendo-as sentir que pertencem ao mesmo Lugar. Seguindo esta ideia poderemos afirmar que desde os tempos mais remotos o Lugar dá sentido ao assentamento da vida humana. Este fornece o suporte para a nossa expressão e encontro com a terra e permanência debaixo do céu. A própria noção de existência de um indivíduo implica a existência de um lugar pois não se existe abstractamente. Porém o "como estamos no lugar" será a questão mais pertinente e que está associada à identidade do Lugar, ao seu carácter, ou seja, ao seu *Genius Loci*. É fundamental a compreensão que os lugares são possuidores de um Espírito, de uma Identidade e que isso os torna únicos e onde o indivíduo também é único. (PAIVA, 2009, p. 01.)

O problema é que o "espírito" não tinha como se manifestar (uma piada surgida na época pelos pesquisadores), apesar da imensa vocação de sociabilidade do local, pela aridez, desolação, precariedade e a estacionamento caótico da área, tornando como medida inseparável, um projeto urbanístico, de infraestrutura e paisagismo deste "logar". Nesse projeto, além da pavimentação das ruas e drenagem pluvial, inerentes, deveria considerar os demais aspectos de embelezamento e limpeza.

Figura 93. Antes (direita) e depois (esquerda) das ações saneadoras do projeto RASG.





Fonte: Fotos de E. F. Soares, 1994.

P4- Centro Comunitário- Uma praça pública: a dimensão comunitária faz parte dos padrões contidos tanto em Alexander, como em Jacobs ou em Norberg Schulz. Se as pessoas convencionalmente, passam oito horas no seu trabalho, oito em casa, incluindo aí o tempo com deslocamento, não há porque seu lugar de trabalho não ter um caráter comunitário que estimule uma vivência rica em contatos, com lazer, com diversão em lugares agradáveis, bonitos, equipados. O trabalho não tinha que ser condenado a acontecer num lugar entediante, "sem consciência cultural", só com estímulos irritantes, "na realidade, um ambiente que retira, que exaure a energia das pessoas".⁴² Portanto, que a região se constitua em território comunitário, fortemente identificável, com suas festas, lugar próprio para descansar, almoçar e beber junto, conversar, reunir, deliberar, enfim, sociabilizar. Ou seja, consolidar um lugar público, praça, para convergirem os caminhos. Nesse caso, ficou evidente que a vocação era entre a ASSUFEMG e a cantina e um pequeno parque infantil e bancos de espera dos associados e seus filhos para os consultórios da Associação.

Figura 94 — Levantamento e proposta para o Projeto RASG, 1985.

⁴² GUSMÃO, SOARES, 1994, s.p.



Fonte: Acervo ASSUFEMG.

Figura 97 – Evento social no calçadão da cantina Pelego, em 1989.



Fonte: Acervo ASSUFEMG.

Figura 98 – Evento cultural e social no calçadão/praça.1990. Em pé, ao centro, Chicão, que deu nome ao Espaço Cultural, após seu falecimento em 1994.



Fonte: Acervo ASSUFEMG.

Figura 99 – Baile no Espaço Cultural "Chicão" e a cantina Pelego's.



Fonte: acervo ASSUFEMG.

Figura 100 – ASSUFEMG, Espaço Cultural Chicão, e cantina Pelego's.



Acervo: Foto E. F. Soares, 2016.

P6- Esporte e lazer: "Numerosas evidências indicam que saúde física depende de uma atividade física diária... A oportunidade de vida física junto ao local de trabalho contribui com um componente psico-emocional para equilíbrio das pessoas: são sensações totalmente diferentes, que nenhum trabalho pode substituir" (GUSMÃO, SOARES, 1994). O tempo disponível para frequentar o Centro Esportivo Universitário, fora do Campus, nos intervalos do trabalho ou após é exíguo.

Figura 101 – Vista aérea do Centro Esportivo Universitário-CEU, em 1971.



Fonte: Acervo EEFTO/UFMG.

Os campos de futebol da Faculdade de Educação ou as instalações esportivas da Escola de Educação Física, localizados no extremos do território universitário além do mesmo dificultador de tempo e deslocamento, exigem burocracia para utilizá-los. "A disseminação de lugares para prática esportiva e lazer visíveis e convidativas aos transeuntes deveria ser regra, não exceção." (Gusmão, SOARES, 1984, s. p.).

Figura 102 – Campo futebol da ASSUFEMG. Dois momentos: 1985 e 2016.



Fonte: Fotos E. F. Soares.

Cristianne Werneck, professora da Escola de Educação Física da UFMG, em seu livro *Lazer, Trabalho e Educação* (2000), nos chama atenção que "lazer não é apenas o inverso da obrigação, do não trabalho, a desocupação dedicada à diversão." Informa-nos que, nas últimas décadas do século XX, a temática lazer ocupou um espaço cada vez maior no cenário social provocando grandes debates e estudos interdisciplinares pela necessidade de conhecer mais profundamente os diferentes aspectos que o envolvem. Sabe-se que o lazer está presente na Declaração Universal dos Direitos Humanos, na Constituição Federal do Brasil e na Organização Internacional do Trabalho, como um direito social a ser integrado no conjunto das políticas públicas do Município, do Estado, da Federação, incluindo das Universidades. Discorre a origem do lazer que na antiguidade o lazer não era apenas vinculado ao trabalho, mas também à educação, pois para gozá-lo tinha que ser ter sólida formação. Era um privilégio de uma pequena parcela de homens livres, para os gregos era o ócio ante as tarefas servis, para desfrutar a reflexão, contemplação e a sabedoria. Mesmo assim era intensa a participação de todos em jogos, festas, eventos culturais e comemorações sociais. Eles promoviam uma "síntese entre cultura e educação".

Nos tempos áureos de Roma nasceu a etimologia da palavra lazer, do latim *licere*, que significava as práticas culturais, festivas, alegres, comemorativas lícitas. Na Roma cristã lazer passa a ter um novo e fundamental elemento na sua concepção: Deus. Agora somos todos iguais e um novo significado de lazer e trabalho passou a existir: "a educação para o povo com ênfase catequética, dogmática, e educação para o clérigo, com base humanista e filosófico-teológica".⁴³ Na difusão do catolicismo, na Idade Média, no Feudalismo, o povo foi dividido em cavaleiros, a serviço das armas, e camponeses, vassalo, objeto de exploração, domesticação e trabalho servis. Ambos submetidos ao senhor feudal. A questão do pecado longa e paulatinamente embutido nesta ética cristã, isola as mulheres, "pecadoras por natureza" à falta de instrução, salvo se tiverem vocação para os conventos, e condena o lazer das festas, danças, jogos, espetáculos, como um perigo à purificação da alma. Conforme Werneck, Santo Agostinho, em sua obra *Confissões* salienta que "ao invés de se entregar ao prazer dessas coisas mundanas, deveria se dedicar a atos mais nobres, tais como aprendizado das letras e a elevação de sua alma a Deus".

No vestivo da dimensão religiosa, o trabalho passou a ser penoso sacrifício a punição divina do pecado original, e o não-trabalho para a busca da paz e purificação da alma. "O riso era o primeiro passo ao pecado, à alegria, ao prazer... ele deveria ser banido da vida de todo bom cristão, mantendo-se a noção de trabalho como sacrifício". Por isso, tanto o trabalho quanto o lazer deveriam ser controlados para se evitar os "indolentes prazeres da vida mundana".

O protestantismo, por sua vez, também se encatregou de reforçar a concepção de lazer como um vício e o trabalho e a educação como instrumentos de purificação e salvação. Qualquer descanso seria uma chance para pecar. "Calvino, em Genebra, fazia fiscalizar, com rigor inusitado, a moral pública e particular, proibindo as mais simples e comuns manifestações de prazer e alegria de viver. Nesse caso, o lazer só poderia se suspeito" (WERNECK, 2000, p. 19). Nesse sentido, o trabalho foi sendo cada vez mais revestido da ética capitalista comercial na modernidade renascentista, que preparou o homem burguês pelo elitismo; aristocracismo e individualismo liberal e, mais tarde, industrial, do cientificismo, do positivismo, do

⁴³ WERNECK, 2000, p. 35.

iluminismo, mas sempre com o mesmo ideal de "sacrificar tudo em nome do trabalho".⁴⁴ Enquanto isso os trabalhadores assalariados, inclusive crianças, não tinham tempo para o lazer, pois trabalhavam até dezesseis horas diárias.

A Revolução Industrial ocorreu, em meados do século XVIII sob a égide da técnica e da ciência. Na mesma época ocorreu a Revolução Francesa, que trouxe consigo uma nova ordem política e social, que inflama a luta das camadas populares pelo acesso à educação. Uma educação laica, gratuita e oferecida a todos pelo Estado. Na busca da libertação dos despotismos do clero e da monarquia o Iluminismo acentua a luta pela liberdade individual, *Liberté* e a busca pelo refúgio na natureza, o "bom selvagem". De novo este estilo de vida só poderia ser usufruído por quem não tinha necessidades materiais garantida pela mais valia da mão-de-obra assalariada, que via no trabalho não uma coisa edificante, libertadora, mas "um esforço cansativo, rotineiro que tinha a sobrevivência como objetivo". Neste sentido, em oposição ao labor grego, o "trabalho alienado", o operariado vislumbrava o lazer romano como um dos poucos momentos de descanso, prazer, diversão, diria nesta ordem. Inicialmente os operários encontravam este prazer nos encontros após a jornada de trabalho nos pubs e cafés, que, evidentemente, passaram a ser lugares mal vistos, perigosos, para a burguesia, "um pretexto para reunir os operários interessados em promover a mobilização política". De fato, os operários não tinham nenhum canal para suas reivindicações, sendo obrigados a calarem-se até mesmo na hora de seu tempo do "não trabalho", a ponto de 1883, na França, criar-se uma lei que proibia discussões políticas entre operários de mesmos níveis, ao ponto de pubs, cafés e bares serem vigiados. As "associações" políticas surgiram camufladas nestes lugares, independente do alcoolismo real para fugir da dura realidade e o alcoolismo social, "simulado", que ajudou as organizações dos trabalhadores.

Quando o café se tornou o local de conversação entre pares no trabalho, ameaçava a ordem social: quando o café se tornou um local onde o alcoolismo destruía o discurso, mantinha a ordem social. A condenação dos pubs das classes baixas pela sociedade respeitável precisa ser vista com olhos desconfiados. Ao mesmo tempo em que essas condenações eram dúvidas sinceras, muitos exemplos de fechamento de cafés e pubs ocorreram não quando a beberagem tumultuosa ficava fora de controle,

⁴⁴ Ver: TORRAINE, Alain. *Crítica da Modernidade*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1997. *Apud* WERNECK, 2000, p. 21).

mas, antes, quando se tornava evidente que as pessoas no interior dos cafés estavam sóbrias, zangadas e conversando.⁴⁵

Neste contexto, na França o militante socialista Paul Lafargue, genro de Marx, publica o panfleto *O Direito à Preguiça*, um clássico (Trabalhem, trabalhem, proletários, para aumentar a riqueza social e suas misérias individuais, trabalhem, trabalhem para que ficando mais pobres, tenham mais razões para trabalhar e tornarem-se miseráveis. Essa é a lei inexorável do capitalismo) e desencadeou no movimento operariado reivindicações sociais pelo lazer, pelo descanso como bandeiras de luta. como direito na moderna sociedade urbana industrial.

Na pós-modernidade, entendida pós Segunda Guerra Mundial, início da era da TV, descoberta da penicilina, da reconstrução da Europa, da sociedade pós industrial pós jornadas exaustivas de trabalho e bairros operários imundos, sucede uma nova Idade da Máquina da alta tecnologia, da eletrônica, da química sintética, da sociedade da produção em massa, da passagens da produção de bens para a de serviços que ao lado da informação, da educação e saúde, influencia a difusão do lazer, hoje um movimento global. É a indústria do lazer, do entretenimento, das estratégias de marketing para seu consumo, impondo os padrões da cultura dominante às outras "sem levar em conta a identidade e a diferença características dos pequenos grupos", criando este impasse da uniformidade cultural que o fenômeno da globalização produz, inclusive o lazer.

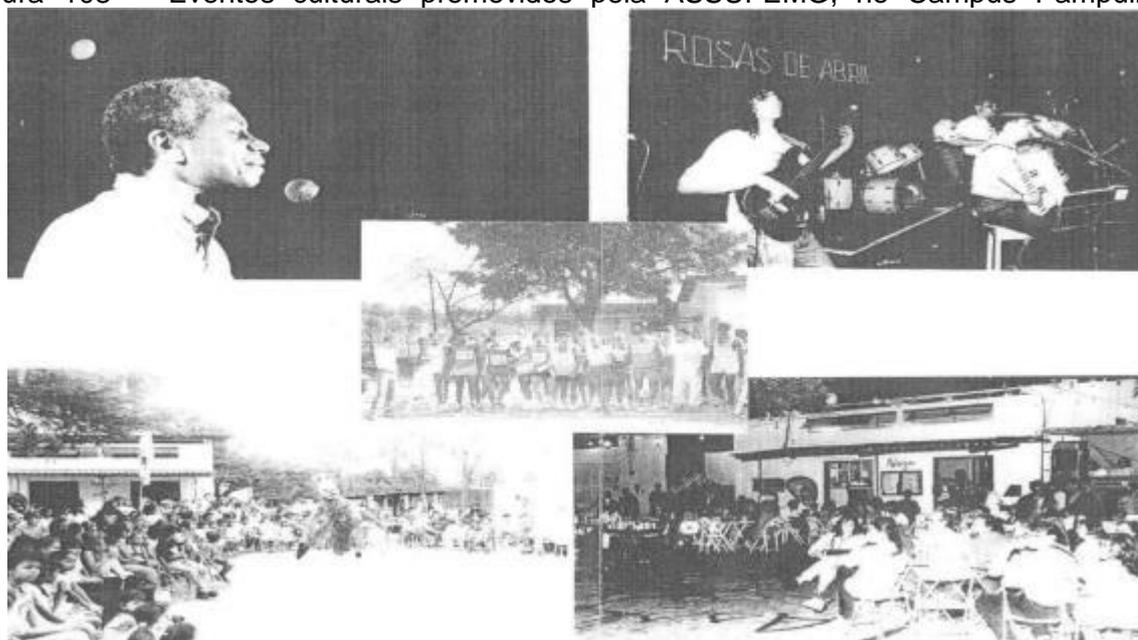
Por isto, vem crescendo articulação e resistência em defesa da diversidade cultural, do cotidiano, do habitual, do familiar entendendo as culturas populares não como as culturas inferiores, mas com sua autonomia simbólica, um terreno de práticas culturais interligadas: arte, arquitetura, lazer, religião, organização política, trabalho e lazer. Nos dias atuais "vem se avolumando a preocupação com o lazer como um dos fatores principais para a busca da qualidade de vida, uma das áreas promissoras do próximo milênio".

Em breve, segundo De Masi, sociólogo italiano, não será mais possível distinguir estudo e trabalho de tempo livre e ócio, de lazer, por isto, o lazer como direito social

⁴⁵ Ver: SENNETT, Richard. *O declínio do homem público*. As tiranias da intimidade. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. *Apud* WERNECK, 2000, p. 266.

não pode ser apenas institucional, pois ele tem que ser "qualificado, redimensionado e resignificado pelos sujeitos que o vivenciam", pois o lazer representa sempre uma chance de produção cultural por meio da vivência lúdica de diferentes conteúdos". Com todas estas premissas de meados dos anos de 1980, e confirmados aqui nesses enfoques da autora já no alvorecer terceiro milênio, foram solicitadas que, além de servir para alimentação além de lanches, almoços e jantares, a cantina e calçadão fossem adequados para as manifestações culturais, de encontro, de festas; que um campo de futebol existente atrás dos prédios, usados rotineiramente, inclusive como escolinha de futebol para meninos carentes das redondezas e filhos dos servidores, fosse consolidado, reformado e atendido por vestiários; salão de jogos, e ;um palco para apresentações, etc.

Figura 103 — Eventos culturais promovidos pela ASSUFEMG, no Campus Pampulha,



s.d.

Fonte: Acervo ASSUFEMG.

Na realidade, os locais de lazer em geral, com esporte, equipamentos de ginástica e lúdicos, como gangorra, por exemplo, sempre foram raros. Em contrapartida, esse desejo reprimido por lugares ao rápido alcance para praticar esportes espalha-se por todo Campus, haja visto que em frente ao antigo Pavilhão Central de Aulas, do ICEX, num vistoso gramado, sempre foram disputadas "peladas" entre os universitários neste improvisado "campinho" sem jamais ter trazido qualquer incidente. Na Escola de Veterinária, no pátio central gramado os alunos jogavam volei, mas a direção acabou com isto, plantando árvores no local e abortando uma

saudável sociabilidade e lazer, sob a estreita alegação que eram ruidosas na hora de aulas, ao invés de disciplinar e proibir a prática apenas nessas horas.

P6- Lugar Sagrado - Este Padrão, contido em Alexander sob o nº 24, no qual "a gente não pode manter nossas e suas conexões com o passado se o mundo físico em que se vive não tem algo para sustentar essas raízes espirituais", nasceu de uma solicitação da comunidade por uma capela, um lugar pra rezar que Gusmão interpreta como necessidade de um "lugar sagrado", especialmente "assentado e embelezado para encarnar, em seu segredo, o valor que as pessoas conferem ao território; o umbigo por onde se conectam com o passado e futuro, com a terra, com o cósmico, com o espiritual".

Por ser a Universidade laica, especulou-se junto à comunidade em conjunto procurar este local mais ecumênico, simbólico, a princípio sugerido numa pequena matinha secundária que se regenerava ao lado da área, mas pela insistência de ser uma capela católica, criou-se um impasse e o local caiu no esquecimento. Mais tarde, meados dos anos 1990, no centro de uma área no descampado do gramado entre a Reitoria e esta Área dos Serviços Gerais, cortada por caminho de intenso tráfego peatonal que os conectava, foi realizado um ritual religioso de indígenas por ocasião do I Encontro Etnomusicológico da Escola de Música, já instalada nas imediações. Também ali passou a ocorrer cultos ecumênicos e de formatura da Escola de Medicina, mas o fato consagrador da vocação da área ser este "Lugar Religioso" foi no início dos anos 2000, quando a Universidade ter ganho restos de entalhes, altar, piso e sino de uma capela colonial demolida e remontada no antigo prédio da Construtora Mendes Júnior, que ao ser vendida, foi oferecida para a UFMG, desde que esta se incubisse de seu desmonte, e sua remontagem no Campus da Pampulha, o que sem maiores cuidados e açodadamente foi prontamente aceito e posto em ação, que não se concretizou pois a comunidade da localidade original da capela, ao identificar seus restos numa reportagem se mobilizou e os exigiu de volta.

Faz-se necessário observar que acontece no Campus inúmeros cultos e manifestações religiosas como pode ser observado em reportagens no *Boletim*

UFMG⁴⁶ ou em quadros de avisos das unidades acadêmicas. Pode-se dizer que não é fato isolado da UFMG, pois em reportagem, o jornal da UNB⁴⁷ informa o mesmo fenômeno naquele campus.

Figura 104 – “Quando religião e razão se confundem.” Boletim UFMG.

Quando religião e razão se confundem

Crescimento de grupos religiosos na UFMG mostra que fé e ciência podem se completar

Maurício Silva Júnior

Terça-feira, 13 horas, anfiteatro 2 do ICB. No mesmo local onde dezenas de alunos estudam a ciência da vida, cerca de 30 pessoas reúnem-se diante de um altar improvisado e, durante 60 minutos, fazem orações a Deus. Celebrada pelo padre jesuíta Juan Antônio Ruiz de Gopegui, a missa acontece todas as semanas na unidade. Em outros pontos da UFMG, adeptos de outras religiões encontram-se com regularidade para rezar, discutir temas bíblicos e trocar idéias sobre a existência.

Tais práticas ressuscitam uma antiga questão: o campus é um espaço para o convívio entre fé e ciência? Para os integrantes de grupos religiosos na UFMG, a pergunta é descabida. Compostos majoritariamente por alunos e professores da instituição, muitos defendem a ideia de que religião e conhecimento acadêmico se complementam. Exemplo disso está na trajetória de vida do físico Carluccio Ferreira dos Santos. Depois de se formar no ICB, ele resolveu dedicar-se integralmente à religião. Estudou idiomas clássicos, fez mestrado em Bíblia Hebraica no exterior, e hoje coordena, no campus, a Aliança Bíblica Universitária (ABU).

“Não é por estarmos num ambiente universitário que debaremos de ouvir a voz de Deus. A separação entre fé e conhecimento é do tempo em que a Igreja se opunha ao desenvolvimento



po pretende formar profissionais com ampla visão cristã. “Se você ouve apenas a academia, acaba ignorando Deus e a religião”, resalta Eduardo Robson Duarte, mestrando em Veterinária e participante do Carisma.

O espiritismo também possui espaço na UFMG. Uma vez por semana, pessoas ligadas ao Grupo de Estudos Espiritas reúnem-se na Escola de Veterinária para ouvir palestras e debater temas de relevância para o homem. Criado por Sergito de Souza Cavalcanti, professor aposentado do departamento de Zootecnia, o movimento não organiza cultos religiosos dentro do campus. “O Kardecismo é dividido em religião, ciência e filosofia. Dentro da Universidade, preferimos estudar, em vez de organizar, por exemplo, reuniões mediúnicas”, explica Sergito.

O crescimento da prática religiosa na academia, contudo, encontra opositores, como o estudante Bernardo Esteves, do curso de Jornalismo da Fafich. “O Brasil é uma república laica, ainda que o presidente tenha um crucifixo pendurado em seu gabinete. Além disso, aqui é local de difusão de saber. Não sou contra a relação entre fé e ciência, mas acho que universidade e igreja são incompatíveis”.

Anfiteatro do ICB é usado para celebração de missas semanais

Carismáticos e espíritas

Representante do catolicismo carismático na Universidade, o Carisma é um dos movimentos com maior número de adeptos. Cerca de 150 pessoas encontram-se, semanalmente, em cinco unidades do campus Pampulha. O gru-

Boletim 21107195 - Nº 12112 - DS R

Fonte: Boletim UFMG, nº1.242, 28/01/1999, p. 08.

⁴⁶ Boletim UFMG, nº1.242/1999, p. 08.

⁴⁷ unbotícias, nº 61/2004, p. 01

Figura 105 — Mural de aviso, ICEX.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Figura 106 — Ritual religioso indígena no gramado da Escola de Música.



Fonte: www.emu.ufmg.br. Acesso em 10/07/2016.

Por este "espírito do lugar" o local recaiu sem maiores dificuldades, nesta área, no gramado entre a Reitoria e Escola de Música; mas a ideia de se remontar um pastiche de uma capela católica colonial que teve repercussão na imprensa da cidade, foi muito criticada pelos estudiosos da área do patrimônio, e enterrada de vez, quando se descobriu que os tais elementos da capela eram originários de uma demolição irregular da área rural do Estado e tiveram que ser devolvidos para a Igreja. No entanto o maior mérito desta empreitada foi que o arquiteto Eduardo Fajardo Soares, responsável pela apresentação da implantação da capela, se preocupou em incluir junto a ela uma grande praça ecumênica.

Figura 107 — Vista virtual da Praça Ecumênica e da capela, 1999.



Acervo: DPP/UFMG, 1999.

P8- Acesso à Água - Uma das solicitações repetidas foi um acesso à água, por uma bica, um ponto d'água, onde os transeuntes e usuarios da área pudessem se refrescar e bebê-la em dias muito quentes ou lavar as mãos, o rosto.

P9- Espaço Exterior Positivo/Caráter dos Edifícios: O aspecto feio, sujo, inacabado, precário, de "meros barracões" foi um dos mais mencionados como desoladores da região. Espaços residuais entre e nos edifícios incomodava muito também, sendo reclamada por todos por uma intervenção arquitetônica, paisagística que desse ao lugar um caráter mais digno.

P10- Esculturas, Ornamentos e Cores: "Em todo lugar que houver uma certa extensão vazia, indefinida, implantar um objeto em torno do qual se possa gravitar ou se apoiar, um ponto de apoio para a organização do espaço circundante" (GUSMÃO, 1984, p. 12). Evidente que a obra de arte, a começar pela escultura no espaço aberto, no paisagismo, ou murais em paredessem maiores valores arquitetônicos, podem e devem cumprir este papel.

Figura 108 — Cores e esculturas nos prédios do Campus.



Fonte: Fotos E. F. Soares, 1994 e, 2016.

Algum ornamento identificável, um detalhe e cores nos prédios foram mencionados. Era uma oportunidade para aplicar o que Venturi defendia, uma arquitetura e espaços com vários significados. É notório que, com honrosas e excelentes execuções, existem poucas obras de artes, esculturas, murais espalhados pelo Campus e nos locais em potencial, como os rottores, em vez de um objeto escultórico se colocam postes ou mesmo árvores.

P11- Arborização - A sua necessidade na área quente, exposta ao sol, foi inconteste. Além desta necessidade para o valor paisagístico e refúgio mais isolado foi reinvidicada atenção com um pequeno bosque no local formado por uma mata secundária para que este pudesse ser limpo e ser um local de encontro, de pic-nic entre suas árvores colocados mesas e bancos de pedra. Na arborização das ruas, foi fundamental Vital Balabran, um experiente engenheiro hidráulico sanitário da Prefeitura da UFMG, para o projeto da pavimentação das ruas. Enquanto todos outros temiam suas durabilidade, por só tratar de uma área de possíveis inundações de fluxo e refluxos rápidos de água que poderiam afetar a integridade da pavimentação, este trouxe uma solução simples, cuidadosa com materiais da região, pó de minério na sub base bem compactada, produzindo um dos mais sólidos e compactos calçamento do campus Sugeriu ainda que se usassem, as mais adequadas árvores para ruas: o oiti por ser autóctone e ter pouca caducidade em suas folhas, mesclada com árvores coloridas, ipês e frutíferas.

Figura 109 — Arborização na área de serviços gerais, Projeto RASG. Antes (1985) e depois (2016). Fotos E. F. Soares.



Fonte: Fotos E. F. Soares.

P12- Comer Juntos - "Nenhum grupo humano se mantém unido se não comer em comum". Em vez de utilizarem as abafadas copas locais ou os restaurantes no Campus, que exigiam um razoável tempo de deslocamento, além de proverem os locais com copa e sala de estar mais adequadas, foi reclamado muito um restaurante na região para os que não gostavam ou não podiam trazer alimentação de casa que fosse mais que uma simples cantina para lanches ligeiros. Óbvio que a indicação recaiu sobre a improvisada e precária cantina existente mas que já servia pequenas quantidades de refeições e era um embrionário local de encontro, de bate papo, de um carteadado, dominó, nos intervalos do almoço, mesmo para quem almoçava nos seus prédio, ou tocar um violão, bebericando após o trabalho. Isto aconteceu exatamente num momento de efervescência política no final da Ditadura 1964, quando os servidores se organizavam em torno da ASSUFEMG e da cantina que logo virou um boteco, frequentado pela militância política sindical e foi batizada com o sugestivo e debochado nome "Pelego's Bar".

Figura 110 — Matéria sobre a Cantina Pelego's e foto atual, de 2016. Foto de E .F.Soares.



Fonte: Jornal ASSUFENG, 1985, p.8.

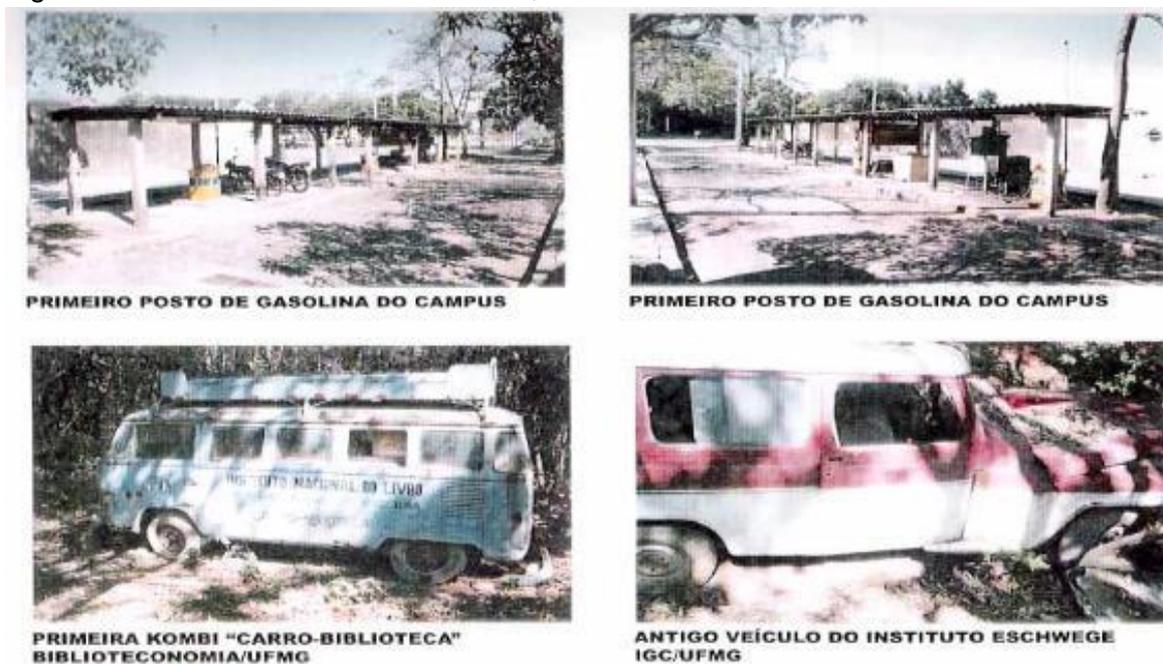
Neste contexto trabalho foi integralmente encampado pela Associação e pela comunidade e foi apresentado solenemente em 1986, ao Reitor Cid Veloso, o primeiro Reitor a ser eleito pós Ditadura Militar, por via direta e paritária entre os segmentos da Universidade, logo após empossado, no auditório da Reitoria, assistido pela comunidade universitária. Por isso ele foi apelidado de "arquitetura sindical", dado seu cunho de reivindicação trabalhista que adquiriu. Além das reformas para melhoria de todos prédios, para os servidores, estava também incluindo para o Grupo Giramundo de Teatro de Bonecos, fundado pelo artista e professor da EBA, Álvaro Apocalypse, que funcionou desde o começo num dos prédios da região.

13P- Cinema/Teatro do Bairro - O auditório da EBA que fica no mesmo nível da área e perto dos galpões foi sugerido ser o cinema/teatro do "bairro" com apresentação do acervo de filmes da Escola, os grupos de teatros de bonecos, etc.

Na época, alguns artistas e professores da recém inaugurada Escola de Belas Artes, quando esta em 1972 foi transferida para seu prédio atual, utilizavam partes dos remanescentes prédios, como Álvaro Apocalypse, Jarbas Juarez, Inimá de Paula. Estes professores, liderados por Apocalypse, estimulados pelo rico potencial da área, produziram um documento em 1987, encaminhado à Associação e à Reitoria, contendo uma proposta para instalar na área um "Campus da Arte" que, tendo a EBA como núcleo, consistia a utilização de alguns prédios da área para oficinas, como a já existente de teatro de bonecos. Inicialmente a Imprensa Universitária

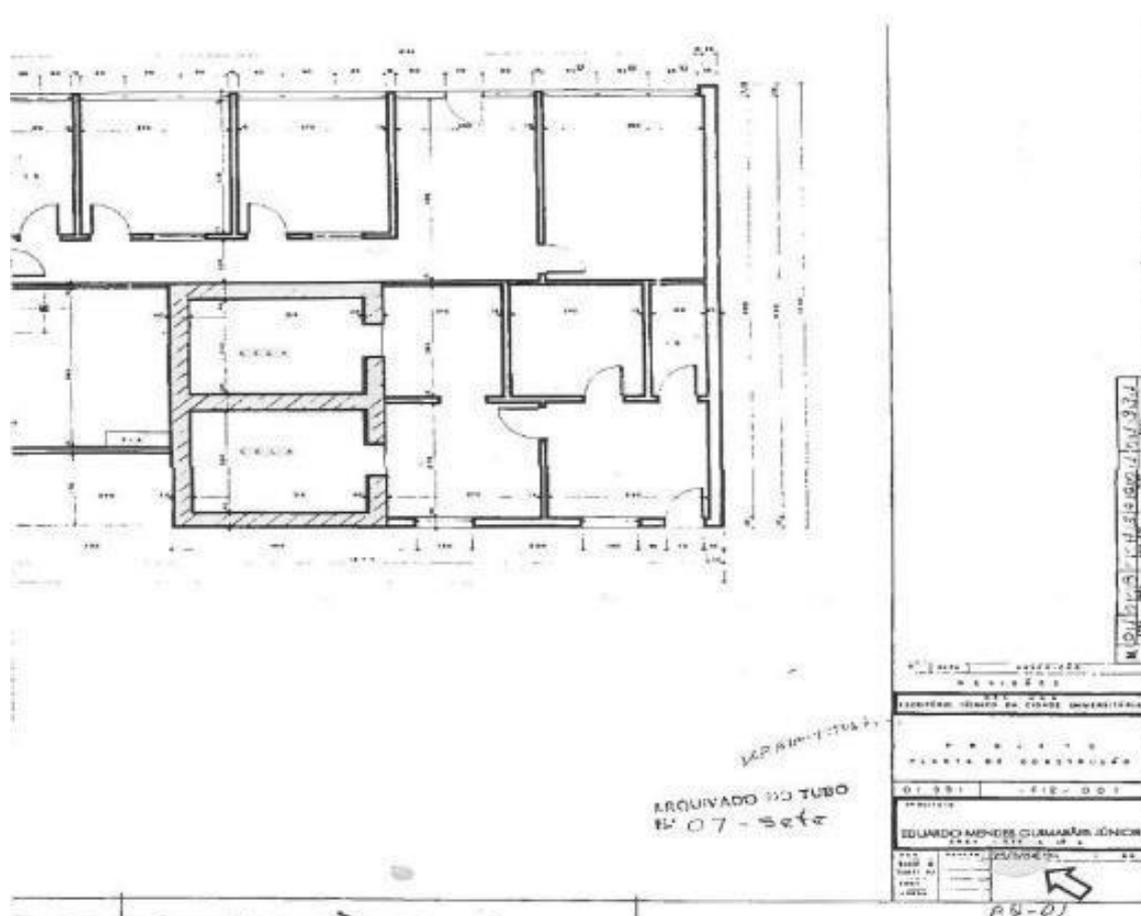
tinha a perspectiva de se transferir para prédio novo, ao lado da Escola. Essas oficinas e a Escola, promoveriam cursos extensionistas para a comunidade universitária e externa. Interessante este aspecto de uma pequena cidade em potencial, da área que evocava o conceito que Gustavo Giovannoni, em 1913, desenvolveu "de arquitetura menor, um conjunto urbano antigo que constitui em si um monumento, tanto por sua estrutura topográfica como por seu aspecto paisagístico, pelo caráter de suas vias assim como pelo conjunto de seus edifícios maiores e menores, merecedores das mesmas leis de proteção" (CHOAY, 2006, p. 143). Chama a atenção que neste conjunto histórico do início do Campus Pampulha, além dos galpões projetados por Eduardo Mendes Guimarães Júnior, de máquinas e veículos desta época, como o trator de compactação ressignificado em exposição em frente à Escola de Belas Artes, ou um dos primeiros carros do Instituto Eschweg da Geociências, em Diamantina/MG, uma velha perua "aero-willians" ou, então o primeiro carro Biblioteca da antiga Escola de Biblioteconomia pra atender a população em seus bairros, uma velha Kombi, existe num prédio o que era uma cadeia, confirmado no desenho arquitetônico como denominação de "cela", inicialmente para surpreendidos ladrões de materiais de construção, pela vigilância, segundo relatos orais destes vigilantes que trabalhavam nesta época remota do Campus, na ocasião do Golpe Militar foi usada momentaneamente como cadeia para presos políticos por ser um local relativamente ermo e perto do aeroporto da Pampulha.

Figura 111 – Detalhes do Dossiê RASG, 1994.



Fonte: Acervo do autor.

Figura 112 – Planta com cela prisional no Campus. Projeto de Guimarães Júnior, 1964.



Fonte: DPP/UFMG.

Figura 113 — Remanescente da cela no prédio do antigo Serviços Gerais.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Enquanto se mobilizava para efetivar as reivindicações a comunidade e os servidores liderados pela ASSUFENG, em 1986, no ano do Cometa Harley que frustou na todos com sua pífia aparição, lançou o mais massivo e amplo

eventocultural de toda UFMG, "Rosas de Abril-Cometa Arte" que durante todo mês teve vários acontecimentos como feiras de artesanatos e exposições de produções artísticas da comunidade universitária e eventos culturais no prédio e auditório da Reitoria, apresentações artísticas, jogos de salão ou de futebol, corrida rustica, na área e no calçadão, bar já provisoriamente constituídos, que era fechado com uma grande quermesse e apresentação de artista de renome nacional, aberto a todos, no talude gramado em frente à Reitoria, originalmente feito para isto, mas que teve tal evento como pioneiro na apropriação do referido gramado

Figura 114 — Evento "Rosas de Abril", com montagem de feira e barracas no entorno do gramado da Reitoria, 1986.



Fonte: Acervo ASSUFEMG.

Figura 115 — Grupo Galpão apresentando-se no "Rosas de Abril", no gramado da Reitoria, 1993.



Fonte: Acervo ASSUFEMG.

Fig.

Por ali passaram artistas locais renomados como Markus Ribas, Lô Borges e nacionais, como Sá e Guarabira, Paulinho da Viola, Alceu Valença e outros, grupos como Galpão, Giramundo. Nas aberturas vários artistas servidores ganhadores do festival de música também se apresentavam. Nessas apresentações magnas, que levavam milhares de pessoas ao gramadão da Reitoria, representantes dos três segmentos da Universidade, docentes, docentes e servidores com seus respectivos familiares, amigos, filhos, namorados e namoradas e também da população dos bairros vizinhos e populares. Na rua que ficava na parte alta do talude e em toda sua extensão eram montadas barraquinhas de bebidas, caldos, tira gostos, cafés, doces, e enfeitadas com bandeirolas. Na parte baixa, no platô calçado onde fica, mais à lateral, a mais icônica escultura do Campus, *Homenagem a Aleijadinho*, de autoria do não menos icônico arquiteto, professor, escritor, estudioso da arquitetura e urbanização colonial mineira, Sylvio de Vasconcellos, se instalava o palco. Toda a imagem e clima eram belos, harmoniosos e pacíficos. Nunca houve o menor desentendimento nestes massivos eventos. O grande evento causou um grande e positivo impacto no seio da universidade, confirmando a capacidade dos servidores de promoverem cultura, lazer e espetáculos com grande desempenho. Só anos mais tarde, a administração da Reitoria passou a utilizar este propício espaço para grandes eventos culturais, políticos, sociais.

Ainda no início dos anos de 1980, como primeiro resultado das primeiras leituras críticas do Sistema Básico, foi projetado por Maria Lucia Malard e Claudia Rodrigues, e inaugurado em 1983, o prédio do Instituto de Geociências que antes funcionava no prédio do Departamento de Química e que incorpora os "Ps", como, atentando para a crítica de Artemis Anninou sobre densidade e distanciamento, com proximidade do prédio à rua, acesso destacado em pórtico, pátio articulador, Diretório Acadêmico e cantina no seu entorno ou nas proximidades a ele, recantos e jardins internos .

Figura 116 – Entrada porticada do IGC.



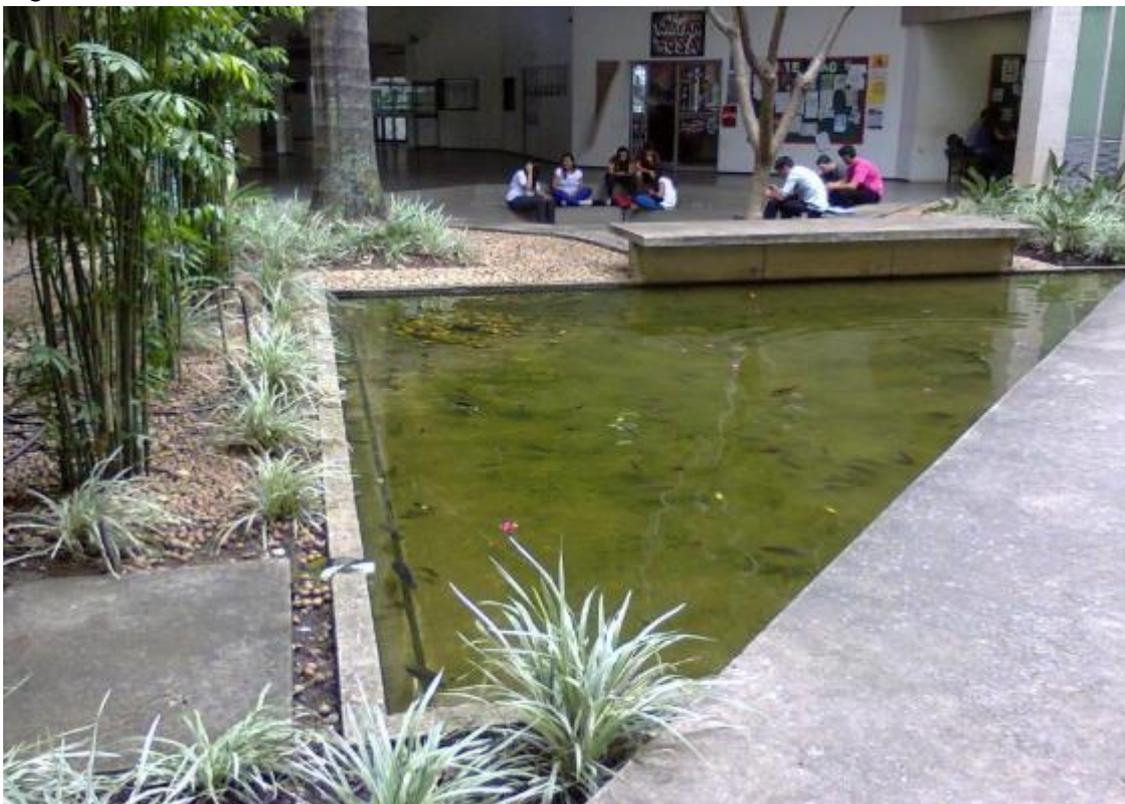
Fonte:

Foto

E.F.Soares,

2016.

Figura117 – Pátio Interno do IGC.



Fonte: Foto E .F. Soares, 2016.

Em 1990, final da gestão Cid Veloso, aconteceram duas importantíssimas inaugurações de prédios acadêmicos no Campus Pampulha: o da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas-FAFICH, projetado por Cristina Brant Furlan, Edmundo Werna Magalhães e Gaston Oporto Prudêncio, que se transferia do seu lendário prédio na rua Carangola, Santo Antônio, na zona sul da cidade, e da antiga Escola de Biblioteconomia, hoje Escola de Ciência da Informação, projetado por Eduardo Fajardo Soares, Sebastião de Oliveira Lopes e Ricardo Orlandi França, todos da equipe do DPFO. Nesse prédio o Sistema Básico se aplicou de maneira mais radical às questões e novas abordagens preconizadas no PARTPLAN. De imediato, procurou-se locar o prédio, mais próximo da rua. Em seguida, a hierarquização do acesso principal, através de porticados de pé direito triplo por onde se vislumbra os patios internos dos prédios. No caso da ECI antecedido por um adro frontal, escalonado, servido por uma escada-rampa.

Figura 118 – Pórtico de entrada da FAFICH.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Figura 119 – Arena sob pórtico da FAFICH, vista da ECI.



nte: Foto E. F. Soares, 2016.

Fo

Figura 120 – Corredor rua e saguão/cantina na FAFICH.



Fonte: Fotos E. F. Soares, 2016.

Figura 121 – Grafite e livraria nos corredores ruas na FAFICH.



Fonte: Fotos E. F. Soares, 2016.

A distinção deste território dos demais do sistema, foi valorizada por elementos arquitetônicos ressaltados nos "Ps": ou elementos de "Segunda Ordem": bancos nas calçadas, assentos espalhados, cores, ornamentos, pisos diferenciados ou de calçada portuguesa, recantos no caminho, volumes de escadas, sacadas, rampas, elementos vazados, pátios com vida, vegetação, etc.⁴⁸

Vizinha à FAFICH, dentro do Sistema Básico, mais próximo à avenida, como recomendou a arquiteta americana Artemis, em território claramente distinto, também na perspectiva do PARTPLAN, encontra-se a antiga Escola de Biblioteconomia, atual Escola de Ciência de Informação-ECI.

⁴⁸WERNA, 1986, p. 35.

Figura 122 – Pórtico de entrada da ECI.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2000.

Figura 123 – Pórtico de entrada, próximo à rua e tratamento de piso na ECI.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

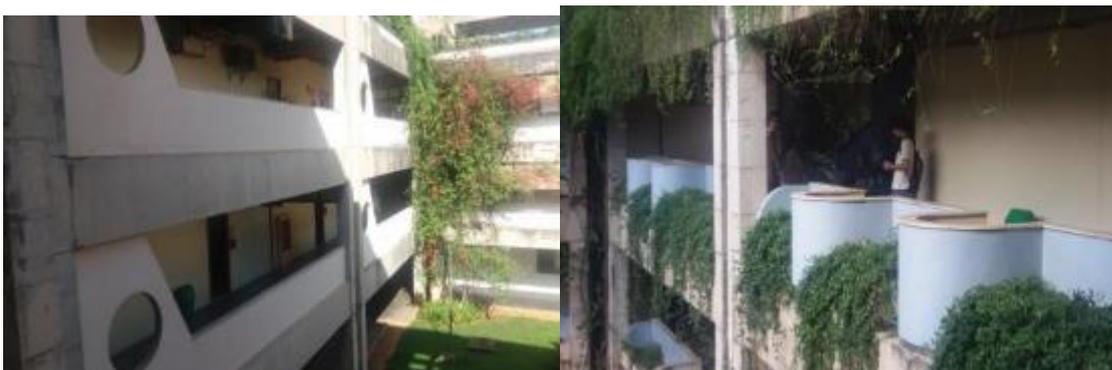
Figura 124 – Detalhes do pátio e elementos diferenciadores na ECI.





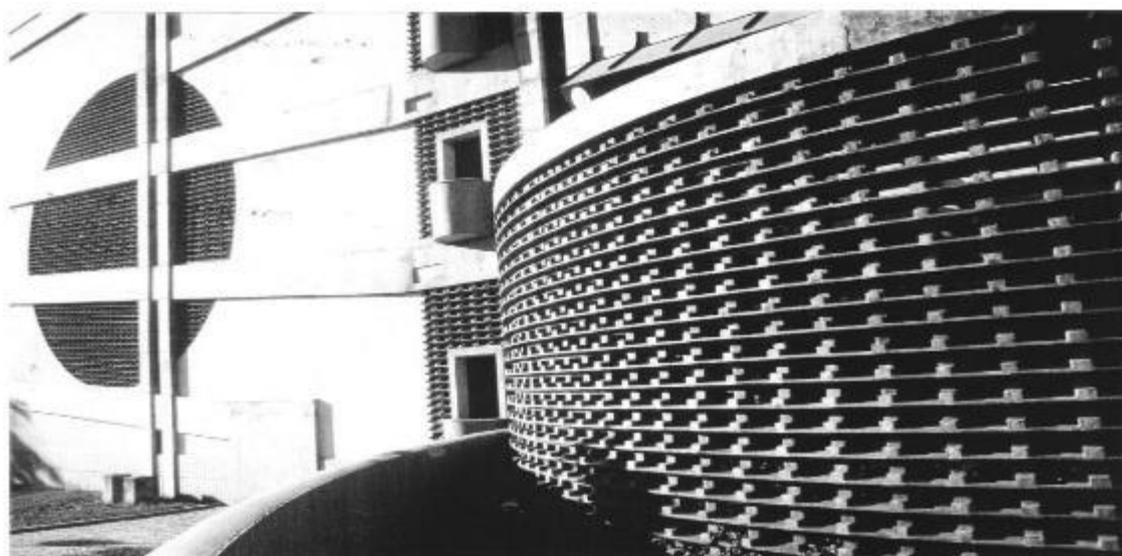
Fonte: Fotos E. F. Soares, 2016.

Figura 125 – Elementos de segunda ordem na ECI, em 2016.



Fonte: Fotos E. F. Soares.

Figura 126 – Elementos diferenciadores na ECI, em 1990.



Fonte: Foto E. F. Soares.

Em 1990, Vanessa Guimarães, a primeira Reitora da UFMG, numa eleição indireta e não paritária no Conselho Universitário, num verdadeiro retrocesso democrático na sua gestão, iniciou a implantação do PROJETO RASG. Após grande pressão dos funcionários, o projeto da ampliação e reforma da Escola de Belas Artes, da Praça de Serviços, apelidada de Vanessão, todos inaugurados no final de sua gestão, em 1994, e todos ainda sob a metodologia do PARTPLAN.

Figura 127 – Vista aérea Praça de Serviços, ICB, ICEX, Escola de Física e antigo Pavilhão central de Aulas e seu gramado em frente onde se jogava bola, em 2000.



Fonte: Acervo Cedecom /UFMG.

A Escola de Belas Artes-EBA, do arquiteto Márcio Pinto de Barros, inaugurada em 1992, num atípico temporal acompanhado por grandes granizos que caiu sobre o Campus, foi quase totalmente inundada num mundo de torrenciais goteiras, por infiltrações de águas pluviais pelo precário telhado e frestas da estrutura abaixo. Por sorte, a maioria esmagadora das obras de artes escaparam, mas a Biblioteca teve muitas perdas, embora grande partes das obras raras ou especiais tenham sido recuperadas pela própria Universidade, na então Biblioteconomia ou mesmo no Centro de Conservações e Restaurações-CECOR da EBA, um módulo ou bloco anexo mais novo que não sofrera inundação pois sua cobertura era laje impermeabilizada, mas atiçou o seu desejo de urgente reformas e ampliações. Pois já se faziam vinte anos de sua inauguração e continuava exatamente do mesmo jeito, enquanto o Campus, por sua vez, já havia crescido muito e não era mais aquele lugar em que ela reinava quase isolada, toda aberta ao poucos transeuntes e visitantes. Agora, o trânsito indiscriminado de pessoas pelo seu térreo, pelo seu pátio para cortar voltas para irem para área de serviços gerais e ASSUFEMG, que ficavam logo abaixo, à deixava vulnerável, sem privacidade, obrigando a

comunidade a se refugiar nos seus blocos, e pouco se aventuravam para tomar um sol ou conversar no pátio aberto ou na cantina, aliás muito fechada. O Diretório Acadêmico tentava dar uma coesão de vivência e sociabilidade, mas seu próprio acesso, absolutamente aberto, permitia que seus usuários chegassem e se fossem sem mesmo entrar no centro da Escola, no seu pátio. Além do mais, o crescimento da Escola, a ampliação dos conceitos e área das Belas Artes, a inclusão de novas tecnologias nas artes gráficas, cinemáticas, cênicas, etc., com o consequente aumento de demanda, já exigiam uma ampliação para seus espaços represados. Foi então encarregado o arquiteto Eduardo Fajardo Soares, de um projeto de ampliação e reformas para o prédio em questão.

Após os levantamentos de praxe no contexto do PARTIPLAN, reuniões e levantamentos convencionais com a comunidade, decisões básicas foram tomadas:

1- Territorialidade. Como foi visto, para a comunidade se espacializar era preciso haver identidade territorial, com suas devidas fronteiras para que ela pudesse se expressar sem interferências indesejáveis. (MAGALHÃES, 1986, p. 35)

Figura 128– Escola de Belas Artes original, projeto de Barros, em 1972. Acesso difuso.



Fonte: DPP/UFMG.

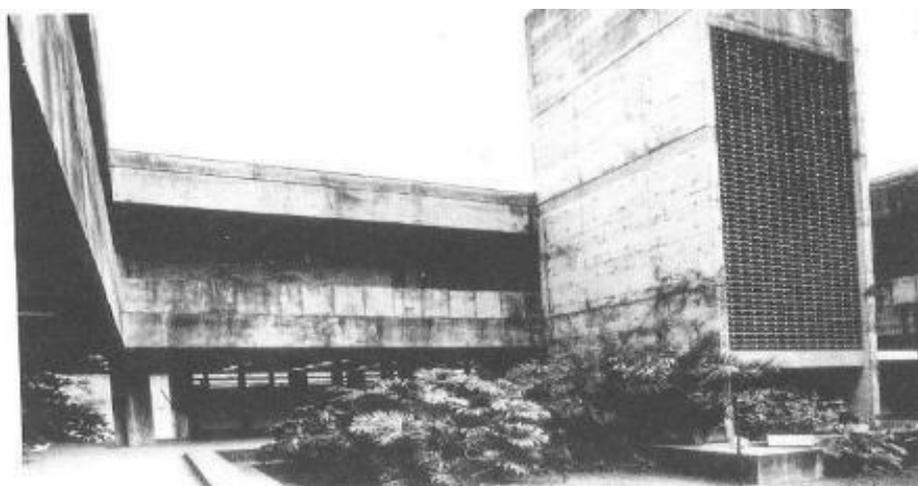
Figura 129 – EBA, em 1992. Pórtico do acesso principal, torre de serviço e cores.



Fonte: <www.eba.ufmg.br>. Acesso em 10/07/2016.

2- Privacidade e Privação. A necessidade de níveis de privacidade é mais do que desejável. A medida imediata para permitir privacidade seria disciplinar os fluxos que se faziam em todas direções, em dois eixos: um frontal, principal, e outro lateral, secundário, que permitiriam o acesso, passagem por todo prédio, mas mais filtrado, condensado em portais identificáveis. Ao mesmo tempo, conferia ao pátio central uma polaridade principal e se formariam pátios laterais de polaridades secundárias, mais seletivas. A princípio foi cogitado por alguns que se gradeassem todo os perímetros dos blocos modulares que formavam o prédio, só deixando portas estratégicas. Esta medida foi rechaçada pelo óbvio caráter prisional que daria ao edifício. (Módulo, 1895; p. 8)

Figura 130 – EBA, em 1971. Pátio aberto.



Fonte: Acervo: DPP/ UFMG.

Figura 131 –. EBA ampliada, em 1994, e o patio coberto, "O Piscinão".



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

3- Elementos de "Segunda Ordem". Nas descobertas ou percepções de novos padrões, tendo como elemento de "primeira ordem", a estrutura modular de todos sistema que dava uma notória unidade ao conjunto entendeu-se que outros elementos arquitetônicos, como panos de parede, vazados ou janelas, sacadas, muros, telhados, pontes, etc., poderiam e deveriam ser elementos que no conjunto identificava a individualidade do edifício, a necessidade de ser distinto, como observa Alexander. Portanto o fechamento que disciplinasse o acesso, protegesse, poderia ser esta ordem, um muro deslocado do perímetro do prédio para que este "respirasse" de alívio da sensação de aprisionamento e para consolidar mais ainda esta sensação, deveria ser transparente e para isto um icônico elemento arquitetural, brasileiro, o cobogó, no caso mais icônico ainda por ser uma marca do Campus, criado por Eduardo Mendes Guimarães Júnior, para o prédio da Reitoria e fartamente, até então, utilizado em praticamente todas obras de seu território, para valorizar esta ordem, procurou-se valorizar o elemento escultórico dos muros, inclusive respeitando e contornando espaços já consagrados de uso.

Figura 132 – EBA ampliada em 1992. Destaques: a) torre de serviços; b) muros de cobogós da UFMG no pátio secundário.



Fonte: Fotos E. F. Soares, 2016.

Há que se ressaltar, que embora esta proposta tenha tido acolhida majoritária na comunidade, lideranças estudantis tentaram impedir a construção do muro com o discurso que "cerceava e isolava a Escola". Outros novos elementos de segunda ordem foram as sacadas que ao mesmo tempo que conectaram os andares superiores com o exterior, fizeram pontos de observação do pátio, agora coberto para proteger seu uso constante mesmo com chuva ou sol inclemente. Sobre este pátio, diga-se que ele é carinhosamente apelidado pelos seus frequentadores como "Piscinão". O elevador panorâmico, reivindicado para acessibilidade desde o auditório até o último pavimento, foi outro importante elemento de ordem secundária, inclusive no túnel que se formou no sub solo para conectá-lo com o auditório. Foi contratada a arquiteta, artista plástica e ex aluna da Escola, Liana Vale, para aplicar seus admirados grafites e incentivar seu uso pelos grafiteiros, estudantes e professores a criar uma "Sistina" da grafiteagem. Também a nova torre de sanitário, as cores, as cornijas e o telhado piramidal que cobria o quadrado perfeito do pátio e dos blocos em telha de cerâmica, muito reclamado por ser mais fresca, e mais "tradicional", configuraram fortemente esses "elementos de segunda ordem". O uso combinado e pioneiro no Campus de telhas transparentes de policarbonato permitiria, com o devido conforto ambiental, o uso constante do pátio central.

Por sua vez, a Praça de Serviços, de Antonio Brasil, Ana da Silva Marques e Valéria Mello Frando, sobre uma proposta de assentamento, um partido arquitetônico, de Eduardo Fajardo Soares, todos da equipe da DPFO-UFMG, procurava atender uma

inerente demanda represada da comunidade univertitária e encarnava o "P" – Espaço Coletivo, do PARTPLAN, para:

recuperar a qualidade urbana (urbanidade) do espaço universitário. A multiplicidade dos encontros, que não segrega, mas reúne indivíduos e grupos, modos de vida diferentes, espaço urbano como lugar da simultaneidade, tempo do imprevisto, não um tempo sem lugar, mas um tempo que transparece no lugar. (O TERRITÓRIO..., 1970, s.p.),

Ou o padrão de Alexander, "Universidade como Praça Mercado." Evidente que o *genius loci* desse lugar, no sentido mesmo da conexão, era no final do "vetor" da Avenida Reitor Mendes Pimentel, a principal, ladeado pelo Sistema Básico da Reitoria e Biblioteca Central e protegido na retaguarda pelo Instituto de Ciências Biológicas-ICB. A localização e a topografia, um partido arquitetônico receptivo, em forma de ferradura que acolhesse o vetor do grande fluxo e o diluisse entre os serviços, bancos, lojas, restaurante, ou o acomodasse para assistir eventos para grandes públicos: calouradas, espetáculos cênicos, feiras, exposições, campanhas de vacinação, etc., ou permitisse sua continuidade para os espaços posteriores. A divergência ficou na cobertura permanente da praça, em lona, tendo como alternativa deixá-lo descoberto, sendo vencedoreste último por alegação de custos. Digna de nota foi a inclusão de um grande vitral artístico, no restaurante, feito pelo arquiteto e artista David Allen Peterson.

Os reitorados seguintes, 1994/1998, prof. Tomaz Aroldo da Mata Santos e 1998/2002, Francisco Cesar de Sá Barreto, aconteceram em conjuntura política –econômica muito desfavorável com o governo federal neo liberal de Fernando Henrique Cardoso, que tentou asfixiar economicamente as universidades federais na tentativa de privatizá-las. Por isto, o investimento em espaços físicos, equipamentos e manutenção chegaram a níveis mínimos de sobrevivência. No reitorado de Tomaz Santos, o destaque foi a inauguração do novo prédio do Instituto das Ciências Exata-ICEX, contíguo ao Departamento de Física, o último a ser construído dentro da estrutura e filosofia do Sistema Básico/Tecnologia. O segundo destaque na sua gestão foi patrocinar e decidir que a "Moradia Universitária", equipamento tradicional em qualquer campus universitário, reivindicado pela comunidade, não ficasse

dentro do Campus, mas afastado desse, se apoiando em argumentações preconceituosas, sem maiores dados, que reputava à esta moradia como potencial de problemas.

Figura 133 – Pórtico de entrada do ICEX.



Fonte

: Foto de E. F. Soares, 2016.

Figura 134 – Pátio articulador no Departamento de Física/ICEX.



Fonte: Foto de E. F. Soares, 2016.

Figura 135 – Vista da Moradia Universitária UFMG, bairro Ouro Preto/BH.



Fonte: Acervo CEDECOM/UFMG.

No campo político, Tomáz Santos foi muito contestado por ter votado e apoiado a alteração da Lei de Diretrizes e Base das Universidades Federais, que tramitava há mais de década no Congresso e, lamentavelmente patrocinado por Darcy Ribeiro, no fim de vida e sob protestos veementes do pelo renomado intelectual e professor Florestan Fernandes, na qual, entre outros retrocessos, acabava-se com a nascente experiência de eleições paritárias para os dirigentes das universidades, dando peso de dois terços aos docentes em detrimento dos outros dois segmentos da comunidade.

No reitorado seguinte, em 1998, de Sá Barreto, dois acontecimentos tiveram significados importantes. O primeiro, mais singelo, mas de grande força para os servidores foi a inauguração do vestiário e administração do Horto, projetos incluído no RASG, antes com instalações extremamente precárias.

Figura 136 – Publicação de poema vencedor do Coração de Estudante III/FAFICH



Fonte: *Jornal Alternativa*. FAFICH, set. 2000.

O significado da extensão destas obras pode ser medido na manifestação dos jardineiros e todos trabalhadores do Horto que tais instalações fossem solenemente inauguradas pelo Reitor Sá Barreto e deram-lhes os nomes de Jerônimo Firmino Martins, um aposentado e sábio jardineiro⁴⁹. Para o Vestiário e para o prédio da administração que contava com estar, copa, cozinha e almoxaridado, nomeou-se Camilo Assis Fonseca Filho, engenheiro agrônomo, já então nonagenário mas ainda atuante, de extrema importância para a criação, desde seu início profissional na UFMG das áreas verdes do Campus e o Horto Florestal da Universidade, no bairro de Santa Inês, onde se encontra entre ricos acervos arqueológicos o presépio do Píripau e onde ele plantou centenas de árvores de todo Brasil e exóticas, todas identificadas. Foi dele primeiro o gramado do Mineirão.

⁴⁹ Ver: Boletim UFMG. 28 de março de 2000, p. 06

construção, aspecto de uma boa casa da região, foi de Eduardo Mendes Guimarães Júnior, embora não se tenha encontrado nenhum registro de autoria pois, assim como o prédio da FAE, e todos outros pioneiros da Cidade Universitária, ele foi autor de todos.

Figura 138 – Capa do Boletim/UFMG nº 22 e registro original do prédio, cerca 1946.



Acervo: Boletim/UFMG 22.03.2000 e DPP/UFMG

Para encerrar esse ciclo do planejamento físico do Campus Pampulha foram construídas em tipologias estruturais absolutamente diferentes do Sistema Básico e entre si, a Faculdade de Odontologia, toda em estrutura metálica e a Escola de Música, já adotando a estrutura de concreto convencional, mas ambos preservando certas tipologias ambientais, como pátio coberto translúcido, recantos ajardinados, etc., sendo que esta última valorizava ainda o pórtico do do acesso principal.

Figura 139 – Acessos da Escola de Música e da Faculdade de Odontologia.



Fonte: Fotos E.F.Soares, 2016.

Figura 140 – Pátios cobertos Escola de Música e Faculdade Odontologia.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Além dos prédios acadêmicos, no final do milênio foram construídos prédios atípicos no campus da Pampulha: o da Imprensa Universitária, projeto de Valeria Soares de Melo Franco e Maria Berenice de Oliveira, em 1996; do Complexo de Pesquisas Animais da Escola de Veterinária, projeto de Eduardo Fajardo Soares, em 2001; do Centro de Musicalização Infantil-CMI da Escola de Música, projeto de Luciana Aguiar, em 2001; e, do Departamento de Planejamento Físico e Obras-DPFO, projeto de Rafael Yanni, que veio, desde início de 1990, substituir a antiga Prefeitura

e passou a funcionar na área de Serviços Gerais, junto com a Manutenção, Marcenaria, hoje DEMAI-DPP e vestiários dos operários.

Figura 141 – Entrada da Imprensa Universitária, inaugurada em1993.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Figura 142. Pátio da Imprensa UIniversitária.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Figura 143 – Complexo de Pesquisa Animal da EMV.



Fonte:

Foto



E.

F.Soares,

2005.

Figura 144 – Centro de Musicalização Infantil da Escola de Música.



Fonte: Foto E. F.Soares, 2016.

Obeserva-se que em todos os prédios continuou a preocupação em realçar o acesso principal, sendo que na Imprensa, o pátio articulador manteve-se presente no vernáculo arquitetônico.

Figura 145 – Projeto original do Complexo Pesquisa Animal/EMV, 2000



Fonte: Acervo do autor.

Digno de registro, foi a alteração feita no projeto original pelo coordenador do Laboratório de Aquacultura, ignorando a aprovação do projeto nas instâncias superiores, inclusive as recomendações da Comissão de Obras do Conselho Universitário, em Resolução nº 02/2002, para que os prédios tivessem uma valor arquitetônico devido à nobreza do local. Por conta própria, e utilizando uma fundação da Escola, adquiriu uma convencional estrutura metálica para abrigar o referido laboratório, obrigando o autor do projeto não só a protestar junto às estas instâncias superiores, como ao Instituto dos Arquitetos do Brasil que, em Ofício nº 140/2003, se dirigiu à Reitoria exigindo providências, pois antes de mais nada tratava-se de uma ingerência profissional passível de penalidades. Como a estrutura já estava, inclusive instalada, e para evitar maiores desgastes, e em comum acordo com o arquiteto, optou-se por uma adaptação.

Figura 146 – Vista prédio do Departamento de Planejamento e Projetos-DPP.



Fonte: Foto E.F.Soares, 2000.

Figura 147 – Prédio do Departameneto de Manutenção e Infraestrutura e Departamento de Planejamento e Projetos.



Fonte: Foto E.F.Soares, 2106.

Num outro episódio similar de interferência no projeto original, agora sob o argumento de absoluta falta de recurso, o prédio do antigo DPFO, hoje Departamento de Planejamento e Projetos-DPP, que previa pilotis não só para eventual abrigo dos carros, mas também como convívio da comunidade, assim como

janelas ao longo do edifício pavilhionar, teve sua estrutura independente mudada para a rígida alvenaria estrutural que embora preservando uma lateral com janelas em fita, na outra fachada introduziu uma sequência de pequenas e espaçadas janelas, conferindo um caráter fechado, prisional ao edifício, que imediatamente foi apelidado pelo usuários com o bem humorado nome de "cadeião".

Mas a segunda grande ação, no campo do planejamento físico do Campus da Pampulha e da própria UFMG, sem dúvidas a mais importante e de grande impacto, foi o projeto "Campus 2000", de revisão do Plano Diretor do Campus Pampulha, localização e projetos das importantes unidades acadêmicas que seriam transferidas do centro da cidade para ali, como Escola de Farmácia-FAFAR, e Faculdade de Odontologia, prioritárias pelas péssimas condições destas, Faculdade de Ciências Econômicas-FACE e toda a Escola de Engenharia-EE, de grande impacto ambiental, nos trânsitos, e macro infraestruturas. Além disso, contemplava grandes ampliações na Faculdade de Educação, no Departamento de Química e na Escola de Educação Física, para receber as instalações dos Departamentos de Fisioterapia e Terapia Ocupacional que passaram a ser academicamente vinculadas, conforme decisão do Conselho Universitário.

CAPÍTULO 3. CAMPUS 2000: Revisionismo – Corte Epistemológico

3.1 Equipe mista e processo de criação coletiva

Maria Lucia Malard, então professora da Escola de Arquitetura da UFMG, foi nomeada pelo Reitor Sá Barreto para coordenar a equipe de arquitetos pela sua trajetória em todo processo de implantação do Campus Pampulha desde o final da coordenação de Eduardo Mendes Guimarães Júnior, início dos anos 1970. Em *Territórios da Universidade*⁵⁰ ela menciona esta tradição da UFMG em resolver suas demandas de implantações físicas com a "mobilização de seus próprios quadros". Deve isso à positiva reputação no meio arquitetônico do trabalho de planejamento físico de sua equipe, sempre tentando através de métodos científicos e coletivos as soluções da arquitetura. Mas, ao mesmo tempo alega que "o que realmente ocorreu foi a utilização de procedimentos sistemáticos de levantamento e processamento de informações", que embora crítico foi ao "extremo de racionalidade construtiva" e questiona as malhas modulares, seus crescimentos em qualquer direção, sua flexibilidade espacial quase ilimitada, mesmo compreendendo a radicalidade de "encontrar a forma física de uma instituição em busca de seu desenvolvimento". Ou seja, questiona o modelo estrutural de até então, que considera caro, um fetiche da flexibilidade da organização espacial "quase infinita" e do método participativo desenvolvido a partir de 1980. É apontado, então, um revisionismo do modelo ambiental e da metodologia existentes para as futuras construções do Campus.

Ao final dos anos 1990, o Campus já estava consolidado e irreversível. O crescimento da pesquisa, extensão, pós-graduação, dedicação exclusiva em horário integral para os docentes colocava a UFMG num novo contexto indicando a necessidade não só de

⁵⁰ MACIEL, Carlos Alberto; MALARD, Maria Lúcia. (Org.). *Territórios da Universidade* - permanências e transformações. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

ampliação das unidades implantadas, bem como transferir para ali as unidades espalhadas pela cidade, como a Escola de Odontologia, de Farmácia, de Música, as Engenharias, já inadequadas e exíguas para as novas exigências e realidade de novos cursos e o aumento no número de ingresso de alunos na UFMG. Para isso foi criado o *Programa Campus 2000*, envolvendo o corpo técnico e docente para discutir e projetar estes novos espaços físicos. Conforme afirma Maciel e Malard (2012, p. 158), a administração da Universidade estabeleceu algumas condições para este trabalho:

– Os projetos arquitetônicos deveriam ser elaborados por uma equipe mista formada pelos arquitetos servidores docentes da Escola de Arquitetura e arquitetos servidores técnicos do Departamento de Planejamento Físico e Obras-DPFO da Universidade. Acreditava-se que esta combinação era muito positiva pois agregava a visão instigadora dos docentes, conhecedores da natureza e organização das atividades acadêmicas, que poderiam, inclusive, propor modelos de organização física e espacial (hipóteses), com a práxis do corpo técnico, no cotidiano de projetos e obras para a Universidade, com experiência nos seus "atributos e limitações".

– A comunidade acadêmica deveria ser chamada a participar do processo desde a demanda até a validação das soluções arquitetônicas propostas.

– As edificações deveriam ser construtivamente racionais, econômicas, tecnicamente adequadas, confortáveis e de aparências agradáveis.

Ficou também definido que "além de ser um trabalho técnico, o Projeto Campus 2000 deveria constituir uma experiência acadêmica relevante, em termos de pesquisa e geração de conhecimento no âmbito da arquitetura e urbanismo", ou seja, "sob o ponto de vista metodológico, o projeto tentaria inovar os procedimentos convencionais de criação e adotar o processo de criação coletiva." (MACIEL, MALARD, 2012, p.158)

3.2 Crítica ao Modelo de um Sistema Ambiental: Método, Karl Popper

O campus já era um território consolidado, conformado e não mais a ser definido, sendo, por isso, fundamental promover uma interação entre o novo e o existente para gerar construções “racionalizadas, econômicas, confortáveis e de boas aparências”. Nesse sentido Maciel e Malard afirmam que o princípio metodológico norteador seria a lógica do conhecimento de Karl Popper ou seja: tem-se problemas, constrói-se soluções e descartam-se as que não atendem uma após outra, ficando com a que resolve. Nesse processo se desenvolve o aprendizado sobre o problema, seus elementos construtivos e suas principais dificuldades, basicamente em três níveis: a) problema (ou situação problema); b) tentativas de solução (hipóteses, conjecturas, teorias); e, c) eliminação das soluções erradas (avaliação crítica).

Ainda segundo Maciel e Malard,

O enunciado da situação-problema é constituído de diversos elementos que nada mais são do que enunciados dos problemas constitutivos dessa situação. A primeira tarefa é, pois, decompor o enunciado geral (ou situação-problema) em enunciados específicos (ou problemas específicos), os quais devem ser discutidos e analisados uma a um, pois todos eles terão de ser adequadamente solucionados, no contexto da situação-problema. (MACIEL; MALARD, 2012, p. 159)

Logo após, os autores explicam que “as soluções arquitetônicas são constituídas por um conjunto de elementos que definem as aparências e as ambiências das edificações” e elencam quais consideram os mais relevantes destes elementos: tecnologias construtivas, vãos estruturais, tipos de cobertura, altura, articulações volumétricas, materiais empregados, proporções, características das aberturas e vedações.

Nesta dita nova metodologia, o problema número um seria, então, a caracterização das demandas e não apenas uma elaboração de uma listagem de espaços para as diversas atividades conhecida no jargão da arquitetura como programa de necessidades. Evidente, como alegam os autores, e como mostrou a própria experiência da equipe anterior do planejamento físico da Universidade em projetos complexos, isso é insuficiente para conceber uma arquitetura ou um sistema ambiental", ou seja, não basta saber a demanda quantitativa e a metragem de um determinado espaço, mas também a sua qualidade ambiental: se necessitam de climatização, instalações especiais para hidráulica, gás, elétrica, eletrônicas, etc., se necessita de um pé direito ou uma estrutura especial; quais equipamentos e mobiliários, para desenvolver as atividades ali previstas. Com as informações das características "físicas espaciais" dos espaços, as respostas arquitetônicas para a edificação seriam por tentativa e erro, eliminado o erro através da crítica, formulada novas hipóteses alternativas e novamente descartando as inadequadas e escolhendo a que melhor resolvesse os problemas, conforme o método científico proposto por Popper.

Para caracterizar as demandas do "programa de necessidades", os autores fazem três analogias do procedimento metodológico:

— De um cliente particular onde os arquitetos recebem um "programa de necessidades" de acordo com seus desejos estilísticos, plásticos conforme imagens de fotos ou revistas de suas obras prediletas, dos espaços que precisam, bem como os recursos disponíveis e prazo. A partir daí e de entrevista com o cliente, o arquiteto apresenta um pré-dimensionamento do projeto dentro do permitido pela área do terreno e do orçamento disponível. Quem determina o "programa de necessidades" é sempre o cliente que estabelece as prioridades do que fica e do que deve ser subtraído. A partir daí, desencadeia-se um processo de tentativa e erro até que se chegue a um resultado satisfatório tanto para o cliente que vê atendido seus desejos quanto para o arquiteto que não transgride seus conceitos arquitetônicos.

— Num concurso público de grandes projetos o "programa de necessidades" já vem previamente no seu objetivo, de modo que os arquitetos participantes, sem poder modificá-lo, iniciam o processo de tentativa e erro.

— Já na Universidade os arquitetos da equipe de funcionários, após chegar-lhes a demanda através dos "canais hierárquicos competentes", iniciam a pesquisa para a demanda e o detalhamento dos "programa de necessidades" através de entrevistas e levantamento junto aos usuários demandantes do edifício para um pré-dimensionamento, e a partir daí inicia-se o processo de tentativa e erro para chegar à solução final.

Ainda segundo os autores havia entre essas experiências um ponto em comum: o caráter complementar e passivo do arquiteto na elaboração do programa, ou seja, "ele não participava da geração da informação" simplesmente registrava ou completava a que lhe era fornecida, perdendo com isso a oportunidade de "agir criativamente na problematização da situação" e a chance de desenvolver conhecimentos que poderiam fazer falta na "geração de hipóteses de projeto." Qual seria então a alternativa? Vimos que no primeiro caso por ser um empreendimento privado o arquiteto é um profissional pago para dar resposta ao desejo do cliente e é dele a palavra final. No segundo caso, de um concurso público, é ainda mais restritivo, pois a demanda é fechada, igual para todos concorrentes e o arquiteto tem que dar sua resposta restrita à ela. Já no caso da Universidade, o cliente é público, portanto a demanda é para prédios de uso público, e o demandante não é um cliente proprietário, mas usuários e dirigentes que exercem atividades neste espaço público o que implica que as decisões não podem ser centralizadas em pessoa ou grupos restritos.

Neste último caso, a quem caberia então formular esta demanda, este "programa de necessidades" já que não há um dono dos recursos, ou da "chave do cofre"? Aos dirigentes não, porque não conheciam em detalhe todas demandas e atividades do projeto. Aos usuários que não conheciam o todo e não poderiam decidir sozinhos questões que teriam impactos nos custos, na gestão dos espaços. Muito menos aos arquitetos que não conheciam as atividades e não poderiam decidir sobre gestão de custos e espaços. A solução aponta, então, para um trabalho cooperativo entre dirigentes, usuários e arquitetos. Os primeiros para que o empreendimento se sujeitasse aos interesses públicos, os usuários para definir as atividades e suas exigências e os últimos para coletar dados e propor soluções. Nessa questão o papel do arquiteto não seria simplesmente coletar dados em entrevistas juntos aos usuários com a clássica abordagem: "o que você precisa para executar suas

atividades", na medida que estes é que estariam fornecendo o pré-dimensionamento ao informar os espaços, mobiliários e equipamentos que conhece. O grande salto metodológico seria então perguntar "como você executa suas atividades?" pois neste caso o usuário descreveria o que faz, seu trabalho, o que utiliza seu fluxo e o arquiteto traduziria espacialmente em leiaoute os processos desta atividade e chegaria a um pré-dimensionamento do espaço. Alegava-se que a pergunta "o que você precisa?" dá ao usuário uma posição de "dono" do espaço, dando o poder de dispor para si áreas e equipamentos ao absoluto critério de suas experiências. Por outro lado, a pergunta "como você executa suas atividades?" ou "como você trabalha?" tem a vantagem de, ao refletir para explicar sobre o próprio trabalho, o usuário de fato falar "o que faz", "para que faz" e "como faz" e o arquiteto poderá mapear com fidelidade todos procedimentos, fluxos equipamentos e mobiliários necessários e com este domínio propor outros leiautes, inclusive. Sai, então, de uma posição passiva, depositório de demandas, para uma posição criativa.

Definida a estratégia, o próximo passo foi aproveitar a experiência anterior do grupo e com base no seu conhecimento das atividades acadêmicas criou-se um modelo com alguns dos seguintes pressupostos, como ilustração, conforme descreve os autores:

- os departamentos da Universidade possuíam uma estrutura físico-espacial de uso exclusivo, cuja constituição era comum a todos eles e que correspondia aos espaços destinados às atividades meio;
- os departamentos que ofereciam disciplinas de práticas em laboratórios ou em locais atípicos teriam esses espaços anexados às suas áreas de uso exclusivo;
- todos os departamentos deveriam ter gabinetes de trabalho para os seus professores, independentes dos laboratórios, mesmo que próximo deles;
- os dados de organização curricular e os dados populacionais — professores, alunos e funcionários —, permitiriam uma quantificação preliminar do modelo.

Com estas informações básicas, se levantaria em campo apenas os dados complementares relativos às atividades de pesquisa, pós-graduação e extensão. E neste entraria "Como você trabalha?". Para isso foi elaborado um pequeno roteiro

que serviria para unificar os procedimentos da equipe. Uma das críticas que se fez à metodologia dos anos de 1970 foi a elaboração de complicados formulários para registros de informações para o projeto que dispndia de muito tempo — com exaustivas informações, para passar a limpo em fichas —, que poderia ser dedicado ao processo de criação. Decidiu-se então inovar "com uma hipótese ousada: elaborar o sistema de registro e dados no decorrer do próprio levantamento numa linguagem familiar aos arquitetos", que teria os seguintes requisitos:

- os dados levantados deveriam ser registrados de maneira tal que permitissem sua consulta e utilização futura por qualquer membro da equipe;
- as pessoas fornecedoras dos dados, a data da coleta e os entrevistadores deveriam ser identificados, para facilitar um contato futuro;
- os croquis, os leiautes e as fotografias, ao invés de serem informações complementares, passariam a ser informação principal.

Após este teste, a experiência piloto teve dificuldades em transformar as informações em um "modelo organizacional", um "diagrama de blocos", que teve a Escola de Engenharia, na cidade, como parâmetro, pois sua transferência para o Campus era o motivador principal e urgente do Campus 2000. Chegaram a indicadores de dimensionamento e quantificação de espaços e partiu-se para, numa concepção coletiva, elaborar os primeiros croquis. Mas antes a equipe construiu, na etapa de caracterização de demandas e nas avaliações dos edifícios existentes, um modelo conceitual baseado principalmente nas críticas de que:

- os sistemas estruturais modulares produzidos em concreto moldado no canteiro, não apresentavam uma racionalidade vantajosa em custo e rapidez de construção do que os sistemas convencionais;
- a disciplina estabelecida pelas malhas modulares só era respeitada na construção nova, pois nas reformas e readaptações este potencial era desprezado em prol de soluções mais econômicas e convencionais;
- o baixo coeficiente de industrialização da construção civil no Brasil, principalmente no que se refere à coordenação modular de materiais e componentes, era um obstáculo à racionalização dos sistemas construtivos atípicos;

- as edificações projetadas com malhas modulares não utilizavam as potencialidades das malhas com relação ao crescimento e flexibilidade nas divisões e instalações internas destas edificações;
- a orientação solar das edificações, alinhadas às direções estabelecidas pelo prédio da Reitoria, exigia a utilização de quebra-sóis em todas as fachadas, o que onerava sobremaneira o sistema de proteção solar das edificações;
- a estrutura para crescimentos modulares significativos, devido os recursos que chegavam em pequenas doses, favorecia o aparecimento de "puxadinhos", jargão para pequenos anexos e acréscimos baratos com perdas de integridade (e identidade) do território (e edifício), como ocorre em assentamentos residenciais populares.

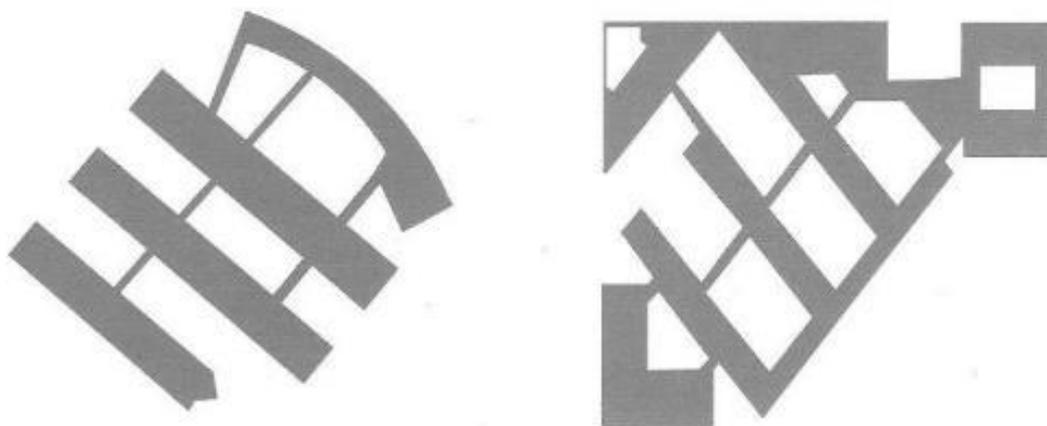
3.3 Modelo estrutural e partido arquitetônico pavilhionar

Esse modelo conceitual gerou um modelo estrutural "de uma arquitetura pavilhionar", ou seja, partidos arquitetônico geralmente retangulares com as empenas orientadas para nascente e poente e os lados longos abertos para norte e sul, com vão máximo o mais convencional adotado no mais convencional mercado, abandonando em definitivo toda tradição de projetos do planejamento físico e territorial do Campus, renegando toda a filosofia de espaços flexíveis, modulados, contínuos, interconectáveis por verdadeiras ruas de circulação, vetores em aberto, sincrônico, por um sistema diacrônico, fechado, isolado, com identidade territorial demarcado por absolutas fronteiras. Segundo esta concepção, os pavilhões seriam modulados mas não modulares, dependendo das suas dimensões "que deveriam variar caso a caso, para melhor atenderem às demandas diferenciadas". (MACIEL; MALARD, 2012, p.176). Por esta ótica, tal estrutura compensaria economicamente, permitindo toda obra, por ser convencional e a orientação solar com as empenas para o nascente e poente economizaria quebra sóis e aproveitaria o máximo de luz natural pelas janelas ao longo fachadas norte e sul, além de permitir o desfrute da

bela e verdejante paisagem do entorno no Campus. Os espaços atípicos, como auditórios e galpões, seriam tratados diferenciados, mas articulados aos pavilhões. Dentro do modelo convencional, barato e de fácil manutenção, as coberturas seriam em uma água com telhas trapezoidais metálicas e calha periférica, lajes de piso em balanço⁵¹ nas fachadas.

O primeiro prédio nesta nova estrutura a ser construído foi o da Faculdade de Farmácia-FAFAR, em 2004, que já se encontrava represada e exaurida no endereço da zona sul da cidade, justo onde seria a primeira "Cidade Universitária", como foi visto. Logo depois vieram a Faculdade de Ciências Econômicas-FACE, em 2007, e a Escola de Engenharia, em 2014.

Figura 148 — Partidos pavilhões das Faculdades de Farmácia e Ciências Econômicas, construídas em 2004 e 2007, respectivamente.



Fonte: Territórios da Universidade, 2012, p. 182;186)

⁵¹ Estruturas em balanço são aquelas em que uma ou mais extremidades não contam com apoio e, portanto, parecem flutuar. São muito utilizadas na arquitetura para, por exemplo, criar áreas do piso superior que se sobrepõem ao piso inferior sem interferência de apoios (pilares).

Figura 149 — Vista aérea do prédio da Faculdade de Farmácia-FAFAR, no campus Pampulha, construído em 2004.



Fonte: CDECOM/UFMG.

Figura 150 — Vista da Reitoria do prédio da FACE, UFMG, construído em 2007.

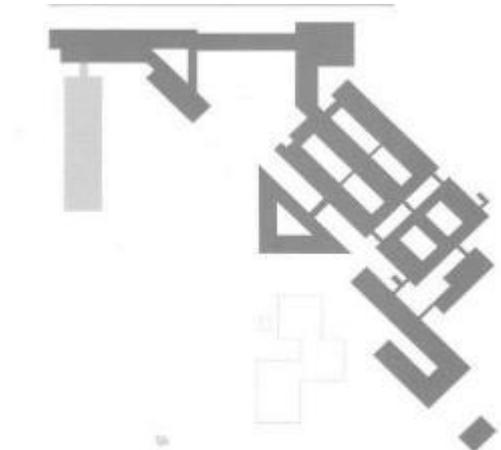


Fonte: CDECOM/UFMG.

Digno de observação é que a FAFAR se encontra implantada em meio a um bosque, de costas para o Campus e de frente para o estacionamento do Estádio "Mineirão" e

a FACE, embora voltada para a avenida principal e para a Reitoria, a maior parte da sua fachada frontal é cega.

Figura 151 – Partido pavilhionar da Escola de Engenharia, 2014.



Fonte: MACIEL, MALARD, 2012, p.180.

Figura 152 – Vista aérea da Escola de Engenharia da UFMG, construída em 2014.



Fonte: CEDECOM/UFMG.

Enquanto isso já se procediam ampliações em prédios acadêmicos existentes, como do Instituto de Geociências, Faculdade de Educação e da Escola de Educação Física, esta para receber e ser integrada pelos cursos de Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Figura 153 — Entrada da ampliação da FAE, em 2000, e vista aérea IGC, em primeiro plano, ampliação em 2005.



Fonte: Acervo do autor e CEDECOM/UFMG

Ainda segundo os novos paradigmas, além das coberturas convencionais os forros só seriam usados em locais com tratamentos especiais e a flexibilidade do edifício seria garantida pela distribuição dos poços verticais para tubulações de serviços e exaustão, conectados às tubulações horizontais e todas as instalações teriam como pré-requisitos o conforto, a estabilidade, a economia, a durabilidade, a segurança, a acessibilidade ambiental e a adequação às necessidades operacionais das atividades.

Finalmente, de posse de todas estas informações e premissas, se faziam seções de criação coletiva com todos os membros da equipe. Era projetado o terreno num quadro e sobre ele se passava a riscar as possíveis implantações que eram registradas em fotografia e descartadas, para a nova série de propostas que eram

encerradas quando se chegava a uma que resistia às críticas mais contundentes. E assim, foram projetados todos os prédios do Campus 2000, em princípio no escritório do Campus e logo depois localizado no prédio da Escola de Arquitetura, quando então a contribuição dos servidores técnicos administrativos ficou extremamente prejudicada, pois teriam que se deslocar do Campus Pampulha, zona norte, para o outro extremo da cidade, zona sul.

CAPÍTULO 4. UMA TENTATIVA DE SÍNTESE E SITUAÇÃO ATUAL

4.1 Análise de uma trajetória

Como vimos, a história da construção da Universidade Federal de Minas Gerais se comprova como muito densa e rica em debates, luta e exercício democrático relacionado desde a Ilustração Mineira, como movimento rebelde dos inconfindentes, com a visão Iluminista do mundo. No início do Império, na Assembleia Nacional Constituinte, novamente aventou-se a hipótese de uma Universidade vir a ser instalada em Minas Gerais, por ser o estado mais central e populoso do país. Na nascente República houve criação da Faculdade Livre de Direto de Minas Gerais, em Ouro Preto. E no alvorecer do século XX, já criada a nova capital mineira, Belo Horizonte, o progresso foi a principal motivação para os criadores de ensinos superiores em Minas, para impulsionar o desenvolvimento do conhecimento, dos saberes, das condições das técnicas sanitárias, da vida econômica e do nível de vida da população. As criações da Escola de Odontologia (1907), Faculdade de Medicina (1911/1912), Escola de Engenharia (1911), escolas superiores livres, particulares, o Ginásio Mineiro, estadual, formavam uma respeitável rede de escolas superiores na jovem capital mineira. Junto a vários outros estabelecimentos de ensino secundário, religioso e leigo amadureceram definitivamente a ideia da criação de uma Universidade no Estado, até que, finalmente, com grande entusiasmo e participação da população, em grande solenidade liderada pelo governador Antônio Carlos, no dia 07 de setembro de 1927, foi sancionada a lei da criação da Universidade de Minas Gerais, em cerimônia muito noticiada na época pela imprensa que também participou ativamente da campanha.

Imediatamente iniciou-se a discussão de um local onde se instalar a emergente Cidade Universitária, o corpo da universidade, para integração espacial entre docentes e discentes das quatro escolas. Através de entusiasmados debates, o local

recaiu sobre a privilegiada localização dentro do núcleo urbano, em lugar já nobre, a confluência dos Bairros de Lourdes e Santo Agostinho, na borda da Av. do Contorno. Com a mesma rapidez se fez, inclusive, um concurso público do anteprojeto urbano-arquitetônico e aí há uma primeira intervenção superior, do Governador do Estado, quando o projeto vencedor, apesar de ter sido pago a premiação, é descartado e contratado um outro arquiteto. No entanto, a crise econômica e política, que culminou com a Revolução de 1930, adiou sua instalação, mas mesmo assim, a Universidade continuou com seu intenso trabalho e debate para sua consolidação e regulamentação que atribuía à Universidade plena autonomia econômica, administrativa e didática que também se viu prejudicada com o centralismo do Governo Revolucionário.

Portanto a UMG "nasceu como uma instituição livre, amplamente autônoma, democrática no acesso de professores e alunos ao Conselho Universitário..." mas infelizmente isso durou muito pouco: já em pleno Estado Novo a autonomia foi suprimida pelo Governo Provisório, instalado pela Revolução de 30, através de Decreto Federal sob alegação da reorganização do ensino superior, tendo como modelo a Universidade do Brasil, UB, na qual se transformou a URJ, dando uma nova estrutura às universidades, padronizando-as, cassando a autonomia didática da UMG, destruindo construção tão longamente discutida. Essa situação desencadeou reações extremadas de grupos a favor e contra o decreto, que terminou em dramático episódio de morte e a renúncia do seu primeiro Reitor. Com o fim da autonomia, a proposta de federalização da Universidade, seguindo um modelo, no caso a Universidade do Brasil, teve a proposta da criação de uma Cidade Universitária sepultada, enquanto se discutia o Estatuto das Universidades Brasileiras, que entre outras questões preconizava que a organização administrativa e didática de qualquer universidade seria instituída em estatutos, aprovados pelo Ministro da Educação e Saúde Pública, provocando reações de protestos estudantis pelas ruas da capital. Enquanto isso, surgiam novas instituições de cursos superiores: Escola de Arquitetura (1931), Escola de Veterinária (1932), Escola de Enfermagem (1933), Faculdade de Filosofia (1939) e Faculdade de Ciências Econômicas (1941), que como a própria Reitoria careciam de prédios próprios e adequados, pressionando pela criação definitiva da Cidade Universitária, para agregar num só território todas as unidades acadêmicas e administrativas da

Universidade. Após idas e vindas onde localizar o território universitário, decidiu-se finalmente pela região da Pampulha.

A historiadora Regina Horta Duarte afirma que "a desistência da construção da cidade universitária nos bairros centrais de Lourdes e Santo Agostinho não pode ser compreendida apenas pela questão do tamanho da área e, provavelmente não foi o fator decisivo"(DUARTE; STARLING, 2009, p. 33).Tampouco a questão política, acrescentaríamos, pois, ainda segundo ela,

A capital não se expandia apenas em direção ao oeste, com o parque industrial, mas também ao norte, com as obras de construção do conjunto arquitetônico da Pampulha, que seria inaugurada em maio de 1943. A Pampulha constituía-se em uma utopia urbana modernista, na qual as curvas e a leveza esboçadas nos projetos de Oscar Niemayer prometiam romper radicalmente com a paisagem quadriculada predominantemente na região central...(DUARTE; STARLING, 2009, p. 33).

Portanto, a escolha da Pampulha sintonizava-se com o discurso da "modernidade, sofisticação e cosmopolitismo" que prometiam o paisagismo e arquitetura revolucionários e o aeroporto em expansão, da região. Além do mais, nesta época, meados do século vinte, principalmente após a Segunda Guerra, como fenômeno mundial da acelerada urbanização devido a industrialização, o aumento populacional, a expansão de capitais, o desenvolvimento da ciência e tecnologia foram fatores para a criação do ensino superior na América e na Europa, configurando um outro fenômeno no dizer de Duarte, "um verdadeiro *campi boom*" (DUARTE; STARLING, 2009, p. 36). Nesse sentido, na América Latina houve um grande impulso na construção de cidades universitária, sendo a Colômbia pioneira. Em 1936, com a chamada *Ciudad Blanca*, em Bogotá, como ficou conhecida a cidade da Universidad Nacional de Colombia, foi construída numa região rural denominada fazenda El Salitre, que foi desapropriada para suas instalações e convidado o arquiteto alemão, de filiação ao funcionalismo da Escola de Bauhaus, para a execução do projeto. Na Venezuela, em 1942, também em região rural, na Fazenda Ibararra, tendo o arquiteto venezuelano Carlo Villanueva responsável pelo projeto da cidade da Universidad Central de Venezuela que introduziu um estética

modernista vanguardista, a partir de 1940, sendo declarada pela ONU, em 2000 como Patrimônio da Humanidade.

Figura 154 – Praça do Reitorado, UCV. Relógio e mural Armando Barrios.



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Clock-Armando_Barrios_UCV.JPG. Acesso em 10/07/2016.

Num contexto governamental com coloração socialista, o arquiteto mexicano Carlos Lazo se responsabilizou pelas obras da Universidad Autónoma de México-UNAM, construída também nos limites rurais da capital mexicana, com projeto da lavra modernista, com valorização de seu passado e história onde o muralista Diego Rivera se fez presente com suas obras, sendo esta também declarada, em 2007, pela ONU, como Patrimônio da Humanidade.

Nessa mesma época no Brasil, em particular em Minas Gerais, como vimos, os *campi* universitários foram também projetos governamentais e, numa coincidência ou sincronia, o terreno da futura cidade universitária também foi escolhido num região rural, na antiga fazenda Dalva, assim como também a Universidade de São Paulo, na fazenda de Butantã, como nos informa Durate e Starling, que, se referindo ao então Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, se tornava "um centro

de preparo técnico e de aparelhamento da elite que vai dirigir a nação, um vigoroso instrumento de ordem e equilíbrio, uma instituição total e unânime".

Figura154 – Praça UNAM. Mural Juan O'Gorman, 1954.



Fonte: [https://es.wikipedia.org/wiki/Biblioteca_Central_\(UNAM\)](https://es.wikipedia.org/wiki/Biblioteca_Central_(UNAM)). Acesso em 10/07/2016.

Novamente foi chamado o arquiteto e engenheiro carioca Eduardo Pederneiras para assinar o projeto da nova Cidade Universitária na Pampulha, que novamente chegou a apresentar, com destaque na imprensa, para as autoridades e população, uma maquete e teve suas primeiras terraplanagens iniciadas. Por se tratar de uma proposta de concepção e estética urbano e arquitetônica considerada anacrônica em oposição ao revolucionário modernismo já explicitado nas obras do entorno da barragem da Pampulha, ao lado, um grupo de jovens arquitetos mineiros, liderados por Eduardo Mendes Guimarães Júnior, sob a chancela do Instituto dos Arquitetos do Brasil, desencadeou uma intensa campanha contrária e após alguns anos de intenso debate e denso manifesto da referida entidade classista que detalhava todos inconvenientes do anacronismo da proposta original, esta foi cancelada por uma comissão de notáveis, onde se destacava o renomado arquiteto Vital Brasil, que arbitrou a questão. Guimarães Júnior passou então a ser o coordenador responsável pelo desenvolvimento do novo projeto de ocupação da Cidade Universitária, agora dentro do ideário modernista, no traçado viário, no zoneamento funcionalista da divisão entre unidades acadêmicas, equipamentos de serviços, lazer e de moradia

universitária e na concepção arquitetônica onde o prédio da Reitoria era um paradigma para esta utopia da modernidade de uma nação desenvolvimentista e da autonomia e democracia. Sua inauguração, em 1962, pelo Presidente da República e seu Ministro da Educação, foi emblemática, pois o país entrava numa turbulência política que iria desaguar no Golpe Militar de 1964. A oposição, liderada pela classe média conservadora, acusava de comunistas a situação pelo programa de um governo de bases mais populares, apontando para reformas mais profundas, como a agrária, fiscal, urbana, uma política mais afirmativa e de independência, como hoje. Antes, conforme chama atenção Duarte (2009), em 1961, foi criada a *United States Agency for International Development-USAID*, sigla que ficou muito conhecida com a sua rejeição pelos setores mais progressistas e intelectuais dos países latino-americanos, onde a Agência passou a atuar, e na palavra de ordem no Brasil que ecoou por todas universidades federais: "Fora acordo MEC-USAID" pois, na realidade, era uma política de intervencionismo estadunidense na sua velada política contra a "ameaça comunista" de transformar as universidades em meros centros de pesquisas aplicáveis, numa visão utilitarista da pesquisa e do ensino universitário, pois havia um desprezo pelas tradições intelectuais dos diversos países latino-americanos.

Com o Golpe Militar, a jovem autonomia, o "ambiente propício à criatividade, solidariedade e transformação social", sucumbiu à uma política oficial centralizadora, impositiva de um modelo de universidade despolitizada, sem amplos direitos democráticos e de produção de máximos resultados de eficiência. Inaugurada a Reitoria, passou-se então para a criação destes edifícios que pudessem abrigar estas atividades técnicas e científicas tão como os pavilhões de aula dos nascentes Institutos básicos, generalistas, do antigo Colégio Universitário, logo após e até hoje a Faculdade de Educação, Restaurante Setorial I, Departamento de Química, Galpão da Hidráulica e o antigo Instituto de Pesquisas Radioativas-IPR, hoje Centro de Desenvolvimento da Energia Nuclear- CDTN, vinculado ao Ministério das Ciências e Tecnologia, desde à época em que foi desmembrado da UFMG pelo Regime Militar. Hoje pode-se afirmar que, guardadas as críticas ao conforto térmico dos galpões dos Instituto das Ciências Exatas, os primeiros prédios cumpriram exitosamente seu papel de instalações para a nascente Cidade Universitária, sendo

que no prédio principal do CDTN permaneceu a gênese do próximo modelo estrutural que foram o Plano Cordeiro e o Sistema Básico e de Tecnologia.

Criada no auge da Ditadura Militar, em plena instituição do AI-5, a reforma Universitária de 1968, que departamentalizou o ensino e as pesquisas nas universidades federais, exigiu uma discussão de um modelo estrutural que pusesse abrigar este novo modelo educacional. Daí nasceu o Plano Cordeiro e, conseqüentemente, o Sistema básico de Tecnologia que contraditoriamente criou um plano diretor e um modelo estrutural extremamente democrático, literalmente aberto, estimulante de contatos sociais, peatonais em múltiplos lugares conectáveis entre si. Esse plano iniciou-se com uma pertinente crítica à ortodoxia modernista, funcionalista, do plano anterior, de imediato ao sistema viário que seccionava todo o território universitário com ruas retilíneas promovedoras de trânsitos velozes dificultando, portanto, os deslocamentos a pé, favorecendo a desnecessária utilização e fragmentando o território. Para isso, reservando o grande vetor da existente avenida principal, a partir dela quebrou as ruas em segmentos de reta de 45°, formando alvéolos, territórios hexagonais, servidos por ruas e estacionamentos locais e sobre os quais cobriu, respeitando os prédios existentes, com uma grande malha quadrada modular para estruturar e articular as atividades a serem atendidas.

Ocupando esta planta territorial um ousado e revolucionário sistema estrutural e ambiental, estruturalista que articulava numa mega estrutura contínua, mas em aberto, a questão pragmática de seu uso racional, técnico, privado, com a questão dialética do uso compartilhado, coletivo, social que se provou e prova em muitos momentos sínteses positivas. Os jardins, pátios, cantinas e seus espaços livres contíguos, as livrarias o grande átrio dos auditórios, os corredores ruas, o pequeno anfiteatro na entrada, as salas térreas de usos múltiplos, comprovam visivelmente com seu intenso uso e interações, o sucesso do Sistema, confirmado por pesquisa de "abordagem indeterminada" (GUSMÃO, 1983). Sua praticidade de manutenção e reforma também se mostrou positiva, pois a clareza de sua modulação, canaletas horizontais e poços para dutos, entre os módulos e pilares orientavam e facilitavam a compreensão e ação dos técnicos e operários. Seus grandes vãos livres além de facilitar e flexibilizar diferenciados usos e arranjos espaciais, aliado com um generoso pé direito e abertura ao longo das fachadas, tornavam o ambiente bem

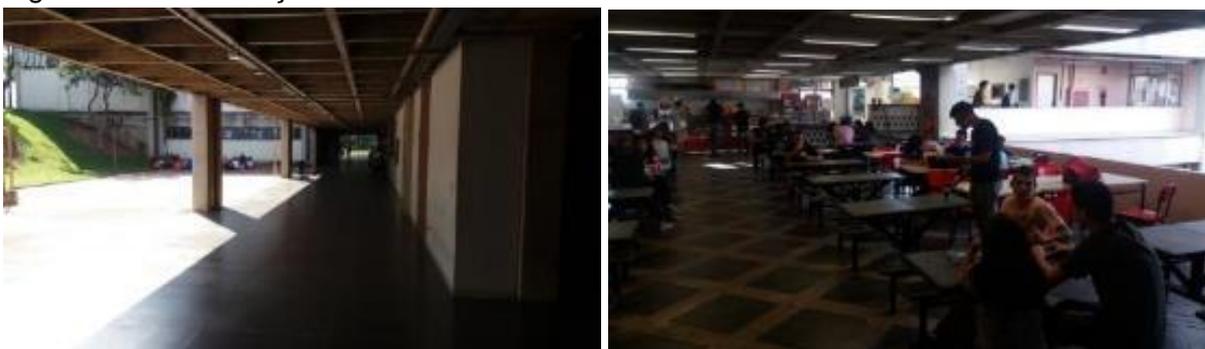
ventilado e iluminado, sempre em contato com a natureza circundante do Campus, um valor agregado naturalmente.

Figura 155 – Interiores da FALE e FAFICH.



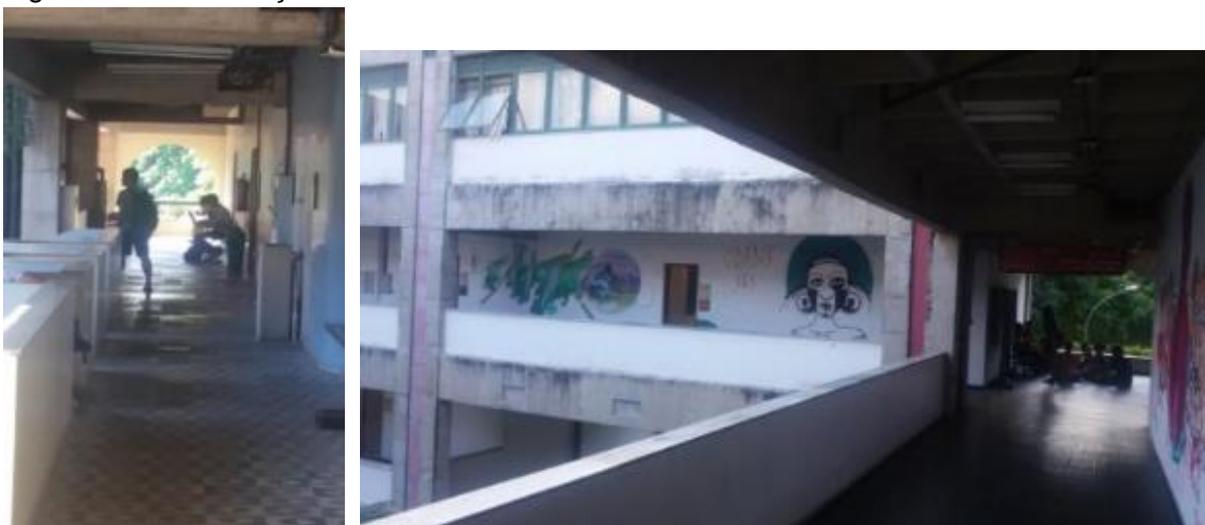
Fonte: Fotos E.F.Souares, 2016.

Figura 156 – Circulação EFFT0 e cantina ICEX.



Fonte: Fotos E.F.Souares, 2016.

Figura 157 – Circulações da ECI e FAFICH.



Fonte: Fotos E.F.Souares, 2016.

Com a redemocratização do país, início anos 1980, quando a pós-modernidade nos alcançou, acompanhando os novos ares, como foi visto, a equipe de planejamento físico da UFMG, DPF, sentiu necessidade de uma avaliação do que foi implementado no Sistema Básico para a ocupação do esqueleto estrutural que já havia sido construído e dos futuros prédios das unidades que iriam se transferir para o Campus para a sua consolidação definitiva. Foi uma época efervescente de amplas e variadas discussões e manifestações, que abrangia desde a ocupações locais das unidades acadêmicas, até a apropriação e democratização de todo território universitário, passando, evidentemente, pela conjuntura política da época. Se a proposta ousada do Sistema Modular Ambiental, numa observação direta e de pesquisa, se mostrou exitosa em muitos aspectos, particularmente suas articulações e possibilidades de interações, integrações, entre a comunidade interna e externa, unidade na diversificação, flexibilidade, qualidade urbana, etc., sua leitura num outro contexto, numa outra época se fez necessário e através do PARTPLAN, que conduziu esta leitura, apontou correções e complementações para este sistema aberto, que permitia desenvolvimento e evolução, ao identificar os "Ps", Problemas ou Padrões, necessários para suas correções: Territorialidade; Legibilidade, Densidade, Centralidade, Privacidade, Coletivo, Formal, Informal, etc.

Figura 158 – Recanto na FALE e Acesso 2 na FAFICH. E.F.Soares 2106



Fonte:

Foto

E.F.Soares,

2016.

Figura 159 – Pátios e circulações principais da ECI E.F.Soares 2106.



Fonte: Foto E.F.Soares, 2016.

Figura 160 – Pátios e circulações principais da EBA. E.F.Soares 2106.



Fonte: Foto E.F.Soares, 2016.

Onde os “Ps” foram aplicados — no IGC, FAFICH, ECI, EBA —, o foram com considerável sucesso, observados diretamente ou por entrevistas dos que apropriam

ou citam os espaços e seus elementos com algo positivo no campus. Esta nova leitura do Território Universitário apontou também a situação da sua ocupação além dos prédios, nos espaços livres, no campo aberto do território que neste novo contexto político era reivindicado e apropriado pelas iniciativas dos movimentos políticos dos segmentos da Universidade e neste aspecto desponta o pioneirismo da categoria dos funcionários nas exigências de reurbanizar toda uma área e prédios onde se encontravam um denso núcleo de suas instalações, o Projeto RASG, irradiando dali eventos e ocupações pioneiras no Campus, como o da escadaria da Reitoria como palco de assembleias da categoria, sendo inclusive denominada com o nome de um simples operário que faleceu durante a greve de 1984, ou o gramado em frente à Reitoria para eventos massivos como as apresentações de espetáculos culturais, artísticos, esportivos do Rosas de Abril, que, durante o referido mês, se estendiam através de feiras de artesanatos ou exposições artísticas pelos pilotis do ICB, Praça de Serviço e Reitoria ou de competições no campo de futebol situado na área de serviços gerais da Faculdade de Educação ou do Centro Esportivo Universitário-CEU, assim como suas quadras e piscinas que, como raramente se viam, bastante utilizadas. Todos estes eventos tinham como principal característica, apesar de serem promoções de uma determinada categoria, eram compartilhados por todas as três categorias da Universidade, funcionários, docentes, discentes e seus familiares, além de um considerável público externo da população do entorno ou que foi informada pelos meios de comunicação dos eventos, que comprovaram que a multiplicidades de usos, de públicos é um fator de segurança, civilidade de saudável convívios e participações coletivas. "Seres humanos são culturais e históricos" (CHAÚÍ, 1994, p. 290). Na realidade, o CEU sempre funcionou como um clube da comunidade universitária, principalmente nos finais de semana quando seus três segmentos e familiares frequentavam sua piscina e instalações esportivas. Hoje não é nem uma pálida lembrança, com raras ou nenhuma frequência de lazer, pois há sete anos sua piscina olímpica está desativada, por problemas técnicos que surgiram na sua estrutura, cujo abandono foi alvo de denúncia de estudantes da universidade e reportagem jornalística da TV Record, em 27/01/2014.⁵² A piscina menor e a de crianças, criadas exatamente para atender aos alunos do Centro Pedagógico, os filhos da comunidade universitária e convênios para crianças da

⁵² Ver notíciaRT7/piscina do Centro Esportivo Universitário/UFMG

comunidade externa, não são o suficientes para o pleno funcionamento do complexo esportivo, principalmente nos finais de semana e feriados quando fica praticamente vazio, sem uso.

Figura 162 – Piscina olímpica do CEU em pleno funcionamento.



Fonte: https://www.ufmg.br/ceu/assets/site/img/fotografia/ceu_imagens/thumb.html. Acesso em 10/07/2016.

Figura 163 – Piscina olímpica do CEU interditada.



Fonte: https://www.ufmg.br/ceu/assets/site/img/fotografia/ceu_imagens/thumb.html

Além disso, também há bastante tempo o campo de futebol foi asfaltado para estacionamento do Cirque du Soleil, desativando vários programas junto à comunidade interna e externa, como o Projeto de Esporte Universitário-PROESP, para prática esportiva da comunidade acadêmica, treinamento de atletas, técnicos, preparadores físicos, fisioterapeutas, etc., muitos dos quais em atividades hoje em clubes de futebol, ou o Laboratório de Saúde, que atendia ao funcionários da universidade, entre outros exitosos programas, como as competições esportivas.

Figura 164 — Campo de futebol asfaltado e placa da I Olimpíada Universitária, em 1973, no CEU.



Fonte: Foto E.F.Souares, 2016.

Já a pista de atletismo e o ginásio recentemente construído para o Centro de Treinamento Esportivo-CTE são de acesso restrito à própria comunidade universitária pois são dedicados para treinamentos de alto rendimento, totalmente desvinculado do CEU e é um órgão complementar da UFMG. Enfim, numa brutal contradição consigo mesma, a academia descuida do lazer e do esporte em seu próprio território.

Alenka Cencic, em sua dissertação nos diz que:

A paisagem não é necessária apenas como moradia e para extração de alimentos e outros bens, mas também como espaço vivido no seu sentido mais amplo, como fonte de inspiração da experiência humana. Seu conceito se estende desde o conceito geográfico, arquitetônico, democrático, estético e até artístico. (CENCIC, 1996, p. 20).

Ali, ela afirma ainda que a qualidade de uma paisagem urbana tanto funcional como tecnológico assim como no aspecto simbólico como centro de um contexto cultural inseridas nas suas soluções, contribuem para o bem-estar de seus usuários e os incentivam às tarefas diárias, pois o indivíduo só se sente bem, seguro, e amor ao seu espaço ou território, quando se identifica com ele, se reconhece nele com suas ideias, crenças e critérios de valor. Por isso, nessa dimensão fenomenológica, o espaço não é apenas um invólucro de suas atividades, mas um mediador entre a sua função e seu símbolo, pois ele é entendido a partir das atividades humanas que os justificam. Por outro lado, para que os eventos possam acontecer além do espaço adequado é necessário tempo disponível, incentivos, programas, cultura.

Figuras 165 – Estudantes no gramado do ICB e da Música.E.F.Soares, 2016



Fonte: : Foto E.F.Soares, 2016.

No entanto, no início de 1990 novamente a Universidade, como o país, num movimento senoidal vive novamente uma onda conservadora com a eleição presidencial de governo de matriz neoliberal que aponta o velho fantasma do desmonte e a conseqüente privatização das universidades federais, do ensino superior. Felizmente o afluxo da acirrada e polarizada campanha, ecos da mobilização da Constituinte e erros crassos políticos levou a queda do governante e seu sucessor de viés liberal tentou recompor as bases de uma boa e profícua Universidade Federal que, entretanto, é interrompido em 1994 até início do novo século, 2002, terceiro milênio, com a eleição de um Governo Federal de orientação francamente neoliberal. É quando o retrocesso abate sobre as universidades públicas e políticas sociais, em quase todos níveis, principalmente de recursos e liberdades democráticas, liberdades de ação, sob uma capa de normalidade e democracia de debates. Foi um período de arrocho salarial de seus servidores docentes e técnicos e administrativos, contingenciamento sufocante de recursos até mesmo para manutenção em funcionamento mínimo e estagnação. Apenas as pesquisas a que atendiam a relação direta de mercado floresceram. Vários doutores e renomados professores se aposentaram ou se transferiram para as universidades particulares, após um terrorismo administrativo.

No campo político o grande retrocesso foi, em 1996, com a interferência na Lei de Diretrizes e Bases prestes a ser votada após a mais de década de trâmite, pelo então vice-presidente Marco Maciel, pois entre outras coisas, intervia na democracia interna das universidades federais, retirando a paridade entre os três segmentos, até então, nas eleições, para Diretores e Reitor, dando um enorme peso para os votos

dos docentes, altas exigências acadêmicas para candidaturas a dirigentes que evidentemente desequilibraram as disputas.

O que esta em questão no debate entre os dois eminentes educadores Florestan Fernandes (Folha, 12/04/95) e Darcy Ribeiro (Folha, 23/04/95) é uma concepção da política e, em particular, da política educacional. O projeto de LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) de Darcy Ribeiro não foi discutido com a sociedade. Ao contrário, o projeto defendido por Florestan Fernandes é representativo de todos os setores da sociedade brasileira. Mesmo assim, o relator do projeto de LDB da Câmara, o senador Cid Sabóia de Carvalho, levando em conta os méritos do projeto de Darcy Ribeiro, incorporou no seu substitutivo ao projeto de lei na Câmara várias de suas teses. Por isso, era de se esperar que Darcy Ribeiro não ressuscitasse seu projeto pessoal e deixasse caminhar mais rapidamente o processo de aprovação da LDB que está em gestação no Congresso desde 1989, e que tem certamente seus problemas, mas é o que a sociedade está exigindo hoje. Tem razão Florestan Fernandes de protestar. (GADOTTI, 1995, s.p.).

Já neste contexto, dentro de uma ótica de segurança muito pouco debatida, contaminada por acidentes graves nas festas das calouradas, a Reitoria toma medidas, a nosso ver, extremamente danosas para a apropriação vigorosa, densa, para a sociabilidade intensa, criativa, para o convívio informal, agradável no Campus:

1- Não permite mais a construção de Moradia Universitária dentro do território do Campus contrariando não só o clamor dos estudantes e desejo da comunidade, como confirma Cencic (1996, p. 117), o mais elementar padrão para uma ocupação, viva, efervescente, inclusive segura, que defendia a histórica concepção da equipe e tradicional em qualquer *campi* universitário. Evidente que isto aleijou a vizinha identificável, a multiplicidade de usos, de eventos, dificultou a densidade de pessoas e acontecimentos, de olhos invisíveis vigilantes. Além de gastar recursos com na aquisição de terrenos que no Campus já existia, a moradia universitária é transferida para um bairro a considerável distância, que não permite deslocamentos a pé ou mesmo de bicicleta, pois não há ciclovia e é dificultada pela irregular topografia. Nem dentro do Campus, com uma faixa de piso mais liso, mais confortável que as trepidantes pedras irregulares da pavimentação.

2- Proíbe-se a venda de bebidas alcoólicas nos eventos festivos dentro do território universitário, que inclusive foi levado ao pé da letra até nas unidades externas ao Campus. As alegações do descontrole das calouradas estudantis no consumo de álcool promovendo problemas, trazia no seu bojo uma injustiça com a demais festas que não os traziam, como o Rosas de Abril, e feriu-as de morte, a começar desta última, na qual suas apresentações musicais, saraus e bailes eram, como em todos similares na nossa cultura, servidas bebidas alcoólicas e comidas. Ou seja, além de pouca frequência o campus se tornaria em um lugar aborrecido, entediante, sem atividades festivas, de lazer, de encontros para bebericar, conversar, filosofar, como desde os gregos já faziam tomando coletivamente vinho nas ágoras. Mesmo a Cantina Pelego's e o Espaço Cultural da ASSUFEMG, que normalmente às sextas feiras atraía funcionários, professores, estudantes para um pacífico e relaxante lazer param de funcionar.

3- O Campus passa a ser uma “anti ágora” e passa a ter no seu território uso quase exclusivamente acadêmico. Eventualmente a administração central promove apresentações no gramado em frente à Reitoria, como antes fazia o Rosas de Abril. O único local de resistência foi o boteco do Diretório Acadêmico do curso de Biologia, no ICB. A partir daí o campus e a UFMG entram numa espiral de retrocessos políticos e de ocupação de seu território, tudo sob a ótica equivocada da segurança.

Figura 166 — Baile na Cantina Pelego's. Cerca de 1995.



Fonte: Acervo ASSUFEMG.

Figura 167 – Entorno do Diretório Acadêmico do ICB.



Fonte: Foto de E.F.Souares, 2016.

Em 1998, Sá Barreto toma posse como Reitor da UFMG após eleições não paritárias e Fernando Henrique Cardoso é reeleito com sua política neoliberal que agrava ainda mais a situação das universidades federais. Mas a Universidade, com a venda de seus prédios de unidades acadêmicas e a venda de seus últimos lotes no centro urbano, promove o programa de transferência das unidades de Engenharia, Farmácia e Odontologia para o *Campus*, dentro do Programa Campus 2000, como vimos. A proposta central do referido Programa, como também já vimos, foi "o de conceber uma nova ideia para a espacialização da UFMG no próximo milênio" (MACIEL; MALARD, 2012, p.158), e a partir deste novo metaprojeto projetar as novas edificações que restaram para serem transferidas para o Campus Pampulha e as ampliações das existentes. Nele as edificações deveriam ser de construções "racionais, econômicas, confortáveis e de agradável aparência" (MACIEL; MALARD, 2012, p.158), elaboradas por uma equipe mista de professores da Escola de Arquitetura e arquitetos funcionários da equipe de planejamento físico da universidade, com a participação da comunidade acadêmica do processo. Nesse sentido, sob o ponto de vista metodológico o projeto tentaria inovar os procedimentos convencionais de criação arquitetônica e adotar o processo de criação coletiva. Esse novo modelo conceitual foi construído como antagônico ao modelo existente, de onde podemos extrair os principais as principais críticas nele contidas:

1- as malhas modulares não utilizavam seu potencial de flexibilidade;

2- os sistemas estruturais modulares em concreto armado não apresentavam uma racionalidade vantajosa em custo e rapidez ao sistema convencional;

3- o precário nível de industrialização de nossa construção civil, "principalmente referente à coordenação modular", era um dificultador à "racionalização dos sistemas construtivos";

4- a orientação solar do sistema paralelo ao prédio da Reitoria, era inconveniente obrigando o uso de quebra sóis.

Em contrapartida, após estudo da "situação-problema", "tentativas de solução" e a "eliminação de soluções erradas" e decisão pela qual mais resistia às críticas definiu-se por um "novo" modelo construtivo que seria blocos pavilhões, modulados em vão máximos da construção convencional mas não moduladores e cujas fachadas, amplamente abertas para iluminação das atividades, seriam orientadas nas direções norte e sul.

Ao negar os princípios basilares do antigo modelo para um sistema ambiental, todo o processo evolutivo que vem de experiências desde Eduardo Mendes Guimarães Júnior, todas as suas discussões, leituras e releituras, ao trocar o que se prometia ser um intercâmbio entre os professores e funcionários por um câmbio, já que os primeiros foram os praticamente os protagonistas do processo, inclusive o escritório técnico do Programa passou a ser na Escola de Arquitetura, pode-se dizer que houve aí um verdadeiro corte epistemológico, pois negou todo um conhecimento existente, uma longa e evolutiva tradição de planejamento, apresentando outro completamente diferente que, de novo, como se pretendia, não tinha absolutamente nada. Primeiramente a condenação do sistema modular foi precipitada, baseando-se principalmente nos custos que seu vão de mais de onze metros exigia, nas formas de fibra de vidro em gamelas para a estrutura em grelha, já não muito gastas e de um debate inconcluso sobre a necessidade de flexibilidade da estrutura. A questão é muito mais complexa, pois poder-se-ia diminuir o vão estrutural e a alegação de que não havia tecnologia na época para produzir lajes nervuradas como do Sistema Básico e substituir as formas existentes já gastas nunca procedeu, pois desde 1991 existia no mercado e fartamente usado em todo tipo da construção civil um idêntico sistema estrutural com formas em gamelas com idêntica família modular: de 90 cm x

90 cm. Por ironia, recentemente no anexo da Escola de Belas Artes este sistema estrutural voltou a ser usado, mas sem nenhuma preocupação com uma unidade modular.

Figura 168 – Anexo atual EBA com estrutura em grelha.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Já a questão da flexibilidade não significava constantes mudanças de leiautes, mas ao invés disso, a liberdade que vãos, quanto maiores, possibilitavam qualquer reforma e remanejamentos exigidos, pois eram muito práticos, ações rápidas e de leitura imediata pelo operário ao observarem a marcação modular.

Figura 169 – Flexibilidade de remanejamentos espaciais, FAFICH.



Fonte: Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Por outro lado a estrutura pavilhonar foi uma conclusão ultra convencional de todo um esforço metodológico pois além de não ser absolutamente novidade, este tipo de estrutura, de partido arquitetônico em pavilhões é usado de prisões a hospitais, passando por escolas e colégios, como, por exemplo, o Instituto Federal de Colatina, em Espírito Santo, absolutamente dentro deste padrão, projeto de 1987 e inaugurado em 1990, ou o Instituto de Tecnologia da UFRJ.

Figura 170 — Estrutura pavilhonar Instituto de Tecnologia UFRJ, 2000.



Fonte: www2.peq.coppe.ufrj.br em 2016. Acesso em 10/07/2016.

Figura 171 — Estrutura pavilhonar Instituto Federal Campus Colatina/ES, construído em 1989.



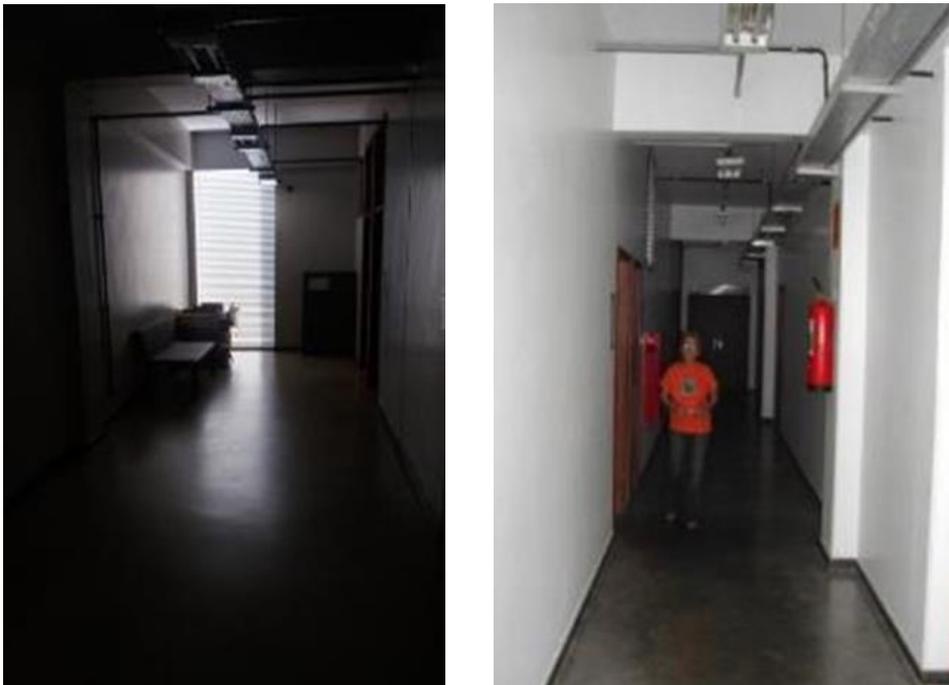
Fonte: www.google.com/maps 2016. Acesso em 15/06/2016.

A nosso ver, no caso da UFMG, esta estrutura se mostrou muito rígida, para uma universidade onde, evidentemente o caráter do espaço não pode ser mais colegial, mas universal, para múltiplos acontecimentos, atividades encontros, que a rua

possui e a interações de conhecimento a universidade exige. Esta rigidez espacial é um dado que está presente em quase toda entrevistas. Além disso, as circulações centrais, sem qualquer iluminação do exterior se mostraram inconvenientes ambientalmente, ao contrário, no caso do Instituto Federal Campus Colatina/ES, que privilegiou a largura de uma "rua" no primeiro piso de modo que todos acima se conectassem visualmente nas suas circulações laterais no entorno deste "pátio-rua" de alto pé direito, coberto, mas iluminado e ventilado zenitalmente pela cumeeira. Isso, aliado ao piso do térreo elevado do chão, por onde entrava o ar frio que subia e saia pelas janelas zenitais no alto da cobertura, mais a orientação norte-sul, conferiu ao espaço um positivo conforto térmico, agradável iluminação além de sua natural integração entre os diferentes níveis. Esta tipologia é usada tanto em estruturas prisionais como em centros comerciais, onde a Galeria do Ouvidor, no centro de Belo Horizonte é um clássico exemplo. Corredores escuros, janelas com parapeitos altos nas salas em geral, que impede desfrutar o entorno para onde foi orientado não só traz um notório incômodo, como é verbalizado pela maioria esmagadora dos usuários, como uma funcionária da Faculdade de Farmácia afirmar logo após a transferência desta unidade para o Campus Pampulha, que ladeada de grades e telas, janelas altas e corredores escuros se sentia no CEREPS⁵³. Já uma dirigente da Faculdade de Educação foi menos contundente, mas após dizer, que havia gostado da aparência do prédio comentou que ficou desapontada com estas janelas de peitoris altos, e os corredores escuros.

⁵³ Centro de Remanejamento do Sistema Prisional -MG

Figura 172 – Corredores centrais escuros da EE e EFFT0.



Fonte: Fotos E. F. Soares, 2016.

Figura 173 – Janela peitoril alto, padrão Campus 2000 e peitoril baixo, anterior.



Fonte: Fotos E. F. Soares, 2016.

Por outro lado, recentemente entrevistados, estudantes da Escola de Engenharia não perceberam esta questão, inclusive alguns dizendo que até ajudava a concentrar na aula, donde se poderia induzir que o motivo do peitoril impeditivo de visão para fora, quando assentados, ser um pedagogia dentro do behaviorismo,⁵⁴ se

⁵⁴ Segundo dicionário Aurélio é o conjunto das teorias psicológicas que postulam o comportamento como o mais adequado objeto de estudo da Psicologia, que é baseada no estímulo e resposta na qual o indivíduo é tido como passivo na aprendizagem.

não estivessem sido informados por colegas que faziam parte da equipe, que era por questão de economia de esquadrias de alumínio.

Como agravante no retrocesso ambiental, nestas estruturas pavilhoonar de vãos menores, é que devido à sua rigidez não se conseguem articular e intercalar nelas ou nas suas eventuais intercepções, espaços ou jardins de estar, de convívio, de parada, reclamados inclusive pelos mesmos estudantes e funcionários da Escola de Engenharia, dos CADs, e que eram devidamente valorizados na estrutura anterior, do Sistema Básico.

Figura 174 — Pátios negativos: sem uso ou conflitante com entorno.EE.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Figura 175 — Espaços residuais, sem atrativos, Escola de Enfermage.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Quando se tenta, o resultado são lugares residuais, que servem até para depósitos de mobiliários, mas não atraem frequência. Além do mais, os pátios se tornaram negativos, pelos usos conflitantes, como na Escola de Engenharia-EE, junto à cantina, grande circulação térreas e o pavilhão de salas já que as janelas destas são viradas para este pátio, absorvendo todo ruído e olhares indiscretos e vice versa,

pois as pessoas não se sentem à vontade num pátio, extremamente observadas. O Diretório Acadêmico, no térreo sob as salas de aula é um grande incômodo pelo ruído natural onde há aglomeração de pessoas, no caso os alunos, amplificado pela reverberação inerente desta estrutura limpa, sem anteparos para quebrarem e abafarem os sons. Nesse sentido, chega a ser incompreensível que um grande lugar coberto, na principal entrada da Escola de Engenharia, um eixo na antiga rua que conecta os transeuntes em todo o complexo dos edifícios, seja transformada num jardim e não num espaço de estar, de encontros, informal, com assentos, bancos e mesas espalhados pela área coberta, para conversar, ler, estudar e observar todo o trânsito, lugar de se ver e ser visto. Poderia ser até mesmo uma extensão do Diretório Acadêmico que também tem sua conexão visual com seu entorno: a rua defronte ou o pátio ao fundo impedida pelos altos peitoris das janelas.

É bem verdade que na intercepção do antigo e novo prédio da Faculdade de Educação criou-se um espaço muito positivo, com a articulação do saguão de entrada geral, cantina e o saguão de espera e serviço do prédio novo, onde todos se encontram, se articulam. No entanto a estrutura fechada, de pé direito baixo, de concreto, reverberam intensamente os ruídos e algazarras das conversas quando se tem um público maior, sendo inclusive incompatível as atividades didáticas, de aulas, com qualquer evento festivo, cultural neste térreo.

Figura 176 – Diretório Acadêmico, EE. Espaço sem caráter, frio, sem conexão visual com o entorno.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Figura 177 — Espaço coberto na entrada da E.E. sem o devido aproveitamento como convívio, estar.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Outro problema grave que este tipo de estrutura trouxe, foi também a total ruptura com a imagem, com a unidade de imagem que o ritmo da modulação já trazia aos prédios acadêmicos. Isso fica ainda mais evidente quando os acréscimos aos prédios já existentes, como IGC, EEFFTO, própria FAE e agora o ICEX absolutamente diferentes dos existentes, originais, apesar de administrativamente serem um corpo só.

Figura 178 — Anexo, em vermelho, construído em 2005, do IGC, em branco, construído em 1983. Falta de unidade de linguagem visual e estrutural.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2010.

Essa questão contraria uma premissa do novo método, como está escrito:

Fazia-se imprescindível, pois, promover uma **interação entre o novo e o existente**. Uma arquitetura capaz de solucionar as demandas físico-espaciais da Universidade do próximo milênio e **capaz de interagir com o ambiente construído existente**. (grifos nosso) (MACIEL; MALARD, 2012, p. 159)

Um outro aspecto indissociável deste nova estrutura no tocante à territorialidade é que, enquanto na estrutura anterior a busca de identidade territorial era explícita, como um diferenciador dentro do complexo construtivo, no novo sistema estrutural a volumetria, os detalhes arquitetônicos e cores são muito parecidos, quase indistinguíveis quando aparecem em grande conjunto, como na Escola de Engenharia ou no Departamento de Química, gerando uma falta de orientação imediata.

O padrão, "P", Entrada Principal destacada ou Pórtico, presentes nos prédios da Ciências de Informação, no Instituto de Ciências Geológicas, no Instituto das Ciências Exatas, que na realidade trata-se de uma linguagem presente pioneiramente no prédio da Reitoria, foi desconsiderado nestas novas construções do Campus 2000 e as entradas das edificações, salvo por algum detalhamento e usos diferenciados de material, não têm nada de notável que as diferencie e as hierarquize.

4.2 Sobre o Plano Diretor de 2009

Sobre o aspecto do planejamento urbano do *Campus*, há que se anotar, antes de mais nada, que ao contrário do PARTPLAN dos anos de 1980 até meados de 1990, o novo Plano Diretor aprovado em 2009 não teve um debate público, se resumindo a apresentações em Congregações das Unidades ou ao debate no Conselho Universitário. Ao contrário, por exemplo, da Universidade Federal de Uberlândia, não houve uma chamada de uma Assembleia ou uma Audiência Pública, como, inclusive, orienta o Estatuto das Cidades para os planejamentos urbanos.

O que nos chama imediatamente a atenção numa observação ao desenho do Plano é que não só levou em conta a máxima de Gusmão, que "local para a prática de esporte/lazer deveria ser regra e não exceção", pois, ao contrário, propõem transformar em estacionamento periféricos para automóveis e veículos dos usuários, os dois únicos campos de futebol do Campus, o da Faculdade de Educação e o da Associação dos Servidores, muito utilizados, principalmente este último no qual funciona uma escolinha para filhos de funcionários e meninos das redondezas, jogos de rúgbi e futebol da comunidade universitária.

Figura 179 – Cartaz convocatório Universidade Federal de Uberlândia.

CAMPUS MONTE CARMELO

AUDIÊNCIA PÚBLICA:
Plano Diretor Físico-Territorial
Campus Monte Carmelo - UFU



Dia: 17/07/2014
Horário: 9h00
Local: Bloco 1AMC, Campus Monte Carmelo

Realização:



PREFE
PREFEITURA UNIVERSITÁRIA

Fonte: Acervo do autor.

Figura 180 – Inserção dos campos de futebol no Mapa setorização das áreas do Campus. Plano Diretor, 2009.



Fonte: Acervo DPP/UFG.

Esta proposta de sacrificar duas tradicionais áreas de esporte e lazer no campus por estacionamento não só é uma flagrante oposição ao que apregoa a academia, a EFFTU, que em seus ensinamentos, debates e literatura indicam sobre a conveniência da prática esportiva e lazer junto aos locais de trabalho e estudo e não apenas em local isolado, delimitado como o Centro Esportivo Universitário, que, como vimos, está a quase uma década subutilizado sem seu campo de futebol e a piscina. Sem dúvida destinar áreas para atividade esportiva/lazer, informal, educacional, social, sobejamente defendida por estudiosos e sendo até o senso comum, para áreas de estacionamentos, na contramão do desestímulo do uso de veículos particular, que são insaciáveis e vorazes de áreas para estacionamentos, em detrimento do transporte público, é desconsiderar, que a cultura esportiva e o lazer são direitos sociais inalienáveis. Se, como nos informou Werneck (2000), antes na Antiguidade o lazer/esporte era um privilégio de uma casta superior, na Idade Média como um ócio pecaminoso, instigador da luxúria, improdutivo que desvia a atenção da purificação da alma e do labor, na era pós industrial passa a ser um

direto constitucional e na passagem da economia de produção de bens para o de serviço um consumo, mas neste caso do Campus passa a ser supérfluo. Observa-se que em todo campus, espalhados e improvisados nos seus gramados, há práticas esportivas e de lazer. Algumas podem e devem ser entendidas com improviso e a inerente apropriação das áreas verdes, mas outras dependem de instalação específica, como o futebol, rúgbi, vôlei e mesmo a malha que se praticava antes.

Figura 181 — Prática de esportes improvisadas nos gramados do Campus Pampulha.



Fonte: CEDECOM/UFMG.

Evidente que não se deva negligenciar a questão de estacionamentos de carros, o que não é novidade pois ainda antes do Campus 2000, sugerimos na equipe de planejamento da universidade, a possibilidade de estacionamentos verticais em locais estratégicos, nas entradas conectados por ônibus interno como o incentivo e disponibilidade para o uso de bicicleta, para isso pelo menos a faixa de ciclovias deveria ter um piso regular, pois o piso de calçamento poliédrico irregular das ruas do campus, embora seja bem permeável às águas pluviais, provoca muita trepidação nos carros e principalmente nas bicicletas.

Figura 182 — Prática de rúgbi no gramado da FALE e futebol no campo da ASSUFEMG.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Tanto essa possibilidade de estacionamento vertical como o incentivo de bicicletas de aluguel, como se faz hoje nas grandes cidades, foram confirmados em entrevistas. Ainda na proposta do antigo Departamento de Planejamento Físico e Obras da universidade, a avenida principal, Reitor Mendes Pimentel, seria transformada praticamente em um bulevar, com a retirada dela das vagas de estacionamento, alargamento dos passeios que a margeiam conectados pelo sistema de *traffic-calming*⁵⁵ em frente aos pontos de ônibus da Escola de Belas Artes, Faculdade de Filosofia e Faculdade de Ciências Econômicas onde no canteiro central seriam construídas pequenas praças com bancos, quadros de avisos, sobre uma pérgula e a construção de ciclovia.

Aqui também houve a mesma ruptura, o mesmo “corte epistemológico”, que de imediato interrompe o território universitário como um processo de comunicação, interrompe a estrutura espacial como uma estrutura fortemente conexa, o conceito do espaço universitário como um espaço urbano de qualidade urbana, propostos no modelo para um sistema ambiental do território universitário.

Figura 183 — Entradas da EE e FACE longe da rua e sem maiores significados.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Com o corte das estruturas direcionais, as edificações das novas unidades passaram a ser fechadas nelas mesmas, num modelo sincrônico e, ao contrário que propôs o prédio da Escola de Ciências da Informação, de se aproximar mais da rua, como

⁵⁵ Termo técnico em inglês, que significa uma tendência mundial de uma técnica ou conjunto de técnicas para mitigar os efeitos negativos do trânsito criando uma circulação segura, calma, agradável e atraente.

havia sugerido Artemis, para dar mais densidade, o prédio da Faculdade de Ciências Econômicas retoma o alinhamento da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, afastada da rua, do passeio e dos transeuntes, reforçando uma sensação de isolamento, agravada pela suas entradas achatadas em meio à uma grande massa de empenas cegas da fachada principal, como se o prédio estivesse de costas para a avenida. Percebemos que estas desconexões tem reforçado o individualismo, pois as pessoas entrevistadas, tanto desta Faculdade, como da Escola de Engenharia, pouco citam ou frequentam outros prédios ou mesmo a Praça de Serviços.

Um outro aspecto que nos chama atenção neste Plano Diretor é que não há uma valorização da memória do Campus, nem geral nem pontual. O Museu do Homem, em 1978, e o Centro de Memória Geológica, 1994, contíguo ao Instituto de Geociências, foram desconsiderados.

Este último chegou a ser apresentado ao Ministro das Minas e Energia, Israel Vargas, do Governo Itamar Franco, e a ser inteiramente detalhado em projeto executivo, mas sua localização foi preterida em prol da Escola de Engenharia, no Campus 2000.

Figura 184 – Proposta para Centro de Memória Geológica/IGC, em 1994.



Fonte:

Acervo



do

autor.

Figura 185 — Publicação referente ao Centro de Memória Geológica/IGC.



Fonte: Boletim UFMG, 24/01/1996, p.5.

Figura 186 — Macadame para compactação ruas nos primórdios do Campus Pampulha.



Fonte: Acervo DPP/UFMG.

Objetos como o primeiro "Carro Biblioteca", da antiga Escola de Biblioteconomia que atendia aos bairros carentes, uma Kombi, e a primeira perua do Instituto Eshwege, em Diamantina, uma extensão do Instituto de Ciências Geológica, apesar de sugestões, foram leiloados como ferro velho. Mais sorte teve a primeira máquina de compactação do terreno, macadame, do Campus, que passou a ter novo significado

de objeto escultórico em frente à Escola de Belas Artes. Também não mereceu atenção o vestígio de uma cadeia num dos primeiros galpões de obras do Campus, com registros em desenho como "cela". Segundo a memória oral, além dos ladrões de materiais de construção que eram destinados para ali até a polícia chegar naquele local, ainda ermo da cidade, também presos políticos do início do governo militar antes de serem levados ao aeroporto da Pampulha, nas imediações, ficavam presos ali.

Os "Ps" no campo das artes, além de pontuais iniciativas no Campus, não têm incentivos dos planejadores e da universidade, para que obras de algum vulto sejam nela incorporadas: obras de arte, escultura, afrescos, grafiteagem, vitrais, etc.

Figura 187 — Reportagens sobre intervenções artísticas urbanas.



Fonte. Jornal do Brasil, 2005 e Estado de Minas, 2008, respectivamente..

A empena cega da fachada da FACE, pobre em acabamento, defronte à principal avenida, poderia servir para um painel ou mural artístico, enriquecendo-a, ou os rotores de trânsito servirem para instalação de esculturas e não de postes, árvores ou vazios.

Figura 188 — Empena cega da fachada da FACE e rotor em frente da EBA.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

A FAFICH, recentemente tomou uma iniciativa muito positiva neste assunto, absorvendo a tradição de seus estudantes grafitarem suas paredes, com a devida intenção artística e evitar manifestações poluentes, fez um concurso para estudantes da universidade grafitarem suas paredes, previamente escolhidas pela comunidade. Neste sentido foi até mais avançada que a própria EBA onde há tempos a direção abortou a intenção de alunos grafitarem o túnel de acesso do elevador ao auditório, no sub solo, apesar de algumas experiências exitosas.

Figura 189 — Grafites nas paredes internas da FAFICH.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Figura 190 – Grafites da artista e arquiteta Liana Vale. Elevador e tunel EBA, 1994.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Figura 191 – Grafites de anônimos na EBA.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Digno de nota foi a iniciativa da ASSUFEMG em contratar o artista Jarbas Juarez para fazer um mural em sua sede e a Escola de Enfermagem em instalar uma escultura na sua entrada. A ASSUFEMG já havia, em 1986, instalado um vitral no Pelego's.

Figura 192 – Matéria “No meio do caminho tinha uma obra de arte” e convite para exposição no Campus Pampulha.



Fonte: Boletim UFMG, 30.06.05 e 30.04.07.

Figura 193 – Mural de Jarbas Juarez, de 2013, na ASSUFEMG.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

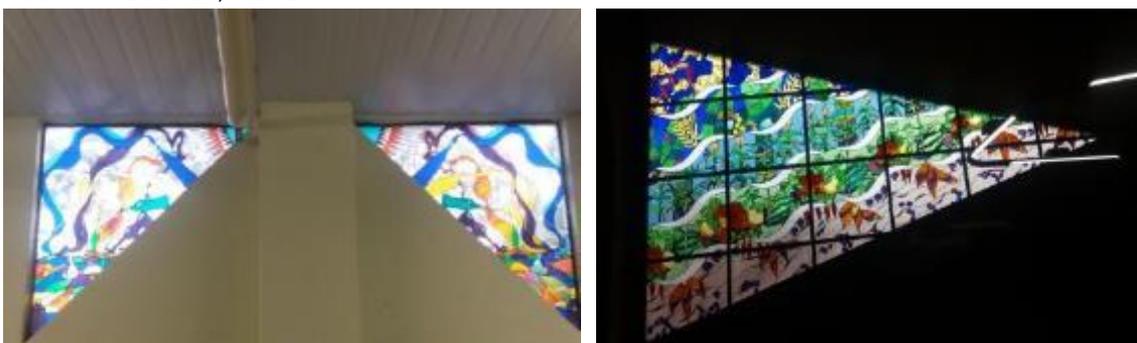
Juarez é um renomado artista plástico do cenário mineiro, citado por Marília Andrés Ribeiro,⁵⁶ em *Nova Vanguarda: Belo Horizonte anos 60*, por sua posição combativa, irreverente e questionadora da tradição artística de Belo Horizonte.

Figura 194 – Escultura de Ferdinando Fabrício, 2014, na Escola de Enfermagem.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Figura 195 – Vitrais de David A. Petterson no Pelego's, 1986 e restaurante Praça Serviço, 1994. EF Soares, 2016.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Um outro emblemático exemplo que denota o empobrecimento da arquitetura do Programa Campus 2000 em relação ao que se fazia antes é a nenhuma preocupação de fazer uma paginação mais elaborada no extenso piso do saguão

⁵⁶ Ver: RIBEIRO, Marília Andrés. *Nova Vanguarda: Belo Horizonte, anos 60*. Belo Horizonte: C/Arte, 1997.

nobre e mezanino da Escola de Engenharia, em contraposição, ao saguão nobre da Reitoria, que embora de solução simples agrega um grande valor arquitetônico.

Figura 196 – Pisos dos saguões da EE, 2014, e da Reitoria, 1962.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Optou-se por investir em materiais de maior valor como os guarda-corpos de *blindex*⁵⁷ em estrutura de aço inoxidável para agregar este valor arquitetônico. Mas evidentemente não se trata de uma questão de valor material, mas estético ambiental. Na EBA, por exemplo, um simples piso de placas vinílicas 30 cm x 30 cm, simplesmente cortando-as em diagonal, sem perder nenhuma, e de cores diferentes a cantina ficou seguramente mais agradável por mais simples que seja o espaço, assim como o estar de espera do galpão da DMA, no RASG, com sobras pisos vinílicos. O que se coloca é que o espaço público, principalmente do porte de uma Universidade, não é necessário de ser monótono, sem atrativos de um detalhamento que seguramente não são fatores onerosos e cujas relações de custos e benefícios são extremamente favoráveis para criar um ambiente rico, inspirador, estimulante.

⁵⁷ Marca comercial de vidro temperado.

Figura 197 — Guarda-corpos do mezanino e rampa da EE em blindex e aço inox.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

Figura 198 — Saguões da Escola de Arquitetura e da Reitoria, vistos de seus mezaninos.



Fonte: Foto E. F. Soares, 2016.

4.3 Sistema de Planejamento de Tempo e Espaço-SPATE

Finalmente, o que se prometeu ser racional e econômico no Programa Campus 2000, desconheceu uma metodologia, criada pelo arquiteto e urbanista Sebastião de Oliveira Lopes, então da equipe de arquitetos e urbanistas da DPF, que avalia a variável tempo e a variável espaço para analisar o uso de espaços educacionais, administrativos e científicos.

Essa nova metodologia ou sistema foi nomeada Sistema de Planejamento de Tempo e Espaço-SPATE. Segundo Lopes, "A associação de tempo e espaço promove uma visão nova e diferenciada do potencial instalado da área física que, tradicionalmente,

é visto de maneira estática (m², largura x comprimento) e nunca associado ao tempo disponível para uso, seja em um turno, em dois turnos e em três turnos". É um instrumento para Gestão de Espaço Físico de uma instituição, principalmente educacional, pois através dos índices de ocupação (IO) x índice e utilização (IU), podemos identificar *déficits* e *superávits* de espaço físico desde a elaboração dos projetos de edifícios ou nos prédios já existentes. Um espaço, particularmente uma sala de aula, pode estar ocupada e sub utilizada, ou ocupada e super utilizada. No caso, as principais fontes que alimentam esse sistema são as matrículas, os mapas de disciplinas e o horário escolar. O SPATE avalia se o uso de um espaço está pleno, ou seja: bem ocupado e bem utilizado de acordo com o planejamento físico e educacional.

Este sistema foi aplicado com sucesso, em 1993, na construção do novo prédio do ICEX, economizando mais da metade da área prevista em projeto via levantamentos convencionais e, mais recentemente, no existente prédio da Escola de Arquitetura, para racionalizar a represada demanda espacial. Infelizmente, assim como inúmeras outras dificuldades que encontramos no decorrer do trabalho, estas fontes não foram encontradas nos arquivos do setor de planejamento físico da UFMG.

Figura 199 – Matéria jornalística sobre o SPATE.

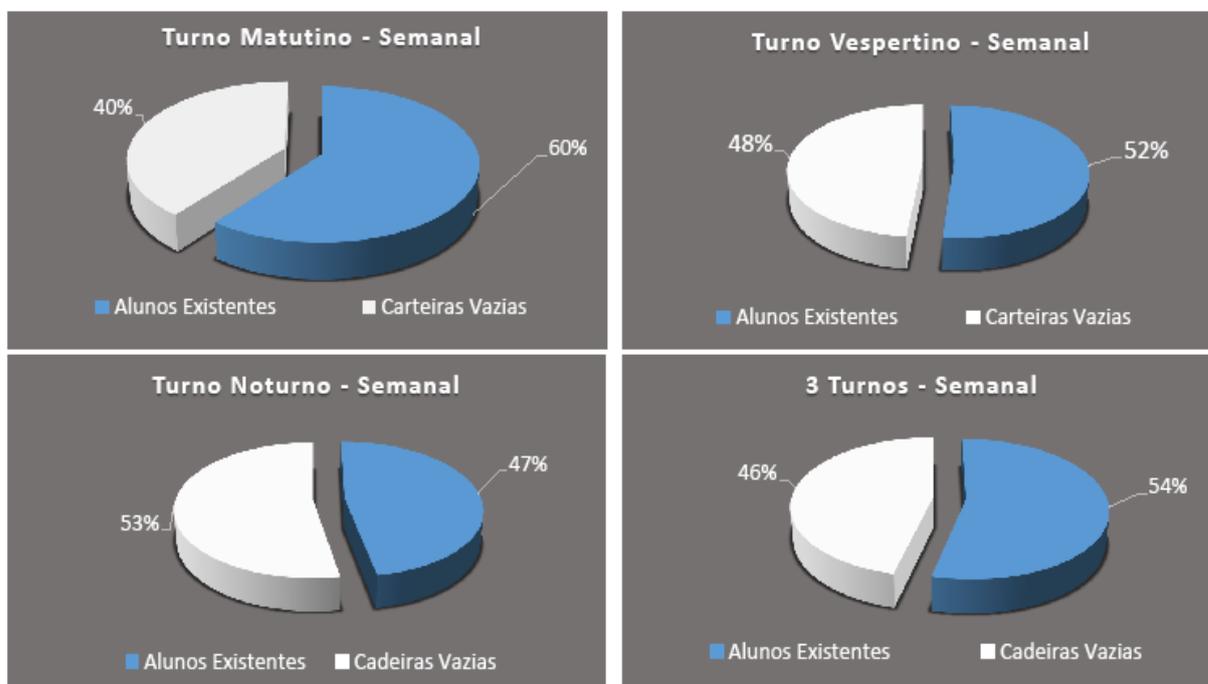


Fonte: Jornal Estado de Minas, 25/04/2000, p.5.

Tentamos aplicar esta metodologia no atual prédio da Escola de Enfermagem no ano de 2016, primeiro semestre, para conferir os usos dos espaços de salas de aulas, numa amostragem representativa em todo segundo pavimento, onde se encontram as salas de aulas. Mas, os dados fornecidos pelo Serviço de Ensino da Escola, se mostraram inconsistentes com o que verificamos *in loco*. Quando cruzamos o mapa de horário/disciplinas com o que estava ocorrendo nos horários definidos no mapa, verificamos que a maioria das salas estavam sub utilizadas (com poucos alunos) e algumas estavam vazias.

Quadro 01 – Gráfico de índice de utilização-IU das salas de aula do segundo pavimento da Escola de Engenharia.

ESCOLA DE ENGENHARIA DA UFMG
CAMPUS PAMPULHA BLOCO 03 / 2º ANDAR
Q.01. PESQUISA PARA IDENTIFICAÇÃO DE CARTEIRAS UTILIZADAS E VAZIAS



Fonte: SPATE/2016

Este gráfico foi baseado no horário escolar do 1º semestre de 2016 e tomou como amostragem 30 salas de aulas teóricas, situadas no segundo andar do Bloco 03 da Escola de Engenharia da UFMG.

– Turno Matutino - Semanal: para elaboração deste gráfico foram considerados: 1) o número de carteiras existente em cada uma das salas de aula durante toda a semana; e 2) o número de alunos matriculados no turno matutino, em cada disciplina lecionada em cada sala de aula durante toda a semana. A razão entre o item 2 e o item 1 é que nos fornece o índice semanal de carteiras utilizadas e de carteiras vazias. Nesse turno matutino, 60% das carteiras existentes tem alunos matriculados e 40% das carteiras existentes estão vazias.

– Turno Vespertino – Semanal: para elaboração deste gráfico foram considerados: 1) o número de carteiras existente em cada uma das salas de aula durante toda a semana; e 2) o número de alunos matriculados no turno vespertino, em cada disciplina lecionada em cada sala de aula durante toda a semana. A razão entre o

item 2 e o item 1 é que nos fornece o índice semanal de carteiras utilizadas e de carteiras vazias. Nesse turno vespertino, 52% das carteiras existentes tem alunos matriculados e 48% das carteiras existentes estão vazias.

– Turno Noturno – Semanal: para elaboração deste gráfico foram considerados: 1) o número de carteiras existente em cada uma das salas de aula durante toda a semana; e 2) o número de alunos matriculados no turno noturno, em cada disciplina lecionada em cada sala de aula durante toda a semana. A razão entre o item 2 e o item 1 é que nos fornece o índice semanal de carteiras utilizadas e de carteiras vazias. Nesse turno noturno, 47% das carteiras existentes tem alunos matriculados e 53% das carteiras existentes estão vazias.

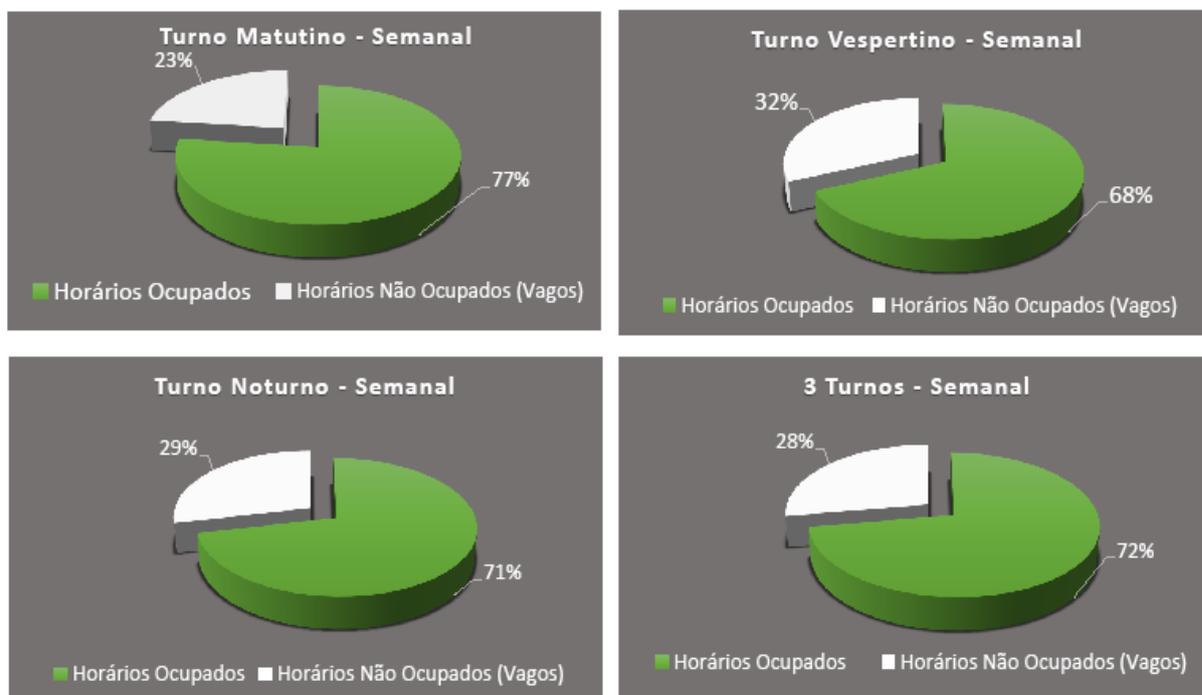
– 3 Turnos – Semanal: para elaboração deste gráfico foram considerados: 1) o número de carteiras existente em cada uma das salas de aula durante toda a semana nos 3 turnos; e 2) o número de alunos matriculados nos 3 turnos, em cada disciplina lecionada em cada sala de aula durante toda a semana. A razão entre o item 2 e o item 1 é que nos fornece o índice semanal de carteiras utilizadas e de carteiras vazias. Nesses 3 turnos, 54% das carteiras existentes tem alunos matriculados e 46% das carteiras existentes estão vazias.

Quadro 02 – Gráfico de índice de ocupação-IO das salas de aula do segundo pavimento da Escola de Engenharia.

ESCOLA DE ENGENHARIA DA UFMG

CAMPUS PAMPULHA BLOCO 03 / 2º ANDAR

Q.02. PESQUISA PARA IDENTIFICAÇÃO DE HORÁRIOS OCUPADOS E NÃO OCUPADOS (VAGOS)



Fonte: SPATE/2016

Este gráfico foi baseado no horário escolar do 1º semestre de 2016 e tomou como amostragem 30 salas de aulas teóricas situadas no segundo andar do Bloco 03 da EE-UFMG.

– Turno Matutino – Semanal: para elaboração deste gráfico foram considerados: 1) o número de horários existentes no turno matutino em cada uma das salas de aula durante toda a semana; e 2) o número de horários das disciplinas dos alunos matriculados no turno matutino, em cada sala de aula durante toda a semana. A razão entre o item 2 e o item 1 é que nos fornece o índice semanal de horários ocupados pelos alunos matriculados e de não ocupados (vagos). Nesse turno matutino, 77% dos horários existentes tem alunos matriculados e 23% dos horários existentes estão vagos.

– Turno Vespertino – Semanal: para elaboração deste gráfico foram considerados: 1) o número de horários existentes no turno vespertino em cada uma das salas de

aula durante toda a semana; e 2) o número de horários das disciplinas dos alunos matriculados no turno vespertino, em cada sala de aula durante toda a semana. A razão entre o item 2 e o item 1 é que nos fornece o índice semanal de horários ocupados pelos alunos matriculados e de não ocupados (vagos). Nesse turno vespertino, 68% dos horários existentes tem alunos matriculados e 32% dos horários existentes estão vagos.

– Turno Noturno – Semanal: para elaboração deste gráfico foram considerados: 1) o número de horários existentes no turno noturno em cada uma das salas de aula durante toda a semana; e 2) o número de horários das disciplinas dos alunos matriculados no turno noturno, em cada sala de aula durante toda a semana. A razão entre o item 2 e o item 1 é que nos fornece o índice semanal de horários ocupados pelos alunos matriculados e de não ocupados (vagos). Nesse turno noturno, 71% dos horários existentes tem alunos matriculados e 29% dos horários existentes estão vagos.

– 3 Turnos – Semanal: para elaboração deste gráfico foram considerados: 1) o número de horários existentes nos 3 turnos em cada uma das salas de aula durante toda a semana; e 2) o número de horários das disciplinas dos alunos matriculados nos 3 turnos, em cada sala de aula durante toda a semana. A razão entre o item 2 e o item 1 é que nos fornece o índice semanal de horários ocupados pelos alunos matriculados e de não ocupados (vagos). Nesses 3 turnos, 72% dos horários existentes tem alunos matriculados e 28% dos horários existentes estão vagos.

Analisando os quadros Q01 e Q02, observamos que mostram claramente que as salas de aula estão com muitos horários vagos e muitas carteiras vazias em todos os turnos.

CONCLUSÃO FINAL

Como vimos, ao contrário, da UFRJ, antiga URJ, a UFMG, antiga UMG, nasceu de um desejo desde os Inconfidentes e de uma grande mobilização, para sua concretização, da intelectualidade, da população e da imprensa mineira, com todo apoio e decisão do governo estadual. Esta participação se deu inclusive com desdobramento trágico numa crucial decisão sobre sua autonomia, no seu nascedouro, pois sob sua égide, de autonomia didática, administrativa e financeira ela foi idealizada e criada e depois esteve ameaçada pelo governo federal. Além do mais, sua Cidade Universitária, ao contrário de outros modelos de *campi* universitários, particularmente os estadunidenses, foi pensada para ser instalada dentro do núcleo urbano da nova capital. Com a Revolução de 1930, sua autonomia foi preterida em prol de um modelo centralizador, coerente como o novo Governo Federal, tendo como modelo a Universidade do Brasil, criada a partir da URJ e a construção de sua Cidade Universitária abortada, só sendo retomada já no Estado Novo, 1937-1945, mas com sua localização, agora, na periferia da cidade, adotando os modelos padrões de *campi* no mundo inteiro. Vimos, também, que em que pese isolar um território por sua natureza com uma comunidade crítica, politizada e rebelde fosse conveniente para este governo centralizador, fechado, embora popular, a nova localização se deu por uma conjuntura mais ampla: internamente pelo desejo do governo estadual consolidar um novo foco urbano com todo seu apelo de modernidade e externamente por uma proximidade política dos países vizinhos, como Colômbia, Venezuela, Chile, também populares, nacionalistas e centralizadores, cuja metáfora dessas afinidades foram os *campi* desses países terem sido localizados na zona rural, literalmente em terras de antigas fazendas.

A Cidade Universitária da então UMG, só se efetivou vinte anos depois de sua fundação, com a redemocratização do país, em meados de 1940, no bojo de uma intensa polêmica sobre seu modelo urbano arquetônico, acusado de extemporâneo, no qual saiu vencedora a ideia mais moderna, condizente com os

novos ares soprados pelo conjunto arquitetônico da Pampulha e a futura capital do país, Brasília, traduzido por seus traçados e o prédio ícone da sua Reitoria, em torno da qual a nova Cidade Universitária passou a gravitar, numa perspectiva de popularizar a Universidade.

No entanto, pela sua distância do centro urbano e dificuldades de mobilidade, só iniciou, de fato, sua ocupação nos anos de 1960 e após o Golpe Militar de 1964, já numa outra perspectiva, novamente centralizadora e de negação da autonomia universitária, federalizando-a, criando centros de excelências, pulverizando os cursos em departamentos, a princípio sem preocupações com a interação com a cidade e população que cada vez mais o envolvia.

Ironicamente, e contraditoriamente, os novos planejadores do já Campus Pampulha, já a partir de 1969, propuseram um plano revolucionário onde, além do contraponto ao plano modelo anterior para autos, incentivou com seu novo traçado os pedestres, valorizando a promenade, o convívio aberto à natureza, em ritmo peatonal, sobre este propôs um modelo de sistema de modelo ambiental onde a interação urbana com a cidade era o modelo com sua multiplicidade de uso, de eventos, de população, cultura-ação, cultura-trabalho, cultura-lazer, cultura-política, uma identidade universitária com qualidade de vida urbana, traduzida nos seus corredores-ruas, locais de encontro, de convívio, pátios primários, secundários, livrarias, diretórios, lugares formais e informais, que paulatinamente iam sendo implantados, vividos e apropriados.

Nos anos de 1980, com os ventos da redemocratização, esse modelo ambiental foi a perfeição, com cada vez maior participação da comunidade universitária, pelo PARTPLAN, nas eleições do que já havia sido feito e para as novas decisões das instalações e definições dos espaços físicos da Universidade e seus usos. Foi época de intensa mobilização política, cultural que o Campus Pampulha se consolidou, onde ocorreram grandes eventos culturais de massa, como o Rosas de Abril, congregando a comunidade interna e externa, promovendo a interação do território universitário com o território urbano.

Dessa eleição constatou-se que, embora majoritariamente positivo, particularmente nas questões das apropriações do espaço e interações sociais entre ele, o modelo

modular para o sistema ambiental adotado necessitava de calibramento, particularmente no que concerne à uma definição mais clara de territorialidade e de valorização da linguagem arquitetônica e das artes no campus e suas novas construções.

Porém, a partir de meados dos anos de 1994, com a política neoliberal do novo governo federal, que iniciava um sucateamento e privatização das universidades públicas e o discurso moralista sobre segurança e controle de usos de drogas e bebidas no campus, tidos como perniciosos ao ambiente universitário, indo na contramão de estudiosos, inclusive os seus, foram criadas dificuldades quando não impedidas as grandes festas no campus, com a proibição da comercialização de bebidas alcoólicas⁵⁸ e impedido de se construir a moradia universitária no campus, apesar dos protestos estudantis — traduzido numa bela prosa vencedora de um concurso literário na universidade —, localizando-a bem longe desse e iniciando o isolamento do seu território da cidade, ignorando que os estudos há muito apontam que o que faz a segurança do território é seu intenso trânsito de pessoas para seu múltiplo uso. A partir dos anos 2000, com o discurso da economia confundido com o barateamento e do recrudescimento do discurso da segurança acompanhando a ocupação definitiva do campus houve, definitivamente, o corte de modelo de concepção e construção de seus novos espaços físicos, sem a participação ampla da sua comunidade, empobrecendo não só a arquitetura, mas a qualidade de vida do campus, às raias da esquizofrenia, como disse um dos entrevistados, pois até abdicar de tradicionais e exitosas áreas esportivas e de lazer do território em prol de estacionamentos, um voraz e contínuo consumidor de áreas — na contramão da tendência mundial em valorizar o transporte público em detrimento do privado. Nem mesmo um ampla discussão sobre a descriminalização da maconha, discussão na ordem do dia no mundo, antecedida por um filme afim, pode ser discutido, pois o

⁵⁸ Em Portaria da Reitora, nº 2122/2003, de 11/07/2003, fica proibida a comercialização de bebida alcoólica no âmbito da UFMG. Somente em 2007, nas portarias nº 16 e 17/2007, de 25/09/2007, ficam liberadas a venda de cerveja em lata no CEU, para maiores de 18 anos, e, em eventos regulamentados e autorizados pela Reitoria.

Diretório Acadêmico do IGC foi impedido, inclusive com truculenta repressão policial, em pleno território acadêmico.⁵⁹

A pouca valorização da paisagem cultural do campus também é uma tônica em seu planejamento, pois quando não derrubam construções de cunho histórico as ignoram ou transformam espaços de grande potencial de convívio em jardins ou também os ignoram. Se na Praça de Serviços ocorre feiras com sucesso, embora o espaço seja restrito, o grande terraço do Restaurante Setorial II permanece como um imenso espaço residual, quando poderia ser utilizado como uma grande feira hortigranjeirada própria fazenda da Escola de Veterinária e dos produtores da comunidade interna e externa. Ainda na Praça de Serviços, seu ótimo restaurante no segundo pavimento permanece com sua grande varanda sem utilização e este mesmo subutilizado, quando poderia funcionar como um excelente ponto de encontro da comunidade para saborear pratos exclusivos, como por exemplo uma grande mostra da culinária regional, registrado por Eduardo Frieiro e bebericar bebidas, também regionais, enquanto interagem e até discutem os trabalhos. As tentativas, como a abertura do campus em dias especiais para a comunidade da cidade, têm sido positivas, mas seu sucesso parece ser seu inimigo, pois são sempre pontuais e eventuais, assim como os grandes espetáculos no gramado da reitoria, outrora muito usado sem qualquer problema no Rosas de Abril, pois por tratar-se de um evento que envolvia todos segmentos da universidade e externo à ela, de variados gêneros, idades, cores, culturas, em atitude sócio cultural não se constituía em guetos e inibia o vandalismo, a violência.

Lamentavelmente a cidade universitária não se constitui hoje num território urbano, como disse a arquiteta Maria Ignez Macedo, em sua opinião ao jornal *O TEMPO* (04/12/2000, p. 8), trata-se de um "lugar caduco", pois não favorece o convívio entre os usuários e ignora a comunidade não-universitária". Finalizando, reproduzo aqui a opinião de outro arquiteto e urbanista, Roberto Andrés, professor da EA/UFMG, ao Boletim UFMG (18/05/2015, p. 2): "como seria o campus se houvesse centenas de bicicletas compartilhadas para possibilitar o deslocamento entre suas unidades e outros pontos da cidade? (...) Se fosse tratado como um grande parque, território do

⁵⁹ Processo Nº 23072.007613/08-41, Comissão de Sindicância da Reitoria/UFMG, Portaria nº 018, de 10 de abril de 2008, sobre a proibição de exibição do filme *Grass Maconha*, no IGC, conforme determinação da Diretora, e seu desdobramento conflituoso entre os estudantes e a PM/MG.

afeto e do lazer, aberto para um público diverso? Se abandonasse a herança monofuncional e diversificasse seus usos, enriquecendo-se com moradias, comércios e serviços".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTO, Klaus Chaves. Interfaces brutalistas: megaestruturas universitárias. In: *Seminário DOCOMO Brasil. Arquitetura Moderna e Internacional: Conexões brutalistas 1955-1975*. 10^o, 2013, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UFRGS, 2013 [recurso eletrônico].

ALEXANDER, Christopher. *El modo intemporal de construir*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1981.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; CARTER, Haroldo; KOHLSDORF, Maria Elaine. Percepção ambiental: contexto teórico e aplicações do tema urbano. *Public. Especial*. Belo Horizonte, Depto. Geografia-IGC/UFMG, nº 5, Belo Horizonte, 1987.

ASSIM É A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Brasília: Senado Federal, 1969.

BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A Ilustração Brasileira*. São Paulo: EDUSP, 1986.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. *Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CENCIC, Alenka. *Estudo da paisagem cultural: o campus da UFMG*. Dissertação para obtenção do grau de Mestre. Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, 1996.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2006.

CORDEIRO, Waldemar. *Planejamento Paisagístico do Campus da Universidade Federal de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Reitoria/UFMG, 1968. [Impresso]

DIAS, Fernando Correia. *Universidade Federal de Minas Gerais. Projeto Intelectual e Político*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

DUARTE, Regina Horta; STARLING, Heloisa Maria Murgel (Org.). *Cidade Universitária da UFMG: História e Natureza*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

EQUIPE Departamento de Planejameto Físico e Obras-DPFO/UFMG. Planejamento Participativo no Território Universitário. PARTIPLAN-UFMG. XII Congresso Brasileiro de Arquitetos Vilanova Artigas. Belo Horizonte, 1985. *Revista Módulo Especial*, 1985.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A Universidade Federal do Rio de Janeiro: origens e construção, 1920 a 1965. In: OLIVEIRA, Antônio José Barbosa (Org.) *A Universidade e os múltiplos olhares de si mesma*. Fórum de Ciência e Cultura, Sistema de Biblioteca e Informações. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

GADOTTI, Moacir. *Jornal Opinião*. São Paulo, 24/04/95.

GOODFREY, Brian; GOLD, Jonh. Geografia do comportamento e da percepção. *Public. Espec.* nº 3. Departamento Geografia, IGC/UFMG, Belo Horizonte, 1986.

GUIMARÃES JÚNIOR, Eduardo M. *Revista Arquitetura e Engenharia*. Belo Horizonte, v.43, 1957.

GUSMÃO, Luciano D. *Ecologia no Campus da Pampulha*. Belo Horizonte: Reitoria da UFMG, 1981. [Impresso]

_____. *Observação acerca da semiologia da arquitetura*. Belo Horizonte: Reitoria da UFMG, 1981. [Impresso]

_____; et all. *O Território Universitário*-proposta de modelo para um sistema ambiental. Belo Horizonte: Reitoria da UFMG, 1970. [Impresso]

_____. *Territorialidade e experiência*. Belo Horizonte: Reitoria da UFMG, 1981. [Impresso]

_____; et all. *Os "Ps" padrões x problemas*. Belo Horizonte: Reitoria da UFMG, 1970. [Impresso]

_____; MAGALHÃES, Edmundo; OPORTO, Gaston. *Projeto FAFICH*. Belo Belo Horizonte: Reitoria da UFMG, 1982. [Impresso]

_____; MATA, Demétrius. *Avaliação e planejamento participativo em arquitetura*. Belo Horizonte: imprensa DPFO/ UFMG, 1982.

_____; SOARES, Eduardo Fajardo, *Recuperação da área dos serviços gerais-RASG*, Belo Horizonte, impresso DPOFO/UFMG, 1984

JACOBS, Jane. *A Morte e vida das grandes cidades*. São Paulo: Ed. Martins Fortes, 2000.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Ed. Martins Fortes, 1980.

MACIEL, Carlos Alberto. O sistema Básico da UFMG e seus precedentes: infraestruturas, crescimento, superação de função e construção de paisagem. In: *Seminário DOCOMO Brasil: interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente*. 9., 7-10 junho, Brasília. *Anais...* Brasília: 2011.

MACIEL, Carlos Alberto e MALARD, Maria Lúcia (Org.). *Territórios da Universidade-Permanência e Transformações*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

MAGALHÃES, Edmundo Werna. *Notas Sobre o Planejamento do Território Universitário*. Belo Horizonte: DPF/UFMG, 1986. [Impresso]

MEGALE, Nilza Botelho. *Memórias Históricas de Poços de Caldas*, 1990.

MORAES, Eduardo R. Afonso de. *História da UFMG*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1971.

NAVA, Pedro. *Beira-mar: memórias 4*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

NEVES, Lucília de Almeida; RESENDE Maria Efigênia Lage. *Universidade Federal de Minas Gerais: Memórias de Reitores(1961-1990)*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

OLIVEIRA, Antônio José Barbosa (Org.). *A universidade e os múltiplos olhares de si mesma*. Rio de Janeiro: SIBI/UFRJ, 2011.

PAIVA, Duarte Felipe Brasil. *Genuius Loci- O Lugar como construção humanística - Dissertação para obtenção do grau de Mestre da Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa/PT*, 2009.

PARKER, Stanley. *Sociologia do lazer*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1978.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens Urbanas*. São Paulo: Ed. SENAC, 2004.

SANTOS, Lucio José dos. *Missão universitária*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1930.

SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE PLANEJAMENTO DE CAMPI UNIVERSITÁRIOS. 1º, 1975. *Programa de Expansão e Melhoramento das Instalações do Ensino Superior*. Brasília: PREMESU/MEC, 1978.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS-UFMG. *Plano Paisagístico da UFMG*. Belo Horizonte: Reitoria UFMG, 1968.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS-UFMG. Departamento do Planejamento Físico. *O território universitário* (livro Preto). Belo Horizonte: Reitoria UFMG, 1970.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS-UFMG. Departamento do Planejamento Físico. *Projeto para um sistema estrutural* (livro Ocre), Belo Horizonte: Reitoria UFMG, 1970.

VASCONCELOS, Sylvio. *Textos reunidos: arquitetura, arte e cidade*. Celina Borges Lemos (Org.). Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2004.

VILARINHOS, Maria Lúcia Ribeiro. O campus da UFRJ na Ilha do Fundão: atualização de sua localização e organização espacial. In: OLIVEIRA, Antônio José Barbosa (Org.). *A Universidade e os múltiplos olhares de si mesma*. Fórum de Ciência e Cultura, Sistema de Biblioteca e Informações. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

WERNECK, Cristianne. *Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

ANEXOS

MATÉRIAS DA IMPRENSA E DOCUMENTOS

Sanção da Lei criando a UMG.

MINAS GERAES

ORGÃO OFFICIAL DOS PODERES DO ESTADO

ANNO XXXVI	ASSIGNATURA	BELLO HORIZONTE	VENDA AVULSA	N.º 209
	ANNO _____ 365 000	7 do Setembro de 1927	NUMERO DO DIA _____ 200 RÉIS	
	SEMESTRE _____ 182 000	REDACÇÃO: AVENIDA PARAOPÉA N.º 270	NUMERO ATRAZADO _____ 300 RÉIS	

SETE DE SETEMBRO

As grandes manifestações de apreço e solidariedade do povo mineiro ao sr. presidente Antonio Carlos — A moção hontem votada pela Camara a s. exc. — A sanção da lei creando a Universidade de Minas Geraes, seguida da homenagem dos estabelecimentos de ensino da Capital ao sr. Presidente do Estado

Recepção em Palacio — O grande concerto symphonico na Praça da Liberdade — A manifestação popular ao chefe do Estado — Diversões populares na Praça da Liberdade — O testemunho de sympathia e apoio das municipalidades e directorios politicos do Estado — Outras adhesões — Baile de gala no Automovel Club — Notas diversas — A grande parada militar em commemoração á data de hoje — Resenha administrativa do primeiro anno do actual governo

A de hoje é a data maxima de nossa historia, porque lembra a emancipação politica da patria, após soffrimentos e luctas que, em mais de um passo da nossa atormentada existencia colonial, revelaram sempre o espirito de independencia e o amor da liberdade bem cedo nascidos no coração dos brasileiros.

Em Minas, o dia de hoje tem relevo civico especial, não sómente porque, implantado o regimen republicano, delle se conta o prazo constitucional de seus governos, mas ainda, e principalmente, porque ao abençoado anseio de ser livre nossa terra deu sempre, abnegada e heroica, tudo que foi preciso dar pelo ideal sagrado de uma patria independente.

Minas, como a mulher forte das Escrituras Sagradas, levantou-se antes do dia (*De nocte surrexit...*), nas pelejas da liberdade. Despotas e tyrannas da torva era colonial nunca lhe entibiaram o animo civico, o amor do direito e da justiça, em cuja defesa ella madrugou, começando, bem antes das suas irmãs no infortunio e na revolta, a objectivar, pela Conjuracão Mineira, o ideal de todas ellas.

Com o sacrificio de Felipe dos Santos, Tiradentes e outros bravos, foi a que primeiro deu sangue e martyres ao sonho da Republica, na terra brasileira.

Desde então, parece que o soffrimento, ao envés de lhe enfraquecer a bravura civica dos filhos, mais lhe afervorou, em crescendo ardoros de fé patriótica, a temeraria ousadia que sempre poz na defesa da liberdade.

Entre as nossas montanhas, esteve sempre o asylo de todos os perseguidos, de onde quer que elles viessem, em busca de paz e garantia para toda e qualquer expressão do pensamento.

Porque Minas aprendeu que, dentro da lei, mais forte e certo da victoria se faz ainda o pelejador da verdade e do direito, seu lema tem sido o *sub lege, libertas* dos povos que amam realizar a sua tarefa civilizadora com o esforço creador e fecundo do trabalho pacifico, sob a inspiração do senso grave da ordem que toda a Federação lhe reconhece e admira.

Entre a lei e a liberdade, que tem como garantias inalienaveis e supremas da cultura politica, das aspirações de progresso e das virtudes cívicas de todos nós, ella, que se ergueu antes do dia para lutar primeiro pelo Brasil autonomo, unido e grande que é nosso orgulho e nossa gloria, estará sempre vigilante e de pé, disposta a dar tudo pela Republica e pela nacionalidade, em cujo esplendente futuro confia, celebrando a data de hoje com a maior e mais viva fé do seu fervente patriotismo.

Tem relevo especial, entre as maiores homenagens que Minas está prestando ao sr. presidente Antonio Carlos, a seguinte moção que a Camara dos Deputados votou hontem com especial solemnidade e que será hoje entregue a s. exc.

"A Camara dos Deputados de Minas Geraes, como depositaria immediata da confiança do povo mineiro, vem manifestar ao Ilustre presidente Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, os seus mais vivos applausos pelo transcurso do primeiro anno de seu fecundo e glorioso governo, associando-se, jubilosamente, ás carinhosas homenagens, que, por esse motivo, vão ser tribuadas a s. exc.

Como complemento dessa demonstração affectiva, reafirma, nesta oportu-

portunidade, o seu leal apoio e a sua irrefragavel solidariedade politica ao grande Presidente, que vai realizando em Minas uma notavel obra de liberalismo democratico e uma administração brilhante e benemerita."

A SANÇÃO DA LEI QUE CREA A UNIVERSIDADE DE MINAS GERAES

As 16 horas, no Palacio da Liberdade, o sr. presidente Antonio Carlos, em presença de todos os membros das congregações das Faculdades e escolas desta Capital, que vão constituir a Universidade de Minas Geraes, sancionará, solemnemente, a lei creando aquella instituto.

Por esta occasião, falará, em nome das congregações, o sr. professor Estevão Pinto, vice-presidente da Faculdade de Direito de Minas Geraes, devendo ser entregue ao sr. presidente Antonio Carlos uma penha de ouro, com a qual assignará a. exc. o autographo da lei.

RECEPCÃO EM PALACIO

Das 16 ás 18 horas, o sr. Presidente do Estado dará recepção, em Palacio, a todas as pessoas que o desejem cumprimentar, pela data da independencia nacional e do 1.º anniversario de seu governo.

Irão a Palacio, nessa oportunidade, de cumprimentar o chefe do governo, todas as delegações de municipios, directorios politicos, instituições de ensino, scientificas, literarias, de caridade etc., desta e das outras cidades do Estado, cuja relação adiante reproduzimos:

O GRANDE CONCERTO SYMPHONICO

Entre as diversões que a commissão de festejos commemorativos da data de hoje, em homenagem ao sr. presidente Antonio Carlos, organizou, vai constituir nota fulgida de arte o grande concerto symphonico a realizar-se na Praça da Liberdade, das 18 ás 20 horas, com este magnifico programma:

- I) F. Manoel — Hymno Nacional.
- II) M. Pastore — Hymno do Centenario, regido pelo autor.
- III) G. Verdi — Marcha da "Aida".
- IV) William Schiller — Intermexão Romantica, regido pelo autor.
- V) Symphonía do "Guarany", regido por Francisco Nunes.

O grande concerto, genero de musica pela primeira vez propiciado, ao sr. livre, ás nossas classes populares, será no coreto central da Praça, sob a regencia do festivo maestro Francisco Nunes, director do Conservatorio Mineiro de Musica, tendo o

concerto de brilhantes musicistas do nosso meio artistico, onde o professor Nunes tão inavelmente se tem imposto ao apreço de todos.

A GRANDE MANIFESTACÃO AO SR. PRESIDENTE ANTONIO CARLOS

As 20 horas, realizar-se-á a grande manifestação popular ao sr. presidente Antonio Carlos, que a receberá, no Palacio da Liberdade, cercado dos seus auxiliares de governo, o sr. dr. Wenceslao Braz, ex-presidente da Republica, dos membros do Congresso e outros amigos.

Os manifestantes deverão reunir-se na praça Tiradentes (Bar do Ponto), dali partindo em *marechuz-fimbraz*, pela rua da Bahia, em direcção ao Palacio da Liberdade, onde o sr. deputado Afranio de Mello Franco apresentará ao sr. presidente Antonio Carlos as saudações do povo mineiro.

DIVERSÕES POPULARES NA PRAÇA DA LIBERDADE

Depois do grande concerto symphonico, das 19 horas em diante, haverá retreta, por bandas da Força Publica, na praça da Liberdade, onde tocarão, ainda, para bailes populares, os "jazz-bands" da aludida Força e do 12.º Regimento de Infantaria do Exercito.

Outra atrahente diversão será a exhibição, ao ar livre, na praça, do lado direito do Palacio, de magnificos "films" cinematographicos, por captivante gentileza da empresa do Cinema Gloria, para com o sr. presidente Antonio Carlos.

O Testemunho de sympathia e apoio das municipalidades, directorios politicos, associações etc.

CAMARAS MUNICIPAES

Conceição, pelos srs. deputado Aloisio Marques e dr. Afranio de Carvalho; Ituyutaba, pelo sr. Augusto Martins de Andrade; Pirapora, pelo sr. coronel Sebastião Antonio de Lima; Itapeccira, pelo sr. dr. Necessio Tavares; Rio Branco, pelo sr. deputado Celso Machado; São Domingos do Prata, pelo sr. professor Francisco Brant; Uim Parahyba, pelo sr. deputado Antonio Junqueira; Guaraná, pelo sr. coronel Bertholdo Garcia Machado; Uberabinha, Conquista, Fructal, Tupacyrara e Bambulhy, pelo sr. senador Camillo Chaves; Pouso Alegre, e Silvianópolis, pelo sr. deputado João Berardo; Alfenas, Sylvestre Ferraz, pelo sr. deputado Leão de Faria; Ouro Preto, pelo sr. senador Baeta Neves; Curacoll, pelo sr. dr. Moura Costa; Lima Duarte, pelo sr. coronel Nominato Dague; Raul Soares, pelo sr. deputado Martins Soares; Theophilo Otonari, pelo sr. deputado Martins Prates; Estre-

cinio, pelo sr. deputado Argemiro de Rezende Costa; Pató de Minas, pelo sr. Julio de Mello Franco; Piumhi, pelo sr. Joubert de Vasconcellos; Jacutinga, pelo sr. senador Luiz Lisbon; Urão Magol, pelo sr. coronel João Alcântara; Tiro, pelo sr. dr. Mario de Lira; Santa Catharina, pelo sr. dr. Francisco Camargo; Santa Rita do Sapucahy, pelo sr. deputado Epitacio Dutra; Prados, pelo sr. deputado Viviano Galvão; Panguary, pelo sr. dr. Alberto Campos; Avassouray, pelo sr. deputado Luiz Garcia; Glândia, pelo sr. Antonio Castro; Pomba, pelo sr. deputado Odilon Braga; Habirito, pelo sr. dr. Zorastiro Passos; Piracicaba, pelo sr. coronel João Vilela Soares Fonseca; Vespasiano, pelo sr. deputado Antonio Gomes Barbosa; Guapé, pelo sr. senador Passos Maia; Merces, pelo sr. José Rezende; Campanha, pelo sr. dr. Jarbas Vidal Gomes; Santa Luzia, pelo sr. senador Modestino Gonçalves; Espinosa e Tremedal, pelo sr. coronel Joaquim Teodoro; Poço Alto, pelo sr. deputado Ribeiro da Luz; Rio Preto, pelo sr. deputado Pedro Marques; Mar de Espanha, pelo sr. dr. José Francisco Sobrinho; Rezende Costa, pelo sr. deputado Amândo Brasil; Divinópolis, pelo sr. deputado Nilo Rosenburg; Antonio Dias, pelo sr. deputado Euzébio Brito; Bom Despacho, pelo sr. coronel Faustino A. Teixeira; São Marcos, pelo sr. deputado Aloisio Marques; Doreia da Boa Esperança, pelo sr. senador Passos Maia; São João Nepomuceno, pelo sr. senador Pederles de Mendonça; Prefeita de Poços de Caldas, pelo sr. dr. João Pinheiro Filho; Barbacena, pelo sr. deputado Amândo Brasil; Mesquita, pelo sr. deputado Euzébio de Brito; Monte Carmello, pelo sr. dr. Francisco Brant; Alto Rio Doce, pelo sr. dr. Bias Fortes; Bonfim, pelo sr. senador Moreira da Silva; Symonens e Jequerly, pelo sr. professor Francisco Brant; Castê, pelo sr. dr. Marcel Pinheiro; Christina, pelo sr. deputado Carneiro de Rezende; São Romão, pelo sr. Saint-Clair Valladares; Contagem, pelo sr. deputada Gomes Pereira; Perdões, pelo sr. dr. Francisco Campos; Capelinha, pelo sr. dr. Juscelino Barbosa; Guayana, pelo sr. senador Alfredo Sá; Divinópolis, pelo sr. deputado Martins Soares; Inconfidência, pelo sr. dr. Heraculano Cesar; Abaeté, pelo sr. dr. Alberto Campos; Virgemópolis, pelo sr. deputado Euler Góes; Carvello, pelo sr. coronel Soares dos Santos; Turvo, pelo sr. dr. Bias Fortes; Tombos, pelo sr. dr. Jarbas Vidal Gomes; Aguiar dos Santos, pelo sr. dr. Arthur Furtado; Pimenta, pelo sr. deputado Pedro Dutra; Paratopolis, pelo sr. deputado Luro de Almeida; Maná, pelo sr. deputado Cain Nelson; Brejo das Almas, pelo sr. deputado Nilo Rosenburg; Salinas, pelo sr. senador Idalino Ribeiro; Aracá, Cabe Verde e Conceição do Rio Verde, pelo sr. deputado Leão de Faria; Muriconga, e Nova Rezende, pelo sr. deputado Aristides Coimbra; Guaracema, pelo sr. deputado Aristides Coimbra e Noraldino Lima; Passos, pelo sr. deputado Colimira da Luz; São Thomaz de Aquino, pelos srs. deputados Aristides Coimbra, Francisco Lessa e Colimira da Luz;

Estuadal

Luiz

de

Bessa.

Exposição dos ante-projetos da sede da UMG.

DIÁRIO DE MINAS

REDACTOR CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

GERENTE EDUARDO DE ARAÚJO GARCIA

Redacção, Administração e Officinas: Rua Espírito Santo, 110 - Belo Horizonte - Minas - G. A. - Caixa 23 - Preço 71

As eleições de hoje

Realizam-se hoje as eleições para preenchimento das vagas de deputados estaduais e senadores federais em todo o Estado de Minas Gerais.

Dr. Moura Costa
Foi eleito prefeito de Belo Horizonte, para o período de 1929 a 1932.

Em Dóres do Indaiá
Foi eleito prefeito de Dóres do Indaiá, para o período de 1929 a 1932.

NOVIÇAS DE PIUMY
Foi eleito prefeito de Piumy, para o período de 1929 a 1932.

Dr. Bias Fortes
Foi eleito deputado estadual, para o período de 1929 a 1932.

DO PAIZ E DO ESTRANGEIRO

Serviço telegraphico do DIARIO DE MINAS

Conselho Fascista transformado em corpo legislativo
Roma, 31. — Sob a presidência do sr. Mussolini, reuniu-se o Conselho Fascista em sessão legislativa, para discutir o projeto de transformação do Conselho Fascista em um corpo legislativo.

Brasil e a convenção sobre formalidades aduaneiras
Genebra, 31. — O sr. Carlos Carneiro, delegado do Brasil, participou da convenção sobre formalidades aduaneiras.

A futura sede da Universidade
Impressões de uma visita à exposição de ante-projectos, no Theatro Municipal.

Dr. José Bernardino Alves Junior
Assim, honroso, da sr. diretora geral do Theatro Municipal, Sr. José Bernardino Alves Junior.

O Conselho de Lavon Azevedo
Lyon, 31. — Em consequência de uma demonstração por motivo do caso do monumento a Emílio Constâncio, em Lyon, o Conselho Municipal desta cidade prestou apoio ao sr. Constâncio.

LOTERIA DE MINAS

Em 7 de novembro

Cem Contos

Fonte: Diário de Minas. Belo Horizonte, 04/11/1928, p. 02. Acervo da Hemeroteca da
Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.

Notícia sobre o trágico episódio fatal na UMG, com morte do estudante Jorge Vianna, que provocou renúncia do Reitor Mendes Pimentel.



A Universidade de Minas foi teatro, hontem, de lamentáveis e dolorosos acontecimentos

Quando se discutia a questão das promoções, no Conselho Universitario, verificou-se grave conflito, no qual sahiram feridos tres estudantes, estando um delles em estado grave

O governo do Estado fechou, por tempo indeterminado, a Universidade

Os lamentáveis acontecimentos de hoje, que se passaram na Universidade de Minas Gerais, a noite mais triste da história do ensino superior em Minas, foram precedidos por uma série de fatos que, desde o começo do ano, vêm sendo discutidos e debatidos no Conselho Universitario, e que, em consequência, levaram a uma situação de tensão e conflito que culminou no episódio fatal de hoje.

O governo do Estado fechou a Universidade por tempo indeterminado, em consequência do conflito que se passou no Conselho Universitario. O reitor Mendes Pimentel renunciou ao cargo, e o Conselho Universitario foi dissolvido.

O presidente do Conselho Universitario, Dr. Mendes Pimentel, renunciou ao cargo em consequência do conflito que se passou no Conselho. O Conselho Universitario foi dissolvido, e o governo do Estado assumiu a administração da Universidade.

O conflito no Conselho Universitario foi muito grave, envolvendo questões de promoção e de administração. O reitor Mendes Pimentel renunciou ao cargo, e o Conselho Universitario foi dissolvido.

O episódio fatal de hoje, que resultou na morte do estudante Jorge Vianna, foi um dos mais trágicos da história da Universidade de Minas Gerais.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

O decreto fechando a Universidade

Pelo decreto de hoje, o governo do Estado fechou a Universidade de Minas Gerais por tempo indeterminado, em consequência do conflito que se passou no Conselho Universitario.

Estudante ferido em estado grave

O estudante Jorge Vianna, que morreu durante o episódio fatal de hoje, estava em estado grave quando foi levado ao hospital.

Reitor renunciou ao cargo

O reitor Mendes Pimentel renunciou ao cargo em consequência do conflito que se passou no Conselho Universitario.

Conselho Universitario dissolvido

O Conselho Universitario foi dissolvido em consequência do conflito que se passou no Conselho Universitario.

Universidade fechada

A Universidade de Minas Gerais foi fechada por tempo indeterminado em consequência do conflito que se passou no Conselho Universitario.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Artigo de opinião sobre o episódio fatal de hoje, assinado por José Vianna. O autor lamenta a morte do estudante e critica a situação da Universidade.

Artigo de opinião sobre o episódio fatal de hoje, assinado por José Vianna. O autor lamenta a morte do estudante e critica a situação da Universidade.

Artigo de opinião sobre o episódio fatal de hoje, assinado por José Vianna. O autor lamenta a morte do estudante e critica a situação da Universidade.

Artigo de opinião sobre o episódio fatal de hoje, assinado por José Vianna. O autor lamenta a morte do estudante e critica a situação da Universidade.

Artigo de opinião sobre o episódio fatal de hoje, assinado por José Vianna. O autor lamenta a morte do estudante e critica a situação da Universidade.

Artigo de opinião sobre o episódio fatal de hoje, assinado por José Vianna. O autor lamenta a morte do estudante e critica a situação da Universidade.

Os estudantes em frente à Faculdade de Direito, após a sua reunião e Conselho Universitario. A situação é tensa e os estudantes estão manifestando sua indignação com o que se passou na Universidade.

Advertisement for 'SABONETE Naxa' soap, highlighting its quality and benefits.

Advertisement for 'Bonificação aos nossos assignados', offering a reward to subscribers.

Fonte: Estado de Minas. Belo Horizonte, 19/11/1930, p.01. Acervo da Hemeroteca Biblioteca
Estuadal Luiz de Bessa.

Notícia sobre o trágico episódio fatal na UMG, com morte do estudante Jorge Vianna, que provocou renúncia do Reitor Mendes Pimentel.

DIÁRIO DE MINAS

Assinaturas

BRASIL	ESTERIOR
Ano 309000	Ano 508000
Semestre 165000	Semestre 254000
Assinaturas com e sem	
Almoço avulso	De dia \$200
	À noite \$300

Informações e Comentários

O AJUSTE DE CONTAS

A revolução veio subitamente proclamar a ordem de um novo governo de 24 de outubro, e esse governo veio logo a estabelecer-se em Minas Gerais, com o nome de República Constitucional. A distribuição constitucional de honrarias pelos políticos que apoiaram a candidatura de Lattes atraiu a atenção dos fatos. Não são conhecidos os nomes pela metade os nomes (talvez a maioria) que se sentiram injustiçados pelo sistema e pela violência. O exatidão dos documentos encontrados em alguns repatriados já estão revendo e vão revelar ainda algumas espantosas sobre as condições de trabalho para os milhares de pessoas públicas e privadas mercenárias o fogo sagrado do proletariado em todo o mundo.

As altas questões do primeiro eram, antes, entregues a departamentos secundários que absolutamente não poderiam satisfazer as necessidades brasileiras nesse capítulo, cada vez maiores e mais prementes. A instrução e, principalmente, a educação dos habitantes do país deveriam de há muito ter preocupado mais intensamente os nossos homens públicos, bem como a saúde do povo. Na solução desses dois graves problemas está certamente a chave mestra do desenvolvimento e da grandeza da nacionalidade, visto que a população jamais poderia manter os seus direitos e promover o aumento do patrimônio econômico do país, pelo trabalho presistente e construtivo, sem a sua alfabetização intensificada, sem educação política e exposta aos males inumeráveis que afetam a sua saúde, em vastas regiões brasileiras.

DE MINAS, NO NORTE MINERAI

De Minas, no norte mineiro, em um jornal voluntário notável rural, é que nos vem a notícia, ou a descoberta, de mais uma coincidência digna de divulgação, esta aquiíssima agrária a todos os mineiros:

DE MINAS, NO NORTE MINERAI

De Minas, no norte mineiro, em um jornal voluntário notável rural, é que nos vem a notícia, ou a descoberta, de mais uma coincidência digna de divulgação, esta aquiíssima agrária a todos os mineiros:

DE MINAS, NO NORTE MINERAI

De Minas, no norte mineiro, em um jornal voluntário notável rural, é que nos vem a notícia, ou a descoberta, de mais uma coincidência digna de divulgação, esta aquiíssima agrária a todos os mineiros:

DE MINAS, NO NORTE MINERAI

De Minas, no norte mineiro, em um jornal voluntário notável rural, é que nos vem a notícia, ou a descoberta, de mais uma coincidência digna de divulgação, esta aquiíssima agrária a todos os mineiros:

DE MINAS, NO NORTE MINERAI

De Minas, no norte mineiro, em um jornal voluntário notável rural, é que nos vem a notícia, ou a descoberta, de mais uma coincidência digna de divulgação, esta aquiíssima agrária a todos os mineiros:

DE MINAS, NO NORTE MINERAI

De Minas, no norte mineiro, em um jornal voluntário notável rural, é que nos vem a notícia, ou a descoberta, de mais uma coincidência digna de divulgação, esta aquiíssima agrária a todos os mineiros:

DIÁRIO DE MINAS — Quarta-feira, 19 de Novembro de 1930

EDUCAÇÃO E TRABALHO

Tendo em conta a alta relevância desses dois problemas brasileiros, o Governo Provisório incluiu ao número dos seus primeiros atos a criação dos importantes ministérios da Educação e Saúde Pública e do Trabalho.

As altas questões do primeiro eram, antes, entregues a departamentos secundários que absolutamente não poderiam satisfazer as necessidades brasileiras nesse capítulo, cada vez maiores e mais prementes. A instrução e, principalmente, a educação dos habitantes do país deveriam de há muito ter preocupado mais intensamente os nossos homens públicos, bem como a saúde do povo. Na solução desses dois graves problemas está certamente a chave mestra do desenvolvimento e da grandeza da nacionalidade, visto que a população jamais poderia manter os seus direitos e promover o aumento do patrimônio econômico do país, pelo trabalho presistente e construtivo, sem a sua alfabetização intensificada, sem educação política e exposta aos males inumeráveis que afetam a sua saúde, em vastas regiões brasileiras.

Administrativa nesse angulo serio da questão social. O governo depositou, embora se encontrasse diante de vultosas dificuldades nesse terreno, recusa-se a crer na existência, no Brasil, de uma questão social. Essa não passava de um caso político, segundo a mentalidade obtusa e os caprichos violentos do ex-presidente da república.

Vendo ali, com clareza, um assumpto para prompta intervenção do Estado, como já se procede em outros países, o presidente Getúlio Vargas cuidou logo de atender aos reclamos da nacionalidade neste particular, criando o ministério em apreço, destinado a uma revisão de tudo o que se refere à situação das classes desfavorecidas do país, no sentido de promover a melhoria de suas condições sociais, e a estudar a adopção, entre nós, de meios assecuratórios de garantias de trabalho daquelles a quem elle falta, encaminhando e distribuindo as energias productoras do país.

Si foi acertadíssima a criação dos dois ministerios, não foi menos escairecida a escolha dos cidadãos que deviam occupal-os. O presidente Getúlio Vargas, com a agudeza de vistas que tão bem o caracteriza, soube chamar para os dois postos homens que por todos os titulos se destacavam para a occupação delles.

A momentosa questão da promoção automática nos exames

Os lamentáveis acontecimentos de ontem

A cidade foi hoje mais abalada do que nunca, realmentepor lamentáveis acontecimentos ocorridos na sede da Universidade, tratou como de rotina a morte de um estudante de Direito, o Sr. Jorge Vianna, que se suicidou no dia 18 de novembro, vítima de uma crise nervosa.

Logo após alguns constituintes representaram a situação e, perante a comissão de honrarias, foi resolvido a promoção automática dos exames de Direito, em homenagem ao estudante falecido.

Logo após alguns constituintes representaram a situação e, perante a comissão de honrarias, foi resolvido a promoção automática dos exames de Direito, em homenagem ao estudante falecido.

Logo após alguns constituintes representaram a situação e, perante a comissão de honrarias, foi resolvido a promoção automática dos exames de Direito, em homenagem ao estudante falecido.

Logo após alguns constituintes representaram a situação e, perante a comissão de honrarias, foi resolvido a promoção automática dos exames de Direito, em homenagem ao estudante falecido.

Logo após alguns constituintes representaram a situação e, perante a comissão de honrarias, foi resolvido a promoção automática dos exames de Direito, em homenagem ao estudante falecido.

Logo após alguns constituintes representaram a situação e, perante a comissão de honrarias, foi resolvido a promoção automática dos exames de Direito, em homenagem ao estudante falecido.

Logo após alguns constituintes representaram a situação e, perante a comissão de honrarias, foi resolvido a promoção automática dos exames de Direito, em homenagem ao estudante falecido.

Logo após alguns constituintes representaram a situação e, perante a comissão de honrarias, foi resolvido a promoção automática dos exames de Direito, em homenagem ao estudante falecido.

Logo após alguns constituintes representaram a situação e, perante a comissão de honrarias, foi resolvido a promoção automática dos exames de Direito, em homenagem ao estudante falecido.

Logo após alguns constituintes representaram a situação e, perante a comissão de honrarias, foi resolvido a promoção automática dos exames de Direito, em homenagem ao estudante falecido.

COMPANHIA FORÇA E LUZ DE MINAS GERAES

AVISO

As senhas, consuntivas que ainda não pagaram as contas entregues entre 16 e 25 de Setembro passado, e portanto vencidas até 26 de Outubro, avisa-se que as mesmas serão recolhidas sem multa até o dia 25 deste.

As contas entregues entre 16 e 25 de Outubro serão recolhidas, tambem sem multa, até o dia 28 de corrente.

Belo Horizonte, 17 de novembro de 1930.

A GERENÇA

A FRIEIRA DO GADO FACILMENTE CURAVEL PELO

AGRIODOL

DEPOSITO GERAL CATETE, 135 - RIO

AGRIODOL

DEPOSITO GERAL CATETE, 135 - RIO

AGRIODOL

DEPOSITO GERAL CATETE, 135 - RIO

Fonte: *Diário de Minas*. Belo Horizonte, 19/11/1930, p.02. Acervo da Hemeroteca Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.

Comício de Luiz Carlos Prestes, na Praça da Estação, em Belo Horizonte/MG.

ESTADO DE MINAS — Terça-feira, 16 de Outubro de 1945

COMÍCIO MINAS GERAIS A LUIZ CARLOS PRESTES

Como transcorreu o "meeting" da noite na Capital — Os discursos pronunciados pelo líder comunista e pelos oradores que o saudaram



Aspecto do comício comandado de domingo na Capital

Por ocasião da festa de domingo a P. C. da Bahia, o líder comunista Luiz Carlos Prestes, acompanhado de outros líderes da capital, chegou às 19 horas para o comício na Praça da Estação, onde se realizou o grande encontro da noite, com a presença de milhares de pessoas.

O comício foi aberto por Luiz Carlos Prestes, que fez um discurso de 15 minutos, no qual denunciou a situação política do Brasil e a necessidade de uma revolução social para a libertação do povo brasileiro.

Após o discurso de Prestes, outros líderes comunistas e populares fizeram discursos de apoio, louvando a atuação do líder comunista e a luta pela liberdade e justiça social.

O comício terminou às 23 horas, com uma grande manifestação que se realizou na Praça da Estação, onde se queimou um effigie do governo federal.

Combata o Reumatismo Enquanto Dorme

Cystex

Reano-se hoje o Centro do Comércio e Indústria

MOTORES ELÉTRICOS

NACIONAIS OU ESTRANGEIROS TRÁFICOS-MONOFÁSICOS

Yinol

FARMACIA AMERICANA LTDA.

DRUGARIA MATRIZ

R. DA BARRA, 924

TEL. 2-3319

FILIAL

AV. AF. PERA, 592

TEL. 2-2525

OS MELHORES PREÇOS

MATRICARIL

EVITA AS PERTURBAÇÕES DA DENTIÇÃO. CONTÉM CÁLCIO

SERÁ INAUGURADO SÁBADO O HOSPITAL MUNICIPAL

A grande obra da Prefeitura vai ser entregue à população pelo ar. Jucelino Kubitschek — Cem leitos funcionário, de início

COMO SER FORTE, SAUDAVEL, FELIZ!

NERVOS SÓLIDOS! MÚSCULOS FORTES! CEREBRO LÚCIDO!

FOSFOVITAMINA GRANADO



25 OBRAS LITERÁRIAS DO GRANDE ESCRITOR BRASILEIRO

PRODUÇÕES ESCOLHIDAS, EM EDIÇÃO DEFINITIVA REVISTA PELO AUTOR

AFRÂNIO PEIXOTO

para uma esplêndida "COLEÇÃO JACKSON"

FRANCO ALBUQUERQUE

O original que recebeu a obra literária de Afrânio Peixoto não são banais. Independente da consagração que mereceu do público leitor, sempre a mais entusiasmada pela simplicidade do seu estilo, todo lançamento de obra do grande escritor pátrio foi saudado pela crítica literária como mais um feito relevante nas nossas letras, pela justiça e elegância de sua linguagem e pela harmonia e beleza de suas ideias.

Molinos e Altoparques, Ronald de Carvalho, Humberto de Campos, José Veríssimo, Souza Bandeira, são alguns dos grandes nomes que não esqueceram

eloquis a grandes obras literárias de Afrânio Peixoto, e puderam admirar a facilidade e precisão com que o autor aborça os mais variados gêneros, seja de um romance de sua literatura, uma crítica instrutiva e aguda, ou uma crônica ligeira e humorística.

São essas as obras que vêm de ser incluídas na magnífica "COLEÇÃO JACKSON", em edição definitiva, primeira, de romances, contos, crônicas, teatro, ensaios, crítica, etc., que fizeram de Afrânio Peixoto um nome conhecido e admirado em todo o mundo de língua portuguesa.

W. M. JACKSON INC. EDITORES

SÃO PAULO: Rua São Bento, 250 (Incl) Caixa Postal, 2.918 Tel. 2-3248

RIO DE JANEIRO: Rua do Ouvidor, 140 (Incl) Caixa Postal, 360 Tel. 42-0671

PORTO ALEGRE: R. dos Andaraes, 791 (Incl) Caixa Postal, 478 Tel. 5.726

W. M. Jackson, Inc. Caixa Postal, 380 — via de Junqueira — "Coleção de Obras Literárias de Afrânio Peixoto"

Nome: _____
Endereço: _____
Localidade: _____
Estado: _____

Esp. Propaganda 2000

Histórico comício de Luiz Carlos Prestes na Praça da Estação, em Belo Horizonte/MG.

Partido Comunista do Brasil

70 mil pessoas aplaudiram, ontem, Yeddo Fiuza

Numa das maiores demonstrações políticas da história de Minas, o candidato da União Nacional e o líder do povo, Luiz Carlos Prestes, falaram aos mineiros — Como falou Armando Ziller, candidato a senador e a deputado pelo P. C. B. — Outros oradores



Arpejo da grande massa que compareceu ao comício de ontem.

Uma enorme multidão se reuniu ontem na Praça da Estação, em Belo Horizonte, para assistir a uma das maiores demonstrações políticas da história de Minas. O candidato da União Nacional e o líder do povo, Luiz Carlos Prestes, falaram aos mineiros. Como falou Armando Ziller, candidato a senador e a deputado pelo P. C. B. — Outros oradores

«Plínio Selgado traiu os princípios fundamentais que pregara, arrastando um milhão de patricios de boa fé»

Mensagem do sr. Americo Gasparini aos seus companheiros do Integralismo

O sr. Americo Gasparini, mensagem para os companheiros do Integralismo. O sr. Americo Gasparini, mensagem para os companheiros do Integralismo. O sr. Americo Gasparini, mensagem para os companheiros do Integralismo.

SR. AMERICO GASPARINI. Mensagem aos fundadores do Integralismo. O sr. Americo Gasparini, mensagem para os companheiros do Integralismo. O sr. Americo Gasparini, mensagem para os companheiros do Integralismo.

Plínio Selgado, que foi o primeiro a falar, falou sobre a situação política atual. Ele mencionou a importância da luta social e a necessidade de uma transformação radical na sociedade brasileira.

Luiz Carlos Prestes, o orador principal, falou sobre a luta dos trabalhadores e a importância da organização política. Ele defendeu a causa da classe trabalhadora e a necessidade de uma união entre os diferentes setores da sociedade.

GAS REFRIGERANTE FREON. Válvulas termostáticas DETROIT. MOTORES MONOFÁSICOS E TRIFÁSICOS. PREÇOS DE ATACADO. PAUL J. CHRISTOP COMPANY. RUA TUPINAMBÁ, 54-56 - TEL. 5-783

YEDDO FUIZA É PELA LIBERDADE DE CRENÇA. Particularmente considera odiosa a perseguição aos espíritos. A Comissão Nacional Pró-Catolicismo de Belo Horizonte...

fixbril para o cabelo. ASSENTE E DÁ BELLO. Resultado de estudantes de engenharia. Estudantes e pais de alunos do curso de Engenharia de Minas Gerais...

TRABALHADORES. O Diretor do Partido Trabalhista Brasileiro, em votação secreta, sob a Presidência do sr. Otacilio Negrão de Lima, resolveu votar em ELLIO GASPAR DUTRA para Presidente da República...

BRILHANTE DISCURSO. O sr. Americo Gasparini, candidato a senador e a deputado pelo P. C. B., fez um discurso brilhante e emocionante durante o comício.

Embora não pareça, há "ciência" na preparação de UMA SALADA PERFEITA. Lacro Flato Machado comunica aos seus amigos e clientes que reassumiu a sua clínica dentária em seu novo consultório no Ed. Santos à rua Carijó, 517, salas 112 e 113.

OLEO A Patria PRODUTO DA Swift do Brasil. Se uma boa salada depende de um bom óleo, nenhuma salada é boa sem o óleo "A Patria". Este é o perfume criado pelos condimentos Peritos e as donas de casa experimentam o encanto com o óleo "A Patria" e refinado graças a uma especial suavidade e um sabor ligeiramente doce...

COMITE ELEITORAL. Foi criado um comitê eleitoral em Belo Horizonte com ramificações por todo o território mineiro a qual se propõe a defender as candidaturas dos quatro ministros que relevantes serviços prestados ao Brasil, ao sr. prof. José Rodrigues Vello e Daniel de Carvalho, Dr. R. e Marçal Sarmento e José Magalhães Pinheiro da U. N.

COMICIO DO P. T. B. E. M. (CONCLUER) O sr. Americo Gasparini, candidato a senador e a deputado pelo P. C. B., fez um discurso brilhante e emocionante durante o comício.

COMITE ELEITORAL. Foi criado um comitê eleitoral em Belo Horizonte com ramificações por todo o território mineiro a qual se propõe a defender as candidaturas dos quatro ministros que relevantes serviços prestados ao Brasil, ao sr. prof. José Rodrigues Vello e Daniel de Carvalho, Dr. R. e Marçal Sarmento e José Magalhães Pinheiro da U. N.

COMITE ELEITORAL. Foi criado um comitê eleitoral em Belo Horizonte com ramificações por todo o território mineiro a qual se propõe a defender as candidaturas dos quatro ministros que relevantes serviços prestados ao Brasil, ao sr. prof. José Rodrigues Vello e Daniel de Carvalho, Dr. R. e Marçal Sarmento e José Magalhães Pinheiro da U. N.

COMITE ELEITORAL. Foi criado um comitê eleitoral em Belo Horizonte com ramificações por todo o território mineiro a qual se propõe a defender as candidaturas dos quatro ministros que relevantes serviços prestados ao Brasil, ao sr. prof. José Rodrigues Vello e Daniel de Carvalho, Dr. R. e Marçal Sarmento e José Magalhães Pinheiro da U. N.

Editorial de Eduardo Mendes Guimarães Júnior, sobre a insistência da Comissão do Plano da Cidade Universitária na Pampulha em ignorar o parecer crítico ao "Plano Eduardo Pederneiras", pela Comissão de notáveis, composta pelos renomados arquitetos brasileiros Adolfo de Moraes Rios, Álvaro Vital Brasil e Paulo Ferreira Santos, em Manifesto do Instituto dos Arquitetos do Brasil/MG, em 1951.

ARQUITETURA E ENGENHARIA

Ainda a Cidade Universitaria

É com constrangimento que nos vemos obrigados a retornar, neste editorial, à questão da «Cidade Universitária» de Minas Gerais. Julgávamos o assunto encerrado e aliás, tão resolvido que, na edição anterior desta Revista, conclamávamos as poucas forças contrárias e remanescentes a trocarem a oposição sistemática que vinham mantendo por uma colaboração efetiva e uma cooperação mais proveitosa aos altos objetivos da Universidade.

Com efeito, acreditávamos nessa possibilidade. Jamais supuzemos, no decorrer desta árdua campanha, iniciada quando de nossa atuação à frente do I. A. B. de Minas, que alguém entre os empenhados na contenda pudesse deixar que o egocentrismo ou a vaidade pessoal se sobrepujasse ao interesse coletivo e da cultura mineira em face do magno problema.

E quando lançamos aquele apêlo, entusiasmá-vamos uma atitude da «Comissão de Planos» — originada, justamente, dos elementos que persistiam na defesa dos velhos projetos da «Cidade Universitária» — e através da qual se consubstanciara a nomeação de uma lista triplíce, constituída dos nomes mais representativos da arquitetura nacional, para examinar e emitir parecer sobre a questão. Acreditávamos que esse parecer, fosse ele qual fosse, seria o acúmulo de graças na polêmica. De fato, se nós, que por um lado nos batíamos pela revisão dos projetos, de certa modo nos sentiríamos inibidos em opor qualquer objeção à competência, à seriedade e à absoluta honradez de Adolfo Moraes de los Rios, Paulo Ferreira Santos e Alvaro Vital Brasil, os que se colocavam em campo contrário, com maior razão, deveriam acatar o pronunciamento dos técnicos por eles próprios nomeados.

Todavia, o impossível acontece. Os membros da «Comissão de Planos», justamente aqueles que determinaram a constituição e os nomes que integrariam a comissão consultiva, de público repudiam o parecer Santos-Vital-Moraes, dando a impressão exata de que o reconhecimento da probidade e da capacidade profissional, creditadas «a priori» aos técnicos escolhidos, ficara, consciente ou inconscientemente condicionada a uma prova: a coincidência do parecer com uma opinião pré-estabelecida.

Nós, que temos a satisfação de pertencer à classe profissional tão enobrecida pela presença de colegas como os técnicos indicados pela «Comissão de Planos» e com os quais, agora mais do que nunca, nos sentimos irmanados num propósito comum, apressamo-nos em divulgar na íntegra o parecer formulado. A publicação desse documento — o qual, com tantos outros, passará definitivamente à história da «Cidade Universitária» de Minas Gerais — constitui o justo escharecimento que se devia ao público, já que a Universidade é patrimônio material, cultural e moral sem outro dono que o próprio povo.

E. M. Guimarães Jr.

Fonte: Revista Arquitetura e urbanismo. Belo Horizonte, 1951.

Folha de rosto da proposta de zoneamento do Campus Pampulha enviada pelo Diretor Executivo da Divisão de Planejamento-DIPLAN, prof. Hélio Pontes, ao Reitor, prof. Marcello de Vasconcellos Coelho, em 07/12/1973.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO
BELO HORIZONTE - CX. POSTAL, 1621

DIPLAN/UFMG/700/73. Em 07 de dezembro de 1973.

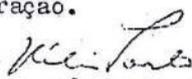
Magnífico Reitor:

Estou entregando a Vossa Magnificência a proposta de zoneamento do "campus" da Pampulha.

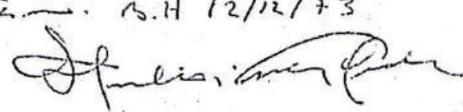
O documento em questão, que define a ocupação do território universitário pelos diversos setores da Universidade, deveria ser encaminhado ao Conselho Universitário para aprovação.

O documento é acompanhado de um relatório sobre a construção do "campus" da Pampulha, referente ao período 1971/1973/1974, e que contém ainda sugestões e alternativas para um próximo plano de construções para a Pampulha e para o "campus" da Saúde. Com isto, se procura dar aos ilustres membros daquele colegiado uma idéia tão nítida quanto possível do volume de obras por realizar e das possibilidades que se tem para realizá-las dentro de um prazo razoável.

Valho-me do ensejo para renovar-lhe meus protestos de estima e consideração.


Prof. Hélio Pontes.
Diretor - Executivo

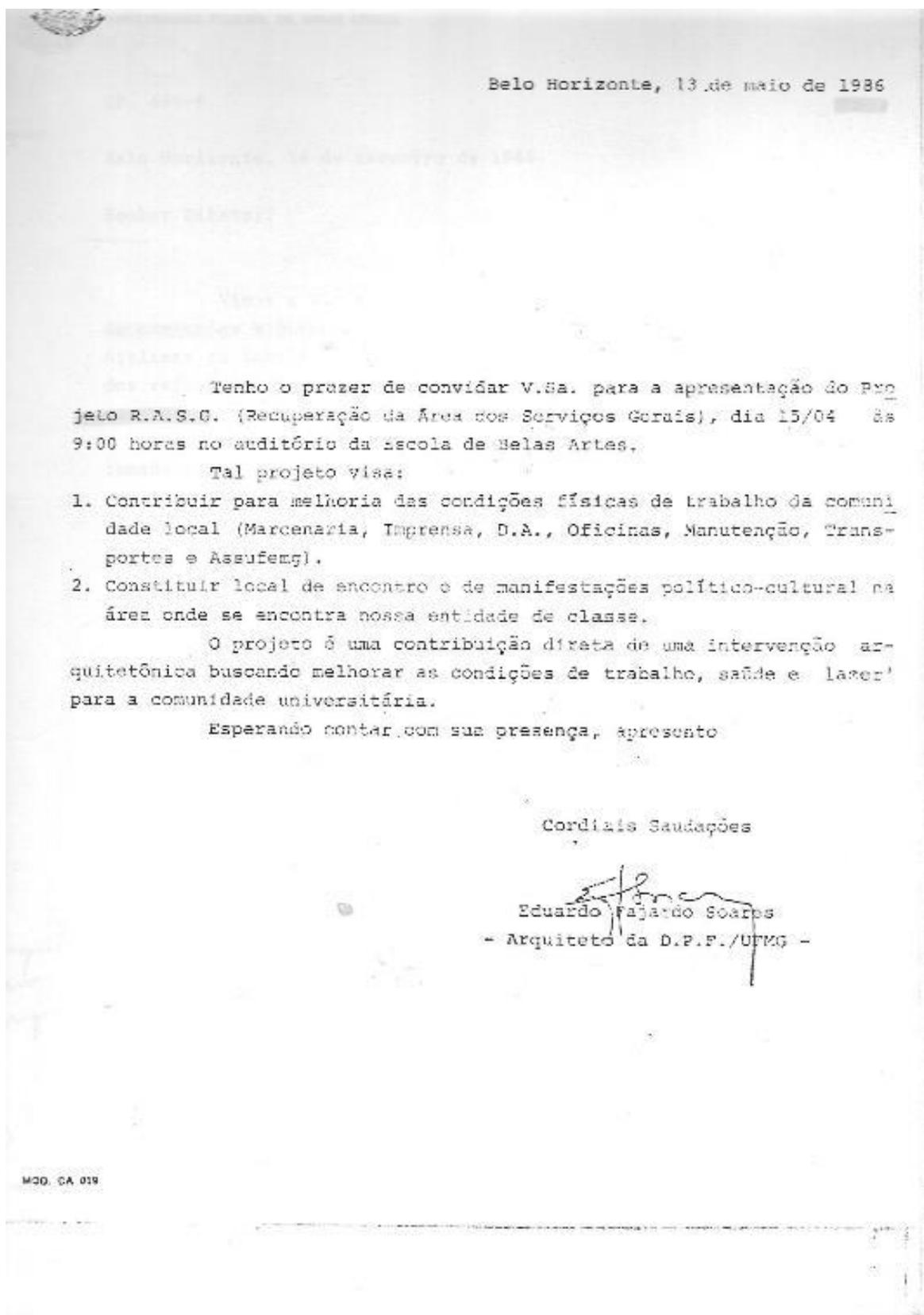
Exmo. Sr.
Prof. Marcello de Vasconcellos Coelho
Magnífico Reitor da UFMG

A comissão de Coordenação de Ensino e Pesquisa e
do Conselho Universitário
12.12.1973


Mod. R - 03.1

Fonte: Acervo do autor.

Carta-convide para autoridades, inclusive Reitor, para a apresentação do Projeto RASG, em 15/04/1986.



Fonte: Acervo do autor.

Documento "Campus das Artes", de 1987, assinado por Álvaro Apocalypse, para aproveitamento dos galpões dos Serviços Gerais pela EBA.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Comissão de Espaço Físico - Escola de Belas-Artes

*Mo. Proj. Fajardo,
N.º 1/1987
10.*

*Rel. 1-1987
10/11/87*

"CAMPUS DAS ARTES"

A toda parte se promova no interior das escolas, Cursos, Departamentos e Grupos da UFMG que se dedicam à produção e criação artísticas as melhores condições de trabalho e ao mesmo tempo de atender à comunidade universitária e à comunidade em geral facilitando e cooperando a fim de sua produção.

É preciso de espaço físico adequado. A Escola de Belas-Artes colaborando com este problema ocupou as antigas galpões das proximidades, transformando em um espaço que abrigará quatro setores de criação: Sala de Grafia, Sala de Xilo e Litografia, Funcionará brevemente.

É ditando com o mesmo problema encontrando soluções não a falta de paralização total. Suas dependências encontram-se distribuídas em 17 áreas de trabalho. A oficina está parte, o maquinário completo e falta quase tudo. Não há como criar um novo espaço em tais condições e muito menos recuperar o espaço já existente.

Saber-se que outros grupos de criação enfrentam o mesmo problema.

Saber-se também que a ASUBEM desenvolve um projeto de área de lazer que começa pela reforma de sua cantina, local de encontro, de reuniões e congressos. Na própria sede da Associação projetam-se também as suas possibilidades de encontro o Auditório da Escola de Belas-Artes onde se projetam filmes e se fazem conferências, debates etc.

Falando-se da imprensa desportiva o espaço que ocupa e que iria para dependências mais adequadas. E isto aconteceria com diversos outros setores.

Esta fonte de que se propõe a transformação de área em de se localizam os galpões em um endereço "Campus das Artes".

A toda vez parece viver, de certo relativamente baixo, necessitando muitas melhorias, para lá de produzir a curto prazo, além de se vencer pela comunidade e importância para as diversas áreas como entre nos Festivais de Inverno.

É preciso que se dê um uso adequado que tal projeto não se localiza em outros o projeto de Espaço Cultural da Praça da Estação.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Comissão de Espaço Físico - Escola de Belas-Artes

Fl. - 2 -

Em matéria de criação e de produção das atividades no campo universitário engajado e não faria mais esta produção no Centro e junto a comunidade de uma maneira geral.

A viabilidade da criação deste "Campus das Artes" se justifica diante do acordo com as seguintes orientações:

- 1- Os galpões embora apresentem modesta e antiga são de construção sólida e estruturalmente resistentes em muito bem estado. As adaptações e reformas necessárias seriam somente de pequena monta: elétrica, hidráulica, pintura, colônias ou substituição de portas etc.
- 2- A disposição dos galpões na área, alinhados com a via, forma um conjunto de proporções razoáveis e, a área é utilizada, com bastante importância. Não se trata de um local com qualquer importância. Seria necessário cuidar da pavimentação de toda a parcela de talve transformá-la em "calçada".
- 3- A proximidade com a Avenida Antônio Carlos é uma grande via de circulação pública e todo o conjunto dentro da comunidade de uma maneira direta e acessível para a Avenida. Não haveria problema de acesso ao espaço de público se houvesse a intenção de entrar no campus da UFMG.
- 4- A UFPA seria talvez a única universidade brasileira de todo o país com estas características, ou seja, em um conjunto produtivo voltado para a criação de arte.

Características

Apesar de suas características o local, em sua utilização, evidentemente demandará um espaço muito adequado.

- 1- O campus de arte seria como centro o nível técnico de Escola de Belas-Artes. Lá estar se localizados a biblioteca, a Galeria de Arte e o Auditório. Logo abaixo deverá ser o espaço do teatro e a Sala de Cinema. O prédio ainda abrigaria pequenos salões de projeção de filmes e vídeo, além de salas de aula.
- 2- O espaço precisaria um galpão onde seria um pequeno teatro apropriado para esse gênero de trabalho, bem como para exposições ao público de forma permanente, ou seja, um espaço de Sábios de maneira, além de espaço para oficinas, depósito, biblioteca, escritório, etc.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Comissão de Espaço Físico - Escola de Belas-Artes

Fl. - 3 -

- 3- O conjunto poderia abrigar o Coral Art Nova oferecendo-lhe salas de audição, salas de ensaio, estúdio de gravação etc.
- 4- O Teatro Universitário ocuparia sua área também com salas de ensaio, salas de aula, biblioteca, salas de projeção etc.
- 5- Uma área seria colocada à disposição de outros grupos da Universidade para ensaios, depósito de material cênico etc.
- 6- A Escola de Belas-Artes teria seus espaços para seus programas de extensão, inclusive durante o dia.
- 7- Os paredes externas dos galpões seriam decoradas com pintura mural e nas áreas ajardinadas e nos galpões seriam expostas esculturas. Os prédios deveriam sofrer algumas melhorias arquitetônicas que lhe daria uma certa regularidade. Desta forma o conjunto de obras de Arte ao ar livre, a Galeria de Arte, o teatro, as oficinas de funcionamento, os filmes em exibição e o Campus da Pequena - em ponto de vista obrigatório em Belo Horizonte.

Parâmetros

Belo Horizonte, 10 de Junho de 1987.

*Assinado por:
Paulo Álvaro Apocalypse*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Comissão de Espaço Físico - Escola de Belas-Artes

Fonte: Acervo do autor.

Publicação sobre Arte no Campus Universitário da UFJR, Rio de Janeiro/RJ.



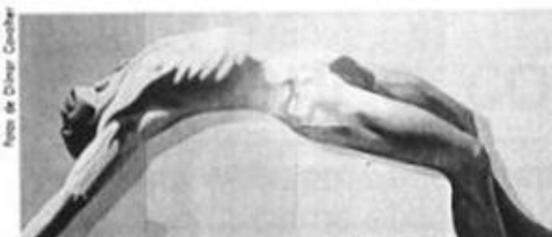
Os alunos da Belas-Artes deram um novo visual à Escola de Bioquímica da UFRJ

A arte chega ao Campus

Painéis e telas invadem as salas de aula no Fundão

Paredes nuas, salas sem nenhum adorno e corredores sombrios costumavam formar o ambiente austero que os catedráticos do passado julgavam conveniente a uma universidade. E mesmo nas faculdades de hoje, apesar da arquitetura moderna, os espaços continuam tão ascéticos quanto os de outros tempos. Quem duvidar disto que dê uma voltinha pelo Fundão. Mas é lá mesmo na Cidade Universitária que essa velha concepção do que deve ser o ambiente de uma sala de aula começa a ser balançada. O responsável por essa revolução é o professor Leopoldo de Meis, chefe do Departamento de Bioquímica do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ. Depois de ganhar sete salas no subsolo da faculdade para expandir o Departamento, ele teve a idéia, em junho desse ano, de recorrer aos alunos da Escola de Belas-Artes para decorar os novos espaços. Após duas votações entre alunos e professores do Departamento, foram escolhidos nove artistas para participar do projeto.

Outro professor mais tradicional terá medo de que os murais acabassem desviando a atenção dos alunos de alguma



A tela de Gilberto Azevedo foi instalada na Bioquímica

negro. Leopoldo, no entanto, não tem esse receio. "A boa sala de aula é aquela onde professor e alunos criam conhecimentos juntos. E um belo quadro pode ser um estímulo à criação. Afinal, ciência também é arte", argumenta. Na realidade, segundo ele, o projeto não pretende apenas tornar o ambiente mais ameno ou colorir a escola. Foi a maneira encontrada para celebrar a juventude e a criatividade, as matérias-primas principais do programa pioneiro de iniciação científica que o Departamento vem promovendo. "A idéia é de incorporar maciçamente jovens talentos à área de pesquisa científica. Os resultados são promissores e temos alunos que, apesar de ainda não formados, já publica-

ternacionais", garante o chefe do Departamento.

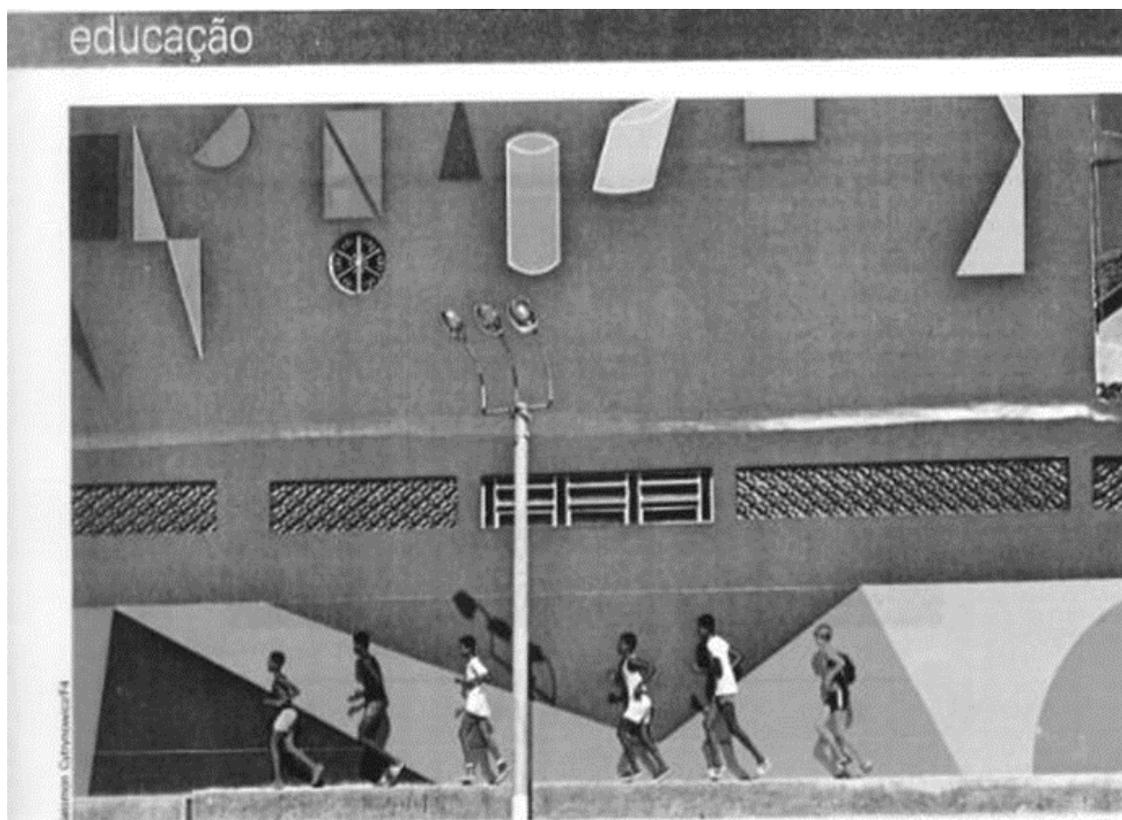
Artistas e cientistas. Do lado dos artistas, a euforia com a iniciativa não é menor. "Em 180 anos da Escola de Belas-Artes acho que nunca foi feito nada parecido", opina Aurélio Cardoso Nery, coordenador do curso de pintura da EBA. "Houve muitos projetos antes, mas todos morreram na praia. Nossa idéia é fazer do campus uma obra de arte e nossa esperança é que outras faculdades imitem a iniciativa. Seria, então, o início de um projeto mais amplo, *A EBA Pinta o Fundão*", prevê Aurélio. O artista chileno Robinson Carvajal, 25 anos, já teve uma participação importante na cenografia do filme *A Cor do Seu*

lho, com 7,10m por 2,20m, exposto no corredor da escola. Foi o quadro de maior formato que já fez até hoje e seria impensável pintá-lo no apertado quarto onde mora na Casa do Estudante Universitário. Outro artista, Gilberto Azevedo Cortes, 22, também aprovou o efeito que seu trabalho teve sobre a sala de aula. "Tudo isso aqui era muito frio. Gostei do resultado; nem se compara com a sala onde estudei", conta. Fábio Macedo, Silvana Siciliano, Nelson Ricardo, Patrícia Freire, Francisco Barbosa, Jorge Venegas e Augusta Fernandes foram os outros artistas escolhidos. Para Aurélio Cardoso Nery, outro professor da Bioquímica, a arte pode ser um estímulo importante para jovens promissores. "Chegamos à conclusão de que, no trabalho de pesquisa, a intuição, a imaginação e a emoção são tão importantes quanto o método e a lógica. Os alunos costumam chegar com a mente bem aberta, mas a universidade às vezes bitola as cabeças. A arte pode vir a ser um excelente ponto de partida para aliar a criatividade à ciência."

Christiane Elmendorf

Fonte: Indeterminada.

Publicação sobre Arte na Educação. Pintura de Scliar em escola estadual de São Gonçalo/RJ.



As crianças se integram à pintura de Scliar na "Escola Colorida"

Estudando com arte

O artista plástico Carlos Scliar pinta o mundo mais bonito numa escola pública de São Gonçalo

Éa escola dos versos e cores. Toda pintada de azul, verde, amarelo, laranja e vermelho, a Escola Coronel João Tarcísio Bueno alia nas paredes de seus corredores e salas de aula a invenção plástica do pintor Carlos Scliar com a sensibilidade de poetas como Castro Alves, Chico Buarque, Carlos Drummond de Andrade, Augusto de Campos, Chacal, Mário Quintana, Torquato Neto e Vinícius de Moraes. Há espaço até para a irreverência de Millôr Fernandes, mas o que traduz com mais racionalidade toda a visceral sapiência infanto-juvenil talvez sejam os versos do sábio Paulinho da Viola: "As coisas estão no mundo, só que eu preciso aprender..."

Apertada entre uma nervosa avenida e um mono salpicado de

casebres no carente bairro Paraíso, em São Gonçalo, a João Tarcísio Bueno deixou de ser a "Escola do Coronel", para ser conhecida como a "Escola Colorida". "Estava caindo aos pedaços, suja, mal-cuidada, cheirava mal", conta a professora Josete de Gouveia. "Não dava nenhum prazer vir aqui todos os dias", reforça o aluno Jorge Luis Ribeiro, da oitava série. Não devia dar mesmo nenhuma satisfação a ninguém. Vidraças quebradas, goteiras generalizadas, banheiros malcheirosos faziam do colégio um paridêiro entregue às traças, alunos desinteressados e professores descontentes.

A idéia de transformá-la em um coquetel de cores foi do vice-governador Darcy Ribeiro, que transferiu ao pintor Carlos Scliar o

desafio de expulsar o feio cinzento do paraíso. "Pensei em salas claras, brancas, com poemas curtos e mínimas interferências externas", explica Scliar. "Na parte de fora cores azul, verde, amarelo, laranja e vermelho com formas largas, paralelas, geométricas em ritmos continuados e inter-relacionados fazendo dos diversos blocos do prédio uma unidade rítmica e colorida, provocadora, estimulante e criativa, enfim um lugar onde as crianças se sentissem bem", completa o pintor.

MUNDO BONITO — Parece que conaeguiu. "É uma obra plástica em tamanho natural, enorme, que surge pra fazer o mundo mais bonito", entusiasma-se Darcy Ribeiro. "Até o clima de cordialidade

entre todos, aumentou", constata a professora Josete de Gouveia. "Transformar aquele ambiente triste e conviver quase dois anos com a comunidade do bairro Paraíso foram duas coisas que me fascinaram", garante o pintor Carlos Scliar, que defende a ampliação da experiência em outras escolas. Enquanto isso, no burburinho diário dos mais de dois mil alunos, os "painéis da liberdade" vão sendo rabiscados com poemas, palavões e declarações de amor; há uma nítida sensação de alegria descoberta. A frase do aluno Juan Caetano, de 11 anos, que frequenta a 4ª série, define com exatidão o horizonte de cores que está levando os olhos de crianças de São Gonçalo. "Gosto da escola assim, porque pintada desse jeito ela parece um circo." **1**

Fonte: Indeterminada.

Publicação sobre obra de arte no Campus Pampulha UFMG.

No meio do caminho tinha uma obra de arte

Estudante mapeia e resgata histórias de esculturas e objetos que compõem a paisagem do campus

Ludmila Rodrigues

Monumento ao aleijadinho, Monumento ao quadrado, Minas de Minas e Rolo compressor são obras de arte nem sempre percebidas pelos milhares de transeuntes que frequentam o campus Pampulha. Mas quando chamam a atenção, raramente oferecem informações capazes de satisfazer a curiosidade do observador. A maioria das esculturas e objetos que ornamenta prédios e jardins da UFMG sequer possui placas de identificação básica, com título, data e autor.

Valorizar as obras de arte é o principal objetivo do projeto de pesquisa *Identificação: Reconhecimento*, que procurou resgatar as informações de 14 esculturas e objetos com conotação artística da Universidade e propôs a instalação de placas permanentes para identificar as imagens. Entretanto, a busca de informações foi além, e o resultado é um levantamento de dados que reporta histórias e curiosidades sobre as esculturas.

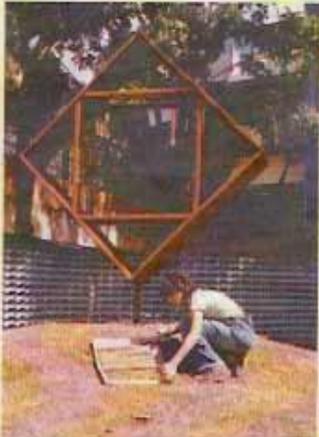
Método

A pesquisa, iniciada em setembro de 2004 pela estudante do segundo período de Belas Artes, Isabelle Catucci, recolheu dados sobre a localização e mapeamento técnico das esculturas em arquivos do Departamento de Planejamento Físico e Obras (DPTFO) e do Departamento de Material e Patrimônio (DMP). A história e o significado das obras foram resgatados em documentos e entrevistas com funcionários e autores. "Além da identificação, há, no projeto, registros de aspectos dos monumentos, como pixações e danificações, o que pode ajudar nas futuras restaurações", acrescenta a estudante, orientada pela professora da Escola de Belas Artes, Mabe Bethônico.

Garimpo

"Foi um trabalho de garimpo no campus, que agora reúne informações antes inacessíveis à comunidade", aponta Bethônico. Parte das informações compiladas pela estudante foi transcrita em placas provisórias de argila e instaladas próximas às respectivas esculturas. "O projeto também será encaminhado à Reitoria junto com uma solicitação de fixação de placas de cobre ou de granito nas esculturas", afirma Isabelle.

Alguns objetos identificados



MONUMENTO AO QUADRADO
Autor: José Amâncio de Carvalho
Localização: entrada da Escola de Belas Artes
Ano de instalação: 1982
Descrição: com estrutura de metal, mede 2x2 metros. O monumento é parte de série de trabalhos produzida a partir do tema "quadrado". A princípio, foi instalado temporariamente para instigar os alunos a produzirem esculturas com o mesmo tema. A persistência é a idéia-força da obra.



ROLO COMPRESSOR
Autor desconhecido
Instalação: início da década de 70
Localização: jardim da Escola de Belas Artes
Descrição: Máquina de ferro de aproximadamente 4 x 2,5 metros. Fabricada em 1927, o rolo compressor inglês, modelo *Mac Adams N.º 9107*, foi a primeira máquina utilizada na terraplanagem da Cidade Universitária na década de 30.



MINAS DE MINAS
Autor: José Amâncio de Carvalho
Ano de instalação: 1990
Localização: fachada do Auditório Sônia Viegas, na Faculdade de Letras
Descrição: dois painéis de ferro, de 32 metros quadrados cada, acolhem formas geométricas e pontiagudas, sugerindo caminhos e montanhas. Com esta escultura, o autor protesta "contra a mineração, a depredação, que geometrizou as montanhas para a extração de metais".



MONUMENTO AO ALEIJADINHO
Autor: Sylvio de Vasconcellos
Ano de instalação: 1969
Localização: no gramado em frente à Reitoria
Descrição: a maior escultura do campus é composta por duas seções de cilindro de concreto entrelaçados, lembrando uma coroa. Homenagem ao artista barroco Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, a construção aborda dois elementos: a aspiração, representada pelo cilindro ascendente, e o saber e o domínio da técnica pelo homem.

Boletim UFMG
30.6.2005
5

Fonte: Boletim UFMG. Belo Horizonte, 30.06.2005, p.05. Acervo do autor.

Publicação sobre a reinauguração da Cantina Pelego's e o Projeto RASG.

O Pelego's está de volta. E de cara nova

Dia 11 de julho, depois de muitas idas e vindas, revoltas e reviravoltas, o Pelego's está com suas portas abertas novamente, reinaugurado na grande festa junina da ASSUFEMG. E de cara novíssima. Os saudosistas podem até estranhar no início, mas certamente vão gostar das mudanças. Para começar, aquele ar romântico porém muitas vezes anti-higiénico de botecoim deu lugar a uma construção ampla, clara e bonita. E muito maior.

Para ampliar o espaço físico do Pelego's, o setor de Almoxarifado ficou sem um pedaço de suas instalações, o atelier de artes do professor Jarbas Juarez foi cedido (gentilmente) por ele e também um vestiário dos funcionários da prefeitura foi 'capturado' pelo Pelego's. Tudo isso pelo bem geral da nação e dos servidores da UFMG.

A higiene é a marca registrada do novo Pelego's. Agora, seus usuários não precisam mais se preocupar com os possíveis efeitos intestinais de uma insuspeita rabada (prato que em priscas eras já levou muita gente ao sanitário o dia inteiro...). E por falar em sanitários, eles agora são dois: feminino e masculino, como manda o figurino. O verdadeiro fog londrino



...a durante as reformas.



O Pelego's antes...

antes. Uma questão de organização e bom senso. O projeto das reformas foi feito pelo arquiteto Eduardo Fajardo Soares, que trabalha na UFMG, e não se resume só ao Pelego's: segundo Fajardo, este é apenas o pontapé inicial para um grande projeto que, se Deus quiser e a Reitoria ajudar, mudará totalmente o panorama da área de serviços gerais do Campus (veja matéria abaixo).

que impregnava o ar cada vez que o fogão era colocado em ação também foi eliminado, graças a um poderoso exaustor estrategicamente colocado sobre as trempes. Pisos e revestimentos adequados, balcão, local para depósito de alimentos, um amplo salão e gás encanado completam o panorama 'novo' do bar da ASSUFEMG.

Como nem só de pão vive o homem (além de pão, serão servidas refeições, salgadinhos, sanduíches e, lógico, a indispensável cervejinha), o Pelego's também pretende ser um espaço de arte e cultura. Não só pelo bonito vitral que enfeita suas paredes (executado pelo artista plástico David Allen Peterson), mas ainda pelas programações semanais que, toda sexta, 'agitam' seu espaço externo e

interno: exposições, shows, etc.

Parto difícil

Praticamente construído de novo, a obra do Pelego's não foi fácil, e muito menos barata. A verba inicial liberada pela Reitoria não deu nem para o começo, cortada pela inflação e porque era pouca mesmo. Além do mais, nossas greves, que demonstraram nossa união e disposição de luta, tiveram pelo menos este efeito colateral indesejável: atrasaram as obras (nada é perfeito).

O Pelego's será totalmente gerenciado pela ASSUFEMG, e não por terceiros. O objetivo não é auferir lucro nenhum, mas também pretende-se que ele não custe nada aos cofres da entidade, ou seja, que não dê prejuízo, como acontecia

Uma amostra do panorama projetado pelo RASG.



Projeto RASG: por um campus melhor



Não é preciso ser muito atento para perceber a grande discrepância entre a área de serviços gerais e o restante do campus. Contrastando com os modernos e bem cuidados prédios das escolas, Prefeitura, Reitoria e etc, as construções da antiga prefeitura - hoje ocupadas pela Imprensa, Almoxarifado, Oficinas, Mercenária, Manutenção, Horto e pela ASSUFEMG - mais parecem uma senzala construída nos fundos da 'casa grande' da UFMG. É contra esse estado de coisas que se rebela o RASG, projeto de Recuperação das Áreas de Servi-

ços Gerais. Idealizado pelo arquiteto Eduardo Fajardo Soares, o RASG propõe a reurbanização do espaço e reforma geral nos prédios da área. E tem bons motivos para isso.

Em primeiro lugar, a implantação do projeto justifica-se pelo fator humano envolvido. Uma média de mil pessoas circula por dia no local, entre o pessoal lotado ali e a 'população flutuante' que se utiliza dos serviços. Toda essa gente é obrigada a conviver com um local degradado, sem pavimentação, onde a poeira alterna-se com a lama segundo a estação do ano, um calor insuportável com um frio glacial no interior das construções. Isso fora a 'beta' paisagem de entulho por todos os lados.

Lógica capitalista

Se o senso de humanidade (e de direitos trabalhistas) não for suficiente para convencer os mais renitentes, a própria lógica do capitalismo pode ensinar algumas justificativas para o RASG. É que não só as pessoas trabalham mal (e produzem menos) nesse ambiente, como também as máquinas estão sujeitas aos seus efeitos destrutivos. Na imprensa ou no almoxarifado, as consequências de uma insistente poeirinha podem ser fatais para a vida útil das peças. É este também o caso dos carros que 'moram' por ali, que não podem ser lavados ou

pintados por causa da poeira.

O terceiro fator que justifica o RASG é também de ordem econômica: uma área construída de 7 mil m² (o que equivale a mais ou menos 140 milhões de cruzados) como esta não pode simplesmente ser ignorada e derrubada, se pode ser reformada. Isso para rebater aqueles que adiam a decisão sobre a reforma sob o argumento de que 'não valeria a pena', 'seria melhor fazer tudo de novo', e por aí vai. Um último - porém não menos importante - fator seria o cunho sócio-político-cultural que marca a área, pela presença da ASSUFEMG, do Pelego's, do Bosque que poderiam ser melhor aproveitados.

Primeiros passos

O primeiro passo para a implantação do RASG já foi dado: a reforma do Pelego's. Um segundo, a curto prazo, seria a drenagem e pavimentação das ruas. Depois, incrementar o verde (para refrescar e amenizar o ambiente), cuidar do Bosque e torná-lo acessível como área de lazer, reforma, limpeza, e manutenção dos prédios, e muito mais. Agora só falta a Reitoria (que já reconheceu oficialmente pelo menos a existência do projeto) liberar as verbas, que nem são assim tão astronômicas, ainda mais se compararmos com os benefícios que teríamos - todos - em troca.

Publicação sobre o Projeto RASG.

PROJETO RASG

JORNAL ASSUFEMG
ANO XXI Nº 64, SET 1985

UMA CONQUISTA EM CONSOLIDAÇÃO

O Projeto de Recuperação das Áreas de Serviços Gerais da UFMG é um antigo ponto de reivindicações dos servidores da Universidade. Os frequentadores assíduos (ou ocasionais) da região têm conhecimento da degradação, do abandono e da falta de condições em que se encontra o local. A primeira conquista foi a recuperação do local em que hoje funciona o Pelajo's. Porém, a grande obra que viabilizará a implantação do RASG só teve início agora, com a construção de uma galeria de drenagem pluvial, que permitirá a absorção de todo o fluxo de água do "campus". Segundo o arquiteto Eduardo Fajardo Soares, idealizador do Projeto, "o argumento da construção da galeria foi utilizado durante muito tempo, enquanto se persistia a implementação do RASG. O momento de cobranças, efetivamente, a sua realização é este, pois o RASG não deve ser encarado como uma doação e sim um direito dos servidores e melhores condições de trabalho".



ESTE PANORAMA TEM QUE MUDAR

RECUPERAÇÃO DAS ÁREAS DE SERVIÇOS GERAIS

No início da década de 80, o equipe de Planejamento Físico da UFMG, sob a chefia do arquiteto Mário Lúcia Mattar e tendo como conselheiro Luciano Guedes, resolveu mudar radicalmente sua metodologia de planejamento, através da implantação de novas técnicas de trabalho, em que a consulta à comunidade universitária, seria a base de qualquer projeto desenvolvido pelo equipe. A proposta principal desta nova metodologia é que todos os locais que possuem um potencial estético seriam contemplados, no sentido de se fazer um levantamento de como os usuários se sentem reagindo ao seu espaço de trabalho e de lazer, qual sejam as áreas, as perspectivas e a situação que tem os locais. Análise das questões levantadas, a comunidade seria uma participação efetiva no desenvolvimento dos projetos, no sentido de que eles representariam as expectativas dos usuários.

O PROJETO RASG

O projeto de Recuperação das Áreas de Serviços Gerais, idealizado pelo arquiteto Eduardo Fajardo Soares, tem seu início a partir de demanda apresentada pela comunidade da área, composta pela Imprensa, Administração, Centro de Material e Patrimônio, Transportes, Oficinas - Manutenção e Manutenção. Incidentalmente, a Imprensa solicitou ao Departamento de Planejamento Físico e Obras que fossem a sua vez de ir ao prédio, no sentido

de evitar poeira e dar um tratamento paisagístico ao local, que era muito degradado. No ocasião, a equipe do OFFO, que havia feito uma "visita" ampla das condições físicas do "espaço", já havia constatado que o local abrigava um congestionamento grande de pessoas, em condições precárias, numa situação óbvia de insalubridade.

Concomitantemente com o processo de trabalho, contemplava-se fazer assembleias por unidades. A partir daí, foram levantadas questões que dizem à "hora" da restauração e da justificativa do projeto RASG.

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E DIREITO

Desconfiados, insatisfeitos. Porém alienando com uma Carta. Condições precárias de trabalho. Se não houvessem outras questões, estas apenas bastariam para que o Projeto RASG fosse implementado. Porém, a coleta de dados realizada na região, demonstrou que os usuários e trabalhadores da área tinham outras demandas. A disponibilidade de um espaço problema, o local possuía apenas uma cantina, em algumas instalações de funcionamento; havia casos de pessoas com doenças respiratórias; não havia nenhuma área de lazer. A região, conhecida como "Baxada", era também a "Favelinha", compartilhando com o vizinho "Palácio das Artes" (Escola de Belas Artes).

Com a elaboração do Projeto, começaram também a luta pela sua implementação. E a Administração Geral sempre presente, utilizando a organização da falta de verbas e da deterioração de uma galeria de drenagem pluvial, que absorveria todo o fluxo de água no "Campus". Esta obra deveria ser prioritária, porém

antes se precisava saber que nada fosse feito. A comunidade tinha dúvidas quanto à viabilidade do Projeto, mas ele conseguiu a "garantia" no sentido em que os funcionários passaram a se organizar e a reivindicar os seus direitos, a ser ouvidos pelos políticos. E o RASG representava a possibilidade de que melhores condições de trabalho são através fundamentos de trabalho. A demonstração disso é que, no último greve, os Servidores Técnicos-Administrativos incluíram o Projeto RASG na sua pauta de reivindicações internas, que foi negociada com a Reitoria.

ENFIM, A OBRA

O Projeto RASG é completo, basicamente, por três partes: a primeira, infraestrutura e urbanização; a segunda, melhoria das condições, incluindo manutenção da parte elétrica, e novo terreno para, execução das partes de lazer e locais de convivência utilizando, inclusive, os recursos já existentes na região (campo de futebol, jardim, um bosque, etc.).

A primeira parte do Projeto teve início no mês de agosto passado, com a construção de uma galeria de drenagem pluvial, que tem sua finalização prevista para dezembro de 1985. Após a conclusão desta obra, poderão ser viabilizadas as demais etapas. Cabe à comunidade, nesse momento, se mobilizar para garantir a implementação programada dos do Projeto RASG, no sentido em que ela deve ser prioritária, em vista das condições degradadas em que se encontram as áreas de serviço. Além disso, o RASG não deve ser considerado uma doação e sim uma conquista dos servidores da Universidade, principalmente daqueles que trabalham na região e que há muito lutam por melhores condições de vida e trabalho.

ORGANIZANDO OS NÚCLEOS DE BASE

Esta é uma tarefa prioritária. A ASSUFEMG, hoje, mantém uma relação entre Associações e Diretoria que precisa ser urgentemente alterada. São inúmeros boletins e até J.A. que são distribuídos, sabe-se lá como.

O material de divulgação não é discutido quando é, observando apenas os erros de revisão de matérias.

Organiza-se reuniões nas Unidades que tratam de vários assuntos gerais e específicos - que aparecem como "novidades", apesar do bom conhecimento destas reuniões.

As Assembleias Gerais são palco onde se confundem as diferentes posições no interior do movimento.

Buscando ampliar o espaço de participação do conjunto da categoria, criou-se o Conselho de Núcleos de Base. O Conselho de Núcleo é a instância intermediária de deliberação da Entidade, composta pela representação de Núcleo em cada Unidade.

As Conselho de Núcleo - fundamental para a democratização da Entidade - compete deliberar sobre todas as questões, em nível superior à Diretoria e abaixo da Assembleia.

Até o momento, já temos dois Núcleos constituídos: no Odontologia e no ICB.

INFORMATIZAÇÃO NA ASSUFEMG

Agora é o momento, a editoração de textos tem sido a principal demanda do micro-computador da ASSUFEMG.

Dentro de duas semanas, a situação será outra. Além da editoração do Jornal, Finga Fogo e Cartazem, a Entidade estará em condições de emitir boletins diretamente aos leitores, aos contratados (da Unimed, Saúde Lar, etc.), aos participantes das várias Companhias de Seguros e Pedúrias. Estará, também, em condições de emitir, com acompanhamento periódico, a situação das ações judiciais movidas pelo Depto. Jurídico e de fazer uma prestação de contas realmente transparente.

Mas não é só isto. A ASSUFEMG demonstrará que a informatização é uma conquista tecnológica que pode ser utilizada a serviço dos interesses coletivos da Comunidade.

Para isto, serão organizados cursos - em módulos diferentes - cujo clientela prioritária serão os Núcleos e ativistas do movimento, a fim de que a comunicação entre a diretoria e o conjunto dos Funcionários se faça com maior eficácia.

Pode ser até que o atual equipamento não dê conta do recado. Isto veremos à frente.

NEGOCINHOS

Conforme divulgamos no Finga Fogo nº 216, o JORNAL ASSUFEMG manterá, em suas edições, um espaço para os Associados (somente as Associações) anunciarem (somente os produtos, serviços, bens para troca, venda, aluguel ou compra, etc.). "Negocinhos" estreia neste número do JA com estes anúncios:

Conversão

Paulo Inácio está passando um conversão de moto - CBX Aero 150, com 13 (treze) prestações pagas. Tratar ramal interno da UFMG 190 ou 1445 (manhã).

"Araxá põe a Mesa"

Adquira um exemplar do livro "Araxá põe a Mesa" e contribua com o Hospital Mário Penna na prevenção e tratamento do câncer. São 400 receitas colhidas da fonte original. Contatos com Jair ou Nelson (Escola de Engenharia) ou através dos Fones: 463-6099; 461-7437 e 461-8968.

Moto

Vendo uma moto RD 125, ano 1988, modelo 1989, 5000 km rodados cor branca. Tratar com Eliseu, na ASSUFEMG. Fone: 443-1800 ou 448-1111.

Apartamento

Fazendo um apartamento de 3 quartos, sala, cozinha, área de serviço, banheiro. Localização: Conjunto Ceiteira - R.O. Nº 18, apt. 203 - Vespasiano. Expediente normal tratar com José Maria, na sala de vigilância, ramal 1338. A noite tratar com José Estanislau Val, na Reitoria.

Apartamento

Fazendo um apartamento de 3 quartos, sala, cozinha, corredor, banheiro e área de serviço - Bairro Califórnia 2 - prestação NC\$80,00 - Tratar com Adão Edmar (DSG). Fone: 473-1497.

Secretária

Vendo Secretária Eletrônica marca Cobra, com entrada para BIP. Aceito troca. Tratar com Adão Edmar (DSG), fone: 473-1497.

Retratos Artísticos

Se você estiver interessado em ser retratado em desenhos ou pinturas entre em contato com Genocha. Fones 467-5359 (Fax, Noite), 448-1111 (ASSUFEMG à tarde).

Fuza

Vendo fuza ano 1972, cor branca. Bom estado de conservação. Contatos: Roberto Guimarães - Fone: 275-1778 (Fax.) e 448-1132 (UFMG).

Doginho

José Luiz Silveira vende um Doginho Polara por NC\$5.600,00. Cor branca - mecânica perfeita - pneus radiais novos. Contatos - 225-7259 (res); 222-4083 (Engenharia).

Lote e Máquina

Vendo um lote no bairro Xagrilá - 360m2 - Tratar com Heleno - Fone: 448-1336 - Vendo também uma máquina fotográfica Olimpus OM-10, com lente 75mm, fotômetro manual e automático. Mesmo telefone.

Reportagem em homenagem ao engenheiro agrônomo Camilo Fonseca, criador do Horto Florestal da UFMG, no bairro Horto, em Belo Horizonte.

Horto de BH é obra de um só agrônomo

Quem passa pelo Horto Florestal da UFMG e elogia a resiliência da natureza em vencer os desafios do desenvolvimento urbano, está comendo um grande engano. Apesar de não parecer, a floresta de 400 mil árvores é artificial. Ela é obra do agrônomo Camilo de Assis Fonseca Filho, que desde 1952 dedica seu tempo ao plantio e preservação das mais raras e belas espécies que a natureza tratou de criar.

São 20 alqueires de verde, situados no Instituto Agronômico, que reservam exemplares das mais variadas espécies florestais de todos os Estados brasileiros. Para formar esse patrimônio ecológico Camilo Fonseca viajou durante anos pelos mais diversos lugares do País, recolhendo com cuidado e paciência mudas exóticas, que poderiam ser transportadas para o centro de Belo Horizonte.

Ali podem ser encontradas madeiras de lei importantes como angrêfim, seringueira, algaroba (natural do Nordeste), cajuputi, peroba rosa, jequitibá e mais de 700 espécies de orquídeas, bromélias e outras plantas cultivadas em estufas. Aliás, o professor Camilo se orgulha, hoje, dos quatro hectares de mudas que vivem em estufas no horto.

Contabilizando seu trabalho nos últimos 40 anos, ele calcula que cerca de 15 mil espécies de plantas fazem parte do acervo verde do horto. Com ambiente garantido para sobrevivência, pássaros, macacos e roedores como a cutia habitam o parque, perfazendo um caminho contra a extinção. Segundo o professor Camilo, é possível encontrar sabiás, pássaros-preto, saracuras, mutum e mais de 300 macacos-prego, micos-estrelas e cutias.

O Horto Florestal é resultado da divisão de uma área de 150 alqueires, que englobava os terrenos hoje divididos pelo Ceteq, Fepam e Sema. No governo Israel Pinheiro, parte dessa área foi doada à UFMG, totalizando 20 alqueires de mata já iniciada pelo professor Camilo Fonseca.

Hoje, o Horto Florestal reúne o Centro de Pesquisa de Múscia Contemporânea do Conservatório, o Museu de História Natural



UFMG 15-05-92

Horto medicinal recupera costume do passado

O desejo de registrar um costume do passado, quando as escolas de Medicina mantinham seus hortos de plantas medicinais, levou, para a UFMG, o Centro de Medicina da Medicina de Minas Gerais, através do Departamento de Medicina da UFMG, em 1989, o Horto de Plantas Medicinais Frei Veloso. Com apenas três anos de funcionamento, o Horto Frei Veloso - que segundo o professor João Antônio Siqueira, um dos seus idealizadores, tem esse nome como homenagem ao primo de Tiradentes, Frei Veloso, considerado grande conhecedor da utilização das plantas medicinais - já conta com cerca de 300 espécies. Esse número deve-se a um vasto material grande contenedor de aplicação das plantas medicinais - o engarrafado 300 litros, Camilo de Assis Fonseca Filho, o Dr. Camilo, como é mais conhecido na Universidade.

Com uma de suas áreas destinadas às plantas, o Dr. Camilo criou, após sua vinda à Faculdade de Medicina e o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, no Paralelo, além de cultivar ocasionalmente as plantas e de funcionar como uma espécie de consultor, a biblioteca Horto Frei Veloso, ainda aliás de outras áreas, para 100 estudantes.

The Frei Veloso Medicinal Plant Garden at UFMG School of Medicine, created three years ago, has 300 species of plants used in traditional therapies. This variety of plants results from the dedication of agronomist Camilo de Assis Fonseca, known as Dr. Camilo, who has dedicated himself to the cultivation of plants for more than 40 years.

At the Medicine College, besides of taking part at Frei Veloso Garden, Dr. Camilo teaches classes on the preparation of medicinal plants to 100 students, offering information he has received from the medium with whom he teaches night courses at Itaipu National Park in Arapongas. He also takes care of the Forest with 400 thousand trees at the Museum of Natural History and Botanical Garden, where he has planted trees. From every Brazilian state and also foreign species which he has exchanged with friends, Dr. Camilo has also discovered a new species of "cupi" which was named *Tecoma triflora* Kunze.

O professor agrônomo Camilo Fonseca e as plantas medicinais.

desde de Medicina sobre a importância das plantas medicinais. Com orgulho e certo orgulho, o Dr. Camilo conta que a maior parte de suas orientações sobre o assunto foi aprendida nos 300 meses em que conviveu com 70 filhos indígenas no Parque Nacional do Xingu, em 1974.

Já no Museu de História Natural, onde pode ser encontrada a maior coleção de plantas medicinais do mundo, o professor Fonseca explicou as diferenças de ervas, violentas, logonias, entre muitas outras, cultivadas em estufas e principalmente a nível do Museu, com cerca de 400 mil espécies e um total de 10 mil espécies. Ele também se responsabiliza, junto com o professor Manoel Bento (do Instituto Agronômico), que funciona no local e trata, em algumas, pelo direito de todo e mais. Enquanto descreve a história, camilo destaca, o agrônomo faz a análise de ervas locais que registram como se disse em um grande livro, onde se encontra a seguinte lista - e como foi se transformando:

na mata de ocupação 30 alqueires no bairro Santa Helena. Para se assegurar, dá nome botânico oficial do Frei.

Também fazem parte do acervo do agrônomo a saponária em São Paulo, 200, das 300 das espécies, abelha-gelada, seringueira, e outros, além do Parque das Mariposas - o parque da gramínea do Estado Governador Magalhães Pinto, o Memorial, entre outras, através do engenheiro Luiz de Fátima, além da diversidade, na Amazônia, de uma espécie nova de tub, que foi todo o nome de *Tecoma triflora* Kunze.

O Dr. Camilo disse, como que não, como as plantas não se ligam apenas à beleza, que elas representam, mas principalmente a utilidade que elas têm. São as plantas de consumo ou utilizadas, que para isso, parte das espécies são valor ornamentais, para ele representam algumas. Toda planta tem alguma propriedade medicinal e cada uma, embora incorporada pela medicina popular, que serve de remédio.

IMPRESSO

Fonte: Jornal Estado de Minas. Belo Horizonte, 11/01/1991. Boletim UFMG. Belo Horizonte, 15/05/1992, p. 12. Acervo do autor.

Matérias sobre a Escola de Belas Artes, da UFMG.

Nº 1049



ANO 22
24-02-95

INFORMATIVO DA UNIVERSIDADE

Engenharia pesquisa uso do bambu em construções

Apesar de no Brasil estar mesmo à disposição de pesquisas antigas, o bambu é empregado estruturalmente em construções modernas, como uma alternativa para a madeira. Um estudo do professor Luiz Estelão Moreira, do Departamento de Engenharia de Estruturas da Escola de Engenharia...

A autora da dissertação de mestrado e com tese de doutorado em andamento que tratam do assunto. Ela já produziu várias construções em bambu, como uma capela para a UFMG, uma tenda para a Jardim Botânico e a Casa do Arquiteto Burdick e a Casa do Arquiteto Moreira, do Departamento de Engenharia de Estruturas da Escola de Engenharia...

Reformas ampliam prédio da Belas-Artes

Com o fim da segunda etapa das obras de reforma e ampliação, a Escola de Belas Artes (EBA) passa a contar com uma das mais modernas instalações em termos de Arquitetura e Estética no país. O prédio ganhou mais um pavimento, com quatro mil metros quadrados de área construída.

As obras previam o reaproveitamento e utilização de materiais de boa qualidade, embora com muita sofisticação para estar dentro da realidade. A próxima etapa prevê a reforma do primeiro pavimento a ser executada logo em seguida, permitindo o acesso aberto para conclusão das obras na UFMG (Página 7).



Estudo comprova baixa produção científica do país

A ausência de um avanço intelectual, intelectual e científico, são apontados e analisados em um estudo de pesquisa de uma das principais fontes de informação do Brasil no campo de ciência que lições a produção científica mundial. Esse e outras questões são discutidas em um estudo feito pelo pesquisador Eduardo da Silva Albuquerque, do Departamento de Física da UFMG, com o auxílio do segundo pesquisador do mesmo departamento, a EBA passa a ter uma das instalações mais modernas do país.



Clinica cuida de distúrbios do movimento

Vinculada ao Hospital das Clínicas, a Clínica de Distúrbios do Movimento trabalha no tratamento de pacientes com problemas neurológicos, como doença de Parkinson, tremores, tiques, coreias ou movimentos involuntários e distúrbios. Ela é dirigida pelo professor Francisco Cardoso, do Departamento de Neurologia e Psiquiatria da Faculdade de Medicina e possui cerca de 750 consultas anuais (Página 7).

1995

UFMG

Concluída segunda etapa das reformas da EBA

A segunda etapa das obras de reforma e ampliação da Escola de Belas Artes (EBA) foi concluída no final do ano passado. O prédio, totalmente reformado em sua estrutura física, ganhou mais um pavimento, com cerca de mil metros quadrados de área construída, e conta hoje com instalações de estudos de vídeo e TV, além de salas de aula e laboratórios.

Apesar de antigamente Eduardo Albuquerque, do Departamento de Física da UFMG, com o auxílio do segundo pesquisador do mesmo departamento, a EBA passa a ter uma das instalações mais modernas do país.

A reforma ampliou o prédio da Escola de Belas Artes em 7 mil metros quadrados, com a construção de mais de 100 metros quadrados de área construída. O prédio ganhou mais um pavimento, com cerca de mil metros quadrados de área construída, e conta hoje com instalações de estudos de vídeo e TV, além de salas de aula e laboratórios.



Reforma ampliou o prédio da Escola de Belas Artes

"Tiques" e "Parkinson" são tratados no Hospital das Clínicas

Severos e crônicos pacientes são atendidos na Clínica de Distúrbios do Movimento, que funciona no 4º andar do Hospital das Clínicas, vinculado ao Hospital das Clínicas. Ela trata pacientes com problemas neurológicos, a exemplo da doença de Parkinson, tremores, tiques, coreias ou movimentos involuntários e distúrbios. Ela é dirigida pelo professor Francisco Cardoso, do Departamento de Neurologia e Psiquiatria da Faculdade de Medicina e possui cerca de 750 consultas anuais (Página 7).

Além do atendimento, cinco pesquisas estão sendo desenvolvidas nessa área através da experiência clínica da Clínica de Distúrbios do Movimento. Uma delas é relacionada ao controle dos movimentos de pacientes de Amnésia, Síndrome de Gerardo e Síndrome de Tourette e está em andamento para o diagnóstico de distúrbios de movimento. Outras áreas de pesquisa são: diagnóstico de distúrbios de movimento, diagnóstico de distúrbios de movimento, diagnóstico de distúrbios de movimento, diagnóstico de distúrbios de movimento.

Além do atendimento, cinco pesquisas estão sendo desenvolvidas nessa área através da experiência clínica da Clínica de Distúrbios do Movimento. Uma delas é relacionada ao controle dos movimentos de pacientes de Amnésia, Síndrome de Gerardo e Síndrome de Tourette e está em andamento para o diagnóstico de distúrbios de movimento. Outras áreas de pesquisa são: diagnóstico de distúrbios de movimento, diagnóstico de distúrbios de movimento, diagnóstico de distúrbios de movimento, diagnóstico de distúrbios de movimento.

Boletim
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

50 anos de arte

Um dos ícones do cenário artístico de Belo Horizonte completou meio século de fundação no início deste mês. Primeira unidade acadêmica a funcionar no Campus Pampulha, a Escola de Belas Artes comemora o crescimento de sua produção acadêmica e prepara-se para oferecer mais dois anos de graduação.

Páginas 8 e 9

Fonte: Boletim UFMG. Belo Horizonte, 24/02/1995, p.1,7; 23/04; 2007, p. 01. Acervo do autor.

Matérias sobre o espaço do Campus Pampulha. Primeira faz crítica à utilização do espaço físico, segunda comenta a transferência de capela barroca para a UFMG.

Campus da UFMG, um espaço caduco

MARIA TEREZ AMARANTE MALEDO
ARQUITETA E URBANISTA

Há aproximadamente 40 anos, autores de renome analisam e criticam a arquitetura e o urbanismo moderno. Essas críticas, ignoradas pelos que projetam soluções seguras para nossos espaços abertos. Entre esses autores, em 1961 a jornalista norte-americana Jane Jacobs, em seu livro "Death and Life of Great American Cities", critica radicalmente as soluções onde não existem a mistura de usos e que não geram diversidade. A autora estuda os espaços abertos de várias cidades quanto aos aspectos de segurança pública.

O campus da UFMG, por ser um espaço homogêneo que não oferece usos múltiplos (moradia, lazer, cultura, comércio etc), não cria relações diversificadas entre seus usuários. É um espaço elitista e de uso limitado (quanto a horários e usuários).

Ocupa grande extensão, com grandes vazios, a topografia é acidentada, apresenta cenários fechados e não se relaciona com seus perímetros externos.

Quanto aos prédios, foram na sua maioria projetados de forma integrada uns dos outros, não mantendo ligações ambientais com passeios e ruas.

A centralização dos serviços (bancos, restaurantes etc) criou maior movimento em um único ponto.

É, portanto, uma solução espacial que não favorece o convívio entre os usuários, ignora a comunidade não-universitária e a vizinhança.

Estudos e planos de ação para o campus deverão ser interdisciplinares (geógrafos, so-

ciólogos, arquitetos, urbanistas, engenheiros etc, pessoas da comunidade, frequentadores diários e esporádicos e sobretudo pedestres).

A equipe que criticará os espaços atuais não deverá se preocupar em contrapor os autores dos projetos existentes.

Nesse estudo, a comunidade universitária aumentará seus conhecimentos sobre os espaços urbanos e criará um novo campus que trate o espaço como social, psíquico e físico.

Minha reflexão se baseia em experiências de paisagismo (a maioria em Brasília) e frequência à área do campus desde 1962.

Apresento algumas sugestões:

1. Inclusão de áreas de esporte e lazer nas vizinhanças das unidades para oferecer aos não-motorizados oportunidade de exercícios físicos.
2. Venda de terrenos que nunca serão utilizados ou cessão dos mesmos a órgãos que possam ocupá-los, diminuindo assim os espaços desérticos.
3. Elaboração de projeto paisagístico que integre ruas, passeios, praças, caminhos e prédios, criando e ativando os espaços externos (ignorados pela corrente modernista de arquitetos).
4. Inclusão na área de prédios para moradia, comércio, cultura, centro de ensino público profissional, galpões de artes e oficinas (que favoreçam questões como emprego e tempo livre), que diversificarão o uso do campus e favorecerão os projetos de extensão.

É uma solução espacial que não favorece o convívio entre os usuários e ignora a comunidade não-universitária

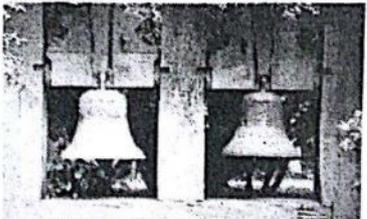
Capela barroca é transferida para a UFMG

Universidade recebe igreja, provavelmente construída no século 18, que vai abrigar centro acadêmico

Uma das maiores obras de arte barroca construída em Minas Gerais, a Capela de São João Batista, localizada no bairro de São João, em Belo Horizonte, será transferida para o campus da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A obra, que data do século XVIII, foi restaurada e agora será abrigada no prédio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFMG. A capela, que possui um altar de madeira e um órgão de tubos, é considerada uma das melhores obras de arte barroca construídas em Minas Gerais. A obra foi restaurada por um grupo de arquitetos e urbanistas da UFMG, sob a orientação do professor de Arquitetura e Urbanismo, Dr. Carlos de Oliveira. A obra foi restaurada em 1998 e agora será abrigada no prédio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFMG. A obra, que possui um altar de madeira e um órgão de tubos, é considerada uma das melhores obras de arte barroca construídas em Minas Gerais.



Fachada de igreja de São João, provavelmente construída no século 18, que será transferida para a UFMG.



Interiores da igreja, que há 20 anos foi beneficiada de um bom trabalho para a transferência para a UFMG.

Origem e história estão envoltas em mistério

Com a devida licença, a Capela de São João Batista, localizada no bairro de São João, em Belo Horizonte, foi transferida para o campus da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A obra, que data do século XVIII, foi restaurada e agora será abrigada no prédio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFMG. A obra, que possui um altar de madeira e um órgão de tubos, é considerada uma das melhores obras de arte barroca construídas em Minas Gerais. A obra foi restaurada por um grupo de arquitetos e urbanistas da UFMG, sob a orientação do professor de Arquitetura e Urbanismo, Dr. Carlos de Oliveira. A obra foi restaurada em 1998 e agora será abrigada no prédio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFMG.

A origem e a história da Capela de São João Batista são envoltas em mistério. Segundo o professor de História da UFMG, Dr. Carlos de Oliveira, a obra foi construída no século XVIII, mas a data exata não é conhecida. A obra foi restaurada em 1998 e agora será abrigada no prédio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFMG. A obra, que possui um altar de madeira e um órgão de tubos, é considerada uma das melhores obras de arte barroca construídas em Minas Gerais.

Fontes: *Jornal O Tempo*. Belo Horizonte, 04/11/2000 p.01; e, 29/05/2000, p. 04.

Matérias sobre atividades religiosas nos campi universitários. FAFICH/UFMG e UnB, respectivamente.

Deus está entre nós

A Expansão da fé no "Reino da Razão"

Ao andar pelos corredores da Fafich, você se depara com um grupo de pessoas reunidas em uma sala discutindo o tema "alienação". Estudantes de História fazendo um trabalho? Grupo de discussão da Ciências Sociais? Não, na verdade, trata-se da reunião do grupo religioso de orientação católica Comunhão e Libertação.

Diferente desse estilo despojado e simples, o grupo Verbum Dei, também católico, realiza um ritual mais tradicional. No dia 11 de setembro o anfiteatro prof. Bicalho transformou-se em uma capela com direito a altar empovado e tolas de Jesus e Maria.

Há ainda um grupo de católicos carismáticos, o Coríntios, seus encontros se enquadram na proposta da Renovação Carismática da Igreja Católica: são alegres, com orações e muita música.

Muito diferente os católicos se fazem presentes na UFMG. Existem também outros grupos como o OJE (Oficina Jovem Espírita) e a ABU (Aliança Bíblica Universitária) que congrega luteranos, presbiterianos, membros da Igreja Universal, da Assembleia de Deus, entre outros.

O grupo OJE realiza seus encontros de forma bastante simples, tal qual o Comunhão e Libertação. Os seus membros sentam-se em círculo e discutem o "Evangelho Segundo o Espiritismo" de Allan Kardec.

Já a ABU procura discutir em seus encontros temas de interesse de seus membros à luz da Bíblia.

O único grupo que ainda está centrado em uma única unidade é o OJE que realiza seus encontros no ICB – Instituto de Ciências Biológicas. Mas há, segundo os membros André Moreira e Hugo Leonardi, estudantes do 3º período de Medicina e 4º de Biologia respectivamente, a intenção de organizar grupos em outras unidades da UFMG.

Além das reuniões de oração e discussão de temas de interesse dos membros, alguns grupos também se envolvem em outras atividades. O Comunhão e Libertação, por exemplo, organiza o Faleto de Estígio, que se localiza no 2º andar da Fafich. O grupo OJE promove campanhas como a do apagelho e organiza distribuições de sopa para as pessoas que vivem nas ruas.

Capela

Em dezembro de 1999 foi doada pela Mendes Júnior

Isabela Montello



Alunos usam auditório da Fafich para celebração

Razão e Fé

Diante da disseminação desses vários grupos dentro da Universidade surge a questão: por que estes grupos escolheram o ambiente acadêmico, o local da razão e da ciência, para estarem professando suas crenças?

UnB Notícias

Universidade Federal de Minas Gerais
Av. Antônio Carlos, 6627, 3o Andar - C. de
Família
31270-901 Belo Horizonte - MG

04/07/2004
Edição Especial de 2004

INTEGRAÇÃO
Com dezenas de projetos, a UnB atua na melhoria do ensino médio. No Distrito Federal, mais de 125 mil alunos já foram beneficiados.
... páginas 6 e 7

PERSONALIDADE
Horst Fock, professor do Instituto de Geodésia, completa em outubro 25 anos na universidade.
... páginas 10 e 11

COMPORTAMENTO
onde a religião convive com a ciência
No campus, diversas crenças coexistem sem conflito. No entanto, o diálogo entre cientistas e religiosos ainda é um terreno sensível.
... páginas 12 e 13

Fontes: *Jornal Alternativa* – FAFICH/UFMG. Belo Horizonte, set. 2000, p. 04.

Matérias sobre restauração do anexo da FAE e sobre a instalação de um novo museu de mineralogia na Campus universitário da Pampulha.

MEMÓRIA

Conceito Nacional e J. J. Seabra

UFMG restaura primeiro imóvel universitário

Na próxima quinta-feira será reinaugurada a Casa da Fae (Faculdade de Educação), apelido pelo qual ficou conhecido o primeiro imóvel da cidade universitária da Universidade Federal de Minas Gerais na Pampulha. A casa, que estava fechada há dez anos, foi construída em 1946 para abrigar o escritório de obra do Grupo Otimização de Medidas Educacionais (GOME), que há três anos ocupava uma sala de aula na Faculdade de Educação.

Resultado de um investimento de R\$ 150 mil, a restauração teve 83% de seus recursos provenientes da Fundação Feal. O autor do projeto de reforma, arquiteto Eduardo Fajardo Soares, do Departamento de Planejamento Urbano e Obras (DPUO) da universidade, diz que não há registro sobre a autoria da construção mas há algumas pistas que sugerem o nome do arquiteto Eduardo Mendes Guimarães Júnior, o mesmo que assinou os projetos do edifício Mineirão e do prédio da reitoria da UFMG.

"A casa tem linhas modernistas reforçadas por detalhes como um pilar um pouco mais arredondado. Apoiamentos a espelha dorsal do prédio mas não ficaram engastados", destaca o arquiteto que amplia 20% da área total do imóvel que segundo ele era um emaranhado de cômodos em função de intervenções arbitrárias nos últimos anos. Fajardo lembra que o local já abrigou o alojamento de motoristas da universidade e foi sede do Centro de Estudos de Ciências de Minas Gerais (Cecimig).

O arquiteto deu um toque contemporâneo na casa acrescentando cores na fachada externa. Ele elaborou também uma entrada arrojada com um toldo feito em estrutura metálica e policarbonato. Para que os custos fossem reduzidos foram aproveitadas peças da própria construção ou construídas na UFMG.

"Todas as esquadrias de janelas foram reaproveitadas assim como o teto de peroba do campo. Tudo que pudemos manter é original e é fácil perceber a qualidade da mão-de-obra da época", explica.

O professor de estatística Francisco Soares, um dos membros do Grupo de Avaliação e Medidas Educacionais (GAMME) destaca a importância da transferência do grupo para a casa. Segundo ele, a estrutura do espaço irá permitir a ampliação das atividades do grupo que tem como objetivo a criação e incorporação de tecnologias para a avaliação de sistemas educacionais. (R.P.)

Jóias como depois, tornava-se para um cenário na esquina das ruas Bahia e Bernardo Guimarães (onde hoje funciona a Escola de Engenharia de Minas Gerais). O ano de 1968 marcou a demolição da antiga sede para dar lugar aos dois prédios em que estudam mais de mil e quinhentos alunos.

Os projetos de recuperação foram assinados por arquitetos como Artur Bernardes e Tancredo Neves, além de vários ministros, governadores e figuras de destaque no cenário político nacional.

Novo museu de mineralogia será instalado na Pampulha

Depois de muitas idas e vindas, o acervo do museu de mineralogia Dulcino Guimarães vai ganhar um local definitivo para exposição. As 5 mil peças de coleção, avaliadas em 1,55 milhão, serão levadas, até o final do próximo ano, para o Centro de Memória de Geologia de Minas Gerais. O museu será construído anexo à escola de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, no campus da Pampulha.

O acordo já foi formalizado pela Prefeitura de Belo Horizonte e a UFMG, que deverá ser assinado ainda este mês. Enquanto isso, as peças vão ficar longe dos olhos dos curiosos e estudantes, embaladas e guardadas no prédio da Exporcenter, na avenida Álvaro Cabral.

A secretária municipal de Cultura, Maria Antonieta Antunes Cunha, reconhece que essa é a melhor destinação para o acervo. "O espaço na escola de Geociências será adequado para abrigar a coleção, oferecendo condições físicas e técnicas ideais", acredita, lembrando que a proposta de transferir o acervo para a UFMG surgiu da própria universidade. Há três anos, a administração municipal defende a transferência do museu de mineralogia do prédio da rua da Bahia com Augusto de Lima para a Exporcenter.



O CENTRO de Geologia abrigará escola e museu de mineralogia

com empresas do setor privado.

Pelo projeto, o centro vai ocupar quatro andares. No primeiro piso, auditório para 250 lugares; no segundo, um salão com 900 metros quadrados, espaço destinado exclusivamente ao acervo do museu de mineralogia. Os dois últimos andares vão ficar para laboratórios, salas de aulas para treinamentos de técnicos em mineração e para o acervo de lâminas e amostras do fundo de sondagens.

O Centro de Memória de Geologia de Minas Gerais vai ocupar uma área de 3.600 metros quadrados, divididos em quatro andares, em anexo a ser construído no prédio da escola de Geociências. O custo da obra está estimado em R\$ 2,3 milhões e será dividido entre os ministérios das Minas e Energia, Ciência e Tecnologia e da Educação

Antiga sede vai ser centro cultural

Técnicos da secretaria municipal de Cultura iniciaram ontem as reformas do prédio em estilo modernista da rua da Bahia com a avenida Augusto de Lima que, durante duas décadas abrigou o Museu de Mineralogia e na nos anos 70 foi sede da biblioteca municipal. A secretária municipal de cultura informa que já estão assegurados, pela prefeitura, R\$ 1 milhão necessários para os trabalhos. No cronograma de recuperação estão incluídas reformas dos sistemas hidráulico e elétrico além de restauração da arquitetura.

Essa será a primeira grande reforma do edifício. Na década de 80, informa Maria Antonieta, foi feita uma maquiagem precária. Em 1992, as chuvas de final de

ano provocaram o deslaminamento do teto do edifício. Não houve danos no acervo dos minerais mas um lustro foi danificado. A partir daí, constatou-se a necessidade de transferência do museu. Quando a reforma estiver concluída o espaço será utilizado, definitivamente, como Centro Cultural, abrigando salas de aula e a biblioteca municipal.

Fonte: *Gazeta Mercantil*. São Paulo, 03/04/2000.

Matéria sobre segurança no Campus Universitário UFMG.

UFMG abre licitação para instalar vídeos e cancelas nas entradas do campus

A UFMG abriu licitação para a compra de 18 conjuntos de vídeo e cancelas que serão instalados, nos próximos meses, nas quatro entradas do campus Pampulha. Tais equipamentos formarão a base de um sistema que tornará mais seguro o acesso ao campus, evitando, assim, os furtos de veículos, que se tornaram frequentes nos últimos anos. O controle das portarias é parte de um amplo projeto de segurança estruturado pela Pró-Reitoria de Administração.

Seis conjuntos ficarão nas imediações da Escola de Belas-Artes, seis na entrada da avenida Carlos Luz, quatro em frente à Unidade Administrativa II (entrada da avenida Abrahão Caram) e dois na entrada do Colégio Militar. Eles vão controlar tanto o fluxo de entrada quanto o de saída no campus.

Segundo o engenheiro Eduardo Roscoe, do Departamento de Planejamento, Físico, Obras e Manutenção (DPFO/DM), as câmeras funcionarão 24 horas por dia e ficarão acopladas às cancelas numa altura que permitirá a identificação do motorista e da placa do veículo, informações que serão gravadas em meio digital. As cancelas serão automatizadas com sensores, instalados sob a pista, que libe-



Acesso ao campus pela avenida Carlos Luz será duplicado

rarão a passagem dos veículos após acusarem sua presença. A instalação dos equipamentos será acompanhada de obras complementares, como asfaltamento dos trechos iniciais das ruas dentro do campus, sinalização, alargamento de vias, construção de pórticos em cada acesso e de uma rotatória.

A previsão é de que os trabalhos sejam iniciados no final de março e concluídos até julho próximo. Estima-se que o projeto custará cerca de R\$ 670 mil aos cofres da UFMG.

Transtornos e pórticos

Eduardo Roscoe alerta a comunidade universitária de que haverá transtornos durante a realização das obras, principalmente para as pessoas que utilizarem as entradas das avenidas Carlos Luz e Abrahão Caram. O trecho em frente à Unidade Administrativa II será alargado em 4,25 metros, enquanto o acesso pela avenida Carlos Luz será duplicado em

uma extensão de 240 metros. A Escola de Educação Física terá uma nova entrada (com rotatória), localizada cerca de 150 metros para dentro do campus.

Para ampliar e duplicar as pistas, a equipe do DPFO/DM será obrigada a remover algumas árvores localizadas nas áreas que sofrerão intervenção. "Só cortaremos as árvores cujo transplante não for possível. As mais jovens serão tratadas no Horto da UFMG e replantadas nas imediações das duas entradas", diz Eduardo Roscoe. Novas mudas também serão plantadas nos locais. "Ao final das obras, o número de árvores plantadas certamente será maior do que as cortadas", garante o engenheiro.

Os acessos à Universidade também ganharão pórticos de cinco metros de altura, nos quais poderão ser instalados painéis eletrônicos, que veicularão publicidade comercial e de eventos, informações institucionais e de utilidade pública e até pinturas de alunos da Escola de Belas-Artes. "Com os painéis, tentaremos reduzir a poluição visual provocada pelas faixas espalhadas no campus", informa o arquiteto Eduardo Fajardo, também do DPFO/DM.

Foto: montagem computadorizada de Gustavo Fonseca sobre foto de Eduardo Fajardo

Fonte: *Boletim UFMG*. Belo Horizonte, 23/02/2000, p. 04. Acervo do autor.

Matéria sobre segurança no Campus Universitário UFMG.

6

alternativa

setembro/2000

Série de crimes desafia segurança no campus

Dia 11 de setembro. Por volta das 20h, a estudante do curso de História Viviane Silva Gonzaga sai de sala e vai até o estacionamento da Fafich buscar livros em seu carro. Naquela noite, ela não voltou à aula. Duas horas mais tarde foi encontrada em um gramado que fica entre a Reitoria e a Escola de Música. Estava desacordada com ferimentos no pescoço, à cerca de trinta metros da rua, onde seu carro foi achado com a chave na ignição.

Esse é mais um caso que está deixando a comunidade universitária alarmada. As denúncias de abordagens a mulheres estão crescendo desde que Elizabeth Pinheiro, secretária do ICEX, desapareceu em março do ano passado. Segundo o diretor geral de Vigilância da universidade, Mário Sérgio Brésica, antes do dia 11 só havia registros de casos de exibicionismo e "cantadas", mas sem agressão.

A partir das queixas feitas por moças que sofreram assédio foram identificados dois carros: um monza club azul escuro, de placa GTB 3126 e um Fiat Uno verde musgo, placa GTH 3448. O diretor de vigilância destaca que o Monza abordou uma mesma moça seis vezes.

Medo

O medo aumentou muito desde que foram encontrados corpos de mulheres assassinadas nas imediações do anel rodoviário. Na época das investigações, houve confusão por parte de alguns órgãos da mídia que designavam sempre o local dos crimes como "a mata da UFMG". Para grande parcela da sociedade ficou a falsa impressão de que o campus era o cenário dos assassinatos. Mas Brésica esclarece que apenas um dos corpos estava em terreno da universidade, o de Cíntia Rosa de Castro Silva, 23 anos, encontrada no dia 11 de maio.

De qualquer forma, os riscos não são menores já que o campus faz parte da região onde todos os crimes ocorreram e recentemente presenciou um atentado em sua região central.

Lígia Moura, estudante de Comunicação Social diz estar com muito medo. "Eu pensava que só era atacado quem andava no meio do mato, nas trilhas. Agora foi em frente à escola. Então ele pode atacar dentro do prédio." Leandro Fernando, do curso de Letras, acha que falta policiamento e que a entrada no campus deveria ser restrita a pessoas vinculadas à entidade. "As linhas de ônibus não deviam entrar aqui e as portarias têm que exigir identificação."

Medidas

As filmadoras acopladas às cancelas das quatro entradas do campus vão registrar placas e motoristas dos veículos. A previsão feita por Brésica é de que estejam funcionando até o dia 25 de setembro.

Um convênio com a Polícia Militar foi firmado para aumentar a segurança da universidade. Antes, a burocracia atrasava muito os trabalhos. Como trata-se

Vivanora



As cancelas ajudam, mas a violência no Campus continua

de uma instituição federal, quando era acionada, a polícia solicitava que fosse feito contato com a vigilância do campus, para que esta autorizasse sua entrada. Agora a circulação dos policiais é livre. A UFMG construiu um quartel na mata tombada próxima ao anel rodoviário, cedeu três viaturas e fornece combustível e manutenção para os veículos além da linha telefônica.

O patrulhamento noturno que conta com vinte vigilantes e doze PMs passou a ter mais um carro e duas motos. Dos homens que continuam a trabalhar a pé, um ronda os estacionamentos da Faculdade de Letras e Fafich.

Brésica sugere a colocação de telas cercando as matas. De acordo com ele, a vegetação deveria ser cercada em trechos por onde há movimento rotineiro de pedestres, como na subida para a Abraão Caran e nas proximidades da Faculdade de Educação.

Campus não está isolado

Para o professor e especialista em criminalística da UFMG, Cláudio Beato, foi um erro o campus supor que estaria isolado do resto da cidade e só recentemente ter tomado precauções em relação a essa violência. Beato acredita que o crescimento do número de ocorrências é reflexo do aumento da divulgação, que faz com que as pessoas denunciem mais. De acordo com ele, a área do campus oferece o mesmo perigo que qualquer região pouco iluminada com espaços de pouco movimento. E ressalta: "Tem que haver um sistema de segurança como em qualquer campus em qualquer lugar do mundo". O professor lembra ainda que Belo Horizonte hoje é a cidade em que mais medo se tem do Brasil, embora não

seja nem a vigésima mais violenta.

A professora de psicossociologia Karin Von Smigay também não acredita no aumento da criminalidade. Ela se lembra de uma estudante da Faculdade de Educação que a cerca de seis anos foi estuprada no campus. O caso, segundo o Departamento de Vigilância, não teve queixa registrada. Karin salienta ainda que as mulheres são objetos preferenciais de violência por causa de nossa herança cultural, que as considera subalternas. Para ela, mesmo que cada caso tenha suas especificidades, agressores como o da noite do dia 11 não fogem totalmente ao modelo que a cultura oferece a eles.

Disque-denúncia

Uma grande dificuldade para o trabalho da vigilância é a falta de denúncias.

Os telefones que você pode utilizar para dar queixa são:

499-4100
499-4383
441-9267
190



Marina Torres e Tatiana Penido

Matéria sobre o Proesp. Boletim UFMG. Belo Horizonte, 23/02/2000, p. 05.

UFMG quer chegar à elite do futebol mineiro

Proesp associa-se ao Ateneu, de Montes Claros, e vai disputar segunda divisão

Em atividade desde 1996, o time de futebol profissional do Projeto Esporte Universitário (Proesp), da Escola de Educação Física, prepara-se para disputar o Campeonato Mineiro da Primeira Divisão – Módulo 2 (equivalente à 2ª Divisão) tendo um novo clube como parceiro: a Associação Desportiva Ateneu, de Montes Claros.

Para tentar chegar à elite do futebol mineiro, a nova associação conta, basicamente, com jogadores do time do Norte

de Minas Gerais. “Temos também atletas empregados pelo América Mineiro e alguns formados no próprio Proesp”, explica o professor Jurandy Guimarães Gama Filho, professor da Escola de Educação Física e treinador da equipe desde a criação do projeto.

Além da comissão técnica, o Proesp também disponibiliza para a equipe de futebol a estrutura do Centro Esportivo Universitário (CEU), onde os jogadores vêm



Gama Filho: futebol e pesquisa

treinando desde o início de fevereiro, e os laboratórios da Educação Física e do Centro de Excelência Esportiva (Cenesp) para avaliação física dos atletas.

Apesar de treinar em Belo Horizonte, o UFMG/Ateneu disputará as partidas como mandante em Montes Claros. Durante a permanência da equipe no Norte do estado, os jogadores receberão – através de convênio firmado com a Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) – atendimento médico e odontológico dos professores e estagiários desta Instituição.

A parceria com o Ateneu é a terceira desde que o Proesp começou sua incursão pelo futebol profissional. Em 1997 e 1998, o clube associado foi o *Sete de Setembro*, de Belo Horizonte, e, no ano passado, o *Fabril*, de Lavras. O principal título conquistado pela UFMG foi o de campeão mineiro da terceira divisão.

O Módulo 2 do Campeonato Mineiro deste ano tem 13 equipes divididas em duas chaves. O UFMG/Ateneu está no grupo A, juntamente com *Ituiutabana*, de Ituiutaba, *Mamoré*, de Patos de Minas, *Uberaba* e *Nacional*, de Uberaba e *Araxá*, de Lavras, *Tupi*, de Juiz de Fora, *Atlético*, de Três Corações, *Guarani*, de Divinópolis, *Desportiva*, de Guaxupé, *Alfenense*, de Alfenas, e *Social*, de Coronel Fabriciano integram a chave B. Classificam-

se quatro times de cada grupo para o octogonal decisivo. Os dois primeiros garantem vaga no Módulo 1 no próximo ano. A estréia do UFMG/Ateneu no campeonato será no dia 19 de março, em Montes Claros, onde enfrentará o *Uberaba*.

Para quitar a folha de pagamento da comissão técnica e dos jogadores, além de despesas com material esportivo e viagens (cerca de R\$ 23 mil mensais), o UFMG/Ateneu está buscando patrocínio junto a empresas.

Estágios e pesquisas

O objetivo do Proesp com seu time de futebol, no entanto, vai muito além da conquista de uma das duas vagas do torneio à divisão de elite do Campeonato Mineiro. “Queremos desenvolver pesquisas com alunos de graduação e pós-graduação nas unidades da UFMG envolvidas no projeto e possibilitar aos estudantes a vivência da realidade esportiva”, destaca Jurandy Guimarães, que também coordenou a pesquisa *Epidemiologia das lesões no futebol*, de autoria de quatro alunos da Faculdade de Medicina. A orientação do trabalho, que participou de uma das últimas edições da *Semana de Iniciação Científica*, foi do professor Lúcio Honório, do departamento do Aparelho Locomotor, da Faculdade de Medicina.

Outras três pesquisas já foram desenvolvidas desde a formação do time da UFMG: *Avaliação da mobilidade da pélvis em jogadores de futebol*, *Fatores etiológicos da Pubalgia* e *Controle da dor na reabilitação do atleta de futebol*. Os trabalhos foram desenvolvidos pelos professores Ricardo Carneiro e Dietmar Samulski (orientadores), pelos mestrandos Flávio Pires e Daniel Azevedo e pelos estagiários João Salomão e Cristiano Montenesi, todos da Educação Física e do Cenesp.

Atualmente, o Proesp conta com 11 estagiários (quatro da Fisioterapia, quatro da Educação Física e três da Medicina). Jurandy lembra que outros 13 estudantes que já passaram pelo projeto estão hoje empregados em clubes como Cruzeiro, América, Atlético, Democrata (Governador Valadares), Ginástico (Belo Horizonte) e em academias.

Além do futebol, o Proesp também possui equipes universitárias, masculinas e femininas, nas modalidades de ginástica aeróbica de competição, atletismo, dança de salão e badminton.

UFMG/Ateneu reúne jogadores da região de Montes Claros, do América e do Proesp



Fonte: *Boletim UFMG*. Belo Horizonte, 23/02/2000, p. 05. Acervo do autor.

Matéria destacando o uso do campo da Assufemg para partidas de futebol. *Jornal ASSUFEMG*. Belo Horizonte O USO DO C, 2015, p. 02.

Evento

Confraternização Esportiva

A diretoria de Esporte e Lazer da Assufemg - Gestão 2013/2016 realizou jogos de confraternização entre os times *Veteranos (Assufemg)* e *Hospital das Clínicas (HC)*, com o placar final de 1x1. As partidas de futebol de campo foram realizadas na manhã de sábado (28/11), no campo da Assufemg. Já o segundo jogo foi entre as equipes *Áreas Verdes x Transportes* com o placar de 5x5. "Foram jogos maravilhosos. Todos ficaram muito satisfeitos com a oportunidade de reencontro dos colegas", avalia o diretor adjunto de Esportes, José Tiago Lopes (Batata). Em 2016, continuaremos com a "Pelada dos Veteranos".



Jogos amistosos de Futebol de Campo, em clima de harmonia e confraternização, reuniram...



...as equipes Hospital da Clínicas (HC), Veteranos (Assufemg), Transportes e Áreas Verdes, no campo da Assufemg.



Churrasco de confraternização realizado no Espaço Cultural Francisco de Assis Mota, ...



...na sede da Assufemg, marcou o encerramento dos jogos dos veteranos.

Expediente

Órgão Informativo da Associação dos Servidores da UFMG - Assufemg. Fones: 3439-8100 Fax: 3439-8118. Subsede no Medcenter - Tel: 3224-7519. www.assufemg.org.br - Fale conosco: assufemg@assufemg.org.br; assufemg@hotmail.com ou imprensa@assufemg.org.br Av. Antônio Carlos, 6627 - Cidade Universitária CEP: 31.270.010 - BH - MG - Fones: PABX 3439 - 8100 Telefax: 3439 - 8118

Diretoria Executiva

Presidente: Márcio Flávio dos Reis
Vice Presidente: Sônia Micussi Simões
Diretor Administrativo: Luiz Geraldo de Oliveira
Diretor Administrativo Adjunto: Antônio Silvio de Oliveira
Diretor Financeiro: Wânia Ferreira Duarte Goulart
Diretor Financeiro Adjunto: Odair dos Santos Ferraz
Diretor de Imprensa e Divulgação: Arthur Schlunder Valle
Diretor de Esporte e Lazer: Antônio Cândido Neto
Diretor de Esporte e Lazer Adjunto: José Tiago Lopes
Diretor de Cultura: Júlia Maria Ferreira
Diretor de Cultura Adjunto: Marcus Vinicius Ribeiro
Diretor de Assistência e Convênios: Hélio Geraldo de A. Macedo
Diretor de Assistência e Convênios Adjunto: Lindaura Rosa dos Santos

Conselho Fiscal

Titulares

Geraldo Magela de Senna
Marlúcio Ricardo Coelho
Eduardo Ângelo Costa

Suplentes

Claudio Lima de Oliveira
Nívio Laurentino Pereira
Maria Antônia Martins
Edição: Fátima Sena
(Jornalista Reg. Prof. 4.348/MG)

Fotos: Hélio Macedo

Projeto e Edição Gráfica:

Eliseu Ramos

Periodicidade: Quinzenal

Tiragem: 4.000 exemplares

Impressão: Gráfica V. Souza

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos seus autores e não correspondem, necessariamente, à opinião do jornal.

Fonte: *Jornal ASSUFEMG*. Belo Horizonte O USO DO C, 2015, p. 02. Acervo do autor.

Portaria da Reitoria, nº 22122/2013, referente à proibição de comercialização de bebida alcoólica no âmbito da UFMG.

Proibição de comercialização de bebida alcoólica no âmbito da UFMG (Portaria da Reitora nº 2122/2003, de 11/07/2003, publicada no Encarte do Boletim Informativo da UFMG nº 1404, de 17/07/2003).

“PORTARIA Nº 2122/2003, DE 11 DE JULHO DE 2003

A REITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais, considerando a decisão do Conselho de Diretores na reunião realizada em 03 de julho de 2003, resolve:

Art. 1º Proibir a comercialização de bebida alcoólica no âmbito da UFMG.

Parágrafo único. A proibição constante do *caput* do artigo se aplica também à venda de ingressos com direito ao consumo de bebida alcoólica ou a qualquer outro tipo de comercialização que envolva a oferta de bebida alcoólica.

Art. 2º A presente Portaria entra em vigor na data de sua publicação no Boletim Informativo da UFMG.

Profa. Ana Lúcia Almeida Gazzola
Reitora da UFMG”.

Fonte: Acervo do autor.

Portaria nº 16/2007, de 25/09/2007, que regulamenta a realização de festas no âmbito da UFMG.



Portarias regulamentam festas e venda de bebidas na UFMG

Portaria nº 16/2007, de 25 de setembro de 2007

O REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, no uso de suas atribuições legais e estatutárias, considerando a decisão do Conselho de Diretores, como órgão de assessoria executiva da administração superior da Universidade, tomada na reunião realizada em 11 de abril e confirmada em 25 de setembro de 2007, resolve:

1. Revogar as normas estabelecidas em 03 de julho de 2003, mediante a Portaria no 2.123/2003, referente à realização de festas no âmbito da UFMG.

2. Estabelecer as seguintes medidas, aplicáveis aos campi da Universidade, para a realização, no âmbito das Unidades acadêmicas, especiais e administrativas e inter-Unidades, de comemorações e festas universitárias, organizadas ou promovidas pelos corpos docente, discente ou técnico e administrativo, bem como pelas respectivas associações, ou por entidades estudantis, diretórios, sindicatos, outras entidades e órgãos representativos da Comunidade Universitária:

Regulamenta a realização de festas no âmbito da UFMG.

SEÇÃO I Das Definições

Art. 1º - Para os fins desta Portaria, considera-se:

I - Festa: comemoração de data ou evento com fins de entretenimento, diversão ou confraternização, no âmbito da Universidade.

II - Festa em Unidade: festa realizada no espaço da própria Unidade acadêmica ou administrativa da Universidade.

III - Festa universitária: festa realizada em qualquer espaço da Universidade, voltada para o público de mais de uma Unidade acadêmica e/ou administrativa, organizada por órgão ou entidade representativos dos estudantes, servidores e docentes.

IV - Comissão Organizadora: grupo de pessoas pertencentes à comunidade universitária, responsável pela condução da festa, o qual assinará Termo de Responsabilidade pelo cumprimento das disposições, observando, em especial, o disposto nos artigos 11 e 12 deste documento.

V - Plano de execução: documento escrito, estabelecendo o planejamento da execução da festa.

SEÇÃO II Das Festas em Unidade

Art. 2º - As festas em Unidades serão autorizadas pela respectiva Direção, mediante a apresentação pela comissão organizadora, no mínimo 10 (dez) dias úteis antes da realização do evento, do seu plano de execução, do qual constarão:

I - nome(s) do(s) responsável(is) pela organização;

II - data e horário de início e término, que devem ser previamente divulgados e afixados no local do evento, segundo a conveniência e adequação de cada Unidade, sem prejuízo das atividades acadêmicas da Universidade;

III - designação do espaço a ser utilizado;

IV - descrição do público-alvo;

V - estimativa do número de participantes;

VI - apresentação das formas de divulgação;

VII - proposta de contratação de serviços de limpeza e conservação, a critério da Direção da Unidade, e, na forma da lei, de segurança;

VIII - documento a ser apresentado pelos membros da comissão organizadora, no caso de venda ou distribuição de bebidas alcoólicas assumindo a responsabilidade quanto à proibição de consumo de bebidas alcoólicas por menores de 18 (dezoito) anos de idade.

IX - providências adicionais referentes a infra-estrutura, com vistas à adequada realização da festa.

§ 1º - A critério da Direção da Unidade acadêmica, poderão ser solicitadas providências relativas a obtenção de alvarás para o evento junto às autoridades competentes, em especial o Corpo de Bombeiros, bem como de plantão para atendimento a emergências e policiamento público (com efetivo proporcional às dimensões do evento).

§ 2º - A critério da Direção da Unidade acadêmica, poderá ser solicitada a inclusão, no plano de execução da festa, de providências não previstas nos incisos deste artigo.

§ 3º - No caso de previsão de participação de mais de 500 (quinhentas) pessoas, aplica-se o disposto no § 2º do art. 5º, da presente Portaria.

Art. 3º - Na hipótese de a Direção da Unidade autorizar a realização da festa em seu âmbito, será designado um servidor da Unidade para supervisionar o evento.

§ 1º - A decisão da Direção da Unidade deverá ser justificada por escrito, no prazo de 5 (cinco) dias úteis após a apresentação da proposta completa pela comissão organizadora da festa.

§ 2º - Da decisão da Direção da Unidade não caberá recurso.

Art. 4º - Nas festas em que haja venda de ingressos ou de produtos de qualquer natureza, a comissão organizadora divulgará para a comunidade universitária envolvida, no prazo de até 30 (trinta) dias após sua realização, a prestação de conta dos valores recebidos, especificando a destinação dos saldos remanescentes.

SEÇÃO III Das Festas Universitárias

Art. 5º - As festas universitárias serão autorizadas pela Reitoria, por proposta da comissão organizadora, no mínimo 10 (dez) dias antes da realização do evento, mediante a apresentação do plano de execução respectivo, do qual constarão:

I - nome(s) do(s) responsáveis pela organização;

II - data e horário de início e término, que serão previamente divulgados e afixados no local do evento, segundo a conveniência e adequação da Reitoria, sem prejuízo das atividades acadêmicas da Universidade;

III - designação do espaço a ser utilizado;

IV - descrição do público-alvo;

V - estimativa do número de participantes;

VI - apresentação dos mecanismos de divulgação;

VII - proposta de contratação de serviços de segurança (na forma da lei), de limpeza e conservação;



Continuação da Portaria nº 16/2007, de 25/09/2007, que regulamenta a realização de festas no âmbito da UFMG, e Portaria nº 17/2007, de 25/09/2007.

VIII - documento a ser apresentado pelos membros da comissão organizadora, no caso de venda ou distribuição de bebidas alcoólicas, assumindo a responsabilidade quanto à proibição de consumo de bebidas alcoólicas por menores de 18 (dezoito) anos de idade.

IX - providências adicionais referentes à infra-estrutura, com vistas à adequada realização da festa.

X - concordância de todas as Unidades acadêmicas e/ou administrativas, cujas atividades possam vir a sofrer interferência devido à realização da festa;

§ 1º - A critério da Reitoria, poderá ser solicitada a inclusão, no plano de execução, de providências não previstas nos incisos deste artigo.

§ 2º - Se a previsão do público da festa universitária for igual ou superior a 500 (quinhentas) pessoas, será exigido, adicionalmente, que o plano de execução especifique:

- a) procedimentos de controle de entrada dos participantes;
- b) providências para a obtenção de alvarás para o evento junto às autoridades competentes, em especial o Corpo de Bombeiros, bem como de plantão de atendimento a emergências e policiamento público (com efetivo proporcional às dimensões do evento);
- c) procedimentos de controle e retenção de materiais no recinto da festa, incluídos armas e materiais cortantes;
- d) proposta de condições de infra-estrutura adequadas para a recepção do público, incluída a disponibilização de sanitários químicos;
- e) proposta de oferecimento de serviços médicos e ambulâncias, além de outros serviços determinados pela legislação vigente.

§ 3º - A festa universitária poderá ser realizada em local de tráfego de veículos dentro do Campus da Pampulha se, e somente se, houver autorização do Departamento de Serviços Gerais da UFMG-DSG.

Art. 6º - Na hipótese de a Reitoria autorizar a realização da festa universitária, será designado um servidor da Coordenadoria de Assuntos Comunitários para supervisionar todo o evento.

Parágrafo único. Da decisão do Reitor não caberá recurso.

Art. 7º - Nas festas em que haja venda de ingressos ou de produtos de qualquer natureza, a comissão organizadora divulgará para a comunidade universitária, em geral, no prazo de até 30 (trinta) dias após sua realização, a prestação de contas dos valores recebidos, especificando a destinação dos saldos remanescentes.

SEÇÃO IV Disposições Gerais

Art. 8º - A UFMG não arcará com quaisquer ônus financeiros decorrentes da realização das festas.

Art. 9º - A comercialização e distribuição gratuita de alimentos e bebidas poderá ser feita, desde que atenda às seguintes condições:

I - será de responsabilidade dos Diretores das Unidades, no caso das festas em Unidades, e da Coordenadoria de Assuntos Comunitários-CAC, no âmbito de festas universitárias, definir o número e a localização dos pontos de comercialização e distribuição no interior do recinto, cabendo aos promotores do evento sua instalação e retirada;

II - é de inteira responsabilidade dos promotores do evento garantir as condições sanitárias e higiênicas dos alimentos e das bebidas a serem consumidos.

III - todos os vasilhames e talheres a serem distribuídos aos consumidores deverão ser descartáveis, não sendo permitidas, em hipótese alguma, embalagens de vidro;

IV - não será permitida a instalação de vendedores ambulantes fora da área definida para a realização das festas;

V - não será permitida a comercialização, distribuição ou entrada de bebidas destiladas e de quaisquer bebidas embaladas em garrafas de vidro.

Art. 10. É vedado o acesso de pessoas nas festas portando armas e materiais cortantes.

Art. 11. A UFMG ou seus agentes não se responsabilizarão civil, penal ou administrativamente por danos materiais, pessoais ou patrimoniais decorrentes do descumprimento ou inobservância das normas estabelecidas nesta Portaria, eximindo-se de quaisquer responsabilidades perante terceiros.

Art. 12. Os membros da comissão organizadora são civil e solidariamente responsáveis pelos danos eventualmente causados ao patrimônio da UFMG.

Art. 13. O descumprimento no disposto nesta Portaria pelos integrantes da comunidade universitária, sem prejuízo das demais sanções cabíveis, poderá acarretar aos responsáveis a aplicação de multa individual de até R\$ 10.000,00, estabelecida em conformidade com os artigos 13, inciso XIII, e 87, inciso IX, do Estatuto da UFMG combinado com o art. 53, inciso V, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, cuja cobrança observará o disposto na Lei no 6.830/80, após apuração dos fatos.

Art. 14. Revogam-se as disposições em contrário.

Art. 15. Esta Portaria entra em vigor nesta data.

Professor Ronaldo Tadêu Pena
Reitor da UFMG

Portaria nº 17/2007, de 25 de setembro de 2007

O REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, no uso de suas atribuições legais e estatutárias, considerando a decisão do Conselho de Diretores nas reuniões realizadas em 11 de abril e 25 de setembro de 2007, resolve:

Art. 1º - Proibir a comercialização de bebida alcoólica no âmbito da UFMG, exceto nas situações previstas nas Portarias números 19/2006, de 22 de setembro de 2006, e 16/2007, de 25 de setembro de 2007.

Parágrafo único. A proibição constante do caput do artigo se aplica também à venda de ingressos com direito ao consumo de bebida alcoólica ou a qualquer outro tipo de comercialização que envolva a oferta de bebida alcoólica.

Art. 2º - A presente Portaria entra em vigor na data de sua publicação no Boletim Informativo da UFMG.

Art. 3º - Revoga-se a Portaria no 2122/2003, de 11 de julho de 2003.

Professor Ronaldo Tadêu Pena
Reitor da UFMG



Publicação sobre a reabertura da Cantina Pelego's.

Boletim Pinga-Fogo

Informativo da Associação dos Servidores da UFMG

Edição n° 1.214 - Gestão 2013/2016 "Assufemg Viva, Presente e Crescendo" - 15/10/2015

Fones: 3439-8100 Visite o site: www.assufemg.org.br - Subsede no Medcenter - Tel: 3224-7519

Entidade de Utilidade Pública - Decreto n° 15.733, de 21/10/2014 - Lei Municipal 6.648, de 26/05/1994

Reabertura da Cantina Pelego's

Após ampla reforma estrutural a *Cantina Pelego's* será reaberta no dia 23 de outubro apenas para visitação. No dia 26/10 (segunda-feira) será servido um delicioso almoço de inauguração gratuito para Associados e pago para os demais. A partir desta data será aberta ao público para café da manhã, lanches e almoço self-service. Página 3.



Prezado Associado! Compareça à recepção da sede da Assufemg para atualização de sua senha.

Atenção Usuários UNIMED! Mais uma vitória da diretoria da Assufemg.

Adesões sem carências no mês de novembro de 2015. Página 5.

Outubro-Rosa

 Outubro chegou e junto com ele a campanha *Outubro-Rosa*. A Assufemg apóia este movimento mundial, que visa chamar atenção, diretamente, para a realidade atual do câncer de mama e a importância do diagnóstico precoce na luta contra o câncer que mais mata mulheres em todo o mundo. O nome remete à cor do laço rosa que simboliza, mundialmente, a luta contra a doença e estimula a participação da população, empresas e entidades. Saiba mais no *site*: www.outubrorosa.org.br. Outros assuntos nesta edição, especialmente rosa. Confira chamadas. Boa leitura!

Novo Convênio - Hotel Saint Louis. Página 2.

Dia das Crianças

O Mágico Rui fez a alegria da criançada! Confira flashes da comemoração na página 4.

Semana do Servidor 2015

A Semana do Servidor traz também a exposição "Passado, Presente e Inovação", na Biblioteca Central. Página 6.

Promoção Saúde do Servidor. Participe!

Dia 28 de outubro de 8 às 13horas, na sede da Assufemg. Página 7.

Final do Futsal Semana do Servidor 2015. Assufemg disputa 3º lugar. Página 7.

Publicação sobre a reabertura da Cantina Pelego's.

Reinaugurada a Cantina Pelego's, um lugar para se comemorar vitórias!



Em janeiro de 2013 a Cantina Pelego's fechou suas portas para reforma. Vários rumores se ouviam, que não iria mais reabrir porque a Assufemg estava falida e a Reitoria não iria assumir a reforma. Passaram-se trinta e dois meses e o resultado da parceria Assufemg / Reitoria finalmente se concretizou; após passar por ampla reforma estrutural, obedecendo às exigências da Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA, seguindo as resoluções RDC nº 216, de 15 de setembro de 2004; RDC nº 275, de 21 de outubro de 2002 e Portaria CVS de 10 de março de 1999. O Restaurante e Cantina Pelego's abriu novamente suas portas em outubro de 2015 com novas e modernas instalações, com um design moderno, acabamento futuris-

ta e equipamentos top de linha para atender seus sócios e a comunidade universitária com conforto, qualidade, higiene e um cardápio nutritivo e saboroso.

A diretoria da Assufemg escolheu com muito esmero uma equipe de profissionais capacitados, sempre atentos para atender com carinho e dedicação que além de servir um excelente café da manhã, supera as expectativas no seu famoso almoço (self-service) com variadas saladas e guarnições, com a tradição de uma verdadeira comida caseira e a hora do lanche também é muito especial. São servidos sucos feitos na hora, salgadinhos diversos, doces, bolos e os famosos pastéis. A Cantina Pelego's em sua história permanecerá fiel às suas origens. A metáfora será mantida como lembrança do falecido Chicão, que assim a batizou. Pelego's, nome carinhoso dado pelo jornalista, à nossa cantina lá pelos idos anos da década de 1980, quando a entidade Assufemg lutava sindicalmente pelas reivindicações dos Servidores. Uma luta histórica conhecida hoje por poucos, que deu rumo ao movimento dos TAEs.

O Restaurante e Cantina Pelego's funciona de segunda a sexta de 7h às 18h. No almoço o sócio paga preço diferenciado e pode, opcionalmente, efetuar o pagamento através do débito em conta ou em cartão de débito. Os não sócios pagam preços acessíveis também com cartão de débito.

Drogaria Assufemg - ampliada e moderna



Em 2013, a Drogaria Assufemg passou por uma reforma com a ampliação do espaço físico, possibilitando mais visibilidade aos clientes, um armazenamento maior de produtos e consequentemente um melhor preço ao consumidor. Neste sentido possibilitou também acompanhar as principais tendências do setor, investindo na venda de produtos de higiene pessoal, cosméticos perfumaria e outros, sempre buscando alternativas para um melhor atendimento aos associados e usuários da farmácia.

Há vários anos a Drogaria Assufemg vem atendendo aos associados e toda comunidade universitária oferecendo produtos de procedência, qualidade e facilidades no pagamento/serviços. Com funcionamento de 2ª a 6ª feira, de 08h às 18h, a Drogaria Assufemg é a única do ramo dentro do Campus da UFMG, com a facilidade do débito em conta e desconto de 15% a vista ou no cartão para os associados. Trabalha com recarga de celulares pré-pagos de todas as operadoras; cartões de telefone. Importante: todos os produtos comercializados na drogaria são permitidos pela ANVISA, conforme disposto no art. 55 da Lei 5991, de 17/12/1973.

Visando maior comodidade dos associados lotados no Campus Saúde e unidades externas, a Assufemg implantou o sistema de entrega de medicamentos sem cobrança de taxa para filiados à entidade. Os pedidos feitos na Drogaria Assufemg até 18h diariamente, serão atendidos na parte da manhã do dia seguinte, na sub sede da entidade (Ed. Medcenter) Mais informações pelo telefone: 3443-3760.

Fonte: *Boletim Pinga-fogo*. Belo Horizonte, 15/11/2015, p. 04. Acervo do autor.